



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLÁUDIA ELIZABETE DA COSTA MORAES MONDINI

SEROPÉDICA
2025





CLÁUDIA ELIZABETE DA COSTA MORAES MONDINI

RENASCIMENTO AFRICANO E SAÚDE MENTAL DE
MULHERES NEGRAS: O DESABROCHAR DA FLOR DE
LÓTUS SAGRADA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia, Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Sousa da Silva

SEROPÉDICA

2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M741r

Mondini, Cláudia Elizabete da Costa Moraes, 1972-
Renascimento Africano e saúde mental de mulheres
negras: o desabrochar da flor de lótus sagrada /
Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini. -
Seropédica, 2025.
342 f.: il.

Orientador: Nilton Sousa da Silva.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia/Doutorado em Psicologia, 2025.

1. Renascimento Africano e Afrocentricidade. 2.
Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung. 3.
Resiliência, artesanato e saúde mental de mulheres
negras. 4. Espiritualidade africana, glândula
pineal/Udjat e flor de lótus sagrada. 5. Matriarcado
africano, superação da maafa e restabelecimento de
Maat. I. Silva, Nilton Sousa da, 1958-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia/Doutorado em
Psicologia III. Título.

É permitida a cópia parcial ou total desta Tese, desde que seja citada a fonte.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CLÁUDIA ELIZABETE DA COSTA MORAES MONDINI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia, área de Concentração em Psicologia.

TESE APROVADA EM 25/09/2025.

 Documento assinado digitalmente
NILTON SOUSA DA SILVA
Data: 11/02/2026 08:55:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Banca Examinadora

Professor Doutor Nilton Sousa da Silva – PPGPSI / UFRRJ
Orientador – Presidente

 Documento assinado digitalmente
VALERIA MARQUES DE OLIVEIRA
Data: 21/02/2026 07:42:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora Valéria Marques de Oliveira - PPGPSI / UFRRJ
Banca Interna

 Documento assinado digitalmente
FABIO FLORENÇO GOMES
Data: 14/02/2026 21:41:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Doutor Kwesi Maat Hotep Ta Fari (Fabio Florenço Gomes) – KASA DE MAAT /
PPGPSI / UFRRJ
Banca Interna

Professor Doutor Bas'illele Malomalo - IHL / UNILAB /  **BASILELE MALOMALO**
Data: 13/02/2026 15:45:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

 Documento assinado digitalmente
BARTOLINA RAMALHO CATANANTE
Data: 11/02/2026 16:08:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora Bartolina Ramalho Catanante - UEMS

Documento assinado digitalmente

 **CINTIA SANTOS DIALLO**
Data: 13/02/2026 11:47:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora Doutora Cintia Santos Diallo - UEMS
Banca Externa

 Documento assinado digitalmente
FERNANDO BONADIA DE OLIVEIRA
Data: 20/02/2026 10:55:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Doutor Fernando Bonadia de Oliveira - UNICAMP
Suplente

Dedicatória

Dedico esta tese ao amor da minha vida, à minha netinha Sabrina, ao meu irmão Carlos Alberto (*in memoriam*) e à ancestralidade africana.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amor por todas as transformações que trouxe para a minha vida, por ter visto em mim um potencial que eu ainda não tinha dimensão e por possibilitar a minha reconexão com a minha alma, com a espiritualidade e com o artesanato. Por me encorajar e me incentivar incondicionalmente desde a nossa primeira conversa sobre o meu Doutorado e por acompanhar todas as suas etapas; por viabilizar a existência do Ateliê Jardim de Lótus e do Instituto de Psicologia e Desenvolvimento Humano Flor de Lótus. Sou grata, meu amor, pelas viagens e visitas técnicas, pelos livros, pelos cursos; por me incentivar a me posicionar, a ter mais autonomia e utilizar o artesanato na metodologia da tese quando isso ainda era um sonho. Tudo o que você me proporcionou foi fundamental para o meu processo de individuação e central para que eu pudesse realizar este trabalho.

À minha netinha Sabrina por iluminar a minha vida e tornar tudo mais leve, mais colorido. A vovó fica encantada pelo teu amor pelos livros, pelo ateliê e pelo conhecimento. Desculpa, meu amorzinho, pelo cansaço que dificultou as nossas brincadeiras tantas vezes, pelas roupinhas e bonecas que ainda não puderam ser feitas, pelo tempo que não pude passar ao teu lado. Obrigada pela paciência de me esperar terminar a “tarefa” quase interminável. Tudo será recompensado agora, princesa linda da vovó!

À minha filha Amanda por ser um dos alicerces sobre os quais esta tese foi edificada. Obrigada pelas conversas sempre tão produtivas sobre livros, artesanato, a minha pesquisa, a Psicologia e muitos outros assuntos que nos encantam e nos inquietam. Agradeço também pelas revisões de alguns dos textos que produzi ao longo do Doutorado e pelo apoio crucial no desafio da minha proficiência em inglês. Você será para sempre a minha “companheira de viagem” e um exemplo de força, determinação e coragem.

À minha filha Ana Cláudia por ter me afetado com inquietações feministas quando eu ainda tinha dificuldades para compreender a dinâmica patriarcal, por se interessar pelas minhas descobertas sobre a questão racial e o Kemet e por acompanhar todo o processo do meu Doutorado. Obrigada por nos presentear com a existência da Sabrina e por possibilitar a nossa proximidade tão intensa desde o seu nascimento.

Ao meu filho João Pedro por instigar a minha alma artesã com a sua criatividade, por me incentivar no desenvolvimento da Escrivivência Artesanal e Alquímica e acompanhar todo o seu processo, inclusive a confecção das peças artesanais inseridas nesta tese.

À minha mãe por estar sempre atenta e cuidadosa e por ter me inserido no mundo da costura e do bordado. Agradeço às minhas irmãs Vera Lúcia e Vera Maria por me ensinarem a amar o crochê e pelo cuidado ao longo da minha vida. Agradeço também às minhas irmãs Vera Helena (*in memoriam*) e Vera Alice (*in memoriam*) por cuidarem de mim com tanto carinho. Vera Alice, a minha dor e a minha revolta por você ter sido vítima da violência masculina me guiam na luta pelos direitos das mulheres e das meninas.

Ao meu pai (*in memoriam*) por me legar a raça negra e o amor pelo conhecimento e ao meu irmão Carlos Alberto (*in memoriam*) por ter me amado incondicionalmente, por ter sido o maior incentivador do meu retorno aos estudos e por me visitar em sonhos lindos e inspiradores durante o meu Doutorado.

Ao meu orientador pela recepção que proporcionou a mim e ao meu amor em Seropédica, em 2019, e por valorizar a minha história de vida desde aquele momento. Obrigada pelos ensinamentos sobre a Psicologia Complexa, por acolher a minha alma artesã e por abrir espaço para que eu pudesse fazer as necessárias mudanças na minha pesquisa ao longo do tempo, especialmente as mais significativas e desafiantes para nós dois: a verdade histórica sobre o legado africano, a Afrocentricidade e a vida e a obra de Cheikh Anta Diop. Agradeço também por compreender que a minha pesquisa requeria complexidade e por me instigar a encontrar a conexão entre as temáticas discutidas e a saída dos labirintos (e foram tantos!) que entrei ao longo do processo; esses desafios me impulsionaram e me proporcionaram a satisfação de concluir essa jornada do conhecimento da melhor forma possível. Serei sempre grata por tudo, mestre!

À Mut Rosa Natalino e à Roberta Federico, diretoras da Kasa de Maat e do Instituto Sankofa de Psicologia e Educação, respectivamente; pelos conhecimentos compartilhados, pelo acolhimento e apoio emocional e pela confiança na realização da minha pesquisa.

À mestra artesã e criadora das bonecas Abayomi, Lena Martins, pelo carinho no nosso diálogo e por me permitir utilizar a sua criação na minha tese.

Ao meu tio Celso pelas nossas conversas, por tanto carinho e por me presentear com lindas lembranças do meu pai. À tia Sélia e à tia Santana pelo carinho e pelo cuidado de uma vida inteira e pelo legado do amor à costura.

À professora Lucia Helena Galvão por me reinserir no mundo da Filosofia e me direcionar para o Antigo Egito e à Katiúscia Ribeiro, por me apresentar a perspectiva do Kemet.

Ao cantor Milton Nascimento e ao cantor Oswaldo Montenegro pela preciosa companhia ao longo desses anos de estudos. Muito obrigada!

À Conceição Evaristo, por nos auxiliar a enfrentar as heranças da escravização e a nos conectarmos com a chama da força ancestral por meio da sua obra e da Escrivência.

Ao professor Walter Boechat pelo acolhimento no Grupo de Estudos e Pesquisas dos Livros Negros, pelo apoio ao longo do meu Doutorado e pelas orientações preciosas na banca de Qualificação. Ser sua aluna é um grande privilégio e uma honra imensa.

À professora Lígia Fonseca Ferreira e ao escritor Bruno Rodrigues de Lima pela forma sensível e comprometida com que nos permitem acessar a vida e a obra de Luiz Gama e pelos nossos diálogos construtivos sobre este grandioso ancestral.

Agradeço a Luiz Gama e a Carolina Maria de Jesus por me impregnarem com sua força, sua determinação e sua coragem e por me ajudarem a fazer os necessários confrontos durante o meu processo de doutoramento.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) por oferecer as condições necessárias para a realização deste trabalho com o nível e a profundidade que eu almejava. Ao professor Aguinaldo Silva pelo apoio e incentivo desde o início deste sonho.

Ao professor Luis Fernando Galvão por me apresentar o tema da resiliência na minha graduação em Psicologia e pelo suporte que tem me oferecido desde a sua chegada à UFMS.

À professora Adilbênia Machado e ao professor Eduardo David de Oliveira, pelas contribuições na banca de Qualificação. Ao professor Fernando Bonadia e ao professor Bas'ilele Malomalo pelas sugestões na banca de Qualificação e na banca de Defesa. Ao professor Kwesi Maat Hotep Ta Fari pelos ensinamentos nas atividades da Kasa de Maat e pelas contribuições na minha banca de Defesa. Um agradecimento especial às professoras Bartolina Ramalho Catanante, Cíntia Santos Diallo e Valéria Marques de Oliveira pela sensibilidade, humanidade e carinho na minha banca de Defesa.

Agradeço imensamente a Cheikh Anta Diop e a Carl Gustav Jung por me instigarem a fazer essa jornada fascinante de aprendizado e de transformação pessoal.

Às mulheres que vieram antes de mim e abriram portas para que eu pudesse entrar.

À minha alma por ter voltado para mim e me auxiliado nessa jornada, principalmente nos períodos mais caóticos e desesperadores. À minha curiosidade, à minha ousadia, à minha teimosia, à minha persistência e à minha determinação, vocês foram essenciais na minha pesquisa e na elaboração desta tese!

À ancestralidade por me guiar, me proteger e me inspirar nessa jornada heroica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Ainda assim eu me levanto

*Assim como as luas e como os sóis
Com a certeza das marés,
Assim como a esperança brotando,
Ainda assim, eu vou me levantar.*

[...]

Saindo das catacumbas da vergonha da história

Eu me levanto

De um passado enraizado na dor

Eu me levanto

*Sou um oceano negro, vasto e pulsante,
Crescendo e jorrando eu carrego a maré.*

Abandonando as noites de terror e medo

Eu me levanto

Para um amanhecer maravilhosamente claro

Eu me levanto

Trazendo as dádivas que meus ancestrais me deram,

Eu sou o sonho e a esperança dos escravos.

Eu me levanto

Eu me levanto

Eu me levanto”

(Maya Angelou)

RESUMO

MONDINI, Cláudia Elizabete da Costa Moraes. **Renascimento Africano e Saúde Mental de Mulheres Negras: o desabrochar da flor de lótus sagrada**. 2025. 342 folhas. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

As ideias do senegalês Cheikh Anta Diop são centrais no Renascimento Africano e na Afrocentricidade, desvelando a verdade histórica sobre o legado africano, seu roubo e sua usurpação por gregos que estiveram no Kemet (Antigo Egito) e possibilitando a sua reivindicação e a sua retomada por seus herdeiros. Diop salientou a importância da consciência histórica e evidenciou a unidade na diversidade e a base matriarcal do continente africano, o que chegou ao Brasil no contexto da diáspora. A espiritualidade no Kemet estava diretamente relacionada à Filosofia de Maat, caracterizando-se pelo respeito às mulheres, pela simbologia da flor de lótus sagrada e pela fisiologia e filosofia da glândula pineal/*Udjat*. Em detrimento da subalternização, da misoginia, do machismo e do sexismo impostos pelo regime escravocrata e pelo patriarcado, mulheres africanas escravizadas evidenciaram a sua força ancestral e a sua capacidade de reinvenção e de resiliência, legadas às suas descendentes. A conexão com a ancestralidade africana é fundamental para a superação da *maafa* – o caos e o desastre causados pela escravização –, para o restabelecimento de Maat – ordem cósmica, justiça, equilíbrio – e para a promoção de saúde mental de mulheres negras (pardas e pretas). A Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung pode auxiliar neste processo pela sua similaridade com a Filosofia Kemética, pela sua perspectiva da espiritualidade e do inconsciente (pessoal, cultural e coletivo), pela teoria dos arquétipos e dos complexos e pela sua visão alquímica do desenvolvimento psíquico: o processo de individuação. A inserção da perspectiva afrocentrada na Psicologia – principalmente por meio da Psicologia Preta/Africana – e da espiritualidade africana em políticas públicas de saúde é fundamental para a compreensão das especificidades da psicologia de pessoas com ascendência africana e para evitar a patologização do seu processo de individuação e da sua espiritualidade. A Kasa de Maat e o Instituto Sankofa de Psicologia e Educação são guardiões da Ciência Ancestral Africana e centrais na consolidação do Renascimento Africano no Brasil. A estratégia de pesquisa deste trabalho é a revisão de literatura e o método é a Escrivência Artesanal e Alquímica, desenvolvida por mim para a sua realização a partir da Escrivência de Conceição Evaristo, da Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung e da Afrocentricidade. Contempla a Filosofia do Ateliê e a Alquimia do Ateliê assim como aspectos da minha história de vida e da minha experiência como artesã e a elaboração de peças artesanais em

diálogo com as discussões da tese. Compreende o artesanato como parte do legado africano e propõe a sua valorização como tecnologia ancestral de cura, de resiliência, de reinvenção de si e de criação de novas possibilidades de existência. O entrelaçamento entre a Psicologia Complexa e o Renascimento Africano e os pontos convergentes entre a vida e a obra de Diop e de Jung nos instrumentalizam para desfazermos as maçarocas históricas, existenciais e espirituais e para unirmos os retalhos da nossa história, possibilitando o desabrochar alquímico da flor de lótus sagrada, o encontro com o sagrado feminino africano e com as raízes africanas da Psicologia.

Palavras-chave: Renascimento Africano; Psicologia Complexa; resiliência e artesanato; sagrado feminino africano, flor de lótus sagrada.

ABSTRACT

MONDINI, Cláudia Elizabete da Costa Moraes. **African Renaissance and Black Women's Mental Health: the blossoming of the sacred lotus flower.** 2025. 342 leaves. Thesis (Doctorate in Psychology) – Institute of Education, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

The ideas of Senegalese scholar Cheikh Anta Diop are central to the African Renaissance and Afrocentricity, revealing the historical truth about the African legacy, its theft and usurpation by Greeks who were in Kemet (Ancient Egypt), and enabling its reclamation and recovery by its heirs. Diop emphasized the importance of historical consciousness and highlighted the unity in diversity and the matriarchal basis of the African continent, which arrived in Brazil in the context of the diaspora. Spirituality in Kemet was directly related to the Philosophy of Maat, characterized by respect for women, the symbolism of the sacred lotus flower, and the physiology and philosophy of the pineal gland/Udjat. Despite the subordination, misogyny, machismo, and sexism imposed by the slave regime and patriarchy, enslaved African women demonstrated their ancestral strength and their capacity for reinvention and resilience, which they passed on to their descendants. The connection with African ancestry is fundamental to overcoming the *maafa*—the chaos and disaster caused by enslavement—to reestablishing Maat—cosmic order, justice, balance—and to promoting the mental health of black women (mixed-race and black). Carl Gustav Jung's Complex Psychology can assist in this process due to its similarity to Kemetic Philosophy, its perspective on spirituality and the unconscious (personal, cultural, and collective), its theory of archetypes and complexes, and its alchemical view of psychic development: the process of individuation. The inclusion of an Afrocentric perspective in psychology—mainly through Black/African psychology—and African spirituality in public health policies is fundamental to understanding the specificities of the psychology of people of African descent and to avoiding the pathologization of their process of individuation and spirituality. The inclusion of the Afrocentric perspective in psychology—mainly through Black/African psychology—and African spirituality in public health policies is fundamental to understanding the specificities of the psychology of people of African descent and to avoiding the pathologization of their process of individuation and spirituality. Kasa de Maat and the Sankofa Institute of Psychology and Education are guardians of Ancestral African Science and central to the consolidation of the African Renaissance in Brazil. The research strategy for this work is a literature review, and the method is

Escrevivência Artesanal e Alquímica, developed by me for this purpose based on Conceição Evaristo's *Escrevivência*, Carl Gustav Jung's Complex Psychology, and Afrocentricity. It contemplates the Philosophy of the Atelier and the Alchemy of the Atelier, as well as aspects of my life story and my experience as a craftswoman and the creation of handcrafted pieces in dialogue with the discussions in the thesis. It understands craftsmanship as part of the African legacy and proposes its valorization as an ancestral technology of healing, resilience, self-reinvention, and the creation of new possibilities of existence. The intertwining of Complex Psychology and the African Renaissance and the converging points between the life and work of Diop and Jung equip us to undo the historical, existential, and spiritual tangles and to unite the scraps of our history, enabling the alchemical blossoming of the sacred lotus flower, the encounter with the sacred African feminine, existential, and spiritual knots and to piece together the fragments of our history, enabling the alchemical blossoming of the sacred lotus flower, the encounter with the African sacred feminine, and with the African roots of psychology.

Keywords: African Renaissance; Complex Psychology; resilience and craftsmanship; African sacred feminine, sacred lotus flower.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Luminosidade Africana.	31
Fotografia 2 – Símbolo Adinkra <i>Sankofa</i> : Recuperando o Legado Ancestral Africano.	37
Fotografia 3 – Símbolo Adinkra <i>Funtummireku Denkyemmireku</i> : a Unidade na Diversidade no Renascimento Africano.	43
Fotografia 4 – A Tábua de Esmeralda na Diáspora.	126
Fotografia 5 – Símbolo Adinkra <i>Akoma Ntoaso</i> : os Fios que Conectam Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung.	131
Fotografia 6 – O Olho da Intuição.	166
Fotografia 7 – O Fuxico e a Mandala.	170
Fotografia 8 – Símbolo Adinkra <i>Krapa</i>	171
Fotografia 09 – O Fio da Memória.	189
Fotografia 10 – O Chamado Ancestral das Máquinas de Costura.	191
Fotografia 11 – Cantinho da Redenção da Alma.	193
Fotografia 12 – Mãozinhas Arteiras.	195
Fotografia 13 – Costura e Artesanato como Potência de Vida.	197
Fotografia 14 – Os Bordados da minha Mãe.	217
Fotografia 15 – Florzinhas mágicas de crochê.	224
Fotografia 16 – Boneca Costureirinha.	229
Fotografia 17 – Símbolo Adinkra <i>Ananse Ntontan</i>	235
Fotografia 18 – Símbolo Adinkra <i>Sesa wo suban</i>	236
Fotografia 19 – Bebê Ancestral.	237
Fotografia 20 – Mãozinhas Acolhedoras.	238
Fotografia 21 – Símbolo Adinkra <i>Nkyimu</i>	242
Fotografia 22 – Símbolo Adinkdra <i>Owo foro adobe</i>	243
Fotografia 23 – Os Matizes da Negritude.	244
Fotografia 24 – Raízes da Ancestralidade.	245
Fotografia 25 – O Poder Curativo do Artesanato.	256
Fotografia 26 – Símbolo Adinkra <i>Nkyimkyim</i>	259
Fotografia 27 – Encanto no Fundo do Mar: uma homenagem a Yemanjá.	265
Fotografia 28 – O Feminino Solar.	269
Fotografia 29 – O Feminino e a Fonte da Vida.	277
Fotografia 30 – Símbolo Adinkra <i>Nsaa</i>	281

Fotografia 31 – Símbolo Adinkra <i>Pempamsie</i>	282
Fotografia 32 – Símbolo Adinkra <i>Nea onnin no sua a, ohu</i>	284
Fotografia 33 – Símbolo Adinkra <i>Mframma-dan</i>	285
Fotografia 34 – Símbolo Adinkra <i>Niansapow</i>	290
Fotografia 35 – Símbolo Adinkra <i>Mpatapw</i>	290

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
O RENASCIMENTO AFRICANO E A RESTAURAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA AFRICANA: DESFAZENDO AS MAÇAROCAS HISTÓRICAS.....	27
2. CAPÍTULO I: O Renascimento Africano e a Restauração da Consciência Histórica Africana: Desfazendo as Maçarocas Históricas.	28
2.1 Puxando os Fios da Memória: o roubo do legado ancestral africano e seus impactos na existência negra.	29
2.2 Renascimento Africano e Afrocentricidade: costurando os retalhos da existência negra.	36
2.3 O Kemet e Suas Contribuições para a Humanidade: o restabelecimento da verdade.	43
2.4 Cosmogonias e Filosofia no Kemet.	54
2.5 Os gregos no Kemet e o Roubo do Legado: a falsificação da história e os nós que ainda nos prendem nas maçarocas.	63
2.6 O Retorno do Legado Africano.	74
2.6.1 Linhas Visíveis e Invisíveis que nos Conectam ao Kemet: ancestralidade e artesanato	78
LEGADO AFRICANO, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: NAS BARCAS DE CHEIKH ANTA DIOP E DE C. G. JUNG.	84
3 CAPÍTULO 2: Legado Africano, Consciência Histórica e Processo de Individuação: nas Barcas de Cheikh Anta Diop e de C. G. Jung.	85
3.1 O Faraó da História Africana: Cheikh Anta Diop.	86
3.2 Desfazendo os nós e Unindo os Retalhos da História: contribuições científicas de Cheikh Anta Diop.	92
3.3 O caminho de Carl Gustav rumo à espiritualidade.	102
3.4 A Espiritualidade na Psicologia Complexa: a volta da alma na Psicologia.	106
3.5 Jung e a África Negra: um encontro há muito esperado.	112
3.6 A África como Centro e o Arquétipo da Mandala: costuras epistemológicas entre C. G. Jung e Cheikh Anta Diop.	116
ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: PSICOLOGIA, ESPIRITUALIDADE AFRICANA E O RESTABELECIMENTO DE MAAT.	132

4 CAPÍTULO 3: Entre o Visível e o Invisível: Psicologia, Espiritualidade e o Restabelecimento de Maat.	133
4.1. Espiritualidade Africana: as linhas invisíveis das maçarocas espirituais.	134
4.2 Legado Espiritual Africano e Psicologia: retorno às raízes.	140
4.2.1 A Barca e a Balança: Rekhet, Filosofia de Maat e a vida como travessia.	146
4.2.2 As Mulheres Keméticas e a Espiritualidade: matriarcado africano.	150
4.3 Dialética corpo e alma: policonsciência e participação mística - atando os nós.	153
4.3.1 Glândula Pineal/Udjat e o Simbolismo da Maçaroca de Linhas Invisíveis.	164
4.4 Espiritualidade Kemética e Expansão da Consciência: a lótus sagrada.	171
4.5. Alquimia, Jornada Heroica e Drama Ausariano.	177

DO FIO DA MEMÓRIA ÀS TESSITURAS DE NOVAS HISTÓRIAS: O ARTESANATO E AS RAÍZES DA ESCRIVIVÊNCIA ARTESANAL E ALQUÍMICA. 186

5 CAPÍTULO 4: Do Fio da Memória às Tessituras de Novas Histórias: o Artesanato e as Raízes da Escrivivência Artesanal e Alquímica.	187
5.1 Alinhavos que permitiram o nascimento da Escrivivência Artesanal e Alquímica. ...	188
5.2. Mulheres, Criatividade e Resiliência: costurando a Vida com Fios de Ferro.	196
5.3. Feito à mão: um mundo de possibilidades na ponta dos dedos.	206
5.4 Tecendo Vidas: do manual ao espiritual.	211
5.5 Artesanato e Saúde Mental: integrando corpo e alma.	220
5.6 Escrivivências: tessituras e entrelaçamentos.	224

O DESABROCHAR DA FLOR DE LÓTUS AZUL: MAAT E O RENASCIMENTO AFRICANO NO BRASIL. 246

6 CAPÍTULO 5: O Desabrochar da Flor de Lótus Azul: Maat e o Renascimento Africano no Brasil.	247
6.1 Complexos Culturais e o Enfrentamento da <i>Maafa</i> : cerzindo a existência negra.	248
6. 1.1 Criatividade e Resiliência: legado ancestral africano.	259
6.2 Resgate e Manutenção do Sagrado Feminino Negro.	268
6.3 Renascimento Africano no Brasil: a reivindicação do legado ancestral africano.	277
6.3.1 Kasa de Maat e Instituto Sankofa de Psicologia e Educação: saúde mental e enraizamento na diáspora africana.	282
6.4 Espiritualidade e Antirracismo na Psicologia: caminhos que se entrecruzam.	291

6.5 A Questão Racial e o Compromisso Ético-Político da Psicologia: marcos político-legais. .	
.....	296
6.6. Espiritualidade Africana na Saúde Pública: possibilidades.	299
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	305
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, ...	309

1 INTRODUÇÃO

Este estudo está inserido no campo das Humanidades Clássicas Africanas e seu objetivo geral é estabelecer conexões entre o Renascimento Africano e a promoção de saúde mental de mulheres com ascendência africana tendo como eixo norteador ideias de Cheikh Anta Diop e de Carl Gustav Jung. Seus objetivos específicos são: 1) evidenciar as bases africanas da Psicologia, objetivando compreender as especificidades da espiritualidade africana, do sagrado feminino africano e da psicologia negra (*sakhu setti*) no contexto da diáspora; 2) estabelecer pontos convergentes entre aspectos da vida e da obra de Cheikh Anta Diop e de Carl Gustav Jung, buscando elementos que possam despertar o potencial criativo e auxiliar no processo de individuação e na promoção de resiliência de mulheres de ascendência africana; 3) compreender o papel do artesanato, enquanto tecnologia ancestral, na integração entre corpo e alma e na dinâmica entre forças curativas e forças criativas, visando a superação da *maafa* e o restabelecimento de Maat.

A história do povo africano não teve início com a escravização, entretanto é preciso situar este desvio histórico e suas heranças para que possamos superar a *maafa*, conceito criado por Ani (1994) a partir de um termo *kiiwahili* que significa grande desastre, desgraça e evidencia os desdobramentos e as consequências históricas do processo de escravização e da diáspora africana.

O acesso à história do povo negro antes da escravização nos permite encontrar um legado que impressiona e encanta, mas também possibilita a constatação do seu roubo e a sua usurpação pelos gregos (James, 2022; Diop, 1991; Obenga, 2005; Noguera, 2013; Moraes, 2019; Asante, 2022) e a compreensão de que esses dois fenômenos estão imbricados, uma vez que o roubo do legado serviu de base para a desumanização da existência negra. Clarke (1991) afirma que diante de tal cenário estamos em uma encruzilhada, uma situação que exige a nossa conexão com a verdade histórica sobre a África. Martins (2022) explica que na compreensão africana uma encruzilhada nos traz possibilidades de transformação. Portanto, esta situação pode nos auxiliar na conexão com a nossa ancestralidade e na superação do trauma da escravização.

O polímata¹ senegalês Cheikh Anta Diop (Diop, 1991) nos alertou que a consciência histórica é um elemento central no movimento de retorno ao continente mãe, à África. Obenga (2005) esclarece que Diop ocupa um papel central no desvelamento das mentiras que

¹ Um polímata pode ser definido como alguém que tem interesse por muitos assuntos e aprende sobre eles (Burkeridge, 2023).

envolvem a apropriação da ciência ancestral africana pelos gregos. Portanto, Diop nos forneceu os fios com os quais podemos tecer o resgate ancestral africano. Suas ideias ancoram o Renascimento Africano e a Afrocentricidade. Esta tese é também uma forma de homenageá-lo e de inseri-lo no contexto acadêmico, ajudando a possibilitar a realização do seu desejo de formar uma geração de estudiosos capazes de seguir o seu caminho.

O Renascimento Africano possibilita um despertar que leva à reivindicação do legado ancestral africano e que promove o desabrochar da flor de lótus sagrada, a lótus azul do Kemet, em terras brasileiras. Segundo Elisa Larkin Nascimento o ideograma *sankofa* nos proporciona “[...] o conhecimento do passado como pedra fundamental da construção do futuro. A pedra africana, como também a indígena, está faltando no tripé sobre o qual tentamos construir a identidade brasileira” (Nascimento, 2009, p. 28). A Afrocentricidade instrumentaliza este movimento (Asante, 2016), pois tem um profundo interesse pela localização psicológica das pessoas (Asante, 2009).

A Filosofia kemética nos oferece um contraponto à *maafa*: Maat. Dove (1998) explica que Maat representa a velha ordem da Mãe e a estabilidade africana e que quando ela é depreciada a ordem não se estabelece. Asante (2022) argumenta que ela simboliza tanto a ordem cósmica quanto a deusa da harmonia e da justiça. A correta ordenação do mundo através de Maat pode ressuscitar elementos das relações humanas que estão adormecidos.

Nesta tese proponho costuras entre a Filosofia de Maat, a espiritualidade e o sagrado feminino africano, em diálogo com o simbolismo da flor de lótus sagrada e com a jornada heroica da travessia ancestral. O conceito de cosmopercepção, que privilegia outros sentidos para além do visual na espiritualidade africana (Oyewùmí, 2021) e a Psicologia Africana, principalmente pela sua noção de psicologia negra (*sakhu shetti*) (Nobles, 2009) e da Ciência do Ser (Nobles, 2023) são fundamentais neste processo. Aqui se insere a perspectiva da fisiologia (melatonina, dimetiltryptamina) e da filosofia (*Udjat*) da glândula pineal.

É essa espiritualidade intrínseca que procuro evidenciar neste trabalho, relacionando-a com a Ciência Ancestral Africana e concebendo-a como uma ponte para a ancestralidade, para o inconsciente pessoal, cultural e coletivo e como manifestação do espírito africano. Para que novas práticas sejam construídas é imprescindível que a Psicologia avance nas discussões sobre a espiritualidade africana e a Afrocentricidade, considerando as diferenças na realidade material de homens negros e de mulheres negras no contexto do patriarcado, o que impacta no psiquismo, principalmente quando consideramos o sexismo, o machismo e a misoginia. Diop (2023, p. 199) nos legou uma importante contribuição para compreendermos essa questão ao estabelecer a teoria dos dois berços, por meio da qual nos explica que a base cultural da

África é matriarcal, em oposição ao patriarcado, característico dos países euro-asiáticos. Afirma também que “O grau de civilização é medido pelos relacionamentos entre homens e mulheres”.

Com este trabalho pretendo auxiliar mulheres com ascendência africana, pardas e pretas, a puxar os fios da memória e conhecer o seu legado ancestral, para que possam reivindicá-lo como sua herança em alinhamento com o sagrado feminino africano. Nessa jornada proponho a retomada da nossa força ancestral e da nossa capacidade criativa e inventiva, uma vez que o legado africano inclui também a resiliência e a criatividade (Brewster, 2025, hooks, 2022) e a arte e o artesanato (Diop, 199, Diop, 2023, Diop, 2025, Asante, 2024) que devem ser compreendidos como tecnologias ancestrais de cura de regeneração.

Diop (1991) destacou a importância do potencial criativo, juntamente com a consciência histórica e a consciência cultural. Diop (2025) também afirmou que a arte negra é caracterizada por uma liberdade audaciosa, o que podemos perceber nas seguintes palavras de Evaristo (2020a, p. 30): “[...] ‘a nossa Escrivivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos’”. O acesso a este legado é determinante para que possamos realizar o cerzido da nossa existência e desfazer as maçarocas que foram feitas com os fios da nossa história e do nosso legado.

O artesanato é uma atividade ancestral feminina, uma ferramenta de emancipação de mulheres que por meio de suas mãos mudam suas vidas e tecem novas histórias, reinventando-se a partir da integração do corpo e da alma. Tal movimento promove saúde mental e resiliência, a capacidade de enfrentar adversidades e sair ainda mais forte. Essa criatividade ancestral, baseada na insurgência, na coragem e na ousadia precisa ser recuperada como tecnologia de cura, no âmbito do Renascimento Africano. O psicólogo suíço Carl Gustav Jung e Cheikh Anta Diop são exemplos do poder da união de uma mente criativa e de mãos criadoras.

Nobles (2023) esclarece que Diop nos orientou a buscarmos a unidade cultural da África nos aspectos linguístico, histórico e psíquico, contudo, não procedeu à exploração da unidade psíquica. Nesta tese faço um esforço para contribuir com esta questão e honrar a memória do nosso último faraó. Para tanto, proponho um entrelaçamento entre a Psicologia Complexa e o Renascimento Africano e a Afrocentricidade, entre Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung.

Jung esteve na África em diferentes oportunidades e sua vida e sua obra foram profundamente marcadas por tais experiências (Jung, 2015a; Jung, 2020a, OC 20²; Jung, 2011a; Shamdasani, 2020). Ele discutiu temas que a Psicologia da sua época evitava, entre elas a espiritualidade, a religião e a volta da alma; e mostrou um posicionamento contrário ao cientificismo e ao materialismo. Foi um erudito que buscou aliar diferentes ramos do conhecimento, valorizando e trazendo para o cerne da sua Psicologia saberes tradicionais, mitologias e conhecimentos há muito marginalizados, como gnose e a alquimia.

Embora os estudos sobre a Psicologia Complexa tenham aumentado significativamente, Jung ainda é pouco estudado no contexto acadêmico. Gambini (2022) pontua que a perspectiva junguiana nos oferece muitas possibilidades de reflexão sobre o contexto brasileiro.

A Psicologia Complexa apresenta uma visão não patologizante da vida, sendo fundamental na compreensão da dimensão simbólica dos sintomas e dos processos alquímicos da psique. Por esta perspectiva, a nigredo, a noite escura da alma (Jung, 2011a, OC 14/2), etapa fundamental na jornada heroica, é considerada um mecanismo promotor de transformações que possibilita a nossa entrada na sombra pessoal e coletiva, promovendo o nosso desenvolvimento. Essa abordagem está alinhada com a perspectiva africana, uma vez que, como afirma Ford (1999), o mundo debaixo é considerado um portal para a passagem para o mundo iluminado, e com o enfoque da resiliência, que procura enfatizar os aspectos saudáveis do desenvolvimento humano diante da superação de adversidades (Poletto; Koller; 2011; Munist *et al*, 1998).

Nobles (2009) nos explica que o efeito do descarrilamento causado pela escravização ainda não foi devidamente compreendido ou registrado de forma plena e precisa. Este fato ganha ainda mais relevância quando percebemos que conhecer a verdade sobre a história africana e sobre o roubo do legado gera revolta, indignação e raiva, causando sofrimento psíquico. É mais uma dor que se soma à herança da escravização, ao Estado de *Maafa* (Njeri, 2020), e aos efeitos deletérios do patriarcado sobre as mulheres negras.

Esta busca implica também desvelar de que forma a restituição do legado pode auxiliar a Psicologia, pois de acordo com Nobles (2009; 2023) há uma espiritualidade e uma

² Refere-se ao volume 20 da Obra Completa de Carl Gustav Jung. Este tipo de identificação está presente em todo o trabalho, em consonância com um consenso nas produções acadêmicas junguianas que visa facilitar a localização da citação. Quando tratar-se de citação direta, a esta informação será acrescido o número do parágrafo, precedido do símbolo “§”, uma vez que essa numeração, independentemente da edição, é sempre a mesma na Obra Completa de Jung. Quando constar somente o parágrafo sem a indicação do volume da Obra Completa, o texto foi retirado de algum livro que resulta de uma compilação de escritos de Jung na referida coleção.

psicologia características das pessoas de ascendência africana. Este reconhecimento é de suma importância para que essas pessoas não sejam patologizadas e estigmatizadas. Também procuro analisar de que maneira a Psicologia, enquanto ciência e profissão, pode contribuir para o Renascimento Africano.

Contudo, uma análise em duas obras sobre História da Psicologia, Antunes (2004) e Jacó-Vilella, Ferreira e Portugal (2018), evidenciou indícios de ausência de racialização dos debates e de invisibilização de pensadores negros, assim como a completa ausência da Psicologia Africana. Outro fator que precisa ser mencionado é que na obra organizada por Jacó-Vilella, Ferreira e Portugal (2018), há somente uma menção a Jung de forma superficial no texto de Dunker (2018).

Esta pesquisa procura responder as seguintes questões: alguns sintomas, interpretados de forma patológica, não seriam na verdade um chamado das forças criativas para a produção de novas realidades e para a reinvenção de si mesmo? Não seriam um chamado da alma africana e da espiritualidade africana? O mal-estar que sentimos ao descobrir a verdade sobre nossa história e nosso legado representa algum indicativo deste chamado ancestral?

Na tessitura desta tese utilizo a estratégia de pesquisa da revisão de literatura, em uma abordagem qualitativa, o método de trabalho é a Escrivivência Artesanal e Alquímica, desenvolvida por mim para este trabalho. Ela resulta do entrelaçamento dos meus estudos e das minhas vivências durante o processo de doutoramento, da minha história de vida e da minha experiência como artesã e inspira-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Escrivivência, criada pela escritora Conceição Evaristo, da Psicologia Complexa, de Carl Gustav Jung, e da Afrocentricidade.

A perspectiva do artesanato, principalmente o simbolismo dos retalhos, das maçarocas, dos nós, das linhas visíveis e invisíveis e dos pontos invisíveis está entrelaçada ao texto. Não se trata somente de analogias, são relações e conexões a partir da minha própria experiência com o artesanato desde a minha infância até as minhas vivências no meu ateliê, o Ateliê Jardim de Lótus, e pautadas nas minhas especialidades de bordado à mão e à máquina, costura, crochê, tricô e pintura em tecido.

A Escrivivência Artesanal e Alquímica contempla também a confecção de peças artesanais exclusivas alinhadas aos seus pressupostos e entrelaçadas com as discussões da tese. O tecido escolhido em todas as peças foi o algodão cru porque era com ele que os escravizados confeccionavam as suas roupas. Na perspectiva da Escrivivência Artesanal e Alquímica ele foi ressignificado e utilizado como símbolo da resistência e da força ancestral africana.

Minha pesquisa passou por muitas e profundas mudanças desde o pré-projeto da seleção do Doutorado até a elaboração da versão final desta tese. Os pontos mais significativos desta jornada e aspectos da minha história de vida estão detalhados ao longo do trabalho, contemplando a sua dimensão simbólica e subjetiva, em consonância com os preceitos da Escrivivência Artesanal e Alquímica.

Na costura à mão, o ponto invisível nos ajuda a fazer um acabamento perfeito mesmo em remendos, reformas ou peças prontas. É um poderoso dispositivo quando precisamos juntar dois pontos distantes do tecido, mas exige cuidado, esmero, atenção e muita paciência e por isso, no sentido simbólico, ele é meu aliado nesta travessia. Busco também oferecer mecanismos que nos possibilitem desvelar os fios visíveis e invisíveis que nos unem ao continente mãe e tecermos a teia da nossa ancestralidade e da consciência histórica com os fios da memória e da história, que nos foram legados pelos nossos ancestrais.

A análise dos dados considerou o paradigma da Afrocentricidade. A pesquisa contemplou buscas na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações, no Google Acadêmico, no Scielo e no Google; além da utilização de literatura científica também utilizei notícias, vídeos, filmes, documentários, livros de prosa e de poesias.

Embora utilize egiptólogos ocidentais minha base são os estudos afrocêntricos e Pan-Africanistas e ainda que haja a proposta de um diálogo entre autores africanos e ocidentais, tal movimento não tem o intuito de que os autores ocidentais comprovem as afirmações dos africanos. O conhecimento africano não necessita do aval ocidental. Este trabalho é também uma forma de resistência ao epistemicídio dos saberes africanos.

Malomalo (2022) chama a atenção para a necessidade de trabalharmos com teorias e políticas alicerçadas na interseccionalidade e na complexidade no âmbito dos Estudos Afrikana³. Desta forma, raça, classe, gênero, migração, geração, espiritualidade e meio ambiente são categorias de análise imprescindíveis e complementares. Sigo seus passos e utilizo também as referidas categorias de análise.

³ Termo em latim que representa uma disciplina que “[...] explora as histórias, as instituições, os movimentos políticos e culturais, as economias, as culturas, a criatividade e as identidades dos africanos e da diáspora em suas expressões históricas, econômicas, políticas, artísticas, literárias, teóricas e epistemológicas. (NASCIMENTO, 2009, p. 29).

Procuo dialogar com outras áreas do conhecimento, como o fizeram Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung, o que está alinhado ao modo africano de produção de conhecimento, segundo Malomalo (2021), Domingos (2017) e Bâ (2010).

O meu embasamento no âmbito das filosofias africanas na elaboração desta tese segue o princípio da unidade na diversidade, criado por Cheikh Anta Diop, contudo, seus principais elementos filosóficos pautam-se na Filosofia Kemética. Em relação à Psicologia, utilizo os pressupostos teóricos da Psicologia Complexa, de Carl Gustav Jung, e da Psicologia Africana, principalmente por meio de Wade Nobles.

Ao longo dos capítulos da tese diferentes *neteru* (divindades keméticas) e Símbolos *Adinkra* (Nascimento; Gá, 2022) entrelaçam-se às discussões, em diálogo com as reflexões de Boechat (2009) sobre mitopoesia da psique e mitologema.

Na fase final do trabalho optei por retirar os detalhamentos sobre escravização e violência contra a mulher. Isso foi uma escolha metodológica, mas também uma escolha pessoal, pois, conforme hooks (1995) o trabalho intelectual nos coloca diante de realidades duras e nos lembra que a dominação e a opressão continuam moldando as vidas, especialmente das pessoas negras, nos arrastando para perto do sofrimento e nos fazendo sofrer. Desta forma, inseri somente os dados necessários para a compreensão dos fenômenos e para sua relação com outras temáticas discutidas.

A minha pesquisa está direcionada para mulheres com ascendência africana, pardas e pretas, descendentes de pessoas escravizadas no Brasil, unidas pelos fios da ancestralidade e herdeiras do legado ancestral africano.

Traço um cenário das contribuições da Kasa de Maat (que desempenha ações voltadas à divulgação da Ciência Ancestral Kemética) e do Instituto Sankofa de Psicologia e Educação (que promove ações na área da Psicologia Africana) com o objetivo de compreender alguns mecanismos envolvidos no Renascimento Africano no Brasil. As duas instituições foram criadas e são coordenadas por mulheres negras, Mut Rosa Natalino e Roberta Federico, respectivamente.

Ao longo do texto reproduzo os termos e grafismos que referem-se aos antigos egípcios: “kamita”, “camita”, “camítico”, “kemético” e “egípcio” conforme são utilizados por diferentes autores. Eu utilizo “kemético” e “egípcio”, seguindo os passos dos mestres Cheikh Anta Diop (egípcios) e Molefi Kete Asante (egípcios, keméticos, kamitas). Embora dê preferência para os conceitos de “*neter*” e “*neteru*”, utilizo “deus(es)”, “deusa(as)”, “divindade(s)” e “deidade(s)” como seus sinônimos, o que também é realizado por diferentes autores.

Esta tese está organizada em cinco capítulos. No primeiro capítulo trago a temática do Renascimento Africano, a Afrocentricidade e a restauração da consciência histórica africana, problematizando o roubo do legado africano pelos gregos e suas implicações para a escravização. Enfatizo contribuições do Kemet para a humanidade, destacando aspectos das suas cosmogonias e da sua Filosofia. Na parte final do capítulo abordo o retorno do legado africano, finalizando com o legado artístico e artesanal.

No segundo capítulo discuto as contribuições de Cheikh Anta Diop para a retomada do legado africano, as ideias de Carl Gustav Jung sobre a espiritualidade e sua aproximação com a África negra. Estabeleço costuras entre aspectos da vida e da obra de ambos que acredito serem determinantes para a superação da *maafa* e para o restabelecimento de Maat.

No terceiro capítulo abordo as especificidades da espiritualidade africana em diálogo com a Psicologia Preta/Africana e a Psicologia Complexa, a fisiologia e a filosofia da glândula pineal/*Udjat*, a Filosofia de Maat, a situação das mulheres no Kemet, o matriarcado africano e o simbolismo da flor de lótus. Finalizo o capítulo discutindo a relação entre a primeira fase da alquimia, a nigredo, e a jornada heroica de retorno à África.

No quarto capítulo enfatizo as origens da Escrivivência Artesanal e Alquímica, trazendo a presença do artesanato na minha vida e interfaces entre mulheres, criatividade e resiliência. Estabeleço relações entre trabalhos manuais, saúde mental e processo de individuação. Por último detalho a Escrivivência Artesanal e Alquímica e sua conexão com a Escrivivência de Conceição Evaristo.

No quinto capítulo abordo a temática dos complexos culturais e da escravização, destacando o legado de resiliência, criatividade e força feminina. Abordo aspectos do Renascimento Africano no Brasil com destaque para as ações realizadas pela Kasa de Maat e pelo Instituto Sankofa de Psicologia e Educação. Trago reflexões sobre a atuação da Psicologia frente à questão racial e à espiritualidade e sobre a inserção da espiritualidade africana em políticas públicas direcionadas à saúde.

CAPÍTULO I

O RENASCIMENTO AFRICANO E A RESTAURAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA AFRICANA: DESFAZENDO AS MAÇAROCAS HISTÓRICAS

2 CAPÍTULO I: O Renascimento Africano e a Restauração da Consciência Histórica Africana: Desfazendo as Maçarocas Históricas

RESUMO

Para que possamos cerzir a existência negra, esgarçada pelo roubo do legado africano e pelo processo de escravização de nossos ancestrais, é necessário puxarmos os fios da memória da verdade histórica sobre as contribuições da África para a humanidade. Cheikh Anta Diop teve um papel determinante neste processo; suas ideias ancoram o Renascimento Africano e o paradigma da Afrocentricidade. Desmascarar a falsificação histórica e restabelecer a verdade implica desfazer os nós e as maçarocas históricas que tiraram do Kemet os créditos pela ciência, pela religião, pela filosofia e pela arte e que possibilitaram o seu roubo e a sua usurpação pelos gregos. A Afrocentricidade, ao buscar a nossa localização psicológica no continente africano, é central neste processo. O Renascimento africano tem como objetivo a valorização do legado africano e a sua restituição aos seus herdeiros. Esse legado inclui também o artesanato, um fio visível que nos conecta ao Kemet e à nossa ancestralidade.

Palavras-chave: Renascimento Africano; Kemet; Afrocentricidade; legado africano, artesanato.

2.1 Puxando os Fios da Memória: o roubo do legado ancestral africano e seus impactos na existência negra

Quando iniciei a elaboração do pré-projeto do Doutorado não imaginava que minha pesquisa me levaria até o continente africano. Essa aproximação foi acontecendo aos poucos e redirecionando a minha pesquisa de forma cada vez mais contundente. O meu orientador teve um papel determinante neste movimento, que iniciou-se com sua indicação do livro *Kitábu: o livro do saber e do espírito negro-africanos*, escrito por Nei Lopes, poucos dias depois da minha aprovação no processo seletivo, no ano de 2020. Nossa interação a partir do início das aulas fez com que o meu interesse pela África aumentasse cada vez mais. Além disso, fui sendo envolvida por uma atmosfera africana, por um conjunto de acontecimentos que me deslocaram do meu eixo e me realinharam em uma nova perspectiva. O primeiro ponto desta costura foi a espiritualidade, por meio das religiões de matriz africana. Foi neste período também que tive acesso à Filosofia Ubuntu, que encontrei quando buscava compreender o modo africano de enfrentar adversidades e sua relação com a resiliência.

A série *Sankofa* também foi determinante neste processo. A biografia de Mahommah Gardo (Gardo, 2017) me permitiu conhecer a verdade sobre a África antes da escravização e a partir de então aconteceu um despertar. Eu passei a procurar avidamente por informações que me permitissem aprofundar na questão e nesta busca encontrei o africanista Alberto da Costa e Silva.

Com a temática das mulheres aconteceu um movimento semelhante, que foi de um recorte de gênero até a centralidade do matriarcado africano. O ponto de inflexão nesta jornada foi a descoberta do Mulherismo Africano. Pesquisando sobre esta temática encontrei um vídeo da filósofa Katiúscia Ribeiro (Ribeiro, 2020), por meio do qual ouvi pela primeira vez a palavra “Kemet”, soube da grandeza do mundo kemita e do roubo do legado africano. Foi também quando ouvi falar pela primeira vez em Cheikh Anta Diop. Senti uma inquietação e muito desejo de conhecer aquele universo tão fascinante. Logo em seguida, por meio de uma rede social, soube da existência do Yoga Africano⁴ e pesquisando sobre o tema encontrei a Kasa de Maat.

A constatação do surgimento da Filosofia no Kemet fez com que eu questionasse também se não estariam lá as raízes da Psicologia. As primeiras relações entre a Psicologia e a África foram estabelecidas na minha jornada do Doutorado em julho de 2021, a partir do já

⁴ Emaye Ama Mizani (A YOGA..., 2018) nos esclarece que trata-se de uma prática ancestral africana que está registrada nos textos das pirâmides do Kemet.

mentionado vídeo de Katiúscia Ribeiro (Ribeiro, 2020) ao explicar os conceitos da Filosofia Africana Antiga e um deles, *ka*, eu já havia encontrado nas minhas leituras de Jung. Minhas pesquisas sobre esta questão redirecionaram meu olhar para a relação entre Jung e a África. Estavam dados os primeiros pontos da costura que constitui esta tese, contudo, eram pontos de alinhavo, pontos grandes que dão sustentação e conferem maior segurança na elaboração da peça.

Poucos dias depois assisti o documentário *O Olho de Hórus* (O OLHO..., 2000) e encontrei elementos importantes que sinalizavam para a elevação da consciência, o autoconhecimento, a união dos opostos, entre tantas outras coisas. Passei a pesquisar muito sobre Filosofia Africana Antiga e neste movimento, também por intermédio de uma rede social, conheci o Instituto Sankofa de Psicologia e Educação, o que me levou à Psicologia Africana. A leitura de *O Legado Roubado*, em janeiro de 2022, tornou essa situação ainda mais urgente uma vez que diante das evidências não havia como eu não mudar a localização da análise dos primórdios da Psicologia da Grécia para o Kemet.

Minhas pesquisas me permitiram ter a oportunidade de descobrir muitos autores que até aquele momento eram desconhecidos para mim, com destaque para George James, John G. Jakson, Drusilla Dunjee Houston, John Henrik Clarke, Cheikh Anta Diop, Théophile Obenga, Mokefi Kete Asanti, Ama Mazama, Marimba Ani, Wade Nobles, Amos Wilson, Na'in Akbar.

Todo este movimento foi acompanhado pelo meu orientador, em um primeiro momento como diálogos sobre pesquisas futuras e depois como uma possibilidade concreta de pesquisa ainda no meu Doutorado. Aos poucos esta perspectiva foi transformando-se em realidade. Eu já tinha uma proposta de tese bem encaminhada, mas diante dos novos conhecimentos e das novas inquietações, iniciei a elaboração de um novo texto que estivesse mais alinhado com as minhas descobertas e aspirações.

Quanto mais estudava mais queria estudar e mais conteúdos chegavam até mim. Crescia dentro de mim uma ligação cada vez mais forte com o Kemet. Parecia que eu estava vivendo um reencontro. Nesta caminhada, senti-me profundamente tocada pelas palavras da ancestral Houston (2021, p. 20) de que devemos “[...] agitar dentro de nós a determinação de levantar e carregar a ‘tocha’ acesa em eras antigas por uma raça hoje desprezada e mal compreendida.”. Este chamado reverberou dentro de mim, o que acentuou-se ainda mais quando conheci Cheikh Anta Diop.

O encantamento inicial de ter contato com a cultura kemita foi sendo substituído por uma angústia que foi ficando cada vez mais forte, principalmente quando consegui estabelecer

uma relação entre o roubo do legado africano e a escravização. A verdadeira história da África foi desvelando-se diante de mim, assim como as contribuições das sociedades africanas para a humanidade. Tudo isso representou um de inflexão na minha pesquisa e na minha vida; um ponto de não retorno. Eu precisava avançar, precisava conhecer a verdade e divulgá-la. Minha alma artesã passou a ver a África como um sol que ilumina o mundo, o que foi representado em uma peça de artesanato (Fotografia 1).

Fotografia 1 – Luminosidade Africana



Fonte: elaboração própria.

Observação: Flâmula feita em tricô com linha alusiva à África. Imagem do continente africano com aplicação de sol de feltro com linha dourada.

No mundo das artes têxteis, há um fenômeno que é muito temido e que desafia as habilidades das artesãs: as maçarocas. Sua dinâmica é bem variada, pode resultar de uma única linha retorcida, de um ponto mal regulado na máquina, de uma linha embolada dentro do novelo de lã ou na meada de linha. Podem ser resultado também do emaranhamento de linhas, fitas, rendas, viés, tiras de retalhos.

O que todas as maçarocas têm em comum são os nós, que exigem habilidade para serem desfeitos, caso contrário, ficarão ainda mais apertados. Se não soubermos lidar com a maçaroca pode ser necessário cortar o aviamento embolado, mas isso é o último recurso utilizado. Nessas horas a artesã precisa lançar mão de toda a sua experiência, quanto mais maçarocas desfez ao longo da vida, maior será o domínio da técnica. Mas não é só isso, é preciso ter paciência; um movimento errado pode comprometer o resultado final. A este respeito, a cantora Marisa Monte comentou que uma das primeiras lições que teve da sua professora de bordado na adolescência foi de que não deveria brigar com a linha porque ela sempre vence (CONVERSA..., 2021). Sim, a dinâmica da maçaroca é exatamente essa.

Ao mesmo tempo em que desafia, a maçaroca instiga. Há uma espécie de chamamento para desfazê-la nó por nó, o que, ao final da empreitada, causa uma grande satisfação. Bachelard (1986) sente-se afetado pelos nós do artista Flocon em suas gravuras.

A essência de um nó é justamente que se possa girar ao redor, apreendê-lo pela frente e por trás. Quando olho atentamente a prancha de Flocon, meu olho se encanta, mas meus dedos se enervam. Quisera eu também atar e desatar o nó; no centro do nó, desejaria uma presa. Sinto não sei qual reflexo enervado a ligar o olho que espreita à pinça do polegar e do indicador (Bachelard, 1986, p. 91-92).

Comenta então o autor (Bachelard, 1986) que tal gravura é engajada, que ao vê-la deseja-se colocar a mão e que ela interroga nossos dedos.

Sou tomado pelos artifícios do nó. Os cipós prendem, mas não sabem dar nó. É preciso a mão de um homem para prender com nós. Ao escrever meus livros sobre a imaginação da matéria, como pude negligenciar a meditação sobre a corda maleável que conquista por meio do nó o símbolo da força e da tenacidade? Assim o nó, esse símbolo da fixação, está muito longe de deixar tranquila uma imaginação dinâmica (Bachelard, 1986, p. 92).

Eu também sou afetada pelos nós, tanto os nós referentes ao meu ofício de artesã quanto os nós das maçarocas históricas e existenciais que acontecem em decorrência do roubo do legado africano e da escravização dos nossos antepassados. Algumas dessas maçarocas são feitas de linhas invisíveis, o que torna o trabalho de desemaranhar muito mais complicado, porém não impossível. Essas maçarocas, tal qual as que acontecem no meu ateliê, nos

convidam a desfazê-las e, uma vez que puxamos o fio da memória, estabelecem-se possibilidades para novas tessituras e a escrita de novas histórias.

Podemos identificar um dos efeitos dessas maçarocas nas seguintes palavras de Asante (2024, p. 136): “Se as evidências sugerem que a África foi a mãe da civilização europeia, que força levou ao fim do respeito por ela?”. Volney (1787 apud M’Backé Diop, 2014), que esteve no Egito, nos auxilia a compreender tal dinâmica:

[...] quando, tendo ido visitar a Esfinge, o seu aspecto me forneceu a palavra do enigma. Ao observar esta cabeça caracteristicamente negra em todos os seus traços, lembrava-me desta passagem notável de Heródoto, na qual este afirma; No que me concerne, considero que os Cólquidas são uma colônia dos Egípcios, porque tal como eles, possuem uma tez negra e cabelos crespos, o que significa que os antigos Egípcios eram verdadeiros Negros da espécie de todos os naturais da África [...] Que tema de meditação [...] pensar-se que esta raça de homens negros, hoje nosso escravo e objecto do nosso desprezo é este mesmo a quem devemos as nossas artes, as nossas ciências, até mesmo o uso da palavra; imaginar, enfim, que foi no meio destes povos que se dizem mais amigos da liberdade e da humanidade, que se sancionou a mais bárbara das escravaturas e levando a questão de saber se, de facto, os homens negros possuem uma inteligência da mesma espécie que a dos homens brancos! (Volney, 1787, p. 74-77 apud M’Backé Diop, 2014, p. 91).

Diop (2025, p. 61) cita Volney (1797, p. 74-77):

Mas, voltando ao Egito, o fato de que ele restitui à história oferece muitas reflexões à filosofia. Que objeto de meditação ver a barbárie e a ignorância atual dos coptas, resultantes da aliança do gênio profundo dos egípcios com o espírito brilhante dos negros; pensar que essa raça de homens pretos, hoje nossa escrava e vítima de nosso desprezo, é a mesma a quem devemos nossas artes, nossas ciências e até o uso da palavra; imaginar, enfim, que foi entre os povos que se dizem os mais amigos da liberdade e da humanidade que se sancionou a mais bárbara das escravidões e se questionou se os homens pretos têm uma inteligência da mesma espécie que a da inteligência dos homens brancos! (Volney, 1797, p. 74-77 apud Diop, 2025, p. 61).

Asante (2014) nos explica que

A retórica que nega a capacidade da África foi desenvolvida para acompanhar a desapropriação da África. Isso foi feito juntamente com as conquistas europeias da África, Ásia e América. A colonização não era apenas uma questão da terra, era uma questão de colonizar informações sobre a terra. Todavia, acredito que os antigos sabiam melhor que os especialistas contemporâneos da importância para os não africanos de estudar na África (Asante, 2014, p. 118-119).

Desta forma temos um cenário altamente problemático, uma vez que

Sendo a mistificação histórica um dos meios privilegiados através do qual se age sobre a consciência individual, de uma coletividade ou de um povo para domina-lo, o Ocidente recorre à ideologia da falsificação sob todos os aspectos, com vista a

perpetuar a sua mão invisível na África Negra, a fim de manter o povo negro na escravidão, até mesmo exterminá-lo, caso este não tome consciência das ameaças que pairam sobre ele. Nesse sentido, tudo aquilo que concerne ao verdadeiro passado da África Negra é encoberto. Nas bibliotecas mais inacessíveis para os investigadores africanos dignos deste nome, encontram-se testemunhos escondidos, recolhidos por missionários acerca da historiografia da África Negra, enquanto que se fabricam factos reconhecidos desvalorizantes para a ‘raça’ negra, com o objectivo de a denegrir [...] (Bong, 2014, p. 25-26).

M’Backé Diop (2014) vê relação entre a abolição da escravidão e a emergência do conceito ideológico de missão civilizadora, consumado pela Europa no mundo não branco.

Ao sistema do comércio transatlântico de Negros reduzidos à escravidão (comércio designado ‘triangular’ – Europa, África, América), substituiu-se a dominação colonial da África, a apropriação do seu solo, do seu subsolo, do seu espaço marítimo e, mais tarde, aéreo, da Europa. Para além disso, a abolição oficial da escravidão não foi, de modo algum, acompanhada de uma revisão institucional das teorias racistas, mas pelo contrário, estas foram sabiamente ajustadas, reforçadas por argumentos apresentados como cientificamente fundados [...] (M’Backé Diop, 2014, p.93).

Nobles (2009, p. 281) enfatiza que a negação da humanidade dos africanos, o desprezo e desrespeito de forma coletiva e contínua ao seu direito de existir é a característica básica da *maafa*, que “[...] autoriza a perpetuação de um processo sistemático de destruição física e espiritual dos africanos, individual e coletivamente” e causa o descarrilamento da existência negra. Destaca também que a *maafa* é marcada pela pilhagem humana institucionalizada e que

O caminho do desenvolvimento africano em termos de socialização, vida familiar, educação, formas de conhecer Deus, padrões de governo, pensamento filosófico profundo, invenções científicas e técnicas foi descarrilhado pela invasão e dominação estrangeira. O efeito deste descarrilamento ainda está por ser compreendido ou registrado de forma plena e precisa (Nobles, 2009, p. 284).

Diante de tais constatações, evidencia-se que chegamos a um ponto de não retorno que exige de nós o enfrentamento das consequências do roubo do legado e da *maafa*. Jonh Henrick Clarke afirma que a história do povo negro está em uma encruzilhada, onde está também o próprio povo e que, neste contexto, tudo o que toca as nossas vidas deve ser convertido em instrumento de libertação ou então tudo deve ser jogado fora no cinzeiro da história. Nos alerta que não temos tempo para desperdiçar (BLACK..., 1969).

Para melhor compreendermos as afirmações de Clarke convém analisarmos a compreensão africana sobre a encruzilhada.

Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimentos diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interjeição. É assim, como pensamento e ação, locus de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa os inúmeros e diversos movimentos de recriação, improviso e assentamento das manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos (Martins, 2022, p. 51).

Leda Martins (2022, p. 51) nos diz que a encruzilhada permite a interpretação do trânsito sistêmico e epistemológico que surge dos processos inter e transculturais, nos quais ocorrem confrontos e entrecruzamentos de práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios metafísicos e filosóficos e saberes diversos. “Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação”. Assim, “A encruzilhada é base de pensamento e de ação, traduz e opera princípios que estruturam o pensamento negro, é cartografia basilar para a constituição epistemológica balizada pelos saberes africanos e afrodiaspóricos”.

Na perspectiva junguiana Stein (2021) busca a etimologia da palavra encruzilhada e o seu significado psicológico e nos traz uma importante reflexão:

[...] chegamos à conclusão de que a ‘encruzilhada’ é um símbolo psiquicamente poderoso que pode transformar o fracasso em algo radicalmente diferente daquilo que as aparências sugerem no plano mundano. Ele nos leva a reconhecer: aqui há mais do que se pode ver de imediato (Stein, 2021, p. 164, aspas do autor).

Portanto, nessa encruzilhada podemos encontrar possibilidades para desembolarmos as maçarocas históricas e existenciais, desatar alguns nós e atar outros e assim, com os fios dessas maçarocas restaurados, criarmos uma nova tessitura em cuja trama estejam presentes o passado, o presente e o futuro do povo negro.

Jung (2016, p. 18) explica que “O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós”. Palavras e imagens adquirem caráter simbólico quando possuem aspectos que ultrapassam seu significado manifesto ou imediato e que nunca são precisamente definidos ou explicados inteiramente. Neste sentido, a encruzilhada da existência negra e as maçarocas representam símbolos do enfrentamento da *maafa* e do restabelecimento de Maat na jornada heroica de pessoas de ascendência africana.

Fazer o canto de uma barra na costura é um trabalho que exige muita técnica e, exatamente por isso, expressa a habilidade da costureira. O grau de dificuldade aumenta conforme a largura da barra. A exigência da habilidade também. Nessa hora entra em cena uma técnica que se bem feita valoriza muito a peça: o canto mitrado. Ele lembra uma moldura de um quadro. Neste sentido, vejo a encruzilhada como um canto mitrado como uma moldura para um novo quadro da realidade das pessoas de ascendência africana.

2.2 Renascimento Africano e Afrocentricidade: costurando os retalhos da existência negra

George James, W. E. B. Du Bois e Cheikh Anta Diop capitaneiam um movimento que visa buscar a verdade histórica sobre a África, para destruir as falsificações da história, diminuir as falsas distâncias culturais entre os povos e reconhecer a herança de cada povo e sua contribuição para a humanidade. A invasão do continente africano, a escravização do seu povo, a colonização e suas diferentes perspectivas (administrativa, política, econômica e cultural) e a exploração mudaram o curso da história da África. A historiografia contemporânea deveria buscar a comprovação da influência do pensamento egípcio no pensamento grego na antiguidade, pois essa questão refere-se à consciência histórica da humanidade (Obenga, 2005). Aproveito essas afirmações para enfatizar que é preciso que todas as pessoas de ascendência africana se envolvam neste movimento de busca pela verdade. Essa é uma tarefa de todos nós, pelos nossos ancestrais, pelos nossos descendentes, por nós.

A música Travessia, de Milton Nascimento nos traz a mensagem do enfrentamento de uma situação difícil, de uma passagem para outra perspectiva de vida em que somos parte integrante das mudanças: “Já não sonho hoje faço com meu braço o meu viver” (TRAVERESSIA, 2013, 2min28seg a 2min35seg). A palavra travessia nos remete ao sofrimento dos nossos ancestrais nos navios negreiros, mas também nos faz pensar no movimento de retorno à África, na necessária jornada heroica de enfrentamento da *maafa* e de restabelecimento de Maat. Tal movimento pode ser representado pelo ideograma *adinkra Sankofa* (Fotografia 2). Nascimento e Gá (2022, p. 27) nos explicam que ele remete à ideia de que “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. Sankofa, portanto, refere-se ao “Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro”.

Fotografia 2 – Adindkra Sankofa: recuperando o legado ancestral africano



Fonte: elaboração própria, adaptado de Nascimento e Gá (2016). Arquivo pessoal.
Observação: Bordado em ponto cheio e contorno de zigue-zague no tecido de algodão cru em tons de amarelo, representando raios de sol africanos que iluminam o mundo.

Uma costura com pontos invisíveis constitui-se em fazer pontos paralelos alternados nas duas extremidades que precisam ser unidas. A linha precisa ser forte porque ela será puxada com muita força; é isso que garantirá que os pontos fiquem escondidos. No âmbito desta tese podemos imaginar o Brasil e a África como as duas extremidades que serão costuradas. O oceano Atlântico é a abertura que fica entre as duas e que será fechada somente ao final do trabalho, quando a linha for puxada. A linha que faz esta conexão com a nossa ancestralidade⁵ é a cultura ancestral, no âmbito do Renascimento Africano.

⁵ Ao falar sobre a ancestralidade, a Doutora em Filosofia Africana, Katiúscia Ribeiro explica que olhar para a frente espelhando nas experiências do passado pode nos auxiliar a recriar caminhos por estradas já trilhadas, pois as tecnologias ancestrais são ferramentas de transformação que cardiografam nossas potências ((RE)ANCESTRALIZAR..., 2019). Em muitas culturas a ancestralidade é um conceito fundador presente em todas as práticas sociais e exprime a apreensão do sujeito e do cosmos em todos os âmbitos da sua vida (Martins, 2022). É sobre esta base que se ergue o Renascimento Africano.

O roubo do legado e a escravização retalharam a história africana e a existência negra e dispersaram esses retalhos. Por conseguinte, antes de fazermos essa costura transatlântica precisamos encontrar estes retalhos e costurarmos a nossa verdadeira história, retalho por retalho. É preciso unir cada retalho tal qual se apresenta, sem cortá-los para que se encaixem um no outro. Alguns estão esgarçados, outros enviesados, outros são irregulares. Esta árdua tarefa foi iniciada por grandes pensadores, a nós cabe dar-lhe sequência e neste sentido, Cheikh Anta Diop é a agulha que utilizo para costurar o passado e o presente e oferecer subsídios para a restauração da existência negra na diáspora africana.

A este respeito, Diop (1973) traz um importante ponto para refletirmos:

Eu creio que o último quarto de século será dominado pela descoberta de liames profundos que existem entre as três Américas e a África, sob o plano cultural e sob o plano político, fato que foi relegado a segundo plano nos anos que antecederam os movimentos de independência. Nós descobrimos cada dia, pela redução mesmo das distâncias, que algumas horas separam hoje o Brasil de Dakar, e isto nos faz lançar um olhar para um fato que passava despercebido: nosso parentesco cultural e biológico. Com o desenvolvimento da independência real, nós poderemos, no interesse maior da Humanidade, estabelecer ligações que irão fixar-se nas camadas sociais as mais deserdadas, ao nível de base e, portanto, tais ligações poderão corrigir mesmo distorções na evolução de nossos povos (Diop, 1973, p. 260).

Ações que visem reforçar ou modificar a personalidade cultural de um povo devem debruçar-se no estudo detalhado de três fatores que estão na base da sua formação: fator histórico, fator linguístico e fator psíquico. Apesar das mudanças históricas envolvendo estes três fatores, está em desenvolvimento uma nova consciência moral africana e evidencia-se a preservação de um forte sentimento de identidade cultural (Diop, 1991).

Nobles (2009) explica que

Ao examinar o povo africano em toda a diáspora, poder-se-ia dizer que, precisamos ‘voltar atrás e reconstruir o que esquecemos’. Eu diria ainda que o que nós, coletivamente, esquecemos ou, de modo mais preciso, o que nosso opressor tentou esvaziar de nossa mente foi o significado de ser africano. Também acredito que, embora tenha sido pavoroso o ataque contra o senso de ser dos africanos, ele não conseguiu destruir o africano dentro de nós. Entretanto, alterou a percepção ou a crença em nosso senso de africanidade intrínseco; esse senso alterado de consciência é o problema fundamental dos africanos e afro-americanos e diaspóricos (Nobles, 2009, p. 277).

Mucale (2023) acentua que

O Renascimento Africano é a vocação mais nobilitante e a missão mais urgente e desafiadora das pessoas, comunidades, povos e Estados africanos contemporâneos tal como a unidade e a conquista das independências políticas bem como a construção das nações e Estados africanos foram num passado recente. [...] ele exprime uma realidade humana, isto é, concernente a todas as sociedades, culturas e povos, e é uma experiência cíclica ou relativamente recorrente. Refere-se a um processo de regeneração ou renovação material e espiritual, que geralmente surge após um fracasso ou esgotamento de um projeto predecessor (Mucale, 2023, p. 13).

Alves (2019) esclarece que Cheikh Anta Diop é o responsável pela emergência do conceito de Renascimento Africano, o que acontece a partir da publicação do livro *Towards the African Renaissance: Essays in Culture and Development*, em 1946. O Pan-Africanismo representa as ideias fundamentais que embasam o pensamento político africano. O Renascimento Africano não é a reprodução do Renascimento Europeu, ele é elaborado a partir de um conceito próprio sobre a África. Mucale (2023) salienta que Cheikh Anta Diop é considerado o pai do Renascimento Africano na perspectiva de uma abordagem científica, pois conferiu fundamentos científicos à busca africana por regeneração, identidade e desenvolvimento. O mestre Jayro de Jesus afirma que o Renascimento Africano possibilita a reterritorialização e a reontologização da comunidade negra e o restabelecimento da sua relação cosmológica com o todo (FILOSOFIA... 2017).

Ainda segundo Mucale (2023)

A desconstrução do eurocentrismo, sobretudo no que diz respeito à falsificação da história e ao mito do negro, é crucial para o Renascimento Africano *diopiano*. A reconstrução da história da África é indispensável para a reabilitação da imagem do ser humano negro e para a criação de uma reta consciência histórica, que induza os povos africanos a uma apreciação correta dos empreendimentos dos seus antepassados, arquitetos da civilização egípcia. A releitura da civilização egípcia será decisiva para os renascentistas africanos quanto o foi a retomada da classicidade greco-romana para os renascentistas europeus. Aliás, esta civilização negra, berço da humanidade e das ciências, incluindo a filosofia, inspiradora de outras civilizações, como a grega, é a pedra fundamental para a reconstrução da África. O regresso ao Egito em todos os sentidos justifica-se, para Diop, enquanto condição necessária para reconciliação das civilizações africanas com a história e projeção para o futuro (Mucale, 2023, p. 123-124).

O Renascimento Africano pressupõe, portanto, que a África é o nosso centro, o lugar para onde devemos voltar para resgatar a nossa ancestralidade. A Afrocentricidade nos instrumentaliza neste retorno. Ela teve início nas culturas da Núbia e do Kemet, no Vale do Nilo, demonstrando que um novo olhar sobre a história para além da Grécia e Roma nos possibilita uma percepção diferenciada sobre o papel desempenhado pelos africanos na história mundial. “A Afrocentricidade é uma crítica da dominação cultural e econômica e um ato de presença psicológica e social diante da hegemonia eurocêntrica” (Asante, 2016, p. 10).

A ideia afrocêntrica refere-se essencialmente à proposta epistemológica do lugar. Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos, é importante que qualquer avaliação de suas condições em qualquer país seja feita com base em uma localização centrada na África e sua diáspora. Começamos com a visão de que a *afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos* (Asante, 2009. p. 93).

Ama Mazama (2009) destaca os conceitos-chave do paradigma afrocêntrico, a saber: centro, localização, lugar, deslocamento e realocalização. Evidencia que o conceito de “centro” ocupa uma posição fundamental e que

[...] baseia-se essencialmente na convicção de que a história, a cultura e a ancestralidade determinam nossa identidade. Esta, por sua vez, determina a nossa localização, nosso centro, nosso lugar na vida, tanto material quanto espiritual. Conceber-se de uma forma compatível com sua história, cultura e ancestralidade é estar centrado, ou, proceder a partir de seu centro. Por outro lado, o *deslocamento* ocorre quando alguém apreende a realidade pelo centro de outro grupo (Mazama, 2009, p. 121-122).

A afrocentricidade tem profundo interesse pela localização psicológica das pessoas, ou seja, com o local onde a mente está situada. O modo como uma pessoa se relaciona com a informação africana pode ser um elemento de análise desta questão (ASANTE, 2009).

A Afrocentricidade, com a sua missão de humanizar o universo, introduz uma nova ética, uma nova visão da realidade, uma nova perspectiva, uma nova consciência e, por conseguinte, regenera e revoluciona, renovando tudo e todos. Ela opera, então, uma verdadeira «viragem da história»: a mudança da concepção etnocêntrica de África como uma terra desenquadrada na história, habitat do homem bárbaro, selvagem e inculto. Igualmente, ultrapassa a ideia eurocêntrica profundamente difundida de que a Grécia é o protótipo da civilização, a Roma o centro do mundo, e o Eurocentrismo a única forma de produzir conhecimento (Mucale, 2013, p. 271).

Embora o renomado intelectual Cheikh Anta Diop tivesse a África como centro de suas ideias e de sua produção, foi Molefi Kete Asante quem cunhou o conceito de Afrocentricidade. O autor (Asante, 2022, p. 31) esclarece que a África é um continente multicultural e desde os tempos mais remotos parece haver semelhanças na forma como os africanos abordam o universo, o meio ambiente, a sociedade e o divino. Assim sendo, pode-se falar em uma civilização genérica, na qual mitos fundamentais são compartilhados. Nesse contexto, o Egito “[...] foi a mais prodigiosa civilização antiga da África e seus filósofos têm mais a dizer sobre as relações humanas do que outras civilizações em virtude tanto de sua produtividade quanto de sua antiguidade.”.

A Afrocentricidade representa a possibilidade da volta para casa, da busca pelo centro, “[...] é uma perspectiva que permite aos povos africanos se realocizarem ao centro de sua própria experiência. [...] a afrocentricidade é um projeto para a sanidade, para resgatarmos esse orgulho milenar que o processo do escravismo desvirtuou” (Asante, 2012a, sem paginação).

Só quem é conscientemente africano – que valoriza a necessidade de resistir à aniquilação cultural, política e econômica – está corretamente na arena da afrocentricidade. [...] ser afrocentrista é reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra todas as formas de opressão humana (Asante, 2009, p. 102).

Os afrocentristas concordam com Cheikh Anta Diop de que o Egito representa para o mundo antigo o que a Grécia representa para a Europa. Porém, consideram a individualidade de todas as outras culturas africanas. “O surgimento das cosmogonias escritas, a primeira ordenação do pensamento humano, foi uma realização egípcia antes de qualquer outro povo, até onde a história hoje sabe.”. A criação do universo é uma condição *sine qua non* no estudo dos filósofos africanos, uma vez que as cosmogonias procuram responder perguntas essenciais que remetem ao significado e propósito da vida, valor da interação humana e valor divino, significado do universo em nossa existência diária, na vida e na morte (Asante, 2022, p. 43).

Os intelectuais devem estudar o passado não para se deleitar nele, mas para extrair lições ou se afastar conscientemente, se necessário. Apenas um verdadeiro conhecimento do passado pode manter na consciência o sentimento de continuidade histórica, essencial para a consolidação de um estado multinacional. (Diop, 2023, p. 13).

A este respeito afirma Bong (2014) que

Os Ocidentais não ignoram o facto de a consciência histórica desempenhar um papel importante na libertação e elevação mental de um povo que toma consciência do seu passado. Ao adquirir, deste modo, um orgulho suficiente, torna-se difícil de manipular; por outro lado, escolheram também apresentar a historiografia da África Negra de acordo com uma visão totalmente desfavorável para o povo negro, com o intuito de o levar à maleabilidade total (Bong, 2014, p. 27).

Dieng (2014) esclarece que no âmbito da Afrocentricidade, quando falamos de Egito antigo estamos nos referindo

[...] a este Egito faraônico dos textos originais, autênticos, reafirmemo-lo, que falam de si próprios e por si próprios e para nós enquanto tradições, tal como salienta Cheikh Anta Diop, doravante emaranhado, em jeito de uma herança assumida para a nossa prática filosófica contemporânea. Isto é necessário (Dieng, 2014, p. 162).

O autor (Dieng, 2014, p. 162) afirma também que a perspectiva de herança “[...] constituirá a base teórica e científica de um regresso às fontes que permite apreender o presente de modo a antecipar o futuro”. A afrocentricidade deve ser compreendida como uma nova linguagem ao movimento que nasceu com Cheikh Anta Diop e que afetou uma geração de universitários interessados pela ligação entre o Egito Antigo e a África. Sob a perspectiva do conjunto da produção intelectual egípcia e a sua expansão é possível afirmar que o questionamento afrocêntrico não é novo, portanto, o que é recente na Afrocentricidade refere-se à linguagem.

[...] está longe de representar a antítese do eurocentrismo; visa antes mostrar que existem outros pontos de vista, entre os quais o dos Africanos do continente e da diáspora, acerca de todas as perguntas que agitam actualmente, não somente a África, mas também toda a humanidade. Visa, portanto, tornar o conhecimento num instrumento de luta e de libertação social, cultural, económica da África (Dieng, 2014, p. 163).

Portanto,

[...] trata-se, segundo a lógica de Cheikh Anta Diop, de estabelecer a verdade empírica de algumas destas teses mais preciosas que valorizam as experiências científicas e tecnológicas africanas. [...] trata-se de apresentar a história africana como tal como ela sempre foi, ou seja, de modo positivo, científico e objectivo (Dieng, 2014, p. 163).

Portanto, estão dadas as condições para que possamos continuar o processo iniciado por Cheikh Anta Diop, que não só apontou a existência das maçarocas históricas como dedicou sua vida a desfazê-las. O mestre sinalizou a necessidade de realizarmos costuras entre a cultura do continente e da diáspora, unindo os retalhos das nossas existências, ou seja, a nosso legado, e encontrando os fios invisíveis que nos unem.

O símbolo *Adinkra Funtummireku Denkyemmireku* (Fotografia 3) representa a unidade na diversidade e a advertência contra conflitos internos diante de um objetivo comum (Nascimento; Gá, 2022), o que alinha-se com a perspectiva do Renascimento Africano e com os objetivos deste trabalho.

Fotografia 3 – Adinkra *Funtummireku Denkyemmireku*: a unidade na diversidade no Renascimento Africano



Fonte: elaboração própria, adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: símbolo Adinkra *Funtummireku Denkyemmireku*. Bordado em ponto areia e contorno em zigue-zague no tecido de algodão cru.

2.3 O Kemet e Suas Contribuições para a Humanidade: o restabelecimento da verdade

Os habitantes do Antigo Egito chamavam sua terra de Kemet, a Terra dos Pretos. O nome Aegyptos, Egito, foi dado pelos gregos. Este termo refere-se ao povo preto que o habitava. (Asante, 2022). Afirma o mestre Diop (2010, p. 11) que “a avaliação do nível de melanina através de exames de microscópio é um método de laboratório que nos permite classificar os antigos egípcios inquestionavelmente entre as raças negras”. Asante (2009) traz uma importante contribuição ao afirmar que estudos recentes comprovaram as descobertas de Diop, citando a importância da descoberta do DNA mitocondrial que aponta a origem dos seres humanos em uma mulher que viveu na África oriental há duzentos mil anos.

Nah Dove (1998, p. 03) esclarece que o

[...] Kemet (antigo Egito) é considerado o progenitor do Estado moderno. Representa o primeiro modelo conhecido que produziu um ambiente urbano. Embora haja reconhecidamente diferentes tipos de estruturas estatais, pode ser concebido que este modelo antigo, desde que o padrão que influenciou o desenvolvimento de outros modelos de estado. Isto não é para negar a existência de outros modelos que precederam e influenciaram o desenvolvimento de Kemet. À luz das suas realizações, a origem Africana de Kemet coloca as pessoas negras na vanguarda do desenvolvimento da moderna humanidade urbana. A inferiorização contínua da África e de seu povo desafia essa afirmação. Esta aparente contradição tem colocado o campo da egiptologia em uma posição difícil, pois ela tenta afirmar a grandeza da civilização europeia, apropriando características culturais africanas.

Afirma também a autora (Dove, 1988) que

[...] as relações de poder patriarcal são incapazes de fornecer o ambiente social propício ao bem-estar dos povos africanos, especificamente mulheres e crianças, e de todas as pessoas em geral. Kemet abraçou o ideal de potencial desenvolvimento humano por causa de sua Matriz Materno-Centrado (Dove, 1988, p. 07).

Houston (2021) defende a tese de que o Império Cuxita, que compreendia o Antigo Egito, a Índia e a Arábia, era o coração da África, a mãe da civilização. Os etíopes cuxitas são os fundadores das cidades antigas e da vida civilizada. O Império Cuxita governou três continentes durante milhares de anos, portanto, a antiga Terra de Cuxe, era um império muito difundido e poderoso.

As maravilhas da Índia, para as quais a Europa buscava uma passagem na era de Colombo, os caros produtos e mercadorias cobiçadas da Babilônia e a surpreendente civilização pré-histórica da Ásia Menor, brotaram desta fonte pouco reconhecida. [...]. Os arqueólogos desenterram as provas, os etnólogos anunciam sua origem, mas a história se recusa a mudar suas teorias antiquadas e explodidas (Houston, 2020, p. 21).

Segundo James (2022) o Império Egípcio chegou a estender-se até as extremidades do Oriente. Por volta de 1900 antes da Era Comum, Senusert I, durante a 2ª Dinastia, conquistou a costa marítima da Índia para além do rio Ganges, até o oceano oriental. Além disso, os Mistérios Egípcios configuravam a religião do Mundo Antigo e o Egito era considerada a sua Terra Santa. África originou as artes e as ciências.

Em Kemet, a riqueza também era produzida através da acumulação. Uma abundância de alimentos, artefatos, invenções, e assim por diante proveram troca para o comércio mundial. Comércio através de importação e exportação era inestimável para a vida e sustento de Kemet (DOVE, 1998, p. 10).

Jackson (2020, p. 40) nos informa que a antiga civilização cuxita (etíope), da qual as culturas do Egito e da Mesopotâmia foram originadas estendia-se para além do Oriente

Próximo e que foram encontrados vestígios seus por todo o mundo. Destaca que os primeiros habitantes da Índia, os dravidianos, eram de origem etíope. “O Egito e a Ásia Ocidental contam a mesma história”. O autor utiliza um grande número de citações de obras científicas e históricas para comprovar suas teses. Eliza Larkin Nascimento assegura que “O negro se fez presente em todos os cantos do mundo, enriquecendo outras civilizações e com elas fazendo intercâmbio” (Nascimento, 2008a, p. 89).

“Considerando que a raça humana se desenvolveu na África e que esta primeira raça humana era de pele negra, os negros tinham que estar na origem das primeiras civilizações do mundo. A sua dominação estendeu-se pelo globo inteiro.” Esta supremacia global durou até a invasão do Egito pelos assírios, o que foi agravado pela invasão persa, quando o Egito foi saqueado, todos os templos foram incendiados. O lema de Cambises era: “Pisem em tudo o que fez a grandeza do Egito”. (Diop, 1976, p. 250). Ao analisar tal situação Diop (1976) esclarece que o racismo, tal como o conhecemos hoje,

[...] não poderia ser expresso da mesma maneira em face aos negros, pela simples razão que eram os negros que haviam monopolizado o conhecimento técnico, cultural e industrial. As outras raças tinham que modelar seu desenvolvimento tecnológico, cultural e religioso pelos êxitos da tecnologia, ciência, cultura e arte egípcias. Os gregos foram forçados a vir beber humildemente na fonte da cultura egípcia. Por conseguinte, naquela época, o respeito devido ao homem negro era imenso (Diop, 1976, p. 251).

Diop (1991) evidencia as contribuições da África para as ciências. Embasando-se no Papiro de Moscou, no Papiro de Berlin e no Papiro de Rhind analisa a matemática egípcia e afirma que os egípcios são os criadores da trigonometria e da geometria e conferiram originalidade à aritmética. Por meio da análise dos calendários diagonais dos sarcófagos, da orientação dos monumentos, do calendário astronômico, de 4236 a.C. e do Papiro Carlsberg, de 144 d.C, é possível comprovar a existência de uma astronomia egípcia sólida. Os gregos, incluindo Hipócrates e Galeno, que foram ao Egito para ter aulas com os sacerdotes encontraram uma medicina estruturada em três níveis, tiveram acesso a essa medicina e às obras da biblioteca de Imhotep, em Mênfis. O Papiro de Smith contém 48 casos de cirurgia óssea e patologia externa.

A palavra química tem uma raiz egípcia: *kemit*, que significa negro, em alusão ao longo processo de cozimento e destilação para extrair o produto desejado. Essa raiz proliferou-se em outras línguas africanas. Em relação à metalurgia, a fabricação voluntária mais antiga do mundo ocorreu no Egito (Diop, 1991).

Os egípcios eram conhecidos pela capacidade de manipular metais, produzindo um pó preto, associado a Osíris e tido como essência de todas as coisas. Esse processo, em copta denominado *khem* (o que está oculto; magia, sabedoria), foi chamado pelos gregos de *khomeia*. Com os árabes, acrescentou-se o artigo *al*, o que fez nascer a palavra ‘alquímia’ (Lopes, 2021, p. 24).

O Egito é a mãe distante das culturas ocidentais e, portanto, muitas ideias que podemos enxergar como estrangeiras à África são, na verdade, imagens misturadas, invertidas, modificadas, elaboradas a partir do que os nossos ancestrais africanos criaram: judaísmo, cristianismo, islamismo, dialética, teoria do ser, ciências exatas, aritmética, geometria, engenharia mecânica, astronomia, medicina, literatura, arquitetura, artes, entre outros (Diop, 1991).

Na Antiguidade o centro difusor do conhecimento universal, principalmente para a Grécia (que servia de elo), era o Vale do Nilo. Desta forma, os africanos podem recorrer à herança intelectual comum da humanidade com total liberdade, pois nenhum pensamento e nenhuma ideologia são estranhos à África em essência, uma vez que ela foi o seu berço (Diop, 1991).

Diop (1991) nos esclarece que o desenvolvimento do pensamento e da filosofia ocorre no contexto do seu terreno histórico, portanto, os filósofos, a partir deste raciocínio, devem apropriar-se dos meios intelectuais que possam permitir a sua reconexão com o lar da filosofia na África, que é uma perspectiva histórica de cinco mil anos que proporciona o estudo diacrônico, em solo africano, de todas as disciplinas científicas que o autor procura integrar no pensamento africano moderno.

Malomalo (2021) está interessado no aspecto sociológico africano e acredita que por meio dele seja possível auxiliar os africanos na compreensão dos problemas sociais vivenciados e na reinvenção de suas sociedades. Afirmar que busca

[...] restituir o lugar da Sociologia africana partindo da hipótese da sua existência desde a África pré-colonial. Isto significa dizer que desde que os primeiros seres humanos surgiram na África e fundaram as primeiras comunidades, portanto, já estavam fundamentadas as estruturas de um pensamento e uma práxis sociológicos genuinamente africanos. É inconcebível que os africanos tenham sido os primeiros seres humanos a projetar as instituições sociais e não refletir sobre as mesmas (Malomalo, 2021, p. 36).

A arquitetura egípcia e suas bases matemáticas implicam conhecimentos mecânicos e técnicos que ainda não foram completamente compreendidos pelos especialistas (Diop, 1991). A supremacia egípcia foi reconhecida pelos povos do Oriente Próximo e também pelos gregos, que posteriormente foram os educadores dos romanos (Manacorda, 1992).

Do Egito é que nos chegaram os testemunhos mais antigos e talvez mais ricos sobre todos os aspectos da civilização e, em particular, sobre a educação. Embora a pesquisa arqueológica a cada ano venha descobrindo provas de outras civilizações até mais antigas, ainda assim, para os povos que reconhecem sua origem histórica na antiguidade clássica greco-romana e nas posteriores manifestações cristãs que introduziram nela muitos elementos do Oriente Próximo, o Egito está no início da sua história (Manacorda, 1992, p. 09).

A respeito das artes no antigo Egito nos diz Champollion, o decifrador dos hieróglifos, (1990, p. 304 apud Mbelek, 2014, p. 169):

Aqui está uma das mil e uma provas demonstrativas contra a opinião daqueles que se obstinariam ainda a supor que a arte egípcia teria ganho alguma perfeição com o estabelecimento dos Gregos no Egito.

Volto a repetir-lo: a arte egípcia deve apenas a si tudo aquilo que produziu de grandioso, de puro e de belo, por muito que isso desagrade aos intelectuais que constroem para si uma religião ao acreditar firmemente na geração espontânea das artes na Grécia; é evidente para mim, bem como para todos aqueles que observaram bem o Egito ou que possuem algum conhecimento real dos monumentos egípcios existentes na Europa, que as artes começaram na Grécia através de uma imitação servil das artes do Egito, muito mais avançadas do que aquilo que se acredita vulgarmente, na época em que as colônias estiveram em contacto com os selvagens habitantes do Ático e do Peoloponeso. O velho Egito ensinou as artes à Grécia, esta deu-lhes desenvolvimento mais sublime; porém, sem o Egito, a Grécia não se teria provavelmente transformado na terra das belas-artes. Eis a minha inteira profissão de fé acerca desta grande questão. Traço estas linhas praticamente defronte de alguns baixos-relevos que os Egípcios executaram, com a maior delicadeza de trabalho, 1700 anos antes da era cristã. O que faziam então os gregos? (Champollion, 1990, p. 304 apud Mbelek, 2014, p. 169).

Asante (2024) nos diz que

A palavra oriunda do *Medu Neter*, *hbny* (ébano), aparece em outras línguas africanas, bem como em línguas europeias. A língua clássica africana era tão importante que certas expressões se propagaram do continente africano para a Europa. A herança kemética permeia a literatura, a oratura, a cerâmica, os rituais funerários, os mitos procriativos e os modos de pensar na África. Foram as próprias civilizações africanas clássicas que nos proporcionaram um contato orgânico com a história das ideias, além dos enormes memoriais ao gênio africano, como *Karnak*, os templos do Vale dos Reis, as Pirâmides e os principais santuários (Asante, 2024, p. 69).

Destaca o autor (Asante, 2024) que

Kemet destacou-se nas artes, na literatura, na astronomia, na geometria e na ética – todas as estradas realmente levavam a Kemet. As conquistas do gênio kemético evidenciam-se no papel civilizador que exerceu na África e no mundo. O povo kemético refletia sobre todos os aspectos da atividade humana: não se perdeu em maravilhamento nem em autocomplacência, mas dedicou-se a atividades intelectuais e artísticas que influenciaram as ideias humanas por muitos séculos. Se fôssemos expressar explicitamente nossa dívida com Kemet, precisaríamos afirmar que nos deram um senso do possível. Devemos a eles a base da ciência, da arte, dos ensinamentos éticos, da religião, da dança, da monarquia e das práticas ritualísticas, que influenciaram profundamente a dramaturgia (Asante, 2024, p. 69-70).

Em relação à arte e espiritualidade, o africano acredita que as práticas rituais são o modo mais seguro de garantir uma vida material razoável. Sua inspiração é a necessidade de conservar e de transmitir a vida nas melhores condições de sua época. Portanto, na base da vida africana há também um espírito materialista, voltado à crença dos africanos de que é possível agir sobre o destino com o apoio de alavancas imateriais (Diop, 2025).

Entretanto, o fator religioso não é suficiente para explicar a essência da arte africana. Se apenas ele operasse, as criações dos artistas africanos seriam comparáveis a objetos fabricados. O fator religioso age em interferência com a personalidade do artista que, inconscientemente, sempre deposita uma parte de si mesmo em sua obra, que aparece sob forma de liberdade de invenção de ritmo plástico sempre diversificado. Captamos essa diversidade ao estudar os diversos estilos plásticos africanos (Diop, 2025, p. 479).

Há duas grandes correntes de arte plástica na África: uma realista e outra expressionista. Na corrente expressionista ou geométrica há uma forma cubista que influenciou a arte ocidental desde o cubismo de 1970 (Diop, 2025).

A mídia de massa teve um efeito negativo em todos os povos. Quanto ao efeito que teve nos negros nas Américas, eu apenas posso esperar uma intensificação dos contatos culturais entre os negros da África e os das Américas. Acredito ser este o único jeito para que possamos chegar a um renascimento cultural que beneficiará a todos nós. Quaisquer realizações culturais alcançadas na África poderão tão-somente ter um efeito benéfico nos negros das Américas. E vice-versa, quaisquer contribuições culturais válidas que surjam nos negros das Américas também afetarão positivamente todos os outros mementos do mundo negro. Devemos apoiar-nos uns aos outros para evitar que afundemos. É um fato importante. Embora participemos de diferentes mundos políticos, compartilhamos uma mesma **alma cultural**. Para reforçar esta identidade em comum, é necessário que lutemos contra o nefasto efeito da mídia de massa (Diop, 1976, p. 258-259, negrito meu).

Um duplo ponto de vista sustenta as tentativas ocidentais de nos alienar culturalmente: a afirmação de que todas as civilizações africanas são recentes, uma vez que na África negra nada pode ser antigo, e de que a origem das civilizações africanas deve-se a herdeiros de raças brancas (camitas ocidentais e orientais, árabes, líbio-cretenses, colonos gregos e romanos, artistas renascentistas errantes, entre outros) (Diop, 2025).

Diop (2025, p. 476) cita uma das teorias que alimentam a alienação cultural. Jean Van den Bossche tenta aproximar as máscaras de marfim dos árabes. “Chegamos aqui ao ponto culminante dessas tentativas de destruição da nossa cultura; a África Central, berço do elefante, não terá nem mesmo o benefício oral do trabalho do marfim; será preciso que essa técnica seja importada do Deserto da Arábia.”. Essas teorias constroem-se sobre uma base imaginativa, não apresentam embasamento objetivo, são caracterizadas pela precariedade argumentativa e pela fragilidade.

Consciente ou inconscientemente, todas elas tendem a destruir nossa cultura – a verdade é que para destruir um povo é preciso destruir sua cultura -, a nos retirar o benefício moral dessa cultura fazendo-nos acreditar que não somos responsáveis por ela. Em suma, se nos deixássemos enganar por essas teorias ficaríamos esvaziados de todo o potencial moral que traz a um povo a consciência de sua tradição cultural (Diop, 2025).

Questiona Diop (2025, p. 477) o que caracteriza a arte negra, que desperta tanta cobiça do Ocidente e o impele a reivindicar por vias indiretas e de forma acirrada a sua paternidade. Ele mesmo responde: “O que caracteriza a arte negra em seu conjunto é a liberdade do artista na criação plástica; ele tem certeza de seu gênio, da autenticidade de suas invenções. Por isso, suas obras são executadas com impressionante simplicidade”.

Diop (2025) analisa diferentes âmbitos da arte africana, a saber: escultura, teatro, pintura, arquitetura, música, poesia. Ao fazer um estudo sobre a história da Educação Manacorda (1992, p. 10) afirma que esta análise deve ser iniciada pelo Egito, “[...] unanimemente reconhecido como berço comum da cultura e da instrução.”

Pode-se deduzir que um povo residente às margens de um grande rio e com uma agricultura avançada tivesse acumulado e transmitido desde tempos remotíssimos noções de alto nível não somente sobre a agricultura e a agrimensura, mas também sobre as ciências que lhes servem de base: a geometria, para a medição dos campos, a astronomia, para o conhecimento das estações, e, especialmente, a matemática, que é o instrumento básico de uma e de outra. E se pode deduzir também que a divisão do trabalho, própria de uma civilização desenvolvida que se articulava em muitos setores produtivos e numa hierarquia de funções no seu interior (agricultura, e depois a arte de construir estaleiros, cerâmica, vestuário, medicina etc.), tivesse como pressuposto uma transmissão organizada das habilidades práticas e das noções científicas relativas a cada atividade. Logo, para isso se imaginaria encontrar escolas "intelectuais" de matemática, geometria, astronomia e, mais ainda, de ciências esotéricas e sagradas (*ierà grámmata*), e escolas "práticas" dos vários ofícios; quer dizer, para a época antiga, escola de sacerdotes e aprendizado de artesãos (aos quais é óbvio acrescentar o treinamento dos guerreiros) (Manacorda, 1992, p. 10).

Entre os autores destes primeiros ensinamentos Manacorda (1992) destaca Kares, Hergedef (Gedefor), Khety, Neferty, Ptahemgiehuti, Khakheper-ra-seneb, Ptahhotep e

Imhotep, cujas obras são clássicos por excelência da literatura egípcia. Eram considerados sábios que prediziam o futuro. Suas falas realizavam-se e eram consideradas provérbios, portanto, são autores de uma literatura profética e sapiencial, tal qual a que se encontra na Bíblia.

Asante (2022, p. 18) destaca entre os primeiros pensadores africanos: Imhotep, Ptahhotep, Kagemni, Merikare, Sehotepibre, Amenemhat, Khunanup, Amenhotep Filho de Hapu, Dauf, Akhenaten e Amenemope. A Sabedoria Hermética, reunida no que ficou conhecido como *Corpus Hermeticum*, teve um papel determinante no Renascimento europeu, refere-se a escritos compilados de vários autores africanos, porém apresentados como obra de Hermes Trismegisto, uma figura mítica. Seria, portanto, uma fusão das culturas grega e egípcia, muito posterior aos filósofos acima citados, uma vez que “O Egito é muito mais antigo como civilização de pensadores do que a Grécia. É anterior não apenas em termos políticos, mas em idade. O Egito é milhares de anos mais velho em termos de desenvolvimento da ciência, método, teoria e filosofia.” O Egito era a sede da sabedoria e do conhecimento antigo e quando os gregos lá chegaram os filósofos egípcios refletiam sobre a natureza das relações humanas e o significado da vida há vários milhares de anos.

O termo egípcio *seboyet*, traduzido como instrução ou sabedoria pelos gregos, teve sua origem no Império Antigo, e refere-se a textos que indicam um modo de pensamento discursivo e que são chamados de Literatura de Sabedoria por muitos egiptólogos (Asante, 2022). As Instruções ou Ensinaamentos representam o segundo maior gênero literário do Antigo Egito, elas registravam conselhos de pai para filho e com o passar do tempo foram inseridos também ditados e provérbios populares, orações e hinos; configurando-se em depositárias da sabedoria popular dos antigos egípcios. Estas Instruções originaram Provérbios, que foram atribuídos ao Rei Salomão, e também Salmos bíblicos. As máximas de Ptahotep e de Kaqemma, do Antigo Império, podem ser identificadas nos Provérbios e nos Eclesiásticos bíblicos (Bacha, 1997).

Bacha (1997) esclarece que havia uma unidade em torno da literatura, da arte, da ciência e grande parte dos hábitos e costumes no Antigo Egito. Enfatiza a autora que traduções mal feitas ou literais dificultam a compreensão da linguagem egípcia o que é um

[...] fato inadmissível em relação um povo que se expressava, culturalmente, através do mito e do símbolo e que não possuía os signos ocidentais relativos a maniqueísmos e divisões. No Antigo Egito não havia sagrado ou profano, o religioso e o leigo, a Igreja e o Estado, a Ciência e a Religião colocados em campos opostos, pois o mundo egípcio era, essencialmente, holístico (Bacha, 1997, p. 02).

No Antigo Egito havia, além do *medu neter* (hieróglifos) mais duas formas de escrita: a demótica e a hierática. O hieróglifo, *medu neter*, era a linguagem da mais alta hierarquia, utilizada somente nos templos, nas pirâmides, nas tumbas dos reis e em decretos estabelecidos pelo faraó. Suas características são: significar (ideográfica), falar (fonética) e principalmente ocultar (por meio do símbolo), portanto, ela significa pela imagem e pelo som e oculta pelo simbolismo. A leitura dos hieróglifos implica a decodificação dos sentidos ocultos dos símbolos, nos quais estavam os fundamentos ou mistérios da filosofia egípcia, acessíveis somente aos iniciados. A primeira pessoa a decifrar esta forma de escrita foi Jean-François Champollion, por meio da leitura da Pedra de Roseta, na qual haviam inscrições em grego, demótico e hieróglifo (Bacha, 1997).

Em relação à religião, “O cristianismo na sua infância foi uma religião oriental, e como a teologia astral é um elemento fundamental nos cultos orientais, o cristianismo foi, portanto, profundamente influenciado por ela.” Osíris (Ausar) era o maior dos deuses egípcios. Ele era o pai de Hórus (Heru), nascido de uma mãe virgem, Ísis (Auset). Quando os primeiros cristãos chegaram ao Egito encontraram um campo fértil para a cristianização de seus habitantes, pois a antiga e a nova religião guardavam muitas semelhanças. A teoria do mito solar não tem mais a mesma força que tinha no século XIX, embora seja ainda muito significativa como explicação parcial do mito de Cristo (Jackson, 2020, p. 64-65).

Jackson (2020) assevera que embora seja sustentado por historiadores que as teorias da criação do mundo e da queda do homem dos hebreus teriam lhes chegado pelos babilônios, é importante considerar que podem ter surgido na África. Os

[...] babilônios receberam sua civilização de uma cultura ainda anterior do vale da Mesopotâmia, um povo conhecido como sumérios. Segundo a tradição antiga, os sumérios eram originalmente uma colônia de etíopes. Embora os etíopes estivessem espalhados por toda a terra em tempos antigos, sua casa original foi geralmente considerada como tendo sido localizada no coração da África (Jackson, 2020, p. 990).

Uma questão importante é que a interpretação da filosofia dos egípcios implica uma discussão sobre Imhotep “[...] uma vez que ele foi a primeira personalidade multidimensional do mundo e suas realizações estão no início da razão e da ciência a serviço da sociedade humana.”. Seu aparecimento aproxima-se do surgimento da consciência humana, tal como está registrada na história. Ele foi filósofo, médico, construtor, matemático, sacerdote da mais alta classe, escriba, vizir do faraó Djoser, na III Dinastia - por volta de 2980-2900 A.E.C-, e

tinha uma grande habilidade de curar. Imhotep foi elevado à categoria de deus da Medicina. Seu nome grego era Aesculapius. Também foi chamado de Esculápio (Asante, 2022).

Imhotep é considerado o primeiro construtor da história, foi um grande médico e uma das primeiras pessoas a deixar informações sobre diagnóstico de doenças. Foi um gênio da matemática e inventou os primeiros instrumentos de medição. Sua principal contribuição à humanidade é a Pirâmide de Degraus, no Complexo de Saqqara. Ela evidencia reflexão, pensamento, sensibilidade, estética, equilíbrio, harmonia, visão histórica, razão e consciência contemporânea da situação política. Para construí-la seria necessário uma capacidade acima do normal para reunir ideias divergentes em um todo coerente (Asante, 2022).

[...] era um filósofo do corpo humano e da mente humana, em seu trabalho, ele se baseou nas leis naturais que ensinaram tanto aos antigos keméticos sobre o fluxo adequado da vida. Nenhum outro povo antigo praticava a medicina no grau e perfeição dos antigos keméticos. Suas escolas médicas ligadas ao sacerdócio e aos templos eram conhecidas por sua capacidade de curar os sofrimentos da humanidade (Asante, 2022, p. 54-55).

Imhotep tinha uma grande habilidade de curar, foi o primeiro ser humano a ser elevado à semideus pela medicina. Era treinado e educado em todas as artes e ciências do Antigo Egito (Asante, 2022).

Como filósofo, Imhotep estava equipado para seu papel como o primeiro grande pensador da história humana. Seus títulos incluíam Grão-Vizir, Arquiteto, Médico, Chefe Leitor geralmente chamado de Mágico pelos estudiosos europeus e Filósofo. Nenhum outro humano antes de Imhotep jamais reivindicou tantos títulos de intelecto, eloquência e ciência (Asante, 2022, p. 55).

Imhotep era escriba e foi o primeiro humano a ser deificado. Nas paredes do templo de Edfu, construído em sua homenagem pelo rei Menkaure, constam referências a ele e à sua atividade como *Kheri-heb* (sacerdote leitor, chefe, professor); o sacerdote que pode ler os livros sagrados e recitar as palavras sagradas dos deuses. Para os egípcios estes textos tinham poderes mágicos, portanto, o *Kheri-heb* também era visto como um mago; participava das cerimônias funerárias e era considerado um mediador entre o rei e as divindades. Suas habilidades como *Kheri-heb* eram muito respeitadas, porém, foi pela sua excelência como médico que Imhotep foi deificado. Estas duas facetas de Imhotep podem ser percebidas por meio dos papiros, uma vez que há muitas prescrições médicas em papiros de magia e muita magia em papiros médicos (Asante, 2022).

O papiro médico, Ebers, está cheio de encantamentos. Ao estabelecer a tradição de encantamentos na cura de doenças, Imhotep preparou o cenário para toda a medicina africana, onde o médico sempre acompanha o processo de cura com encantamentos. A filosofia era que o remédio não poderia curar a menos que tivesse sido tornado poderoso pela energia que vinha com a palavra falada. Inquestionavelmente, Imhotep foi o multigênio mais significativo de sua época e o primeiro humano a combinar tantos talentos em uma personalidade. Suas conquistas médicas criaram a aura que ainda envolve seu nome e sua fama é eterna (Asante 2022, P. 59).

Seu templo era frequentado por doentes e aflitos. Foi por meio dos registros encontrados neste templo que Neuchautis escreveu, no século II da E.C., o Papiro de Oxirrincos, em grego, sobre a história de Imhotep, com o qual esperava provar ter capacidade para receber o título de sacerdote de Imhotep e ter autoridade para repassá-lo para a posteridade. Para homenagear o deus, Nechautis traduziu um antigo livro egípcio para o grego, possivelmente escrito por Imhotep. “O nome grego para Imhotep era Aesculapius, encontrado no juramento de Hipócrates”. Na sua tradução, Nechautis refere-se ao deus Imhotep como Esculápio. Depois da sua deificação, Imhotep tornou-se um dos três deuses reinantes de Memphis, juntamente com Ptah e Sekhmet. Era adorado no Egito, na Núbia e na Grécia (Asante, 2022).

Ferreira (2022a) acentua que a arte de curar tinha um caráter sagrado para os egípcios e que esse amálgama entre medicina e religião é utilizado para desqualificar a importância do Antigo Egito na historiografia da ciência médica.

Entretanto, é preciso fazer algumas ponderações sobre esse olhar preconceituoso, por exemplo, foi devido à religião e sua crença de vida após a morte que os keméticos tiveram a necessidade de produzir técnicas e substâncias químicas que preservassem o corpo. Assim, o processo desenvolvido de mumificação e embalsamamento do corpo foram procedimentos fundamentais que auxiliaram a conformar áreas da ciência moderna, tais como a anatomia e a química (Ferreira, 2022a, p. 41).

No verbete sobre farmacologia Lopes (2020, p. 140) explica que evidências arqueológicas em papiros mostram que no Egito, por volta do ano 3300 a.C, havia a preparação de drogas medicinais a partir de receitas. Mais tarde, outros povos, como os do grupo banto, desenvolveram medicamentos e estes foram assimilados pela prática científica.

Ao falar sobre a medicina egípcia (Sunt) Bacha (1997) afirma ter encontrado quatro aspectos distintos que funcionavam como um todo: alopatia (cura pelos contrários), homeopatia (cura pelos semelhantes), profilaxia (prevenção de doenças) e teurgia. Destaca outros elementos importantes: a especialização; a sistematização: registro dos sintomas,

diagnóstico, prognóstico e prescrições (*ushebit*); métodos cirúrgicos, chamados *ses-khat* (escrever no corpo).

O Tratado do Papiro de Smith evidencia que os egípcios chegaram em um nível de verdadeira ciência médica: registro de uma cirurgia óssea, primeiras tentativas na história da ciência de identificar as áreas do cérebro, analisando lesões cerebrais e suas conexões com paralisias em diferentes partes do corpo (Diop, 1984).

Desde a Antiguidade os egípcios haviam alcançado um nível científico extremamente alto, o que se expressava também nas artes. O surgimento da escrita aconteceu 4.000 anos a.C no Vale do Nilo; 3.300 anos a.C já havia documentos que possibilitam acompanhar o desenvolvimento da região. Os antigos egípcios tinham uma bagagem de conhecimentos astronômicos precisos, uma vez que 4.236 a.C já havia um calendário sideral baseado na estrela Sírius (Diop, 1984).

2.4 Cosmogonias e Filosofia no Kemet

Os afrocentristas concordam com Cheikh Anta Diop de que o Egito representa para o mundo antigo o que a Grécia representa para a Europa. Porém, consideram a individualidade de todas as outras culturas africanas. “O surgimento das cosmogonias escritas, a primeira ordenação do pensamento humano, foi uma realização egípcia antes de qualquer outro povo, até onde a história hoje sabe”. A criação do universo é uma condição *sine qua non* no estudo dos filósofos africanos, uma vez que as cosmogonias procuram responder perguntas essenciais que remetem ao significado e propósito da vida, valor da interação humana e valor divino, significado do universo em nossa existência diária, na vida e na morte (Asante, 2022, p. 43).

A respeito da importância das cosmogonias kemitas, Asante (1996, p. 06 apud Lopes; Simas 2020, p. 54) esclarece que

Afora as noções de medicina, monarquia, geometria, calendário, literatura e arte, as sociedades africanas encontraram em Kemet os mitos primordiais que orientariam seu modo de educar os filhos, preservar os valores sociais, rememorar os ancestrais, pintar os corpos e as casas, e cultivar a terra.

Diop (1976, p. 247) pontua que “O Antigo Egito esteve na origem de um sistema filosófico elaborado e não de uma mera cosmogonia, como muitos ainda sustentem” A este respeito esclarece (Diop, 1991) que há três grandes sistemas de pensamento egípcios que objetivaram explicar o surgimento do universo e de tudo o que existe. Tais cosmogonias são

atestadas pelos textos das pirâmides, que datam de 2600 a.C.; são elas: a hermopolitana, a heliopolitana, a menfita (podemos adicionar a essa a cosmogonia tebana).

O universo, segundo essas cosmogonias, não foi criado em um dia específico. Sempre existiu uma matéria incriada sem determinação e sem começo nem fim que continha, no estado arquetípico, todas as essências dos corpos dos futuros seres. Essa matéria caótica e desorganizada equivale ao não-ser, que, por sua vez, é equivalente ao nada, de onde surgiria a matéria que comporia o universo. Todas as essências dos corpos dos seres futuros que seriam chamados à existência estavam contidas nesta matéria caótica em estado arquetípico (Diop, 1991).

Para os egípcios havia um poder, uma divindade abrangente, sozinho, único, distinto e inerente ao *Nun* cósmico e aquático. “Este Incompreensível no mar cósmico e aquático era a fonte infinita do universo, mas fora de qualquer conceito de tempo e espaço.”. Este conceito de Uno era reiterado nas sedes de instrução, nos centros de iniciação de On (Heliópolis), Men-nefer (Mênfis), Dhuty (Hermópolis) e Waset (Tebas). Havia um consenso entre os filósofos a respeito da natureza do Uno e da criação do universo. O nome pelo qual esta divindade poderia ser referida mudava de tempos em tempos, podendo ser chamada de Ptah, Rá, Atum, Amen ou Amen-Rá, sem alteração das suas funções e papéis (Asante, 2022, p. 47).

Na cosmogonia egípcia essa matéria primordial (águas primordiais) foi transformada na divindade Nun, que representa o oceano primordial simbólico que significa potencialidade, latência e a possibilidade de toda a criação (Bacha, 1997). Nessa matéria incriada estava presente também a lei da transformação, o princípio da matéria ao longo do tempo, representada pela deidade Khepera. Portanto, Khepera é a lei do devir, age na matéria através do tempo, atualiza os arquétipos, as essências, os seres que são criados em potencialidade antes de serem criados em ato (Diop, 1991).

Com o surgimento do demiurgo, Rá, a cosmogonia egípcia, que até então era materialista, toma uma nova direção com a introdução de um componente idealista: Rá realiza a criação por meio da palavra, o que denota uma relação óbvia e objetiva entre o espírito e as coisas. Ele é o primeiro Deus, o primeiro demiurgo da história a criar a partir da palavra (Diop, 1991). Rá criou o universo e todas as formas de criaturas descendem da sua criação. “Rá era para os antigos keméticos a bola densa da qual todas as coisas foram criadas quando o Big Bang aconteceu.” (Asante, 2022, p. 34).

Os deuses egípcios transcendem a humanidade com suas virtudes, generosidade e senso de justiça. Desde o nascimento da nação, Osíris já estava lá, com seu senso de equidade. No além, em seu trono divino, ele preside o tribunal dos mortos. Sua justiça absoluta é simbolizada pela balança de Thot e Anúbis, que pesam as ações dos falecidos antes de recompensá-los ou puni-los. É a mesma mentalidade que se encontra em toda a África Negra (Diop, 2023, p. 187).

Ntr, normalmente traduzido para o inglês como *neter*, refere-se ao divino e divindade, podendo ser traduzido como divindade ou deus. Porém, para os keméticos tanto *ntr* como seu plural, *ntrw* (*neteru*) significavam “[...] a totalidade do divino, o universal transgeracional abrangente” (Asante, 2022, p. 47). Traduções equivocadas da palavra egípcia *neter* por “deus”, no sentido que damos a este termo, geraram a falsa ideia de que a religião egípcia era politeísta. Tal engano foi comprovado por estudos, porém, não existe uma tradução exata para este conceito em nenhuma língua falada modernamente. “Sagrado” é a palavra que mais se aproxima, embora não reflita o sentido que os egípcios lhe davam: energias, leis ou atributos que emanam de um único Deus Criador, Atum ou Aton, para manifestar toda a criação (Bacha, 1997).

As características do *neter* no pensamento kemético antigo estão claramente relacionadas com a solução de todos os problemas humanos. Na verdade, o *neter* pode fazer isso porque não há fim para os poderes divinos de transformação e transmutação. É uma longa litania de conquistas. (Asante, 2022).

É a partir destes postulados que

[...] deriva a expressão *paut neterw*, que pode se traduzido como ‘o pão ou alimento de Deus’, que é a ‘companhia’, ‘família’, ‘eneada’, ou ‘conjuntos’ constituídos pelo Grande Deus e suas principais emanções ou leis, os ‘deuses’ que, através de suas características ou atributos divinos, manifestaram toda a Criação (BACHA, 1997, p. 39, aspas da autora).

A realização da consciência era, para os primeiros africanos, o primeiro impulso do Uno. Para ser divino e promover a criação o *neter* precisa realizar sua própria consciência, através da qual percebe a solidão, a singularidade e a distinção. O símbolo que representa este ato de origem, a iniciação da consciência, é o braço que puxa um arco que está prestes a deixar uma flecha ou um bumerangue ser arremessado, que, por sua vez, retornará ao lançador assim que o objetivo for atingido (Asante, 2022).

Os Textos das Pirâmides das tumbas de Teti, Unas e Pepi, as câmaras funerárias da V e VI Dinastias são os textos religiosos mais antigos. Os glifos gravados nas paredes de pedra registram a indestrutibilidade e a eternidade da alma. Na cosmogonia de On (Heliópolis)

Atum criou o universo por autocoagulação, por seu sêmen ou pela projeção de seu coração. Atum se torna Khepri, que em consciência projeta-se do *Nun* como Atum-Kepri (Asante, 2022).

Atum-Kepri cospe Shu, o ar; cospe Tefnut, a umidade; cospe Geb, a terra, e cospe Nut, o céu. Esses são os quatro poderes celestes. Mas logo que a criação dos poderes celestes acontece, Ausar, Auset, Set e Neb-het são trazidos à existência. Está escrito, no entanto, que nenhum está separado de Atum. A Grande Enéade é o oito mais Atum, que ordenará o devir. (Asante, 2022, p. 49).

Na cosmogonia de Men-nefer (Mênfis), Ptah criou o universo pela palavra falada. Todas as coisas foram criadas por Ptah, mas não apenas a criação orgânica; ele criou também os conceitos. Os vários aspectos da existência conceitual humana são representados pelos *Ogdóades*, os oito: Naun e Naunet, Heh e Hehet, Kek e Keket, Niau e Niaut, trazem o divino à existência, portanto, são pais e mães de Rá (Asante, 2022).

Asante (2022, p. 151) nos esclarece que há três constituintes da identidade humana: *ankh*, *ba* e *ka*. “*Ankh* refere-se à essência da imortalidade de uma pessoa que deixa o corpo na morte para se juntar às estrelas.”, sua representação é um íbis com crista. O *ba* presencia a cerimônia de pesagem do coração do morto. É representado como um pássaro com cabeça humana que voa entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Já o *ka* surge juntamente com o corpo e constitui a sua força vital ou personalidade.

Ao falar da mente africana Asante (2022) nos propõe um exercício imaginativo:

Suponha que você saia pela porta da frente e olhe para o céu e, em vez de ver as estrelas como entidades separadas, as visse conectadas umas às outras por alguma ligação visível. Para compreender os modos de pensar africanos é necessário suspender por um tempo a linearidade e considerar o mundo inteiro, mesmo o universo ou universos, como um grande sistema onde tudo está conectado e interconectado. Esta é a principal visão africana da realidade (Asante, 2022, p. 30).

Para o autor (Asante, 2022, p. 30) a visão ocidental dificulta a compreensão da concepção africana de realidade. “Existe uma complicação adicional porque no Ocidente é muito fácil separar o corpo da mente e o eu dos outros; este é um problema de concretude e unidade.”. Outra particularidade nas culturas africanas é que “[...] o ego é real e a materialidade é concreta, mas administrável sob a influência do costume e da tradição baseada na mutualidade humana.” (p. 30-31).

Segundo Asante (2022) alguns elementos da mente africana evidenciam a ação dos humanos frente à realidade: a praticidade do holismo, a prevalência da policonsciência, a ideia

de inclusão, a unidade dos mundos e o valor das relações pessoais. Para os keméticos esta ideia de conexão

[...] representava todo o universo como um só. Desde o início foi a unidade de tudo que se tornou a chave com a qual a mente egípcia desvendou os muitos segredos do mundo. Assim, o mundo de alguém, seja do ponto de vista pessoal ou coletivo, baseava-se na busca real de tornar o mundo único, estabelecer a interconexão de todas as coisas, reconstruir o universo como era no início (Asante, 2022, p. 32).

Para compreender o que seria este início é preciso também compreender a visão dos egípcios antigos sobre a Primeira Ocasão, que representava o modelo divino para os humanos. “Tudo o que acontece no tempo comum pode ser ligado ao que aconteceu na Primeira Ocasão.”. Compreender este conceito não era difícil para a mente africana, assim como não foi para os gregos a compreensão de um conceito semelhante, a ideia platônica (Asante, 2022).

No caso africano, porém, a Primeira Ocasão era o reino das divindades. Esta não é tanto uma abstração, mas uma representação simbólica dos deuses vivos e das relações entre eles. Nossas experiências comuns tornam-se de fato comuns porque são reflexos do que ocorreu na Primeira Ocasão (Asante, 2022 , P. 32).

A emergência de Rá do Nun para criar o universo, todas as coisas que há nele, inclusive as várias denominações para a dimensão e características do divino, representa o início da Primeira Ocasão. Neste momento também havia uma interação entre as divindades, através das quais elas estabeleciam padrões de comportamentos que manifestavam-se no plano mundano. No tempo comum, assim como na primeira ocasião, o bem triunfa sobre o mal no final, ainda que isso demore muito tempo e implique vários conflitos (Asante, 2022).

Esse processo de reconexão do mundo, ou seja, do universo como era no início, foi o restabelecimento de Maat. A desconexão, o deslocamento e a alienação eram produtos da infelicidade, do mal no mundo. Somente através da participação ativa da mente humana para recuperar a centralidade e a agência, os humanos poderiam recapturar o momento da criação (Asante, 2022, p. 33).

Segundo Asante (2022) o povo kemético procurou entender a natureza do universo e dar sentido ao seu mundo, ao universo e aos universos. Rá foi o originador supremo, tanto na forma da divindade suprema Ptah ou Atum. Para os africanos até mesmo a luz era uma criação de Rá. Desta forma, nada pode existir fora da unidade com Rá. “Tudo tem que ser contabilizado e todas as partes do sistema funcionam juntas como um quebra-cabeça gigante.

Agora esta é a essência do holismo; **tudo o que é criado está conectado**. Esta é a compreensão dos antigos sobre o Primeiro Tempo” (Asante, 2022, p. 34, grifo meu).

A evolução da ciência na África esteve atrelada a questões como comida, abrigo, roupas e o desafio do fogo. “No Egito temos os registros escritos mais longos da civilização africana. Portanto, é importante que entendamos a origem de sua filosofia” (Asante, 2022, p. 39).

Asante (2022, p. 43) nos diz que “As cosmogonias dos filósofos africanos evoluíram da religião, como toda filosofia”. Foi, portanto, a religião que proporcionou a compreensão sobre o surgimento do mundo e que nomeou as primeiras substâncias.

Na compreensão dos keméticos

[...] o universo já foi uma pequena bola tão densa que não podia ser penetrada por nenhuma luz e nunca poderia liberar a luz que continha. Os físicos nos dizem que foi o Big Bang que deu início aos universos. O antigo povo kemético entendia tudo isso do ponto de vista simbólico (Asante, 2022, p. 33).

O Antigo Egito era muito poderoso, porém, dependia do rio Nilo. Por conta disso a luta para separar a terra da água tornou-se o principal aspecto da cosmogonia dos keméticos. A água era considerada a fonte de todas as coisas. Estudar a origem do universo é uma tarefa de todos os filósofos que empreendem estudos sobre a vida e a morte. A origem do universo foi estabelecida na época de Imhotep, no Império Antigo, portanto, não foi objeto de reflexões pelos filósofos que vieram depois dele. Seus interesses estavam focados em mostrar o inexplicável ou descrever o indescritível no movimento em direção à Maat. Todo comportamento humano estava voltado para Maat. “Não se poderia fazer isso sem alguma apreciação das origens dos poderes celestes e, de fato, os poderes terrestres como criações dos poderes celestes. Esse era o mistério que daria o nome de ‘oculto’ a Amen” (Asante, 2022, p. 45).

Ribeiro (2022) traz importantes contribuições para a nossa compreensão acerca da Filosofia Kemética:

Nas tradições dos povos africanos, as palavras constituem as verdades e as transformações. São elas, responsáveis pelas comunicações que nos atravessam. As palavras são a medida da verdade: quando estamos em exercício de Rekhmet (Filosofia), é preciso ativar os elementos do nosso espírito que se conectam com as palavras, pois elas pressupõem um atravessamento cardiográfico – ou seja, o que pulsa em nosso Ib (coração) – contendo toda a síntese de aprendizado na busca da perfeição moral e espiritual. O polimento da palavra pressupõe leveza do coração, o polimento é a Filosofia (Ribeiro, 2022, p. 07-08).

Os keméticos acumularam vivências, experiências e experimentos, o que resultou em um acúmulo de saberes grandiosos e valiosos que nos auxiliam ainda hoje, mesmo que, por conta da realidade vivenciada pelo povo preto, estejamos discutindo filosoficamente mais sobre a morte do que sobre a vida (Ribeiro *et al*, 2019).

E como tudo teve um começo, investigar o princípio vital era uma função *rekhética* nas *per ankh* (casas da vida), isto é, nas assim chamadas de escolas de ‘mistérios dos antigos egípcios’, nas quais houve um intercâmbio cultural ao ponto de permitir conteúdos de reflexão aos gregos e fazendo surgir o que chamamos ainda hoje de *Filosofia* (Ribeiro *et al*, 2019, p. 03, aspas e itálico dos autores).

Assim sendo, “[...] filosofar é um exercício de julgamento, sopesar, detalhar e apresentar num exercício rigoroso com a palavra o objeto que é retratado, tomado como fonte, ponto de partida e linha de chegada ao mesmo tempo”. A barca e a balança são utilizadas por muitos filósofos egípcios na compreensão desse exercício de pensamento específico. Amen-em-ope utiliza ambas em seu *medet nefer* (Noguera, 2013, p. 147).

Amen-em-ope utiliza o simbolismo da barca e da balança ao longo do seu trabalho.

A transliteração do hieróglifo [barca] é *dpt*, é importante observar que [experimental] transliterado como *dp* significa degustar e experimentar. Neste sentido, o termo barca circunscreve ideias como experimentar, degustar, testar o gosto e participar de uma experiência que não seja ordinária. A barca carrega a ideia de que a travessia é uma experimentação. Ou ainda, a possibilidade fazer um novo caminho, ou ainda, percorrer o mesmo destino para compreender, aprender e ensinar. No capítulo 29, podemos ler ‘Não impeças as pessoas de atravessarem o rio se tens cabine em tua barca. Quando te derem um remo em meio às águas profundas, estende teus braços e pega-o’ (Amen-em-ope, 2000, p.279-280 apud Noguera, 2013, p. 149).

Noguera (2013) aponta que a compreensão da balança como quesito filosófico em Kemet implica também a compreensão de Maat. Amen-em-ope concebe a balança como um guia importante, advertindo que as escalas não devem ser alteradas. Também não se pode falsificar os pesos ou diminuir as frações da medida, uma vez que o Macaco, Thot (Tehuti) deus da sabedoria, está postado ao seu lado.

As narrativas sobre Maat e Toth indicam e circunscrevem o que denominamos de “medida da verdade” ou “peso da verdade” – remetendo à Maat. Em paralelo, coextensivamente à medida da verdade, encontramos a “escrita da verdade”, esta, por sua vez diz respeito ao esposo de Maat, Toth. A medida e a escrita da verdade, da justiça, harmonia e conhecimento são como as duas asas do íbis ou da avestruz. O íbis só pode voar com as duas, a avestruz tampouco pode se equilibrar e andar sem percalços com uma somente. Na mitologia egípcia, Maat e Toth perfazem um casamento que dá o panorama e os detalhes daquilo que a *rekhet* [filosofia] busca. (Noguera, 2013, p. 151).

A medida e a escrita da palavra precisam estar alinhadas com o peso da verdade. Amen-em-ope ensina que a medida não pode ser alterada. A fala deve ser pautada pelo silêncio e pela medida da verdade. Devemos preparar as palavras como artífices. Na narrativa mítica em um contexto filosófico “[...] o silêncio aparece como condição de possibilidade para que a gestação da medida de Maat seja bem feita, culminando com o parto – manifesto pela escrita de Toth. O silêncio é uma característica própria da serenidade” (Noguera, 2013, p. 152).

Amem-em-ope esclarece que este silêncio não advém de deixarmos de falar ou de escrever,

[...] mas de uma fala que se alimenta de algo que só a serenidade do silêncio é capaz de doar. A serenidade é o que permite o discernimento, o conhecimento de uma situação, das coisas, dos modos como nossa força vital e coração brigam diante de um desejo. Amen-em-ope propõe com a ética da serenidade um tipo de reflexão silenciosa que nos coloca diante da balança de Maat para medir as coisas, as palavras e agir de uma maneira que a harmonia interna não seja perdida. O filósofo propõe um percurso filosófico, o uso da barca no sentido do estar de bem consigo, a barca é tão somente o signo de atravessar o mundo em busca de si (Noguera, 2013, p. 152).

Para o filósofo a vida desenvolve-se a partir de um exercício filosófico que conecta o plano discursivo com o plano existencial. O objetivo do Rekhet é possibilitar exercícios existenciais que deem direção à vida moral, no entanto, também estão presentes no pensamento filosófico egípcio as especulações sobre o mundo e questionamentos ontológicos (Noguera, 2013).

Noguera (2013) acentua que a possibilidade de uma vida feliz, de acordo com Amen-em-ope, relaciona-se com a ética da serenidade e com as características do *geru maa*. Ashby (2005 apud Noguera, 2013, p. 154) há um ponto de convergência entre os filósofos egípcios, incluindo Amen-em-ope, a percepção de que a felicidade advém do conhecimento de si. “O discernimento é o veículo que torna possível o conhecimento de si, o que torna viável a felicidade. De modo simples, uma pessoa serena é alguém que conhece a si, sabe sobre si porque usa do discernimento e, portanto, pode levar uma vida feliz independente do destino.”. Este discernimento silencioso atua sobre os elementos constitutivos do ser: *ka*, *ba*, *akh*, *sheut* e *ren*.

Um mergulho em si mesmo, traz à tona as nuances mais específicas de cada elemento, força vital (*ka*); coração/alma (*ba*); força divina (*akh*) sombra (*sheut*) e identidade (*ren*). O conhecimento de si passa pelo modo como esses elementos interagem e a ação/destino se organiza e desenvolve. O conhecimento de si provoca o discernimento devido para uma vida feliz. Uma vida ajustada com a ação. Por

exemplo, inúmeras vezes Amen-emope critica o homem inflamado. Ora, o homem inflamado, se apressa em agir, fala de modo apressado depois de ser acometido por intempéries ou dificuldades. Em seguida, esse homem se sente mal como a ação/destino para o qual suas palavras o levam. Um destino tempestuoso pode ser resultado de palavras que vibram como tempestade; o desconforto de estar sendo levado para momentos terríveis de tempestade impedem uma vida feliz. Para Amen-emope, uma pessoa serena sabe a respeito de si de modo que navega por caminhos confortáveis, usando a medida da verdade. (Nogueira, 2013, p. 154).

Lopes (2021) explica que Maat é um sistema filosófico da Antiguidade egípcia. Ciência da verdade que definia e valorizava os princípios básicos da justiça e da vida em comum: ordem, equilíbrio, harmonia, justiça, retidão e reciprocidade. Asante (2022, p. 152) acentua que a sociedade kemética objetivava a manutenção de Maat. “Representada como uma deusa, Maat constituía ordem, equilíbrio, harmonia, justiça, retidão e reciprocidade; na verdade, era todo o princípio do equilíbrio da sociedade.”. Segundo Bacha (1997) Maat, é sincretizada com todas as deusas, inclusive com a deusa da escrita e dos livros, Ses-Hat. É identificada principalmente com Hathor Neb-Hetepet, a Senhora do Templo, do Egito e do Sicômoro. Representa a mulher por excelência.

Maat é uma deusa muito importante na cultura egípcia, seu nome não pode ser traduzido por um só termo; “Maat” circunscreve retidão, verdade, harmonia e justiça. Ela é filha de Rá, deus do sol, casada com Toth, deus do conhecimento e da escrita, responsável por pesar o coração dos que deixam o mundo dos “vivos”. Maat dá a medida da balança, o juízo pautado pela verdade (Nogueira, 2013, p. 12).

Depois da morte o *ba* e o *ka* são guiados por Anúbis (Anpuh) para o tribunal de Osíris (Ausar), onde seu coração é colocado em um dos pratos da balança (*maa*), do outro lado Maat, a deusa da justiça, coloca uma pena de avestruz. O destino do morto depende se o seu coração for mais leve ou mais pesado do que a pena de Maat. Se for mais leve, ele ganha a vida eterna, se for mais pesado, sofrerá o pesadelo de se encontrar com o deus Ammit, que tem cabeça de crocodilo, corpo de leão e membros inferiores de hipopótamo. É dele a responsabilidade de aterrorizar as pessoas cujo coração é pesado por conta de uma vida fora da medida. Os protocolos comportamentais do tribunal de Osíris e uma primorosa exposição dos princípios de Maat são encontrados na tradução de *O Livro do vir à luz do dia [The Book Coming Forth by Day]*, de Maulana Karenga. Seu título foi erroneamente traduzido por *Livro dos Mortos* por especialistas (Nogueira, 203).

Moraes (2019) traz importantes contribuições para a compreensão da complexidade do pensamento kemético. Nos diz que a concepção de justiça dos antigos egípcios estava submetida tanto a leis divinas como a leis humanas.

Mais uma vez encontramos um elemento que destrói todos os preconceitos acerca do pensamento egípcio, uma vez que os egípcios possuíam uma ideia ou um conceito de justiça que era traduzido na palavra *maat*. O conceito de *maat* pode ser entendido de diversas formas, pois seu uso era variado, desde o nome da deusa até um conceito abstrato regulador da vida social quanto um conceito de justiça limitado ao direito. Portanto, pensar *maat* enquanto espírito, justiça, bem, são formas que demonstram a capacidade de abstração e reflexão filosófica do povo africano egípcio (Moraes, 2019, p. 232).

Asante (2022) nos fala acerca do caráter positivo das relações para o pensamento africano.

Os relacionamentos devem começar com o inter-relacionamento da agência pessoal de alguém em relação ao universo e ao divino. O objetivo então é encontrar o papel da agência humana na reconstrução do mundo como era antes da crise de Maat e da morte de Ausar por Set (ASANTE, 2022, P. 37).

A obra de Amen-em-ope possui dois temas centrais, quais sejam: caracterização da pessoa serena em contraponto à acalorada e exortação à retidão. “O alvo principal está na circunscrição do *geru maa* [verdadeiro silencioso ou sereno], isto é, uma pessoa que sabe perfazer as palavras (filosofar), portanto, tem autocontrole e capacidade de medir o alcance dos sentimentos que passam pelo seu coração” (Nogueira, 2013, p.149).

A filosofia tem seu eixo no conhecimento humano e na elevação mental, ainda que diferentes correntes filosóficas divirjam a respeito da concepção de sujeito. A filosofia futura no mundo deve levar em conta os grandes sistemas especulativos de toda a humanidade (Obenga, 2004, p.31 apud Nogueira, 2013, p. 145). A este respeito, Ramose (2011) sugere contemplarmos a pluriversalidade da Filosofia, o que nos leva a considerar diferentes Filosofias em diferentes povos.

2.5 Os gregos no Kemet e o Roubo do Legado: a falsificação da história e os nós que ainda nos prendem nas maçarocas

A constatação do legado africano para a ciência, para a arte, para a religião e para a filosofia me fez questionar os motivos pelos quais o seu acesso tem sido sistematicamente negado à humanidade em geral, e às pessoas com ascendência africana em particular. Tais questões nos levam diretamente ao roubo do legado por parte dos gregos. Como muito bem frisou Asante (2022), há registros das ideias de Imhotep, e de muitos outros filósofos, em papiros, nas paredes de templos e de pirâmides. Portanto, a anterioridade do pensamento científico africano em relação ao grego evidencia-se.

James (2022) faz uma importante reflexão a este respeito:

Os gregos se apropriaram do conhecimento egípcio e ao longo dos séculos tem sido elogiados e honrados pelo mundo como seus maiores filósofos e pensadores. Esta contribuição para a civilização foi real e verdadeiramente feita pelos egípcios e pelo continente africano, mas não pelos gregos ou pelo continente europeu. Às vezes nos perguntamos por que os afrodescendentes se encontram em tal situação social, mas a resposta é bastante simples. Não fosse por esse drama da filosofia grega e seus atores, o continente africano teria uma reputação diferente e gozaria de um status de respeito entre as nações do mundo (James, 2022, p. 17).

Diop esclarece que lhe interessava encontrar o humilde caminho para os nossos ancestrais mais distantes, a continuidade. O fio condutor dos seus estudos era a restauração da consciência histórica, que é o cimento que une um povo. Ele queria recriar e restaurar essa consciência histórica. Afirma que a história foi falsificada de propósito por acadêmicos que sabiam que o Egito era uma civilização negra. Quando Champollion decifrou os hieróglifos evidenciou-se que a civilização egípcia era a mais antiga de todas as civilizações, contudo, para os europeus era contraditório e inconcebível que o povo escravizado por mais de quatro séculos tivesse originado a civilização humana. Diante disso, alguns acadêmicos cometeram um crime contra a humanidade e contribuíram significativamente para destruir a consciência histórica dos africanos e apagar totalmente a sua história (KEMTIYU, 2016).

Diop (1991) afirma que seu trabalho visou elevar a ideia de um Egito Negro ao nível de um conceito científico operacional, destacando que a identidade negra dos antigos egípcios era algo evidente para os contemporâneos gregos que estiveram no Egito e para os escritores que precederam as falsificações e distorções da egiptologia moderna. No século XIX, na década de 1820, o estudioso francês Conde Constantin de Volney, procurou reacender a memória da humanidade a respeito do passado do povo negro, já que o processo de escravização havia comprometido tal percepção. A reação dos egiptólogos modernos, apoiados por governantes de todos os países ocidentais, foi a falsificação da história da humanidade, com a criação de uma ideologia baseada em uma fraude moral e intelectual. Desta forma eles conseguiram vencer a verdadeira corrente científica que vinha sendo desenvolvida por um grupo de corajosos egiptólogos com retidão intelectual. As bases teóricas do imperialismo foram reforçadas por essa nova ideologia egiptológica que, com sua ajuda, passou a ser difundida e ensinada por todo o mundo, calando a voz da ciência.

Ao negar a história e as realizações intelectuais dos negros, os colonizadores os estavam assassinando mental e culturalmente, como um fato predecessor do genocídio que colocariam em prática na sequência. A tarefa foi tão bem realizada e causou tantas distorções na visão dos intelectuais que o autor encontrou muitas dificuldades quando iniciou o projeto de restituição da história autêntica da África e de reconciliação das civilizações africanas com

a história, inclusive entre intelectuais negros. O nível de alienação era impressionante (Diop, 1991). Diop nos diz que o mal causado pelas forças que ocuparam a África ainda não foi curado, e este é o ponto central dessa alienação cultural que é parte integrante da substância e da alma dos africanos. Quando pensamos que estamos livres dela percebemos que isso ainda não foi possível (KEMETIUY, 2016). Diop (1985) também acentua que quando começou seus estudos era necessário muita coragem para falar sobre o roubo do legado e sobre a verdadeira história africana.

Os gramáticos egípcios conheciam o pensamento conceitual 2000 anos antes de Aristóteles, considerado o criador da lógica gramática, a lógica formal. Pitágoras, Aristóteles, Platão, Euclides entre outros gregos tomaram as ciências egípcias emprestadas e mantiveram-se em silêncio (Diop, 1991).

No Egito a ciência era desenvolvida pelo Estado e o clero era a sua fonte. Portanto, no Egito não poderia acontecer o que houve na Grécia, onde por problemas de anti-intelectualismo e sectarismo, filósofos como Anaxágoras, Sócrates, Platão e Aristóteles foram condenados à morte ou quase foram porque ensinavam ideias científicas recebidas do Egito e bem à frente das instituições locais. O teatro grego tem sua origem nos Mistérios de Osíris, Dionísio é sua réplica (Diop, 1991).

Diop (1991) estabeleceu as relações entre as cosmogonias egípcias e as ideias de Platão e de Aristóteles, pontuando a sua precedência elencando elementos convergentes. Os estudiosos gregos aprenderam com os sacerdotes egípcios as ciências que os tornaram famosos. É falsa a ideia de que a ciência faraônica era empírica e que os gregos introduziram a teoria. Foram contemporâneos dos antigos egípcios: Tales, Pitágoras, Demócrito, Platão, Eudoxo, Estrabão, Diodoro, Euclides, Erastótenes, Arquimedes, Clemente de Alexandria, Garça de Alexandria, Diofanto, Hipócrates, Galeno (Diop, 1991).

Nas ideias de Heráclito, Parmênides, Zenão de Elea, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito, Archytas de Tarento é possível encontrar elementos da cosmogonia egípcia. Uma revisão das doutrinas de filósofos gregos pré-socráticos e pós-socráticos, evidencia-se a influencia do pensamento egípcio (Diop, 1991).

Destaco a teoria dos opostos, atribuída a Heráclito, por estar diretamente relacionada a esta tese, e na qual estão contidas as ideias da lei da transformação – uma alusão a Khepera –, e da luta dos opostos. Ocorre que as leis dos opostos da cosmogonia hermopolita eram utilizadas, ainda que de diferentes formas seja copiando palavra por palavra ou elaborando variações, por todos os gregos que estudaram com os sacerdotes egípcios, o que foi

demonstrado por Aristóteles. Portanto, é abusivo creditar apenas a Heráclito a teoria dos opostos (Diop, 1991).

Em relação às contribuições científicas do Antigo Egito Diop esclarece que no Antigo Egito a Medicina especializada era muito desenvolvida. Havia médicos especialistas para diferentes partes do corpo e médicos gerais (Diop, 1984). Discórides, Teofrasto e Galeno citam prescrições de médicos egípcios; eles estudaram as obras da biblioteca de Imhotep, em Mênfis, disponíveis até o século II d.C., onde Hipócrates, considerado o pai da medicina, foi ensinado sete séculos antes (Diop, 1991).

Os antigos egípcios desenvolveram um sistema religioso muito complexo, chamado de Mistérios, o primeiro sistema de salvação que existiu. Foi nas paredes dos templos egípcios que as palavras “conhece-te a ti mesmo” foram originalmente escritas, antes de ser repetidas por Sócrates. Portanto, os egípcios são os verdadeiros autores da filosofia grega (James, 2022). A palavra filosofia tem raízes egípcias, uma vez que *Sophia* tem sua origem no *Mdu Ntr*, a língua do Antigo Egito, na qual a palavra *seba* (sábio) aparece pela primeira vez, no Túmulo de Antef I, em 2052 a.C, antes, portanto, da existência da Grécia ou do grego. *Seba* tornou-se *sebo* em copta e *Sophia* em grego (Asante, 2014). O Egito faraônico exerceu papel educativo em relação à Grécia antiga. Essa influência civilizadora do Egito no mundo grego como um todo é confirmada pela arqueologia. Desta forma, a Grécia deve ao Egito os seus primeiros filósofos (Obenga, 2005).

A filosofia começa 2800 anos a.C. com pessoas de pele negra do Vale do Nilo, ou seja, 2200 anos antes do aparecimento de Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo ocidental. Nossos ancestrais 30.000 anos atrás separavam ocre vermelho de ferro em uma caverna da Suazilândia. Eles deveriam ter alguma ideia sobre aquilo que estavam fazendo. Devia haver alguma reflexão, algum processo pelo qual os anciões determinavam o que era para ser utilizado, para o que e em qual ocasião. Dessa forma, antes mesmo da escrita, temos evidências de que os africanos estavam engajados em discussões significativas sobre a natureza de seu ambiente (Asante, 2014p. 120).

Para Asante (2022)

A antiguidade da filosofia africana é única e isolada, além de mais antiga do que todas as outras filosofias. Enquanto as civilizações como a Suméria e a Minóica produziram cerâmica, vasos e afrescos durante o período das primeiras dinastias egípcias, apenas o Egito produziu um corpo de trabalho consistente o suficiente em aspectos éticos, espirituais e morais para ser chamado de filosofia. Seria muito mais tarde, quase dois mil anos, antes que os gregos, influenciados pelos egípcios, desenvolvessem sua própria filosofia (Asante, 2022, p. 14).

Em relação à presença egípcia na ilha de Creta nos diz Bérard (1930 apud Diop, 2023):

Parece que, 13 séculos antes dos Ptolomeus, que realizarão o mesmo trabalho, 22 séculos antes dos califas, que o repetirão, 32 séculos antes de Mehmet Ali, que o empreenderá e o conseguirá por um tempo, os faraós anexaram a ilha de Creta ao seu império: seus vassalos tributários de Fenícia eram seus agentes políticos e seus corretores comerciais (Bérard, 1930, p. 36 apud Diop, 2023, p. 224).

Bérard (1930 apud Diop, 2023) analisou a obra Homero e encontrou estreita relação entre Odisseia e os romances marítimos egípcios transmitidos pelos papiros. Ele afirma também que os fenícios, que eram intermediários e vassalos dos egípcios, teriam sido intermediários do empréstimo de elementos de histórias e romances do Egito faraônico para o texto de Homero.

O erro de nossos antecessores foi apenas acreditar que esse amanhecer dos tempos modernos também era o despertar da humanidade pensante e criativa, e que Homero e a Bíblia eram as primeiras e repentinas explosões do gênio literário. As recentes descobertas de arqueólogos no Egito e na Caldéia nos revelam plenamente que, ao longo de uma longa antiguidade levantina, estudiosos, artistas e poetas já haviam criado obras-primas, que também serviram como modelos para cem gerações das quais hebreus e gregos, longe de ignorá-las, foram admiradores e imitadores, às vezes até copistas. A Caldeia, o Egito e a Fenícia, Babilônia, Tebas e Sidon foram para hebreus e gregos a mesma antiguidade sagrada, bela, sábia e venerável que Jerusalém, Atenas e Roma forma para os ocidentais (Berard, 1930, p. 81-82 apud Diop, 2023, p. 230-231).

Uma questão importantíssima para contextualizarmos o roubo e a usurpação do legado africano é a informação que Diop (2023, p. 231) nos traz de que “Os sacerdotes egípcios não assinavam as suas descobertas como os gregos individualistas, nenhum nome de inventor sobreviveu. Pelo contrário, eles guardavam zelosamente dentro de sua casta e só ministravam um ensinamento elementar exotérico ao povo.”.

Hoje, quase com certeza sabemos que Tales de Mileto, Pitágoras de Samos, Arquimedes de Siracusa, Platão, Sólon, entre outros, foram discípulos dos sacerdotes egípcios, que na época, de acordo com Platão, consideravam os gregos como mentes relativamente infantis. É notável que nenhum dos sábios gregos que foram treinados no Egito, especialmente Pitágoras, o fundador da Escola Matemática Grega, tenha feito uma distinção clara entre suas próprias descobertas e aquelas recebidas do Egito. Isso é ainda mais inexplicável, considerando que Plutarco, em Ísis e Osíris, enfatiza que entre todos os sábios gregos que foram iniciados no Egito, Pitágoras era o mais querido dos egípcios devido à sua natureza mística. Sabe-se que sua ciência dos números foi por muito tempo uma ciência matemático-mística (Diop, 2023, p.. 231).

Heródoto indignou-se diante da falta de integridade de Pitágoras e chamou-o de plagiador. Em relação a Arquimedes, todas as invenções que lhe foram atribuídas existiam no Egito milênios antes do seu nascimento. O princípio da alavanca era conhecido pelos construtores das pirâmides do Antigo Império, que a utilizaram para içar toneladas de pedras para o topo das pirâmides. “A rosca egípcia exportada por Arquimedes, foi usada para ‘bombear água’ das minas de prata na Espanha. Além disso, o princípio de Arquimedes se aplica a essa mecânica de fluidos.” (Diop, 2023, p. 232).

Uma questão paradoxal que precisa ser considerada é o fato de que “O intelecto grego floresceu e se desenvolveu principalmente fora de Atenas e do continente grego, em locais como a Ásia Menor (Pérgamo, Mileto, Helicarnasso), Palestina (Antioquia) e, acima de tudo, no Egito, em Alexandria.” A Filosofia teve novo impulso com o neoplatonismo de Plotino em Alexandria (Diop, 2023, p. 232).

A maior biblioteca do mundo na época (que seria posteriormente destruída por fanáticos cristãos), os médicos mais eminentes praticando dissecações, engenheiros que construíram máquinas ‘modernas’ como pombos voadores de madeira, turbinas a vapor de reação e a famosa ‘bola de Heron’ – todos esses estavam em Alexandria, excluindo Atenas. Por quê? Não havia razão aparente além do fato de que a infraestrutura e a tradição intelectual egípcias, que já tinham milênios de existência, ofereciam aos pesquisadores condições de trabalho que não podiam ser igualadas nem pela Ásia nem pela Europa daquela época (Diop, 2023, p. 233).

A engenhosidade dos sábios de Alexandria possibilitou a transição direta para uma fase industrial com a utilização de máquinas. “O Egito já era conhecido por ter os médicos mais sábios do mundo” (Diop, 2023, p. 223).

Dois aspectos da sociedade egípcia resistem às invasões gregas: a tradição dos “ensinamentos” e as “Casas da Vida”, como centro da tradição e símbolo da cultura egípcia. Além disso, “Na Grécia encontraremos, embora com características diferentes, aspectos da educação do antigo Egito, que nos foram transmitidos e interpretados por autores gregos como: Heródoto, Platão, Diodoro de Sicília” (Manacorda, p. 41).

Berço da civilização durante 10 mil anos, enquanto o resto do mundo está mergulhado na barbárie, o Egito, destruído por todas essas sucessivas ocupações, já não terá nenhum papel no plano político, mas nem por isso deixará de continuar iniciando os jovens povos mediterrâneos (gregos e romanos, entre outros) nas luzes da civilização. Durante toda a Antiguidade continuará sendo a terra clássica em que os povos chegarão em peregrinação para haurir nas fontes dos mais antigos conhecimentos científicos, religiosos, morais, sociais etc. que os homens adquiriram. (Diop, 2025, p. 51).

Diodoro da Sicília, escritor grego, afirmava no primeiro século antes de Cristo que muitos gregos celebrados pela sua inteligência e ensino estiveram no Egito para participar de suas tradições e copiar seus ensinamentos. Os sacerdotes do Antigo Egito registraram em seus livros sagrados as visitas de Orfeu, Museu, Melampo, Dédalo. Também estiveram no Antigo Egito: Homero, Licurgo, Solon, Platão, Pitágoras de Samos, Tales, Eudoxo, Demócrito de Abdera e Enópides de Quios. O Egito era considerado a capital cultural do mundo antigo. Estiveram no Egito para estudar: Tales, Pitágoras, Isócrates. Entre os filósofos africanos deste período estão Imhotep, Ptahhotep, Amenemhat, Merikare, Duauf, Amenhotep, filho de Hapu, Akhenaton e o sábio de Khunanup (Asante, 2014).

Homero, o primeiro escritor grego, apareceu na África dois mil e quinhentos anos depois que os africanos terminaram de construir as pirâmides e passou a relatar o que havia acontecido e o que estava acontecendo no continente, onde ficou por volta de sete anos. “O que ele poderia ter aprendido naquelas aulas com aqueles sábios professores? Poderia ter aprendido direito, filosofia, religião, astronomia, literatura, política e medicina. Os africanos não esperaram pelos gregos para descobrir como construir as pirâmides”. (Asante, 2014, p. 119, negrito do autor).

Diante das constatações é praticamente impossível imaginar os egípcios, dois mil e quinhentos anos antes de Cristo, esperando por um grego que sozinho lhes ensinaria como determinar a exata helicoidal crescente de Serpet (Sírius) e as inundações do Nilo; a medir o tamanho, calcular a largura, a amplitude e a profundidade do planeta Terra e a diagnosticar doenças. Os antigos gregos tinham mais consciência sobre a anterioridade dos egípcios à chegada dos gregos, romanos, árabes e turcos ao Egito e de que eram africanos negros do que os atuais europeus (Asante, 2014).

As discussões sobre o surgimento da Filosofia devem incluir as contribuições de Cheikh Diop, George James, Molefi Asante, Maulana Karenga, Martin Bernal, Théophile Obenga, Marimba Ani, Nkolo Foé, Mogobe Ramose e José Nunes Carreira. Tais autores inserem a atividade filosófica como patrimônio da humanidade desde o seu surgimento, em uma perspectiva pluriversal. Em suas pesquisas Théophile Obenga sistematizou mais de dois mil anos de história africana, o que o levou a justificar de forma categórica a existência das escolas filosóficas no Antigo Egito (Noguera, 2013).

Os gregos explicaram a sua cosmogonia partindo do pressuposto kemético de que a água é a fonte de todas as coisas, mas excluindo os africanos Amen e Ptah. “Tales, como os egípcios, disse que tudo já foi água, mas ensinou que a terra foi formada da água por um processo natural” (Asante, 2022, p. 44).

Os gregos adaptaram as ideias originais dos egípcios excluindo Amen, Ptah, Atum e Rá. Assim, eles conseguiram combinar muitas teorias dos egípcios em um todo coerente porque eliminaram qualquer informação contraditória que pudesse ter vindo de adesões religiosas. Não foi tanto uma reflexão que trouxe os gregos a esse lugar de abstração, mas foi o primeiro indício de ciúme cultural. Eles podiam aceitar as explicações egípcias, mas não os deuses egípcios; este é o fato atestado nas primeiras obras de Tales, Anaximandro e Anaxímenes (Asante, 2022, p. 44).

Anaximandro, também de Mileto, concentrou suas observações e reflexões nos fenômenos da natureza. A partir da sua compreensão do que aprendeu com os egípcios postulou a sua ideia dos quatro elementos como base para a compreensão do mundo (Asante, 2022).

Asante (2012, sem paginação) afirma que:

Os europeus acham as realizações do Egito inacreditáveis, apenas no sentido em que os africanos criaram esta civilização muito antes da chegada dos árabes ou europeus. O que é representado no mundo europeu é a descrença, porque os europeus consideram quase impossível imaginar que os negros que eles conquistaram, subjugaram e escravizaram, possam ter produzido tal civilização. Eles preferem acreditar que as civilizações dos marcíanos ou Jupiterianos é que criaram o Egito. Mas, os fatos são o que são, a civilização do Egito é a dádiva dos africanos dada ao mundo.

Césaire (2020, p. 11) salienta que o contato entre diferentes civilizações é saudável, faz com que avencem, no entanto, “[...] a grande sorte da Europa é haver sido uma encruzilhada e que, por ter sido o lugar geométrico de todas as ideias, o receptáculo de todas as filosofias, o lugar de acolhida de todos os sentimentos, tornou-se o melhor redistribuidor de energia.”.

Há uma aura de invisibilidade sobre a filosofia antiga em relação ao Egito, uma insistente negação do Kemet. Há, portanto, um dogma intelectual que considera a Grécia como a única matriz filosófica antiga, mesmo depois do “milagre grego” ter sido recusado por muitos historiadores; tal fenômeno é denominado helenofilia (Noguera, 2013). A era de ouro grega só aconteceu depois que os gregos foram para a África, de terem conseguido treinamento avançado e de estabelecerem condições de aprender, entre outras coisas, medicina, matemática, geometria, arte. Isso aconteceu muito antes da existência de qualquer civilização europeia. A despeito de tantas evidências sobre as contribuições dos africanos, e dos keméticos em especial, para o avanço da humanidade, eles são constantemente excluídos das análises sobre história da ciência (Asante, 2014).

Esta situação pode ser vista claramente nos dias atuais. Marcelo Gleiser argumenta acerca da transição do pensamento humano na Grécia no ano 650 a.C, quando os pré-

socráticos passaram a buscar explicações para os fenômenos naturais em causas naturais e não sobrenaturais, não nas divindades e nos mitos. Eles passaram a utilizar a dialética para formular e responder perguntas cientificamente. Salienta que não há documentos atribuídos diretamente aos pré-socráticos, não há escritos, portanto, há fragmentos. No entanto, a despeito das contradições de aspectos não compreendidos no pensamento pré-socrático, o que se sabe é o suficiente para lhe atribuir as raízes do pensamento científico (CIÊNCIA..., 2022).

O professor Rafael Rodrigues da Costa assegura que o primeiro grande pensador que falou sobre alma foi Pitágoras, o criador da matemática, que afirmou que o ser humano pode imaginar e abstrair o mundo, assim como é capaz de fazer com os números. Este processo teve sequência com Platão, que estudou com os pitagóricos, a partir de onde construiu a noção de mundo das ideias. Afirma que Pitágoras e Platão, portanto, abriram caminho para a compreensão da existência de um mundo imaterial e para a ideia de corpo e alma. Desta forma, surgiram concepções matemáticas, filosóficas e psicológicas. Platão aliou ao conhecimento da matemática e sobre a experiência inteligível do mundo a ideia de autoexame de Sócrates, o “conhece-te a ti mesmo”. Nesse movimento cria um método psicológico que compreende que o pensamento filosófico e sistemático é um caminho para o autoconhecimento e para a formação de opiniões próprias sobre o mundo, o que foi evidenciado no seu *Mito da Caverna* (POR UMA HISTÓRIA..., 2023). O professor não cita os filósofos egípcios em nenhum dos seus exemplos, tampouco fala sobre os estudos que Pitágoras e Platão realizaram no Kemet.

Ribeiro (2022, p. 09) questiona quais os motivos do “[...] esforço em manter a invisibilidade das contribuições e definições ontológicas da antiguidade egípcia, se nelas podem estar contidas outras percepções do Ser e do sujeito africano anteriores às definições ocidentais?”. Mais à frente indaga:

[...] se há uma organização civilizatória, na antiguidade africana, e nela encontramos modelos culturais que foram basilares para outras civilizações, poderíamos então constatar a presença de uma realidade filosófica nesse contexto, extraindo do suposto ‘milagre grego’ o pertencimento filosófico? (Ribeiro, 2022, p. 09).

Pontes (2017) acentua que a história dos povos europeus sempre esteve ancorada em sistemas operacionais racistas.

Nesse sentido, a filosofia ocidental seria colaboradora no processo de inferiorização, na medida em que nega e exclui o pensamento africano da matriz do pensamento. Se filosofia é a capacidade e potencialidade que o ser tem de construir argumentações sobre tudo, por que resguardá-la apenas a seres ocidentais, na medida em que se apresenta nessa afirmativa, atestando o lugar de desumanização dos povos africanos, legitimando sua ação nas perspectivas epistemicidas (Pontes, 2017, p. 52).

A Escola de Alexandria foi o elo cultural e científico entre o Egito helenístico e Roma, no entanto, o Egito grego é herdeiro do glorioso Egito faraônico. Não havia equivalente na Grécia para a supremacia científica do Egito, contudo, a escrita da história da humanidade distorceu deliberadamente os fatos (Leclant, 1984 *apud* Obenga, 2005).

A este respeito é importante considerarmos as ponderações de Barbier (2018) que nos explica que há certas condições para a existência de bibliotecas. Elas só podem se desenvolver em civilizações que conhecem a escrita e que ela seja difundida de forma que permita sua utilização de forma ampla, ainda que restrita a determinados grupos. Destaca que os egípcios substituíram as tabuinhas de cera por rolos de papiro, mais frágeis, porém mais baratos e mais fáceis de manusear e que as bibliotecas egípcias estavam inseridas nos templos (Casas dos Livros) e nos centros de poder (Casas da Vida). As obras das Casas dos Livros tinham inicialmente cunho religioso, já nas Casas da Vida encontravam-se textos de caráter literário ou científico, principalmente medicina e astronomia.

A mais antiga biblioteca egípcia conhecida até hoje é uma biblioteca real de Gizé que remonta a meados do terceiro milênio. Houve outras bibliotecas em Hermópolis, em Abidos e sobretudo em Amarna, onde os vestígios arqueológicos da Casa da Vida foram identificados. Dispomos, para a biblioteca do Templo de Edfu, de uma lista de títulos que correspondem, talvez, ao estado das obras de referência disponíveis no santuário. Por fim, convém citar a biblioteca do Ramesseum de Tebas, o gigantesco complexo funerário de Ramsés II (que faleceu em 1212), que compreende uma escola de escribas e uma Casa da Vida. Diodoro da Sicília confirma, aí, além disso, a presença de uma biblioteca (Barbier, 2018, p. 36-37).

O autor (Barbier, 2018) destaca as viagens de Platão pelo sul da Itália, onde recolheu vários manuscritos, antes de fundar a Academia em Atenas. Também fala de Sócrates e Aristóteles e sua característica de valorizar a oralidade, sem comentar o período que passaram no Egito. Destaca que Aristóteles mudou esse padrão e que documentou tudo o que encontrou em matéria de experiências e de reflexões. Cita Estrabão para evidenciar que Aristóteles foi o primeiro a fazer uma coleção de livros. Ele teria sugerido a Alexandre, o Grande, a construção do Museu, em Alexandria, que abrigava atividades de ensino e de pesquisa e uma biblioteca. Havia em seu interior coleções de documentos e coleções artísticas.

Silva e Pinheiro (2018) discutem uma questão muito importante: o apagamento e falseamento da existência de Alexandria.

Foram os antigos egípcios que inventaram, entre milhares de outras maravilhas tecnológicas, uma das primeiras mídias portáteis do mundo, o papiro. Não por acaso, Alexandria tinha uma das maiores bibliotecas do mundo antigo – destruída em um incêndio que até hoje gera controvérsia entre os historiadores, mas cuja versão mais popular da narrativa diz ter sido proposital, logo após a conquista da cidade pelos árabes em 642 d.C. Mas os livros de história ocidentais nos dizem que Calímaco, um grego, foi o responsável por criar o primeiro sistema de catalogação de arquivos, muito similar ao adotado por Roma e por todo o ocidente moderno. Esse sistema, na realidade, é apenas uma adaptação do que era usado na biblioteca de Alexandria, cidade visitada por Calímaco (Silva; Pinheiro, 2018, p. 07-08).

Carl Sagan, ao falar da Biblioteca de Alexandria na série *Cosmos*, afirma que ela foi o cérebro e a glória da maior cidade do planeta Terra, que representa o início da aventura intelectual que nos levou ao espaço, que abrigou todo conhecimento do mundo antigo, que foi o primeiro instituto de pesquisa verdadeiro da história do mundo. Nos fala então de alguns cientistas gregos que teriam feito grandes descobertas em Alexandria e sobre o apogeu e a queda da Biblioteca de Alexandria, encerrando o episódio argumentando que a História está cheia de pessoas que destruíram tesouros que pertencem a todos nós, seja por medo, ignorância ou sede de poder, e que não podemos deixar isto acontecer novamente (BIBLIOTECA..., 2020). No entanto, o próprio Carl Sagan não cita o conhecimento que havia no Kemet quando ele foi invadido pelos gregos. Questão semelhante encontramos em Flower (2010), com a diferença de que ele considera Maneton, um egípcio, o primeiro historiador. No mais, compreende o acervo do Museu e da Biblioteca de Alexandria como legados estritamente gregos.

Mbelek (2014, p. 169) enfatiza eu o “milagre grego” foi inventado e imposto, impactando significativamente o imaginário ocidental. “Ora, basta lembrar que o homem nasceu em África e que o Egito é uma terra do continente africano. Enquanto tal, o Egito antigo é herdeiro da mais longa experiência humana na terra e beneficiária de todos os bens do homem em terra africana” O autor explica que os artefatos das grutas Blombos comprovam a invenção do pensamento simbólico, há 80.000 anos (Henhilwood, 2001 *apud* Mbelek, 2014), a invenção dos números há 37.000 anos, o que foi comprovado por meio dos ossos de Lebombo (Bogoshi, 1987 *apud* Mbelek, 2014) e a invenção das matemáticas, atestada pelos ossos de Ishango (De Heizelin, 1962 *apud* Mbelek, 2014). Restabelecer a verdade, portanto, representa uma contribuição para a identidade africana, tanto do continente quanto da diáspora, assim como para a historiografia mundial.

Em 1998, Jean-Marc Bonnet-Bidaud foi ao Mali onde fez medidas astronômicas e observou o nascer helíaco de Sírius no mesmo local em que os astrônomos dogons o faziam. As anotações que possibilitaram tal experiência não são fabulações, contudo essa tendência de ignorar consciente ou involuntariamente os contributos africanos toca também o Egito antigo. Assim, consecutivamente, a Mesopotâmia, a Grécia, a Índia e a China são respectivamente acreditadas da invenção da escrita, da ciência e da filosofia, do zero e do papel. Mesmo a invenção das artes matemáticas é atribuída aos gregos, quando até mesmo os antigos gregos atribuíam a invenção destas artes aos antigos egípcios (Mbelek, 2014, p. 168).

Diop (1984) elenca três momentos em que a África trouxe elementos de civilização para a humanidade. No período pré-histórico os homens que saíram da África em direção à Europa levaram consigo uma indústria bem estabelecida. No período histórico propriamente dito, enquanto a Europa teve seu desenvolvimento retardado por 100 mil anos por causa da glaciação a África evoluiu normalmente, o Vale do Nilo avança por toda a humanidade. Diante deste quadro, a África entra primeiro no período histórico e, no campo científico, durante a Terceira Dinastia do Antigo Império todos os elementos tecnológicos da civilização egípcia estavam postos.

A terceira vez em que a África trouxe elementos civilizatórios para o restante da humanidade foi quando os valores que havia desenvolvido na Antiguidade, foram mantidos na biblioteca de Bizâncio e foram levados novamente à África pelos árabes. Tais valores chegaram à Espanha em 771, encontrando um cenário de semi-barbárie. Ao longo de oito séculos os elementos civilizatórios levados pelos árabes foram assimilados pela Europa. O surgimento da Península Ibérica está diretamente relacionado com a colonização árabe, que, por sua vez, passou pela África. Ainda assim, a África continua sendo vista como um continente frágil e sem contribuições para o mundo (Diop, 1984).

O acesso a esta verdade, em um primeiro momento, me fez pensar que o meu foco seria a grande injustiça cometida pelos gregos e suas consequências para a Psicologia, enfatizando a Filosofia Kemética, o que faria com que a escravização e suas heranças, cujo estudo era tão dolorido, fosse abordada de forma menos profunda. Ao invés disso, essa temática foi ganhando cada vez mais força, se pronunciando. Percebi a relação existente entre o roubo do legado e a desumanização dos africanos escravizados e dos seus descendentes.

2.6 O Retorno do Legado Africano

Ao longo deste capítulo tivemos acesso a mecanismos que nos conscientizaram sobre as maçarocas históricas e existenciais e foram nos instrumentalizando para seguir os passos de grandes mestres para, inspirados pela sua coragem e determinação, puxar os fios destes

emaranhados e desfazer a maçaroca causada pela Grande Narrativa Ocidental. Agora estamos nos apropriando novamente do nosso legado com esses fios da memória vamos bordar a nossa história a partir da Grande Narrativa Africana (Nobles, 2023).

Diop (1976, p. 248) estabelece conexões entre seus trabalhos, principalmente *Nações Negras e Cultura*, e o livro *Legado Roubado*, de George James. “Nossos trabalhos concordam que o Egito Antigo foi o berço científico de onde emergiram, muito tempo depois, as contribuições científicas dos gregos. Não há dúvidas sobre isto.”

Diop (1984) defende a teoria monogenética da hominização que localiza no continente africano o nascimento da humanidade acentuando que foi comprovada cientificamente e refuta a teoria policêntrica, segundo a qual diferentes homens teriam sido criados a partir de diferentes condições da natureza. Da mesma forma desmonta tentativas ocidentais de desqualificar a ciência egípcia retirando sua teoria e lhe atribuindo somente características empíricas. Nos alerta sobre a perspectiva racista presente em tais argumentações.

Cheikh Anta Diop inicia a introdução do livro *A Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica* (Diop, 2023, p. 11) destacando que com a obra “[...] quis destacar a profunda unidade cultural que permaneceu sob as aparências enganosas de heterogeneidade.”. Salienta o autor que “Na medida em que os fatos sociológicos são motivados desde o início, em vez de serem naturais, basta segurar a ponta do fio condutor para sair do labirinto.”.

A partir das noções de estado, realza, moral, filosofia, religião, arte, literatura e estética Diop (2023, p. 12) procurou identificar o denominador comum da cultura africana em comparação com a cultura nórdica ariana⁶. Na sua análise amparou-se em documentos, por isso elas estão focadas na Europa. Ele não queria fazer afirmações sem certeza, buscava evidências. Diz ele: “Tentei partir das condições materiais para explicar todos os traços culturais comuns aos africanos, desde a vida doméstica até a vida nacional, passando pela superestrutura ideológica, sucessos, falhas e regressões técnicas.” Suas descobertas apontam para a existência de laços culturais que unem os africanos no continente, de uma unidade cultural orgânica. Um desses laços é o matriarcado, que embasa as famílias africanas.

A negritude dos egípcios já era confirmada por diversas fontes, o objetivo maior de Diop (1991) era transformar esta ideia em um fato histórico consciente para os africanos e

⁶ Diop (1976) designou por arianos os primeiros habitantes do berço civilizatório do norte, do norte da Europa, portanto, não há relação com pureza racial tampouco com outras noções racistas. Seu surgimento ocorreu na por volta de 1500 antes da nossa era, um ramo invadiu a Índia e outro ocupou progressivamente o lado oriental da Europa Mediterrânea.

para o mundo, tornando-o um conceito científico operacional. Um retorno ao Egito em todos os domínios possibilita a conciliação das civilizações africanas com a história.

Em relação à perda da civilização dos negros Diop (1976) explica que essa questão precisa ser delimitada no tempo histórico, com análise de cada época e civilização.

Vimos como as primeiras civilizações desenvolvidas pela raça humana – das quais o Egito foi o supremo gigante – desmoronaram-se devido a repetidos assaltos e invasões de elementos indo-europeus. Como resultado, os antigos egípcios foram praticamente reduzidos a um nível quase animalesco, o que ocasionou grande número de migrações. Este não foi só o caso do Egito, mas também de outras sociedades negras da época. Eventos similares ocorreram mais e mais através dos séculos até a Idade Média. Se tivermos que isolar o elemento comum a todas essas ocorrências da ruína negra, então eu não hesitaria em afirmar que este elemento foi a perda da soberania nacional (Diop, 1976, p. 254).

Lam (2014) esclarece que enquanto a escola de egiptologia ocidental inicialmente isolou o Antigo Egito para somente depois inseri-lo no contexto africano a escola de Dakar sempre defendeu a existência de uma profunda unidade cultural e racial entre o Antigo Egito e a África Negra.

Alguns factores novos, resultantes das investigações levadas a cabo por egiptólogos negro-africanos (continente e diáspora) permitem hoje confirmar a existência da unidade egipto-africana, cujo berço mais fecundo é de facto o Egipto antigo. Este berço foi deslocado apenas com o enfraquecimento e com a queda do poder faraónico, dando assim origem a vagas migratórias em direção ao interior do continente (Lam, 2014, p. 143).

Diop (1976) acredita que a origem do racismo seja um reflexo defensivo e que ele é

[...] uma reação de medo, mais frequente quando não confesso. O racista é alguém que se sente ameaçado por alguma coisa ou alguém que ele não pode ou não consegue controlar. Este sentimento de ansiedade e medo, diante do elemento desconhecido e incontrolável, é muito certamente um fator essencial do racismo tanto antigamente quanto nos tempos modernos (Diop, 1976, p. 252).

Para compreendermos tal questão é preciso analisar a situação em que a raça branca surgiu como resultado de um processo de despigmentação, 20.000 antes da nossa era, em condições severas causadas pelo período da época glacial no berço do norte. A perspectiva cultural desses proto-brancos estava condicionada a tais condições, o que mudou com sua migração, por volta de 1500 antes da nossa era, para áreas do sul (Diop, 1976).

Moldados por seu berço ambiental, esses primitivos brancos nômades desenvolveram, sem dúvida, uma consciência social típica do ambiente hostil ao qual eles foram confinados por um longo período. A xenofobia foi uma das características dessa consciência social. A herança patriarcal, outra (Diop, 1976, p. 252).

Portanto,

É possível que os brancos primitivos fossem conscientes de sua condição de minoria e, então, se isolaram num reflexo de perpetuação étnica. Isto é uma **possibilidade**, não uma certeza. Entretanto, isto pode ter sido a origem de posteriores teorias de pureza racial. Por outro lado, não temos qualquer evidência de que os negros, nos tempos antigos até a época medieval, desenvolveram qualquer atitude comportamental em relação a outras raças. Eu acho que isso precisa ser estudado cuidadosamente. O que eu acho notável é que, nas atitudes individuais dos negros para com outras raças, há uma diferença de abordagem. Negros não são racistas. Negros não tem medo de contatos étnicos. Brancos sim! Eu acho que, em grande medida, o racismo se origina deste medo. Seria uma característica herdada da vida nômade dos arianos primitivos? Eu não sei. É um instinto biológico ou de outra natureza? Eu também não sei (Diop, 1976, p. 252-253).

A constatação de que a mente africana é uma síntese de todas as correntes de pensamento que constituem a personalidade africana evidencia a diversidade e a unidade das ideias que foram apresentadas pela primeira vez em forma escrita no vale do Nilo. As cataratas do rio Nilo e o deserto do Saara são apontadas como argumentos de sustentação da tese da separação do Egito do restante da África. No entanto, “Essas chamadas barreiras foram, de fato, a verdadeira razão pela qual as pessoas puderam se unir. O Egito foi o lugar para muitas culturas africanas se unirem como uma. Foi um amálgama do melhor que a África tinha para oferecer” (Asante, 2020, p. 17).

O regresso ao Egito antigo permitiria assim à África descobrir cada vez mais o parentesco íntimo de todos os seus habitantes com o vale do Nilo. É através desta constatação dinâmica que todos os Africanos alcançarão a convicção profunda de que estes templos, estas pirâmides, estas esculturas, estas matemáticas, esta medicina, toda esta ciência, toda esta arte do Egito antigo são, de facto, obra de seus antepassados, e que, por isso, têm o direito e o dever de se identificar totalmente com estas, do mesmo modo que os Europeus se identificaram com a cultura greco-latina (Mbaye Diop; Dieng, 2014, p. 20).

Portanto, há evidências de que existem laços de natureza íntima e profunda entre o Egito faraônico e outras comunidades da África Tropical. Os laços de parentesco são tantos que Cheikh Anta Diop afirmou que Egito e África Profunda são a mesma coisa (Lopes, 2020).

Afirma Diop (1976) que

[...] a antiga cultura egípcia desfrutava de uma posição, no que concerne às culturas africanas atuais, análoga ao papel que a cultura greco-latina desempenha em relação à cultura ocidental contemporânea. [...] enquanto ignorarmos a cultura egípcia – a mais antiga manifestação de uma Civilização Africana –, seremos incapazes de criar, no domínio das ciências humanas, qualquer coisa que possa ser considerada como científica. É somente através de uma referência sistemática ao Egito que poderemos introduzir uma dimensão histórica às ciências sociais [...] (Diop, 1976, p. 247).

O autor (Diop, 1976) exemplifica a questão esclarecendo que isso aplica-se ao campo da linguística, do Direito (jurisprudência egípcia ao invés do estudo das leis romanas), da Filosofia. No que se refere à Medicina, nos diz Diop (1984) que havia também os médicos especialistas em doenças psicológicas, e que, portanto, os egípcios conheciam os métodos do que hoje corresponde às terapias especiais utilizadas nos hospitais psiquiátricos.

Moraes (2019) nos fala sobre a capacidade de abstração dos antigos egípcios:

Ainda pela arte, uma *teckhne*, uma pintura, a organização do ajuntamento da escrita hieroglífica, os egípcios, nesse sentido, a fim de demonstrar sua sofisticação estética na busca de uma simetria perfeita, precisavam inserir imagens e símbolos, dentro de retângulos imaginários, ou seja, era preciso uma sofisticada capacidade de abstração, que estava concentrada nos conhecimentos dos escribas (Moraes, 2019, p. 219).

Ao falar sobre as contribuições africanas para a civilização Diop (2025) destaca o benefício moral que tal conhecimento pode trazer aos africanos. No mesmo sentido Asante (2013) acentua que matemática, astronomia, agricultura, direito, relações humanas, arquitetura, medicina, psicologia humana, religião, arte e geometria fazem parte do legado egípcio, destacando que nada deve nos impedir de desenvolver a agência necessária para recorrermos a tal herança e todos os âmbitos de nossas vidas.

2.6.1 Linhas Visíveis e Invisíveis que nos Conectam ao Kemet: ancestralidade e artesanato

Diop (2025) nos alerta sobre o uso da alienação cultural como arma de dominação. Nela um povo que sente-se superior nega a capacidade de criação de outros povos, considerados inferiores. Tal situação acontece na África e nos países colonizados, portanto, o estudo sobre o nosso passado, a nossa sociedade e o nosso pensamento implica um espírito crítico acerca das obras ocidentais.

Torna-se indispensável, portanto, que os africanos se debrucem sobre sua própria história e sua civilização e as estudem para se conhecerem melhor; cheguem assim, pelo verdadeiro conhecimento de seu passado, a tornar obsoletas, ridículas e por conseguinte inofensivas essas armas culturais (Diop, 2025, p. 21).

Para Diop “[...] a cultura é, por um lado, um lugar da autenticidade e, por outro, da resistência e da luta, bem como da reinvenção do presente e do futur.” (Mucale, 2023, p. 126). A egiptologia africana nos permite um conhecimento direto e assim oferece meios para conhecermos a riqueza e a novidade da consciência cultural e despertá-la com todo o seu potencial criativo, sua qualidade e sua profundidade (Diop, 1991).

Asante (2022) afirma que

Os africanos foram os primeiros cientistas no sentido de que toda ciência tem raízes em técnicas, artesanato e artes. Uma vez que a experiência é a base de toda a ciência, pode-se ver facilmente como os muitos anos de experiência acrescentaram ao estado de espírito africano. Nitidamente, a prática é o teste de todas as técnicas e todas as técnicas são experimentadas e testadas pela lógica e bom senso (Asante, 2022, p. 39).

Diop (2025, p. 477) enfatiza que a” Liberdade audaciosa, ritmos potentes, invenção plástica sempre ótima, estas são as características gerais da arte negra”. A arte africana sempre esteve a serviço do culto religioso e da realeza, portanto, não existe arte pela arte na África. Ela sempre esteve relacionada a uma causa social, o que deverá continuar acontecendo. Tal fato faz com que o artista africano atinja o belo e a estética por meio do útil.

Em contrapartida, toda a África negra, inclusive o Egito, será tradicionalmente o domínio por excelência de um vitalismo que, minimizando o modesto poder do homem, buscará sempre ganhar por meios religiosos adequados a intervenção de forças extra-humanas. Por isso, todas as descobertas, todos os progressos materiais, sociais, todas as criações artísticas serão como que afetadas por um coeficiente, envolvidas por uma atmosfera de religiosidade, de espiritualidade estranha ao espírito ocidental, mais inclinado ao materialismo. Quando o Egito tiver transmitido uma civilização impregnada de sagrado para o resto do mundo, e para a Grécia em particular, este só poderá aproveitar esse legado reduzindo a religiosidade que o envolve à escala do homem e da natureza; e essa integração antropomórfica da religiosidade constitui o único fato palpável que se pode reter do mito do milagre grego (Diop, 2025, p. 478-479).

A arte deve estar a serviço da sociedade que a criou, deve ser a arte da sua época. A orientação da nossa arte, portanto, deve partir das necessidades mais prementes do povo africano na atualidade. Para ser válida, a arte africana precisa submeter-se a uma dupla exigência que abrange aspectos sociais e intelectuais. Portanto, o artista africano não deve

estar desconectado das necessidades da sua época, nem evocar o passado de forma deliberada e sim como uma forma de avanço civilizacional (Diop, 2025).

Em contrapartida, um artista que coloque o problema social em sua arte, sem ambiguidade incitando a consciência letárgica; um artista que se coloque no centro da realidade para ajudar seu povo a descobri-la; um artista que saiba executar obras nobres com o objetivo de inspirar a seu povo um ideal de grandeza, seja ele poeta, músico, escultor ou arquiteto – é o homem que responde, na medida de seus dons, às necessidades de sua época e aos problemas que se colocam no seio do seu povo (Diop, 2025, p. 485).

Seguir os passos indicados por Diop na restauração da nossa consciência histórica implica também considerar o nosso legado ancestral africano artístico e artesanal. Neste sentido Asante (2024) assegura que

Quando sentimos, ainda hoje, os ritmos da criação na dança, na arte, na literatura, na música, e falamos na intimidade africana com a natureza e da plenitude da vida, estamos experimentando nossos próprios padrões, valores e códigos, exibidos em nossa bagagem de vida há milhares de anos (Asante, 2024, p. 69).

Hagag (2017) explica que os antigos egípcios tinham conhecimento sobre tecidos e destacavam-se na sua padronização, criando tapeçarias que configuravam um meio para ornamentação e para imagem. Tradições e crenças criaram uma categoria no design de tecidos para pendurar (tapeçarias e cortinas). Barber (1982 apud Hagag, 2017) afirma que a tecelagem das tapeçarias coptas feitas para serem penduradas nas paredes utilizavam um método que era conhecido desde a época dos faraós no Antigo Egito.

Elnashar (2018) também nos fala a respeito da produção têxtil no Antigo Egito, mas voltada para a produção de roupas e armaduras de guerra. Ela envolvia inclusive tecidos elásticos e roupas sem costura, o que, de acordo com o autor, antecipou algumas tecnologias utilizadas atualmente. Havia preocupações com a redução do enrugamento e com as qualidades de caimento dos tecidos. É possível ver a representação de teares nos túmulos de Chnem Hotep em Bani Hasan (vertical) e de MekhetRe e de Deir-el-Bahri (horizontal). As roupas com elasticidade e sem costura eram moldadas uma única vez e produzidas diretamente a partir de um fio.

Watson (2016, sem paginação) nos traz a informação de que “Novos testes mostram que um vestido de linho retirado de uma tumba egípcia tem mais de 5 mil anos, o que faz dele a mais antiga peça feminina já encontrada. Bem costurada e pregueada, a roupa mostra a complexidade e riqueza da sociedade antiga que a produziu”. Trata-se do vestido de Tarkhan, uma peça extremamente rara da antiga alta costura; seus detalhes só poderiam ser feitos por

um profissional especializado. “E pessoas desse tipo surgiram apenas em uma sociedade próspera e hierárquica, como as do Egito Antigo, de 5 mil anos atrás, quando o reino era unido sob um governante.”.

Jana Jones da Universidade de Macquarie, na Austrália, afirma a Watson (2016) que testes de radiocarbono atestaram com segurança que o vestido de Tarkhan é a peça tecida mais antiga do mundo e que somente um tecido superior poderia originá-lo. Destaca também que os hieróglifos para vestido constam juntamente com alimentos e cosméticos em listas de itens levados para uso depois da morte.

Está exposto no Museu de Belas Artes de Boston um vestido de miçangas encontrado na Tumba de Gizé, no Egito, produzido entre 2551 e 2528 anos antes da Era Comum. O padrão deste vestido pode ser encontrado em representações de mulheres na arte egípcia. Ele foi feito com um padrão de losangos e poderia ser costurado em um vestido de linho ou utilizado solto sobre ele. “Este vestido de rede de contas é o exemplo mais antigo sobrevivente de tal vestimenta. Ele foi meticulosamente remontado a partir de aproximadamente sete mil contas encontradas em um enterro intacto de uma contemporânea do Rei Quéops.” O cordão que segurava aproximadamente sete mil contas desintegrou-se pelo tempo, contudo, algumas delas ainda estavam em seu padrão original em torno da múmia, o que possibilitou a sua reconstrução. Suas cores originais eram azul e verde-azulada (lapis-lazúli e turquesa) (Vestido [...] [20--]).

Outro vestido também feito de miçangas, mas nas cores preto e azul, que data de 2.400 antes da Era Comum, está no Museu Petrie de Arqueologia Egípcia, na Inglaterra. Foi encontrado por Guy Brunton em Qau em 1923-24 e reconstruído por Alexandra Seth-Smith e Alison Lister, entre 1994 e 1995 (Vestido do Egito [...], 2024).

Irtisen foi supervisor de artesãos e chefe de uma oficina de artistas e desenhistas no período final do reinado de Nebhepetre Mentuhotep II. No texto da *Estela de Irtisen*, feita em sua homenagem, ele comenta sobre seu conhecimento a respeito de regras de proporções e como deve ser representada “a ida de uma estátua masculina e a chegada de uma estátua feminina... a convulsão do prisioneiro solitário, a expressão de medo no rosto dos inimigos... os movimentos das pernas de alguém correndo”, demonstrando “[...] seu conhecimento magistral sobre formas e formatos.” (Vallon, 2015, sem paginação).

A produção de hieróglifos implicava, além do escriba, um desenhista e um artesão, que esculpia as imagens na pedra, configurando, portanto, um processo envolvendo múltiplas mãos (Vallon, 2015).

Para a *TRC Needles*, uma enciclopédia digital criada pelo Centro de Pesquisa Têxtil (TRC) em Leiden, um colar encontrado na tumba de Tutancâmon “Um dos grupos de bordados mais antigos que ainda existem vem do túmulo do famoso faraó egípcio, Tutancâmon (falecido por volta de 1323 a.C.)” (Breve História [...], 2016, sem paginação).

A peça refere-se a um colar floral que possivelmente tenha sido utilizada no funeral de Tutancâmon. Fileiras alternadas de pétalas de flores, folhas, frutos, contas de faiança azul foram costuradas em uma base de papiro e linho. Entre as pétalas de flores destaco a presença de lótus azul (Colar [...], [20--]). Uma análise na imagem me permite concluir que trata-se realmente de um bordado.

Entre inúmeras obras de arte que estão disponíveis no site do Museu de Belas Artes de Boston quero destacar um colar, mais especificamente o seu peitoral, que surpreende pela riqueza de detalhes e pela qualidade da sua execução. A peça mede 4,5 cm por 8,2 cm e tem 372 peças de pedras semipreciosas cortadas cuidadosamente para compor um impressionante conjunto de símbolos em um todo harmônico (Peitoral [...], [200--])

No *site* do Museu Egípcio no Cairo, onde está exposta a máscara de Tutancâmon, é possível encontrar algumas informações a seu respeito. Ela é considerada um ícone da civilização faraônica e o mais famoso artefato do antigo Egito; foi confeccionada em ouro, lápis-lazúli, pasta de vidro, obsidiana e turquesa; tem 54 cm de altura, 39,3 de largura e 11 kg (Máscara [...], 2022).

O rei é retratado com o nemes, um cocar listrado de branco e azul: um uraeus (naja sagrada) e um abutre adornam sua testa e uma barba falsa feita de ouro e pasta de vidro. Os olhos do rei são reproduzidos com quartzo e obsidiana. Em suas costas, estão gravadas inscrições mágicas retiradas do Capítulo 151b do Livro dos Mortos (Máscara [...], 2022, sem paginação).

No episódio 2 da série *Os Segredos de Tutancâmon* (OS SEGREDOS..., 2018), o pesquisador Christian Eckmann fala sobre sua extensa pesquisa com a máscara funerária de Tutancâmon, apontando que, diferentemente do que muitas teorias difundidas nos últimos anos indicam, ela foi projetada para ele e concluída em um prazo de 70 dias. Afirmo o pesquisador que esta produção é surpreendente e que tem dúvidas de que alguém conseguirá criar uma obra prima como aquela em tão pouco tempo na atualidade. Quando assisti essa série fiquei muito impactada por tudo o que vi, principalmente por essa informação, pois ela nos dá uma dimensão do alto nível dos artesãos do Kemet.

Um lençol de linho produzido por volta de 1961-1917 antes da Era Comum encontrado com a inscrição hierática “Sobekhotep, filho de Imeny, filho de Sobekhotep”

escrita em tinta vermelha (Pedaço [...], [200--]); um cesto de armazenamento feito de capim Halfa, folha de palmeira e cordão de linho de aproximadamente 1492-1473 antes da Era Comum (Cestea [...], [200--]) também são exemplos do nível elevado do artesanato presente no antigo Egito. Além disso, destaco também a cerâmica egípcia e suas diferentes técnicas a partir de dois tipos de argila: uma oriunda do rio Nilo e outra do deserto (Nicholson, 2019).

Afua (2021, p. 29), afirma que o legado espiritual e ético de nossos antepassados do Kemet e da Núbia “[...] pode ensinar às pessoas a voltarem a ser verdadeiramente humanas”. Ressalta que nossos

[...] antepassados aprenderam a combinar e unir os elementos terra, ar, fogo, água e espírito, e continuam nos ensinando seus métodos por meio dos entalhes e inscrições nas paredes dos templos. Eles nos dão a dádiva do uso curativo das mãos graças aos esforços de Ast (Ísis) e sua irmã Nebt-het (Néftis) para ressuscitar o corpo afogado de Asar (Osíris), que se tornou o símbolo de ressurreição para toda a humanidade (Afua, 2021, p. 29).

Portanto, a arte, o artesanato e a criatividade floresciam no continente africano no período pré-colonial. Este legado foi trazido ao Brasil por nossos ancestrais que fizeram a travessia forçada. Mesmo em meio ao horror da escravização, foram extremamente criativos para se reinventarem nessa realidade aterradora e também para manterem viva a chama da nossa cultura, para que ela pudesse ser legada a nós. Essa criatividade ancestral, baseada na insurgência, na coragem e na ousadia precisa ser recuperada como tecnologia de cura, no âmbito do Renascimento Africano.

CAPÍTULO II

LEGADO AFRICANO, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: NAS BARCAS DE CHEIKH ANTA DIOP E DE C. G. JUNG

3 CAPÍTULO II: Legado Africano, Consciência Histórica e Processo de Individuação: nas Barcas de Cheikh Anta Diop e de C. G. Jung

RESUMO

Cheikh Anta Diop é a maior referência da Egiptologia Africana. Sua vida foi marcada por uma busca obstinada e incansável pela verdade sobre o legado africano e sua apropriação pelos gregos. Suas teses representaram uma ruptura com o pensamento eurocêntrico e obrigaram os estudiosos a voltar seus olhos para a África com outra perspectiva. A despeito de todo o seu esforço nessa busca e da valorização que teve ainda em vida em diferentes lugares do mundo, encontrou muitas dificuldades em seu país, o Senegal. Foi proibido de ministrar aulas na Universidade de Dakar, que recebeu o seu nome depois do seu precoce falecimento. Em seu último livro, *Civilização ou Barbárie*, ele fez comentários sobre a Parapsicologia. Jung também teve esse interesse. Sua vida foi marcada por fenômenos parapsicológicos, o que despertou o interesse por estudos sobre esta temática. A espiritualidade é um dos alicerces da Psicologia Complexa e um fator determinante para a sua aproximação com o continente africano. Ele sentia-se atraído pela África e esteve no continente em diferentes oportunidades, o que impactou a sua psicologia e a Psicologia Complexa. Este fato ganha ainda mais relevância pelo fato de que as fronteiras do Império de Cuxe chegaram até onde hoje é a Índia, que também impactou Jung profundamente. A vida e a obra de Diop e de Jung apresentam pontos convergentes que possibilitam costuras epistemológicas que incluem, entre outros aspectos, a Parapsicologia e a alquimia, e que permitem uma comparação com o arquétipo da mandala. Ambos realizavam trabalhos artesanais e objetivavam despertar o potencial criador das pessoas. Diop estudou o matriarcado africano, Jung inseriu uma perspectiva de valorização do feminino na Psicologia Complexa.

Palavras-chave: Cheikh Anta Diop; Carl Gustav Jung; Espiritualidade; matriarcado; mulheres.

3.1 O Faraó da História Africana: Cheikh Anta Diop

Difícil expressar o que significa a chegada de Cheikh Anta Diop na minha vida e o que isso representou para a minha pesquisa. Mesmo em meio a tantos autores desconhecidos para mim até aquele momento, foi possível perceber de imediato a extensão e a centralidade de suas contribuições para a temática. Além do encantamento pela sua obra, senti-me profundamente tocada pela sua história de vida e pela sua dedicação na busca pela verdade sobre as contribuições da África, o que acentuou-se quando assisti pela primeira vez o documentário *Kemtiyu* (KEMTIYU, 2016) e quando tive contato com sua última obra, *Civilization or Barbarism* (Diop, 1991). Fiquei fascinada por Cheikh Anta Diop, por sua vida e sua obra, da mesma forma como havia acontecido com Carl Gustav Jung. E foi assim que aos poucos a ideia de estabelecer um diálogo entre os dois ganhou força em meu coração.

Cheikh Anta Diop nasceu em 29 de Dezembro de 1923, em Caytu, no Senegal. Em 1946 foi estudar na França. “A visão de uma África ahistórica e atemporal cujos habitantes, os Negros, jamais teriam sido responsáveis por um único feito de civilização, estava imposta nos escritos e tinha sido ancorada nas consciências” (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 07).

Nos anos de 1940 ele realizou suas primeiras pesquisas históricas; naquele momento a África negra não era considerada um campo histórico inteligível e o Egito estava atado ao Oriente e ao mundo mediterrâneo em aspectos geográficos, antropológicos e culturais de forma arbitrária. Foi neste contexto hostil e obscurantista que Diop sentiu-se impelido a questionar os elementos que fundamentavam a imagem do mundo veiculada pelo Ocidente sobre a gênese da humanidade e da civilização, o que fez por meio de uma pesquisa científica metódica. “O renascimento da África que implica a restauração da consciência histórica, lhe aparecia como uma tarefa incontornável. Ele resolveu lhe dedicar sua vida.” (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 07).

Em 1948 concluiu a graduação em Filosofia, pela Sorbonne, e em 1950 obteve mais dois certificados: de Química Geral e de Química aplicada. No mesmo ano iniciou uma especialização em Química Nuclear e Física Nuclear no Laboratório Curie. Na segunda metade dos anos de 1950, Cheikh Anta Diop foi professor auxiliar no Liceu Voltaire, dando aulas de Física e Química. Em paralelo deu sequência às suas pesquisas em Linguística, História e em Egiptologia, por meio das quais escreveu seu primeiro livro: *Nações Negras e Cultura – Da Antiguidade Negra Egípcia aos Problemas Culturais da África Negra, Hoje*, publicado em 1954. “Este livro funda, verdadeiramente, as **humanidades africanas**, sobre uma base científica: ele terá o efeito de uma bomba neste período marcado por uma ideologia

racista e pela luta dos Africanos para libertar-se do jugo colonial.” (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 08, negrito dos autores).

Aos vinte e cinco anos, em 1948, Cheikh Anta Diop definiu, por meio do artigo *Quando se poderá falar de um renascimento africano?*, o conteúdo e as condições para o renascimento africano, destacando a importância central das línguas nacionais africanas. Suas pesquisas andaram em paralelo ao seu engajamento político que pautou toda a sua vida, um engajamento pan-africano, patriótico e democrático (Diongue-Diop *et al*, 2018).

Os anos que passou na Europa foram difíceis e enriquecedores, mas também permitiram seu encontro com muitos intelectuais e líderes políticos da África e do Caribe. Cheikh Anta Diop passou a relacionar-se com uma juventude intelectual europeia na qual havia diferentes correntes de pensamento. Esse contexto de engajamento intelectual e político possibilitou seu encontro com Louise Marie Maes, com quem se casou anos mais tarde (Diongue-Diop *et al*, 2018).

Sua tese de Doutorado de Estado em Letras foi defendida em 1960. Sua pesquisa foi sobre a África negra pré-colonial (história, organização sociopolítica e econômica) e unidade cultural da África negra. Suas produções objetivavam a reconstrução científica do passado da África e a restauração da consciência histórica. Seu livro *Nações Negras e Cultura* fundou uma escrita científica da História da África e causou implicações na História do mundo. “Segundo Cheikh Anta Diop, a restauração da consciência histórica dos africanos implica que a Egptologia seja desenvolvida na África e que a civilização núbio-egípcia seja revisitada em todos os campos pelos próprios africanos.” (Diongue-Diop *et al*, 2018, p 11).

Marie Louise, esposa de Diop, salienta que ele desenterrou a verdade que os europeus se recusavam a escrever nos seus livros sobre o Antigo Egito e esclarece que a defesa da sua tese de Doutorado na Sorbone durou sete horas. A banca lhe perguntou o que faria depois da defesa e Diop respondeu que voltaria definitivamente para a África Negra na semana seguinte e contribuiria para o estímulo das pesquisas em ciências sociais e em ciências exatas. Seu orientador, André Aymard, elogiou sua curiosidade intelectual, sua vívida inteligência e o gosto por grandes problemas e grandes questões, às vezes ousadas. Diop tornou-se doutor com menção honrosa (KEMTIYU, 2016).

Diop acreditava que a pesquisa sócio-histórica das civilizações possibilita a identificação de valores que permitiram sua grandeza e dos fatores que foram responsáveis pela sua queda, além de permitir a elaboração de estratégias de desenvolvimento do continente africano. Ele foi um pesquisador à serviço da África. Quando retornou ao continente foi designado para o Instituto Francês da África Negra (IFAN) da Universidade de

Dacar, nomeado mais tarde como Instituto Fundamental da África Negra. Iniciou a criação de um laboratório de datação de amostras arqueológicas pelo método do Carbono 14 (radiocarbono) em 1963, que ficou concluído em 1966 e beneficiou vários domínios do conhecimento: arqueologia, pré-história, geologia, climatologia. Diop dirigiu este laboratório até 1986 (Diongue-Diop *et al*, 2018,).

Foi agraciado com o prêmio do 1º *Festival de Artes Negras*, juntamente com William Edward Burghard Du Bois, como escritor de maior influência sobre o pensamento negro do Século XX. O objetivo deste prêmio foi evidenciar ao mundo a excepcionalidade das obras dos dois escritores e o papel determinante para o despertar do continente africano (Diongue-Diop *et al*, 2018,).

Diop teve muitos mestres e demonstrou o quanto devia a todos eles, nominando-os em agradecimentos. Conferiu especial destaque a Gaston Bachelard por ter contribuído para a formação do seu espírito científico (Ela, 2014).

O desejo de colocar um termo a um conjunto de mitos forjados pelo Ocidente com o intuito de dissimular a sua barbárie e justificar a domesticação dos povos e das mentalidades negros levou C. A. Diop a esquecer-se de si próprio vivendo obstinadamente com o único intuito de lançar mais alguma luz sobre questões dominadas por preconceitos tenazes que arriscam enclausurar as gerações nas trevas da ignorância. C. A. Diop representa a razão intrépida e militante que lança um ataque aos monstros gerados pelo imperialismo (Ela, 2014, p. 48)

Sua vida foi marcada pela honestidade e pela fidelidade intelectual, com uma coragem que pode ser comparada à que demonstrou Galileu diante da Igreja Medieval. “*Homem de ciência e militante anticolonialista empenhado na libertação do seu povo, C. A. Diop não pode sacrificar a verdade nem a luta.*” (Ela, 2014, p. 63).

Em 1970 Diop recebeu um convite para tornar-se membro do Comitê Científico Internacional, responsável pela redação da *Histoire générale de l’Afrique*, Diop solicitou o agendamento de um colóquio internacional organizado pela UNESCO para subsidiar a produção dos capítulos referentes à história antiga da África. O evento deveria reunir investigadores de reputação mundial e ter como pauta discussões sobre a origem dos antigos Egípcios, a situação da decifração da escrita meroítica e a abertura aérea da África com o objetivo de restituir as antigas vias de comunicação do continente (M’Backé Diop, 2014).

O colóquio *Le peuplement de l’Égypte ancienne et le dédhiffrement de l’écriture méroïtique*, que objetivava a redação de *Histoire générale de l’Afrique* foi realizado pela UNESCO entre os dias 18 de janeiro e 03 de fevereiro de 1974, no Egito. Desde então “[...]”

as descobertas arqueológicas, as análises linguísticas, os estudos genéticos, o exame da cultura material, o estudo da filosofia, etc. vêm apenas confirmar cada vez mais as grandes orientações de investigação recomendadas pelo *Colóquio do Cairo* (M'Backé Diop, 2014, p. 105). Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga conseguiram comprovar que o Egito faraônico pertencia ao universo negro-africano (Diongue-diop *et al*, 2018,).

O colóquio do Cairo (1974), evocado previamente, consolida a colaboração entre os dois homens para a reescrita da história da África e, por conseguinte, da humanidade, sobre bases estritamente objectivas. Os resultados do colóquio do Cairo provocam fissuras no dispositivo de isolamento erguido em torno de Cheikh Anta Diop. A tecnicidade do debate científico desvenda, a cada dia que passa, a incompetência africanista que se refugia de modo insalubre, no processo de intenção, no desprezo, na ironia, na calúnia, na insinuação maldosa. É o conjunto desta 'crítica' africanista, eminentemente ideológica, que Théophile Obenga analisa em diferentes textos. Ao longo dos anos, alguns Africanos comprometeram-se resolutamente na via da egiptologia, deparando-se em simultâneo com a hostilidade do meio universitário, nomeadamente em França, onde o estudo do Egito antigo, no seu âmbito natural negro-africano, é considerado 'politicamente incorrecto' (M'Backé Diop, 2014, p. 107).

Até a década de 1970 o caminho intelectual de Diop foi solitário. Sua atuação como professor universitário não foi autorizada, tirando dele a possibilidade de orientar e formar historiadores e egiptólogos africanos e de realizar uma renovação dos estudos sobre a África. Seu encontro com Théophile Obenga o tirou desta solidão. Obenga era formado em Filosofia e orientava-se para a egiptologia e para a linguística, dominando o grego antigo e o latim. Diop expressou sua esperança na formação de uma equipe de investigadores africanos no prefácio da primeira grande obra de Obenga, *L'Afrique des l'Antiquité – Égypte pharaonique/Afrique Noire* (M'Backé Diop, 2014).

Somente vinte e um anos depois do término do seu Doutorado, em 1981, Diop foi nomeado professor associado da Faculdade de Letras e Ciências Humanas em Dakar, onde trabalhou até a sua morte, em 1986 (M'Backé Diop, 2014).

Cheikh Anta Diop faleceu no dia 07 de Fevereiro de 1986. A Universidade de Dacar, o Instituto Fundamental da África Negra e várias instituições e lugares no Senegal e no mundo levam o seu nome, em homenagem à sua vida e à sua obra. “São também marcas da pertinência e da atualidade de seu pensamento, na caminhada difícil e exigente da humanidade para uma civilização planetária que a reconcilie consigo mesma” (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 29).

Sua morte repentina assolou toda a África e causou um impacto brutal nos campi universitários e nos meios culturais, atingindo igualmente jovens nos liceus, revendedoras do mercado, motoristas de taxi, estudantes universitários e intelectuais. (Ela, 2014).

Encarregara-se da situação e da problemática para satisfazer sua obsessão. Durante 30 anos sensivelmente, C. A. Diop viveu com a humanidade do africano na qualidade de objecto do discurso científico. Tal como o próprio professara poucas semanas antes da sua morte: ‘Dediquei a totalidade da minha vida à redinamização da cultura nos mais diversos domínios, desde a história às línguas, tanto em nome do passado quanto em nome do presente e do futuro.’ [Cameroun Tribune, 1986, sem paginação] Este intelectual exerce a investigação interdisciplinar com uma proficiência excepcional. Uma pluralidade de discursos sobre um domínio vasto do saber emana de um tema único, sendo que C. A. Diop desempenha as funções de historiador, sociólogo, antropólogo e linguista (Ela, 2024, p. 32).

Ela (2014) evidencia a dedicação de Diop à causa da restauração da consciência história africana:

Num certo sentido, C. A. Diop assume-se como um trabalhador intelectual que fala de África ao mundo científico. As suas publicações deixam transparecer um gosto pela curiosidade apenas saciável através de novas variações. [...] Deu o melhor de si e investiu todas as suas forças físicas, morais e intelectuais para elevar o destino de um continente a um nível superior. *C. A. Diop é a consciência científica e histórica de África*. Esta dimensão confere unidade e coerência ao conjunto da sua vida e da sua obra. No íntimo de seu laboratório e na singularidade da sua experiência na qualidade de homem e de cientista, envolve a vida e o futuro de milhões de africanos. C. A. Diop lega um verdadeiro conjunto de conhecimentos que foram fruto de uma multiplicidade de perspectivas acerca de um único tema: a África negra (Ela, 2014, p. 32).

Diop foi convidado a participar de um simpósio com a participação de intelectuais do Senegal, na Universidade de Dakar, pouco antes de sua morte. Na oportunidade afirmou que estava feliz por ver a vida intelectual do seu país. Acentuou também que tinha a sensação de que os intelectuais africanos estavam renascendo e começando uma nova vida. Na oportunidade lhe perguntaram os motivos de não ter criado uma escola de egiptologia e sua resposta foi de que isso não dependia dele, pois foi proibido de formar discípulos e trabalhou com as condições que lhe deram. (KEMTIYU, 2016).

Ela (2014) problematiza a respeito desta questão tão importante da vida de Diop:

Um dos aspectos perturbadores do destino intelectual do ilustre egiptólogo é o facto de *o poder ter recusado o acesso à Universidade ao cientista cujo alcance é actualmente incontestável*. A vida de C. Anta Diop chega ao fim sem que tenha formado uma geração de estudiosos capazes de prosseguir o seu caminho. (Ela, 2014, p. 92-93).

Marie Louise, viúva de Diop, comenta que quando percebeu que os africanos preferiam acreditar mais nas mentiras dos europeus do que nas suas verdades, ficou profundamente magoado. Por conta disso, sua participação na *Conferência do Níger* o afetou profundamente; a inclinação dos africanos à mentira ocidental era inacreditável (KEMETIYU, 2016). Isso aconteceu mesmo depois da consagração de Diop em outros lugares do mundo. Conforme ele mesmo salienta (Diop, 1976) suas conclusões que constam no *Relatório Final do Simpósio da UNESCO* tiveram grande aceitação em círculos científicos internacionais.

No documentário Kemtiyu podemos vê-lo sendo questionado por alguns dos seus conterrâneos. É possível também ver a tristeza em seu olhar ao responder alguns desses questionamentos. Impossível não sentir um peso imenso no coração. Diop teve um mal súbito durante o simpósio com os intelectuais na Universidade de Dakar, e, pouco tempo depois teve outro, que foi fatal. A instituição passou a chamar-se Universidade Cheikh Anta Diop e em sua frente há um monumento em sua homenagem, no qual consta que por sua genialidade reabilitou as civilizações negras (KEMETIYU, 2016).

Encerro esta parte sobre a vida do nosso último faraó com suas palavras nesse mesmo evento:

O que queremos, o que pretendemos, na nossa educação é acordar a construção de nações que dormem em cada um de vocês. Acordar o criador que dorme em cada um de vocês. Como resultado existe somente uma solução. É o conhecimento direto. E nenhuma preguiça pode nos dispensar desse esforço. Com treinamento igualitário, a verdade é triunfante. Obtenham treinamento. Fiquem armados até os dentes com a ciência. (KEMETIYU, 2016, 1h32min7seg a 1h32min37seg).

Afirma Diop que somente desta forma poderemos superar a alienação cultural, ou então devemos arrastar seu nome para a lama. (KEMETIYU, 2016). Seu nome não irá para a lama, mestre! Seu nome será cada vez mais honrado! Seu legado será cada vez mais honrado e divulgado. Esta tese tem o objetivo de contribuir para este movimento.

3.2 Desfazendo os nós e Unindo os Retalhos da História: contribuições científicas de Cheikh Anta Diop

John Henrik Clarke (Clarke, 1991) pontua que o trabalho de Cheikh Anta Diop é um projeto que visa à restauração do que o colonialismo e a escravização inseriram na África e que ele nos deixou uma missão e um legado. Ao cumprirmos a missão e honrarmos o seu legado estaremos lhe prestando a homenagem merecida. Ele quer que continuemos a sua obra, que sejamos instrumentos de libertação do povo africano e que possamos lhe auxiliar no desenvolvimento da consciência histórica e na compreensão das contribuições da África para a humanidade.

Ela (2014, p. 49) afirma que Cheikh Anta Diop travou um combate pela história, procurando devolver aos negros o lugar que a Grécia lhes roubou. “*O egiptólogo africano obriga a devolver a razão e a história aos negros ao lançar uma nova luz sobre as relações entre o Egito e a África negra*. Estamos diante de um ponto de viragem de suma importância no pensamento moderno”. Desta forma,

[...] ressalvar a memória de C. A. Diop equivale a mantê-lo vivo na vida e história daqueles que são actualmente os esquecidos da terra, recordando a forma como o cientista soube aliar a teoria à prática, com lucidez e eficácia. *Para nós – africanos da actualidade – a fidelidade à memória científica e revolucionária de C. Anta Diop é assumir um compromisso no sentido da responsabilidade e da criatividade* (Ela, 2014, p. 111).

Asante (2009) nos esclarece que Cheikh Anta Diop afirmou a origem africana da civilização e comprovou que os antigos egípcios eram negros. Malomalo (2021, p. 37) salienta que Théophile Obenga e Cheikh Anta Diop “[...] sempre se dedicaram a mostrar a existência da ciência africana nas áreas do que hoje se chama de ciências naturais e ciências humanas”.

Cheikh Anta Diop reordenou a história da África e reposicionou o povo africano no centro da própria história, trabalhando arduamente para reintroduzir o africano como tema no contexto da história e da cultura africanas. Diop destacou-se nesta tarefa em um período histórico em que muitos pesquisadores africanos procuravam provar o ponto de vista europeu sobre a história do mundo. Ele estava consciente de que para escrever a história da África as falsificações da Europa deveriam ser jogadas fora, o que era perigoso tanto do ponto de vista político quanto profissional e considerado praticamente impossível, considerando-se as informações acumuladas nas bibliotecas do Ocidente (Asante, 2016).

Em primeiro lugar, Diop teve que desafiar os principais estudiosos da Europa, conhecê-los em sua arena doméstica intelectual, derrotar seus argumentos com a ciência e estabelecer o próprio caminho da África para a sua história. Seu livro, **The African Origin of Civilization [A Origem Africana da Civilização]**, era como um punhal no coração da ignorância. O fato de ter alcançado seu objetivo significou que os estudiosos que se declararam afrocentristas o fizeram com o exemplo de Diop como *peraa*, isto é, líder de originalidade intelectual. Ele foi capaz de demonstrar que a tentativa da Europa de tirar pessoas negras para fora do Egito e o Egito para fora da África foi o cerne da falsificação europeia das contribuições da África para a história mundial. Sua principal argumentação era que os antigos egípcios lançaram as bases da civilização africana e europeia e que os antigos egípcios não eram nem árabes nem europeus, mas como Diop diria ‘Negros Africanos’ para enfatizar que não deveria haver erro. Esses ‘Negros Africanos’ do Vale do Nilo deram ao mundo a astronomia, a geometria, o direito, a arquitetura, a arte, a matemática, a medicina e a filosofia. O antigo termo egípcio africano ‘seba’ encontrado pela primeira vez em uma inscrição no túmulo de Antef I de 2052 a.C. tinha como principal significado no *ciKam*, o "estilo de raciocínio do povo". Era a fonte da raiz ‘sophia’ na palavra ‘filosofia’ (Asante, 2016, p. 14, negrito e aspas do autor).

Diop evidenciou que ao pronunciar-se como uma cultura superior a Europa bloqueou africanos em um casulo conceitual. As posições prevaletentes, anti-africanas, encontravam suporte nesta lógica burocrática (Asante, 2016).

Como pode um africano libertar-se dessas estruturas racistas? Afrocentristas assumem a posição de que isso é possível e, de fato, essencial, mas pode apenas acontecer se buscarmos por respostas nas categorias de espaço-tempo que são anti-hegemônicas. Estas são categorias que colocam a África no centro da análise das questões africanas e dos povos africanos como agentes nos nossos próprios contextos. Do contrário, como poderemos levantar questões práticas para melhorar nossa situação no mundo? Os judeus do Antigo Testamento perguntavam: ‘Como você pode cantar uma música nova em uma terra estranha?’ Os afrocentristas perguntam: ‘Como o africano pode criar uma filosofia libertadora a partir dos ícones da escravidão mental?’ (Asante, 2016, p. 15).

Nah Dove (1998) acentua que

Fundamentado por seu amor pela humanidade, Diop procurou retificar tentativas escolares de rebaixar a África e seu povo. A ‘teoria do berço’ foi uma tentativa de mostrar que as distinções entre as pessoas podem estar ligadas às suas convicções culturais. Cultura está inserida tão profundamente em um povo que a sua identidade humana como pessoas e indivíduos é moldada por ela. Além disso, para um povo manter a cultura, é necessário preservar a memória cultural através do seu conhecimento histórico, linguagem e psicologia. (Dove, 1998, p. 04, aspas da autora).

Aimé Césaire, no seu livro *Discurso Sobre o Colonialismo*, afirma que Cheikh Anta Diop desmantelou o mecanismo da mistificação dos egiptólogos em seu livro *Nações Negras e Cultura*, “[...] o mais ousado livro que um negro escreveu até agora e que contribuirá, sem dúvida, para o despertar da África” (Césaire, 2020, p. 48).

Entre as várias teses de Cheikh Anta Diop, Finch III (2009) elenca oito: a humanidade nasceu na África, o Antigo Egito foi uma civilização negro-africana, a origem dos povos da África Ocidental remonta ao vale do rio Nilo, o mundo semita é uma fusão de imigrantes caucasoides ou arianos com negros autóctones já estabelecidos na Ásia Ocidental, houve dois berços do desenvolvimento humano nos tempos pré-históricos: o berço do sul (estruturas sociais altamente matriarcais) e o berço do norte (culturas patriarcais); a ciência, a medicina, a arquitetura, a engenharia e a arte civilizada surgiram no vale do rio Nilo; os reinos pré-coloniais da África Ocidental desenvolveram sistemas de governo e formas de organização social altamente sofisticados; há uma unidade cultural entre toda a África Negra.

Diop procurou retificar tentativas escolares de rebaixar a África e seu povo. A "teoria do berço" foi uma tentativa de mostrar que as distinções entre as pessoas pode estar ligada às suas convicções culturais. Cultura está inserida tão profundamente em um povo que a sua identidade humana como pessoas e indivíduos é moldada por ela. Além disso, para um povo manter a cultura, é necessário preservar a memória cultural através do seu conhecimento histórico, linguagem e psicologia (Dove, 1998, p. 04).

Finch III (2009) afirma que Cheikh Anta Diop empreendeu uma mudança de paradigmas na forma como se estudava a África, criando novos modos de investigação e novas sub-disciplinas na produção acadêmica africanista. Sua influência nunca parou de crescer e transcende as fronteiras da academia, modificando a forma como pessoas de ascendência africana pensam a respeito de si, da sua história e do seu futuro. Desta forma, Cheikh Anta Diop representa um gênio e um herói cultural para pessoas de origem africana, dos dois lados do Atlântico. Dedicou-se aos movimentos de independência africana e de reavaliação e reconstrução do passado africano. Portanto, sua vida foi marcada pela ação política. Diop acreditava ser possível que a África produzisse uma renascença, e, assim, pudesse “[...] retornar ao manancial da história cultural africana para reviver, reavaliar e reconfigurar os valores culturais fundamentais que alicerçam a grandeza da civilização africana” (Finch III, 2009, p. 77).

Para Diop, os povos africanos poderiam ser comparados ao amnésico que perdeu totalmente a memória do passado, o que resultou no profundo senso de cisma psíquico, alienação e falta de propósito que alimenta o mal-estar contemporâneo do espírito africano. Ele acreditava firmemente que para ‘conhecer o futuro era preciso olhar para o passado’ – ou, como nas palavras do escritor norte-americano William Faulkner, que ‘o passado não está morto, nem sequer passou...’ Assim, para que os africanos, de maneira global, possam enfrentar o futuro com confiança – inaugurando uma verdadeira Renascença Africana -, é essencial que se baseiem plenamente no conhecimento e na compreensão do seu passado. Não é possível, de outra forma, um futuro real para a África. (Finch III, 2009, p. 89-90).

Clarke (1991) esclarece que por meio dos seus conhecimentos em linguística, antropologia cultural e física, história, química e física, Cheikh Anta Diop criou novos caminhos teóricos que permitiam a descoberta de princípios unificadores da civilização africana clássica. Ele era um teórico e um pragmatista e buscava, constantemente, possibilidades de efetivar a unificação política e econômica da África. Seu trabalho possibilitou ao povo africano, de todos os lugares, elementos para a compreensão da sua história e do seu destino e configura-se em um projeto de restauração do que o colonialismo e a escravização causaram para o continente africano.

Seu foco no livro *Civilization or Barbarism* foi o Antigo Egito e sua relação com a história do mundo primevo, porém nos possibilita a compreensão de como se estabelecia a relação da África, suas nações, povos e culturas, com o mundo. Neste processo não negligenciou as dimensões mais amplas da história, afirmando que ela não pode ser limitada pelas perspectivas de grupo étnico, nação ou cultura. Portanto, a história grega e a história romana tem muitos componentes egípcios, uma vez que o Mediterrâneo foi civilizado pelo Egito. Há, também, elementos de outras partes da África no Egito, principalmente da Etiópia (Clarke, 1991).

Diop dedicou-se à promoção da pesquisa científica na África, participando de muitos encontros internacionais, contribuindo para a inserção intelectual e científica da África no cenário mundial. Suas principais temáticas de estudos são: origem do homem e suas migrações; relação entre o Antigo Egito e a África negra moderna; a evolução das sociedades em diferentes eixos, contribuição do continente africano para a civilização universal; desenvolvimento econômico, técnico, industrial, científico, institucional e cultural do continente africano; edificação de uma civilização planetária, com o triunfo da civilização sobre a barbárie. Denunciou frontalmente falsificações modernas da história a respeito da África e reafirmou a unidade biológica da espécie humana, “[...] fundamento de uma nova educação que recusa toda a desigualdade e hierarquização raciais e a luta contra os preconceitos tenazes”. Sua luta pelo enraizamento das ciências no continente africano evidencia-se pela criação do laboratório de datação de radiocarbono (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 20).

A originalidade de sua caminhada pode ser sublinhada em dois aspectos transversais: a importância capital das questões culturais e antes de tudo linguísticas na luta pela independência e pela unificação da África, de uma parte, e, de outra, a dimensão obrigatoriamente continental (ou ao menos subcontinental) pelo exame e ou solução dos problemas vitais dos povos africanos (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 28)

Portanto,

Fica assim claro a qual ponto a obra enciclopédica do Padrinho da Universidade de Dacar, em sua tripla dimensão científica, humanista e política, constitui um conjunto indivisível, uma totalidade orgânica, que marca uma ruptura epistemológica com a ideologia dominante dos Tempos modernos e funda um paradigma civilizacional inovador nesse início do incerto e ameaçador século XXI (Diongue-Diop *et al*, 2018, p. 29)

Ela (2014, p. 33) destaca que durante muito tempo a África esteve colocada à margem da ciência e da cultura. Diop preocupava-se com a unidade africana, o que sustentava a sua obra histórica, sociológica, linguística. É possível identificar este pensamento “[...] nos vários temas da sua investigação: origem comum egípcia dos povos negros, unidade sociocultural de uma sociedade matriarcal, história dos grandes impérios sudaneses.”. A confluência para questões políticas foi um movimento natural em sua vida, pois não aceitava manter-se fechado em seu laboratório e apartado da realidade. “C. A. Diop é o intelectual africano cujas ‘mãos estão sujas’”.

Diop desvelou as contribuições da África para a história do saber, não destinando-se somente às pessoas do continente. “Há que situar este investigador no seu âmbito devido, isto é, a aventura da razão na história. Gostaria de aproveitar o ensejo para evocar a vida de um africano que simboliza a ‘honra de pensar’” (Ela, 2014, p. 11).

Sua obra configura um complexo debate sobre o problema da África sob a perspectiva do Ocidente, estendendo-se por um vasto domínio interdisciplinar que apresenta o continente africano como um desafio histórico e epistemológico e devolvendo aos povos africanos a história confiscada pela Europa. “A obra de C. A. Diop representa o desafio da ciência com base na recuperação do sentido do destino humano atendendo ao lugar dos negros na história da humanidade” (Ela, 2014, p. 19).

Sua paixão visceral pela África e pela sua história o auxiliou a cumprir a sua tarefa de iluminar a noite negra dos africanos. Seus estudos linguísticos evidenciaram a aptidão das línguas africanas para traduzir conceitos abstratos e o auxiliaram a destruir o mito da inferioridade intelectual dos negros. Um exemplo disso é a tradução da teoria da relatividade para o *wolof*. Dono de um conhecimento vasto, Diop multiplicava e alargava constantemente seus pontos de vista, sendo pioneiro em cada um dos domínios das suas investigações. Como uma verdadeira enciclopédia humana, correlacionou os diferentes ramos do conhecimento a que teve acesso, buscando meios para restaurar a dignidade dos povos africanos (Ela, 2014).

Para compreender um objecto de estudo em toda a sua complexidade, C. A. Diop recorre a várias disciplinas de investigação. Nesse sentido, contribui para um novo desenvolvimento na arqueologia. A própria etnologia radica-se nos trabalhos do historiador. A referência constante aos trabalhos culturais dita o recurso à antropologia, o que explica o interesse das páginas de C. A. Diop dedicadas ao matriarcado, ao totemismo, à realeza e à organização social e política. [...] Por fim, graças ao contributo do egiptólogo, a linguística assume-se como um instrumento indispensável para o conhecimento de África e da sua história (Ela, 2014, p. 42).

Ao decifrar os hieróglifos descobriu que os antigos egípcios se viam como os outros negros do continente africano. Diop também chamou a nossa atenção para o fato de que escavações arqueológicas comprovaram que os primeiros homens descobertos eram negros. *“O reconhecimento da anterioridade do facto negro na história da humanidade significa situar o local de nascimento da razão em África”* (Ela, 2014, p. 45).

Os trabalhos de C. A. Diop podem ser lidos como uma *tentativa de reinterpretação do complexo cultural africano na história das civilizações a partir do Antigo Egipto*. Reenquadra as formas de produção intelectuais e culturais, as marcas, os aspectos da ciência e do pensamento, os mitos e a religião, bem como a arte, num contexto global em que o Ocidente deve reavaliar a consciência que tem de si próprio, atendendo aos ensinamentos da história acerca da influência dos negros no mundo mediterrânico. Não se trata apenas da imagem que a muito se formou sobre a África; é a própria visão que o Ocidente em de si mesmo que corre o risco de ser tornar obsoleta e a desactualizada na medida em que mergulha numa mitologia alheia à ciência. Com efeito, C. A. Diop põe em causa uma tradição teórica que esteve em voga durante largos séculos (Ela, 2014, p. 46).

Diop reconheceu a origem egípcia dos teoremas de Pitágoras e da geometria de Euclides e obrigou o Ocidente a revisar o os primórdios da ciência e das matemáticas fora do domínio grego. Suas descobertas e seus questionamentos surpreenderam até mesmo os negros, que viam os gregos como autores das invenções negras, o que implicou a aprendizagem de uma nova forma de pensar (Ela, 2014).

C. A. Diop insta seus contemporâneos a contemplar o papel dos negros na história da cultura através dos olhos dos gregos da Antiguidade Clássica. Este contributo para a ciência histórica representa igualmente uma contribuição determinante para a história das ciências e da filosofia. Ao reiterar o ‘papel civilizador dos egípcios antigos na história da humanidade’, C. A. Diop não só institui uma ligação entre o estudo das civilizações africanas e a egiptologia como também reestabelece as origens do conhecimento. A razão nasceu entre os negros – é precisamente esse o ‘escândalo’ que está no cerne da obra do historiador africano. [...] O historiador que reclama o passado usurpado da África raramente mereceu homenagens faustosas nos círculos onde se verifica uma recusa em esquecer aquilo que o Ocidente não foi: lugar primordial da razão. A exposição das obras do investigador nas grandes feiras das ideias não é consentida facilmente. O único tom que se lhe afigura conveniente é o de escárnio (Ela, 2014, p. 54).

Diop preparou uma revolução cultural em um período em que o colonialismo estava em crise, destacando a importância da memória, uma vez que “[...] para o negro, a recuperação da sua memória significa munir-se de um eixo de referência a fim de reconquistar aquilo que fora conquistado em prol do Ocidente (J. Ki Zerbo, 1957 apud Ela 2014, p. 60).

J. Ki Zerbo (1986 apud Ela, 2014, p. 57) elenca algumas características de Cheikh Anta Diop:

a vontade indomável de endireitar a história, de reorganizar o ‘Imago Mundi’ e, recorrendo a uma revolução semelhante à copernicana, colocar o sol no centro do sistema. Trata-se de um trabalho titanesco que suscitava o sarcasmo nuns, a estupefacção noutros e, regra geral, o escândalo entre todos os cientistas que se recusavam a encará-lo de frente, preferindo olhá-lo de lado, já que o *status quo* de então se afigurava suspeito. Esta verdade fundamental do contributo determinante dos negros para o progresso da humanidade (...), será apoderada pelo nosso irmão Cheikh, qual Pormeteu que rouba o fogo ao Olimpo dos Deuses.

Diop, um dos grandes mestres da dúvida da história africana, promoveu a reconciliação da África negra pré-colonial com a história, submetendo, assim, a etnologia e um teste severo. Com toda a sua eminência científica, é um sentinela que domina todo o mundo negro, despertando “[...] o homem africano para a sua própria vocação intelectual e científica. Para o investigador a ciência dominante é suspeita: logo, o homem tem que olhar de forma diferente para si mesmo, para a sociedade africana e para a história” (Ela, 2014, p. 101).

Toda a obra do investigador senegalense consiste num combate à amnésia total do homem africano. Nessa perspectiva, o autor de *Nations nègres et culture* acaba por inaugurar outra ‘redacção da história’, anunciando também uma política da memória do imaginário que anuncia às gerações atormentadas pelas aspirações de liberdade. *Restituir a memória a um povo é ajuda-lo a libertar-se das suas correntes*. C. Anta Diop introduz uma cultura da divergência no sistema do consenso instituído pelo sistema colonial que tenta desapossar os africanos da sua história para consolidar a supremacia. C. Anta Diop é o herético que revoluciona a ordem do discurso magistral e que desestabiliza e perturba a perspectiva do Ocidente. Na era do revisionismo ambiente, o silêncio ultrajante com o qual os africanistas envolvem o estudioso negro e a sua obra não causa espanto. *C. A. Diop continua a ser um desafio. A sua figura atormenta o imaginário daqueles que não ousam confessar o medo dos mortos-vivos*. Com a sua obra e o seu pensamento, uma ‘maneira de ver’ diferente, o destino de África irrompe no campo do saber e da ordem política (Ela, 2014, p. 90).

Diop elaborou uma ruptura com a antropologia colonial e assumiu a história como o local privilegiado da descoberta da identidade africana, focando nas contribuições do homem negro para a ciência e para as filosofias (Ela, 2014). Na sua luta por superar o paradigma a-

histórico e etnográfico criado por antropólogos e africanistas, adotou uma metodologia de investigação baseada em estudos diacrônicos, no comparatismo crítico e na pluridisciplinaridade. “Graças a uma abordagem simultaneamente analítica e sintética, foi possível para o autor devolver os acontecimentos históricos, sociológicos, linguísticos, culturais ao continente africano, a sua coerência e a sua inteligibilidade” (M’Backé Diop, 2014, p. 103).

Os poucos traços salientes da natureza do sistema de dominação da África pela Europa, que acabam de ser evocados, mostram em que contexto de violência extrema, física, mental e de obscurantismo ideológico Cheikh Anta Diop empreende as suas investigações. Através de uma investigação científica metódica, mergulhando no passado mais longínquo do homem, este vai restituir a existência, a anterioridade e a riqueza das civilizações negro-africanas, colocando desde logo em causa os próprios fundamentos da cultura ocidental relativos à génese e à evolução da humanidade (M’Backé Diop, 2014, p. 93).

A restauração da consciência histórica, da consciência de possuir uma história, foi uma das grandes finalidades do imenso e revolucionário trabalho de Chekh Anta Diop. “O seu conhecimento do *wolof*, sua língua materna, revelar-se-á uma das principais chaves que lhe abrirá as portas da civilização faraónica” (M’Backé Diop, 2014 p. 94).

Ao recusar o esquema hegeliano da leitura da história humana, Cheikh Anta Diop dedicou-se, por conseguinte, a elaborar, pela primeira vez na África Negra, uma inteligibilidade capaz de dar conta da evolução dos povos negros africanos, no tempo e no espaço [...] Nasceu uma nova ordem na compreensão do fator cultural e histórico africano. Os diferentes povos africanos são povos ‘históricos’ com o seu Estado: o Egipto, a Núbia, o Gana, o Zimbabwe, o Congo, o Benin, etc., a sua arte, a sua ciência. Mais ainda, estes diferentes povos históricos africanos concretizam-se, na verdade, enquanto factores substanciais da unidade cultural africana (Obenga, 1996 apud M’Backé Diop, 2014, p. 97)

Para Alves-Brito et al (2020) Cheikh Anta Diop foi um dos maiores cientistas e intelectuais do século XX, sua formação diversa foi crucial para sedimentar o seu caráter inovador e para ideias que causaram uma revolução na ciência moderna. Sustentam os autores que

[...] a principal contribuição de CA-Diop [Cheikh Anta Diop] para o conhecimento científico do século XX foi, exatamente, rebelar-se contra a compreensão eurocêntrica e racista de um mundo interpretado a partir de pressupostos estabelecidos pelo conhecimento acadêmico, uma vez que toda a sua atuação se fez no âmbito do pensamento racional, a partir de teorizações, proposições e experimentações de cunho científico, porém a partir do ponto de vista de um pesquisador negro – a quem, em geral, estava reservado o lugar de objeto de estudo. (Alves-Brito et al, 2020, p. 301-302).

Cheikh Anta Diop é reverenciado no mundo todo por seus estudos em Egiptologia, campo no qual ele tinha uma missão dupla: inserir-se como pesquisador negro em uma área dominada por pesquisadores brancos e comprovar sua tese de que os habitantes do Antigo Egito eram negros, contrariando, assim, o pensamento hegemônico eurocêntrico. Portanto, é necessário reescrever a historiografia da ciência, evidenciando pessoas que foram silenciadas historicamente. A história e a carreira de Diop precisa estar, de forma contextualizada, nas salas de aula e nos livros didáticos “[...] como resiliência científica e proposição original de ideias.” Aliado a isto, “[...] sua história representa, em corpo e em pensamentos, a contraposição ao racismo estrutural que vigora no Brasil e faz valer a legislação brasileira que propõe a valorização da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira na educação” (Alves-Brito *et al*, 2020, p. 312).

Diop, além de participar de projetos científicos de significativo impacto no continente africano, ressignificou a África do ponto de vista dos mitos, das crenças, da filosofia e da cultura. Ao comprovar, através de testes de datação de carbono, que os antigos egípcios eram negros, instaurou uma nova visão de mundo na perspectiva afrocentrada que ressignificou a negritude na historiografia da ciência. As discussões sobre raça e racismo como estruturas de poder e como parte da historiografia da ciência, estavam presentes nos seus trabalhos desde meados do século XX como questões fundamentais do seu pensamento sobre a realidade (Alves-Brito *et al*, 2020).

Assim, Cheikh Anta Diop desenvolveu uma

[...] epistemologia nova e alternativa, uma filosofia da história e das relações humanas em que o negro - o negro africano - estava no centro, desenvolvendo uma visão contra hegemônica e revolucionária à forma eurocêntrica vigente à época (e ainda hoje) de interpretar a realidade (Alves-Brito *et al*, 2020, p. 313-314).

Mesmo sendo o principal responsável por esclarecer a origem da raça e da civilização do Antigo Egito e de suas ideias terem sido difundidas, inclusive para a Europa, o racismo epistêmico e epistemicida tem negligenciado a sua obra sistematicamente (Silva; Pinheiro, 2018).

Diop lida, de forma prioritária, com os problemas do colonialismo, da falsificação da história como estratégia imperialista e do subdesenvolvimento do continente. O seu intento é restaurar a personalidade coletiva africana, isto é, a consciência histórica dos sujeitos africanos, em direção a uma verdadeira emancipação e desenvolvimento do continente. Trata-se de um trabalho árduo e arriscado, porquanto exige erudição e mesmo assim é malvisto pelo sistema opressor, contudo indispensável para conferir um início feliz à revolução africana, ao renascimento almejado (Mucale, 2023, p. 115).

Mucale (2023, p. 115) esclare que “O pressuposto é de que um povo sem consciência histórica é um povo que pode ser facilmente domado, manipulado, dividido, espezinhado e mantido nesta situação. O seu oposto é válido: todo processo emancipatório de um povo deve tomar em conta a consciência histórica”. Ao comprovar que os povos africanos foram criadores de grandes civilizações como Egito, Gana, Nigéria, Benin e Zimbábue, Diop provou que

[...] eles já foram sujeitos-agentes da história, criadores e inovadores. Assim, desmistificam-se todas as teorias racistas, etnocêntricas e pseudocientíficas defensoras de uma inoperância negra e incapacidade de criação da civilização e da história, os mitos de primitivismo de Lévy-Brhul e de a-historismo e selvagismo de Hegel (Mucale, 2023, p. 125).

Mucale (2023) enfatiza que a unidade histórica baseada nas duas ideias centrais de Diop, a saber: tese monogenética africana negra (os primeiros seres humanos surgiram na África e eram negros) e a criação de grandes civilizações por parte dos africanos; devem servir de

[...] cimentação de uma consciência histórica africana necessária para gerar autoconfiança e determinação para a emancipação da unidade dos indivíduos africanos ora sujeitos ao colonialismo. Se a colonização e o colonialismo se serviram da falsa ideia da história africana que criaram e propagaram, a emancipação deverá tomar em conta a reabilitação da história (Mucale, 2023, p. 125).

Cheikh Anta Diop busca elementos para o estabelecimento de uma nova ordem de conhecimento e de desenvolvimento dos povos africanos nos sarcófagos do Egito e também entre histórias e culturas milenares. Desta forma, possibilita a criação de uma correta consciência histórica, capaz de nos auxiliar na construção do presente e na busca pelo futuro (Mucale, 2023). Bwemba Bong (2014) esclarece que a ruptura da consciência histórica africana é o principal obstáculo para o Renascimento Africano.

Conforme meus estudos sobre a vida e a obra de Diop avançavam, fui percebendo pontos de convergência entre os dois e compreendendo que ambos, cada um à sua maneira, tem muito a contribuir na nossa jornada em busca da superação da *maafa* e do restabelecimento de Maat e na união dos retalhos que nos compõem e que compõem nossas histórias.

3.3 O caminho de Carl Gustav rumo à espiritualidade

A temática da espiritualidade me aproximou de Jung no início da graduação em Psicologia. De todas as abordagens que conheci naquela época somente a Psicologia Junguiana me permitia continuar tendo uma perspectiva espiritualista depois de entrar para a academia. Contudo, ela não era uma abordagem enfatizada no meu curso e, como acontece com muitas pessoas, acabei me distanciando de Jung. A perspectiva materialista foi ganhando cada vez mais espaço na minha produção acadêmica e na minha forma de perceber o mundo.

Esta situação foi sendo modificada aos poucos. Primeiro houve uma reaproximação com a espiritualidade, o que foi influenciado pela chegada do meu amor na minha vida, no ano de 2018. No ano seguinte, 2019, aconteceu a minha reaproximação com Jung, a partir de uma visita ao Museu de Imagens do Inconsciente, o que me fez mudar de abordagem psicológica e mudar os rumos da minha trajetória na Psicologia.

Desta forma, o início do meu mergulho nos estudos junguianos foi marcado pela busca da espiritualidade, o que foi movido por um desejo pessoal de me apropriar da temática, mas também de um desejo científico de fazer um contraponto ao cientificismo materialista na academia, e auxiliar no retorno da palavra “alma” à Psicologia. Quando iniciei meus estudos na Filosofia Africana Antiga, em 2021, o embasamento junguiano foi fundamental para que eu pudesse assimilar esse conhecimento ancestral, pois seus conceitos nos auxiliam a nos libertarmos das amarras do pensamento ocidental. Jung, assim como Diop, era uma pessoa altamente criativa e inquieta e que gostava de remexer os baús esquecidos (ou escondidos) de retalhos. Em sua busca constante pelas raízes da Psicologia se aproximou da Gnose, da Alquimia e da Mitologia.

Jung preocupou-se em desenvolver uma psicologia da experiência religiosa, considerada por ele um fenômeno psíquico e, para tanto, utilizava os termos religião e religiosidade, pois na época o conceito de espiritualidade não era utilizado como atualmente. Tornou-se, então, um dos nomes mais relevantes nos estudos desse campo na Psicologia. O termo espiritualidade é um fenômeno universal, uma constante antropológica com uma grande multiplicidade de manifestações e de significados. Etimologicamente está relacionado com o termo *spiritus* que significa cheio de espírito, inspirado, animado. Refere-se a todas as expressões de religiosidade, o que independe de confissões ou igrejas. Portanto, é um conceito superior que abarca uma pluralidade de fenômenos religiosos (Dorst, 2015).

Com o conhecimento de conteúdos subjetivos do consciente nada sabemos ainda sobre a psique e sua verdadeira vida subterrânea. Como em toda ciência, também na psicologia o trabalho de pesquisa exige conhecimentos bastante extensos. Um pouco de patologia e teoria das neuroses é totalmente insuficiente, pois esta área do conhecimento médico sabe apenas de uma doença, mas desconhece totalmente a alma que está doente (Jung, 2011a, p. 14, OC 5).

A respeito da espiritualidade diz Jung (Mcguire-Hull, 1977, p. 76, grifos do autor):

De minha experiência com esses milhares de pacientes, convenci-me de que *o problema psicológico de hoje é um problema espiritual, um problema religioso*. O homem de hoje está faminto e sedento de uma relação segura com as forças psíquicas dentro de si mesmo. Sua consciência, recuando em face das dificuldades do mundo moderno, carece de um relacionamento com condições espirituais seguras. Isso fá-lo neurótico, doente, assustado. A ciência disse-lhe que não existe Deus, que tudo o que existe é matéria. Isso privou a humanidade de sua floração plena, de sua sensação de bem-estar e de segurança num mundo confiável.

A palavra alma quase desapareceu da Psicologia contemporânea havendo uma tendência de substituí-la por psique, como estratégia para fugir das ambiguidades que o termo carrega e sua ligação com aspectos religiosos (Hillman, 1984). Para Jung sua alma era a sua realidade. Uma vez voltado para as vivências interiores, acreditava que a religião desempenhava um papel muito importante na terapêutica dos males da alma e afastar-se dela seria a origem de muitas neuroses (Jaffé, 2015).

No livro *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Jung (2015a) comenta a respeito de uma experiência que vivenciou no ano de 1944, quando teve um enfarte cardíaco depois de uma fratura no pé. Na ocasião teve delírios e visões que não conseguiu definir se foram sonhos ou visões, mas que causaram profundas transformações na sua vida. mudanças profundas em sua vida. Conecto tal experiência à seguinte afirmação de Jung: “Ninguém pode saber o que são as coisas derradeiras e essenciais. Por isso devemos toma-las tal como as sentimos [...]” (Jung, 2012, p. 131, § 167, OC 11/1).

Ter experienciado fenômenos mediúnicos em sua casa e ter realizado pesquisas sobre a temática quando jovem influenciaram sobremaneira a vida e a obra de Jung, reverberando até mesmo na sua opção pela Psiquiatria. Seus estudos para os exames finais do curso de Medicina lhe permitiram compreender que há sempre uma dimensão subjetiva nos manuais de Psiquiatria e que, por esta perspectiva, as psicoses estariam vinculadas à personalidade (Jung, 2015a).

De repente meu coração pôs-se a bater com violência. Precisei levantar-me para tomar fôlego. Uma emoção intensa tinha se apoderado de mim: num relance, como que através de uma iluminação, compreendi que não poderia ter outra meta a não ser a psiquiatria. Somente nela poderiam confluír os dois rios do meu interesse, cavando seu leito em um único percurso. Lá estava o campo comum da experiência dos dados biológicos e dos dados espirituais, que até então eu buscara inutilmente. Tratava-se, enfim, do lugar em que o encontro da natureza e do espírito se torna realidade (Jung, 2015a, p.122).

Essa experiência marcou profundamente a vida e a obra de Jung. A partir de então retomou os estudos sobre a espiritualidade, que havia abandonado por sentir-se incompreendido (Jung, 2015a). Em sua tese de Doutorado analisou um caso de sonambulismo, cuja pesquisa havia realizado anos antes. Ele acreditava que com este estudo poderia contribuir para a compreensão da psicologia do inconsciente (Jung, 2013a, §150, OC 1).

As experiências de Jung com alguns livros evidenciam a afirmação de Shamdasani (2014, p. 09) de que “Na vida intelectual de um bibliófilo, os encontros com livros se tornam momentos críticos decisivos, momentos de convergência entre casualidade e destino”. Ao analisar sua biblioteca, encontrou livros de vários autores que escreveram sobre Espiritismo, entre eles William Crookes, Alfred Wallace, Carl Du Prel e Swedenborg. Jung também foi influenciado por Justinus Kerner, que escreveu o livro *A Vidente de Prevorst*, por William James, Pierre Janet e Flournoy.

A espiritualidade também foi um ponto de conflito entre Jung e Freud. Jung (2015a) explica que no ano de 1910 esteve na casa de Freud e que na ocasião ele lhe pediu que não abandonasse a teoria sexual, pois ela era um dogma, um baluarte. Jung lhe questionou:

‘Um baluarte – contra o quê?’ Ele respondeu-me: ‘Contra a onda de lodo negro do...’ Aqui ele hesitou um momento e então acrescentou: ‘... do ocultismo!’ O que me alarmou em primeiro lugar foi o ‘baluarte’ e o ‘dogma’; um dogma, isto é, uma profissão de fé indiscutível surge apenas quando se pretende esmagar uma dúvida, de uma vez por todas. Não se trata mais de julgamento científico, mas revela somente uma vontade de poder pessoal. Esse choque feriu o cerne de nossa amizade. Eu sabia que jamais poderia concordar com essa posição. Freud parecia entender por ‘ocultismo’, aproximadamente, tudo o que a filosofia e a religião – assim como a parapsicologia nascente – diziam da alma (Jung, 2015a, p. 158).

Percebemos, mais à frente, evidências de que o tema da espiritualidade esteve no cerne do rompimento entre Jung e Freud.

Eu queria conhecer as opiniões de Freud acerca da precognição e de parapsicologia em geral. Quando fui vê-lo em 1909, em Viena, perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Fiel a seu preconceito materialista, repeliu todo esse complexo de questões, considerando-as mera tolice. Ele apelava para um positivismo de tal modo artificial que precisei conter uma resposta cáustica. Alguns anos decorreram antes que Freud reconhecesse a seriedade da parapsicologia e o caráter de dado real dos fenômenos ‘ocultos’ (Jung, 2015a, p. 162).

Jung (2015a) relata que enquanto ouvia Freud sentiu uma sensação de queimação no seu diafragma e ao mesmo tempo ambos ouviram um forte estalido em uma estante próxima. Diante disso Disse a Freud que havia acontecido um fenômeno catalítico de exteriorização e sua resposta foi que tratava-se de um disparate. Jung retrucou que ele estava enganado e que o fenômeno se repetiria, o que realmente aconteceu. Jung afirma não saber de onde veio a certeza sobre a reprodução do ruído. Os dois nunca mais conversaram sobre o acontecido.

No prefácio à quarta edição do livro *Símbolos da Transformação*, escrita trinta e nove anos depois do seu lançamento, podemos encontrar elementos que possibilitam maior compreensão sobre o processo de rompimento de Jung e Freud:

Tudo se abateu sobre mim como uma avalanche, que também não pode ser detida. Só mais tarde compreendi a urgência inerente ao empreendimento: era a explosão de todos aqueles conteúdos anímicos que não encontravam lugar na estreiteza sufocante da psicologia e da filosofia de Freud. [...] eu me refiro ao causalismo reduutivo de suas teorias em geral e ao fato de praticamente não levar em consideração a finalidade tão característica de tudo o que é psíquico (Jung, 2011a, p. 12, OC 5).

Esse rompimento com Freud foi muito impactante para Jung, mas também representou um ponto de inflexão. Shamdasani (2020) acentua que este período foi marcado por profundas transformações na sua vida e na sua obra. Jung realizou um auto-experimento de confronto com sua alma e com seu inconsciente e o registrou n’*Os Livros Negros*. Nas anotações do *Livro Negro 1* (Jung, 2020b) é possível ver o seu reencontro com a sua alma e a alegria que isso lhe causou.

Shamdasani (2020) esclarece que Jung objetivava estudar os conteúdos que estavam em segundo plano e emergiam quando ele esvaziava o consciente. Suas atitudes eram intencionais para que os conteúdos psíquicos emergissem de forma espontânea. Foram determinantes neste processo: sua experiência com estudos de médiuns em estado de transe, seu conhecimento e interesse por práticas históricas e contemporâneas que envolviam produção de fantasias acordadas e alucinações visuais, experimentos em estados hipnagógicos e com escrita automática.

O autor (Shamdasani, 2020) chama a atenção para as contribuições de Staudenmater e sua busca por uma explicação científica da magia na obra de Jung, assim como os escritos de

Jâmblico sobre os mistérios egípcios e as práticas teúrgicas de invocação ritual. Analisando suas fantasias registradas n' *Os Livros Negros*, considerou 12 como precognitivas.

Vários eventos parapsicológicos aconteceram na casa de Jung no final de 1916 e início de 1917. Foi nesta ocasião que ele escreveu *Sete Sermões aos Mortos*, que podem ser compreendidos como a culminação das suas fantasias deste período e trata-se de uma cosmogonia psicológica baseada em um mito gnóstico da criação. Sua aproximação com o gnosticismo aconteceu enquanto se preparava para escrever *Transformações e Símbolos da Libido*, em 1913, e o estudou intensamente durante o tempo em que prestou o serviço militar, em 1915. Ficou surpreso com a grande semelhança que percebeu entre o gnosticismo e o seu *Livro Vermelho* (Shamdasani, 2020).

Chama muito a atenção o relato de Jung (2015a) sobre esses fenômenos. Afirmou que sua casa estava impregnada por uma atmosfera pesada, como se houvesse entidades fantasmagóricas. “A atmosfera era terrivelmente opressiva. Percebi que algo ia acontecer. A casa parecia repleta de uma multidão, como se estivesse cheia de espíritos! Estavam por toda a parte, até mesmo debaixo da porta, mal se podia respirar”. Ao se questionar sobre o que estava acontecendo ouviu uma frase que se tornaram as primeiras linhas de seu texto: “Nós voltamos de Jerusalém, onde não encontramos o que buscávamos”. (p. 196).

Jung (2015a) ainda esclarece que as palavras fluíram espontaneamente e o trabalho foi concluído em três noites. Quando começou a escrever a atmosfera tornou-se mais tranquila. Embora fale sobre a presença de espíritos Jung esclarece que é preciso compreender a experiência como algo ligado ao seu estado emocional que pode ter causado os fenômenos parapsicológicos.

Como é possível perceber Jung teve a sua vida marcada pela espiritualidade e isso impactou na construção da Psicologia Complexa, o que veremos com mais detalhes a seguir.

3.4 A Espiritualidade na Psicologia Complexa: a volta da alma na Psicologia

A Psicologia Complexa considera a totalidade dos fenômenos psíquicos frente à sua ocorrência natural, como um conjunto extremamente complexo que engloba, entre outros, funções sensoriais e fenômenos psíquicos (Jung, 2011d, OC 17). Ela considera também a importância das pessoas que tem uma vivência interior, pois os fenômenos psíquicos experienciados possibilitam a compreensão da dinâmica do inconsciente. Entre essas figuras estão santos, bruxas, sonâmbulos e pessoas estigmatizadas (Jung, 2020c).

Silveira (1981) nos lembra que para Jung a religiosidade é um fenômeno universal, uma função natural e inerente à psique, um instinto. Sua atitude é positiva em relação às religiões, considerando-as válidas na medida em que recolhem e conservam as imagens simbólicas presentes no inconsciente, elaborando-as em seus dogmas e promovendo conexões com as estruturas da vida psíquica.

Para Jung “A religião dá-nos uma rica aplicação para os nossos sentimentos e emoções. Propicia significado à vida” (Mcguire; Hull, 1977, p. 77) e está relacionada ao *religere*, ao que Rudolf Otto denominou de experiência numinosa, na qual

[...] o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente da sua vontade. De qualquer modo, tal como *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo. O numinoso pode ser propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência. Tal é, pelo menos, a regra universal (Jung, 2012, p. 19, §6, OC 11/1).

A religião é uma das expressões mais antigas e universais da alma humana e, portanto, a psicologia que investiga a estrutura psicológica da personalidade precisa constatar que, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, ela ocupa um lugar de suma importância para muitas pessoas (Jung, 2012, OC 11/1).

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: **religio**, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como ‘**potências**’: espíritos, demônios, deuses, leis, ideais, ideias, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio e experiência ter-lhe mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados” (Jung, 2012, p. 10, § 8, OC 11/1).

A este respeito, em carta a P. W. Martin, em 28 de agosto de 1945, escreveu Jung:

O senhor tem razão em dizer que o interesse principal do meu trabalho não está no tratamento das neuroses, mas numa aproximação com o numinoso. O fato é que o acesso ao numinoso é a verdadeira terapia e na medida em que se chega às experiências numinosas, há uma libertação da maldição da doença. A própria doença assume um caráter numinoso (Jung, 2002a, p. 381, Cartas I).

Jung (2011e, p. 140-141, OC 16/1, § 254) faz importantes esclarecimentos sobre o inconsciente e o numinoso:

O inconsciente, porém, em sua manifestação mais importante e de maior influência, pode ser considerado um fenômeno coletivo, sempre idêntico a si mesmo, e como parece nunca desviar-se de si mesmo, formaria uma estranha unidade, cuja natureza, contudo, ainda está envolta numa enorme escuridão. Convém acrescentar que hoje em dia ainda existe a parapsicologia, cujo objeto são manifestações que estão em conexão direta com o inconsciente. A ela pertencem os fenômenos de ESP (Extra-Sensory Perception), que a psicologia médica não pode ignorar de forma alguma. Se esses fenômenos tem algo a provar, é uma certa relatividade psíquica de espaço e tempo, o que constituiu um esclarecimento significativo da unicidade do inconsciente coletivo. No entanto, por enquanto temos certeza apenas de dois conjuntos de fatos, ou seja, de um lado, a concordância entre os símbolos individuais e os mitologemas, e, de outro, o fenômeno ESP. A interpretação desses fenômenos está reservada ao futuro.

Entre os anos de 1933 e 1934, Jung realizou 16 palestras sobre o que nominou de “psicologia moderna”; entre outros temas discutiu a importância do espiritualismo e da pesquisa mediúnica na ascensão da Psicologia. Destas palestras, 07 são sobre duas obras que tiveram um impacto considerável sobre Jung: o livro de Kerner “A Vidente de Prevorst” (05 palestras) e a obra “Da Índia ao Planeta Marte”, de Flornoy (02 palestras). Estas duas obras tiveram forte impacto sobre Jung e no desenvolvimento da taxonomia detalhada sobre a consciência humana, apresentadas por ele em uma série de diagramas (Falzeder; Liebscher; Shamdasani, 2020).

Essas palestras tem uma importância significativa para a história da Psicologia e também para a construção da Psicologia Complexa; seus temas são ainda mais importantes hoje em dia do que na época. Elas evidenciam o espírito histórico e filosófico de Jung e o seu lugar de destaque entre as principais referências da Psicologia do século XX.

Em sua palestra 05 no Instituto Federal Suíço de Tecnologia, em 17 de novembro de 1933, ao falar sobre a existência ou não de fantasmas, Jung (2020c, p. 154) acentua que “[...] em todo caso, não podemos fazer nenhuma declaração peremptória nesse campo, pois não há prova alguma – não sabemos se fantasmas existem ou não. [...]”. Também argumenta o autor que do ponto de vista da ciência esta questão está longe de ter uma resposta.

Jung (2020c) cita Kant (1766) e evoca sua afirmação, que qualificou de notável e bastante otimista, de que um dia será provado que a alma é afetada pelo mundo dos espíritos. Jung (2020c) acredita que tal profecia se cumprirá mesmo com as dificuldades de comprovação que a envolvem, visto que não é possível discernir se o que estamos observando diz respeito ao inconsciente ou a algo externo. Esclarece que suas análises do caso baseiam-se em aspectos psicológicos, destacando-se a exteriorização (capacidade de externalizar processos psíquicos) e a segunda visão (capacidade de ver pensamentos), ambos compreendidos como dons e desprovidos de características patológicas.

Destaca Jung (2020c, p. 191) que as chamadas percepções sobrenaturais são clarividentes e se expressam por meio dos sentidos e do espírito, e em termos de tempo e espaço. Portanto, tais fenômenos desafiam as leis da natureza e por isso há uma forte tendência de que sejam desconsiderados, no entanto, deles resultam muitas experiências factuais irrefutáveis para que sejam ignorados, ainda que estejam imersos em uma “[...] obscura superstição, mas todo o nosso mundo científico emergiu precisamente desta obscura superstição, de um mundo de magia”.

Na palestra seguinte, de 15 de dezembro de 1933, Jung (2020c, p. 194) explica que observou incontáveis casos em que sonhos e premonições traziam presságios do futuro, especialmente em pessoas que voltam sua atenção para o seu mundo interno. “Portanto, ocorrem tais sonhos, premonições e percepções que estão no limiar da percepção extrassensorial. Isso é simplesmente um fato, um fato bastante incômodo, é verdade, porém devemos aceita-lo”.

Na palestra de 12 de janeiro de 1934, Jung (2020c, p. 212) faz uma síntese de algumas conclusões que tirou a partir da análise do caso da vidente de Prevorst:

1) O tempo e o espaço se relativizam, pressentimentos e sonhos se realizam, e experiências telepáticas acontecem. 2) Constatamos certos conteúdos psíquicos autônomos, levando, em última instância, à aparição de fantasmas. 3) Símbolos de um centro psíquico são experienciados. Este centro não coincide com a consciência, e é geralmente percebido como fonte de vida, equivalente a uma experiência de Deus. Pode-se reconhecer nisto a essência da religião.

Em Jung (2013b, OC 18/1) encontramos sete textos que versam sobre a temática do espiritismo e de fenômenos parapsicológicos. No texto “Sobre fenômenos espíritas”, afirma Jung que

A dupla natureza do espiritismo lhe dá uma vantagem sobre os outros movimentos religiosos, ele acredita não só em certos artigos de fé, não suscetíveis de provas, mas baseia sua fé num complexo de fenômenos que são em última análise físicos e dizem respeito à ciência, mas que seriam de tal natureza que não poderiam ser explicados a não ser pela atuação dos espíritos. Esta peculiar dupla natureza – por um lado seita religiosa, por outro lado hipótese científica - faz com que o espiritismo atinja as esferas mais diversas e aparentemente distantes da vida (Jung, 2013b, p. 311, OC 18/1, § 697).

No volume 18/2 Jung (2011f, p. 89, OC 18/2, § 1.213) afirma que “A Parapsicologia é uma ciência que se ocupa com aqueles acontecimentos biológicos e psicológicos que mostram que as categorias de matéria, espaço e tempo (e com isso a causalidade) não são axiomáticas”.

Mais à frente acentua que a psicologia do inconsciente é a área que poderia ser atribuída à Parapsicologia, que “O sentindo psicológico de acontecimentos parapsicológicos foi pouco estudado até agora” (p. 90, §1.221) e que “O fator que favorece o surgimento de acontecimentos parapsicológicos é a presença de um arquétipo ativo, isto é, de uma situação em que são ativadas as camadas mais profundas e instintivas da psique. O arquétipo é um fenômeno limite, caracterizado por uma relativização do tempo e do espaço. [...]” (p. 90, § 1.222).

Não é de admirar que os conteúdos do inconsciente se manifestem na forma de personificações (espíritos). Em primeiro lugar, porque esta foi, desde tempos imemoriais, a forma tradicional da compensação inconsciente e, em segundo lugar, porque é difícil provar com certeza que não se trate realmente de espíritos. Mas a prova de que se trata de espíritos é igualmente difícil, quando não impossível (Jung, 2002a, p. 35, Cartas I).

Diz Jung que conversava com um amigo de William James, o professor Hyslop, e este lhe

[...] admitiu que, considerando todos os fatores, a totalidade desses fenômenos metafísicos seria melhor explicada pela hipótese dos espíritos do que pelas qualidades e peculiaridades do inconsciente. Com base em minhas próprias experiências, preciso dar-lhe razão neste aspecto. Em cada caso particular preciso ser necessariamente cético, mas no geral devo conceder que a hipótese dos espíritos traz melhores resultados na prática do que outra qualquer (Jung, 2002b, p. 35, Cartas II).

Jung percebeu indícios de vida após a morte em sonhos seus e de pacientes. Não afirmou tratar-se de conhecimentos ou provas, mas assegurou que poderiam permitir amplificações míticas, o que poderia ser um campo fértil de possibilidades para o intelecto indagador. Embora não tivesse certeza, deias acerca do fenômeno lhe ocorriam e ele procurou dar respostas à questão das interferências entre o que definiu como “aquém” e “além”. Assinala ser impossível chegar a certezas em assuntos que ultrapassam a nossa compreensão, uma vez que “O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que pela lógica, não podemos saber”. Diante de tais afirmações nos convida a refletirmos sobre os fenômenos de sintonicidade, os sonhos premonitórios e os pressentimentos (Jung, 2015a, p. 300).

Em relação à reencarnação, explicou que a classifica como um mito sobre o além. Ao mesmo tempo em que parece questionar esta possibilidade ele a vê como algo tangível: “Serei, por acaso, uma combinação de vidas ancestrais e será que reencarno de novo essas vidas? Eu o ignoro”. Tais assuntos ficaram obscuros para Jung, contudo, declarou respeitar as

concepções indianas sobre reencarnação e salientou que sua observação é subjetiva e isolada. Na sua compreensão, se existir vida após a morte tal existência seria na esfera psíquica, pois esta não tem necessidade de espaço ou tempo (Jung, 2015a, p. 314).

Acredito ser imprescindível relacionar o conceito de sincronicidade a tais reflexões. O fenômeno da sincronicidade esteve presente em seus escritos de forma esporádica por vinte anos, mas foi abordado de maneira direta e profunda somente no ano de 1950. Sua justificativa é que lhe faltava coragem para fazê-lo antes e que conseguiu enfrentar sua hesitação porque suas experiências com fenômenos de sincronicidade se acumularam por décadas e também por causa das suas pesquisas sobre símbolos, em especial o do peixe. Sua prática clínica lhe colocou em contato frequente com fenômenos de sincronicidade e lhe deu a compreensão da sua importância para a experiência interior. Percebeu também que elas tinham receio de falar sobre tais fenômenos, ocultados com cuidado. “Os resultados dos experimentos de ESP (*extra-sensory perception*) e PK (*psycho-kinesis*) proporcionaram uma base estatística para avaliar o fenômeno da sincronicidade e, ao mesmo tempo, apontam para o papel importante que o fator psíquico aí desempenha” (Jung, 2014b, OC 8/3, p. 44, § 863).

Afirma Jung (2014b, OC 8/3) que em alguns casos evidencia-se a impressão da existência de uma precognição de eventos futuros. Contudo, ainda existe uma dificuldade de compreensão sobre em que bases erguem-se os eventos parapsicológicos, tais como a clarividência e a telepatia, e que meios de transmissão são empregados. Assim, não temos meios para compreender a respeito dos elementos que constituem as coincidências significativas. Neste sentido, o trabalho de Rhine foi central no estabelecimento de bases confiáveis a respeito dos estudos sobre percepção extra-sensorial.

Falando sobre a perda da alma, fenômeno em que ela se retira para o inconsciente, ou o “país dos mortos”, destaca Jung (2015a, p. 197) que “Da mesma forma que o *médium* ela dá aos ‘mortos’ a possibilidade de manifestar-se. Eis porque logo depois da desapareção da alma, os ‘mortos’, aparecem em minha casa, surgindo assim os *Septem sermones ad mortuos*.”. Afirma ainda Jung que naquela época e também mais tarde os mortos configuravam-se instrumentos para lhe ajudar a compreender o que ainda não tinha resposta, solução e remissão e que lhe competia informar ao mundo. Assim, *Sete Sermões aos Mortos* refere-se à interpretação dos conteúdos gerais do inconsciente.

Como é possível perceber, Jung dedicou-se aos estudos sobre espiritualidade muita coragem e sempre utilizando o rigor científico. Ele avançou até onde foi possível, se arriscou, se expôs; e deixou um importantíssimo legado.

3.5 Jung e a África Negra: um encontro há muito esperado

Shamdasani (2020, p. 13) esclarece que algumas mudanças aconteceram na vida de Jung e possibilitaram também a mudança nos seus interesses de pesquisa. E 1909, após demitir-se do Hospital Burghölzli, ele dedicou-se ao estudo de mitologia, folclore e religião. Suas pesquisas resultaram no livro *Transformações e Símbolos da Libido*, publicado em dois fascículos, um em 1911 e o outro em 1912. Essa obra “Demarcou um retorno às raízes intelectuais de Jung e às suas preocupações intelectuais e religiosas. O trabalho mitológico foi excitante e intoxicante”.

Este movimento intelectual evidencia a sua aproximação com a África e com o Kemet, em especial. Seu fascínio pelos aspectos míticos e arquetípicos do Kemet estão inseridos ao longo da sua obra. No prefácio à quarta edição do referido livro (Jung, 2011a, p. 12, OC 5), agora com novo título: *Símbolos da Transformação*, Jung fala acerca do seu processo de escrita, 37 anos antes: “Foi uma tentativa só parcialmente sucedida de criar um espaço maior para a psicologia médica, a fim de incluir a totalidade do fenômeno psíquico”.

No livro *Memórias, Sonhos, Reflexões* (Jung, 2015a) e no *Livro Negro 7* (Jung, 2020a) é possível encontrar relatos sobre as viagens de Jung à África e sobre seus impactos em sua psique e em sua obra.

Shamdasani (2020) afirma que as viagens de Jung à África e à Índia foram determinantes para a sua psicologia e para a Psicologia Complexa. No índice analítico da sua obra completa (Jung, 2011b, OC 20) é possível encontrar muitas referências ao continente africano. Há 27 menções diretas à África e 93 ao Egito. Além disso, são mais 447 menções a elementos variados sobre a África, sendo 221 sobre o Kemet: 54 referentes a Hórus (Heru), 106 a Osíris (Ausar), 66 a Ísis (Auset). São, portanto, 567 citações sobre a África e, destas, 540 são sobre Kemet.

A identificação de Jung com o pensamento oriental também evidencia-se em 260 menções sobre a Índia, 141 sobre a China, sendo 64 sobre o Tao, 158 sobre intuição e 161 sobre magia. Há, também, 87 menções ao mito grego da Fênix (Jung, 2011b, OC 20). Tal fato merece uma análise mais criteriosa, uma vez que este mito foi inspirado no pássaro Bennu, da cosmogonia de Heliópolis, no Kemet.

Em relação à mitologia, Jung afirma que “[...] aquele que pensa viver sem mito ou fora dele, constitui uma exceção. Ele é, na verdade, um erradicado, que não tem contato verdadeiro nem com o passado e com a vida dos ancestrais (que sempre vive em seu seio), nem com a sociedade humana do presente”. Tais concepções fazem com que o sujeito “[...] viva uma vida

isolada, envolvo numa ilusão subjetiva elaborada por seu intelecto, e que lhe parece a verdade recém-descoberta” (2011a, p. 13, OC 5). Na referida obra, entre outras mitologias, Jung utilizou mitos do Kemet.

A respeito desse livro afirma Sonu Shamdasani (2020) que

Em sua obra, Jung sintetizou teorias sobre memória, hereditariedade e o inconsciente do século XIX e propôs uma camada filogenética do inconsciente, ainda presente em todos, que consistia em imagens mitológicas. Para Jung os mitos eram símbolos da libido e retratavam seus movimentos típicos (Shamdasani, 2020, p. 14).

Na sua segunda viagem à África, em 1925, Jung (2015a) viveu o que chamou de “uma experiência do desconhecido” que comparou com outra experiência que vivenciou juntamente com seu então chefe, Eugen Bleuller, e que chamou de sua primeira aparição parapsicológica. Ele viu um homem apoiado em uma lança e ao lado de um cacto gigantesco.

Fiquei como que enfeitiçado por esse espetáculo: era um quadro estranho, que eu jamais vira, mas que me dava, no entanto, um intenso *sentiment du déjà vu*. Tive a impressão de que já vivera esse instante uma vez, e que sempre conhecera este mundo separado de mim apenas pelo tempo. Era como se voltasse ao país de minha juventude, e conhecesse esse homem escuro que me esperava há cinco mil anos (Jung, 2015a, p. 256)

Jung esclarece que o fenômeno encaixava-se na ordem dos fatos como algo que ele conhecia há muito tempo. “Ignorava ainda que tipo de sensação provocara em mim a visão do caçador escuro e solitário. Sabia simplesmente que seu mundo era o meu há incontáveis milênios” (Jung, 2015a, p. 256).

Isso foi um acontecimento que me tocou profundamente; ouvir evocar, nas fontes do Nilo, a concepção egípcia primitiva dos dois acólitos de Osíris, Hórus e Seth: a experiência e representação original da África, que se espalhara, de algum modo, com as águas sagradas do Nilo, até a costa do Mediterrâneo. Adhista, sol levante, princípio de luz, como Hórus; Ayik, princípio de sombra, criador de angústia (Jung, 2015a, p. 268).

Afirma Shamdasani (2020, p. 76) que a África impressionou Jung sobremaneira e “[...] significou encontrar o passado histórico como um presente vivo”. Portanto, “Dada a perspectiva filogenética de Jung, uma viagem para a África, considerada a fonte da humanidade, tinha um significado especial. Além do mais, o deserto era uma das localidades imaginais centrais nos Livros Negros” (p. 90).

O autor (Shamdasani, 2020, p. 91) também esclarece a importância da figura de Ka, da mitologia egípcia e evidencia o papel do mago negro Ha entre as figuras vistas como aspectos

do si-mesmo de Jung que se manifestavam nas suas imaginações ativas, registradas nos *Livros Negros*. “Assim, as viagens de Jung estavam diretamente vinculadas ao material dos *Livros Negros* e do *Liber Novus* e formavam parte de uma tentativa de entendê-lo, inserindo-o num contexto histórico e geográfico mais amplo”.

Jung foi afetado pela renascença oriental. Ele tinha em sua biblioteca um conjunto da edição da série *Os Livros Sagrados do Oriente*, de Max Müller, com cinquenta volumes. Suas leituras de textos indianos possibilitaram aplicações críticas para a compreensão do pensamento oriental. Seus materiais faziam parte da herança filogenética coletiva da humanidade. O Oriente podia ser encontrado e recuperado em sonhos, fantasias e ilusões dos ocidentais, pois estavam no inconsciente coletivo. Jung demonstrou especial interesse pela Yoga e fez importantes reflexões sobre a *Kundalini* (Shamdasani, 2014).

Ao se aproximar da Índia e da yoga Jung

[...] descobriu que aquilo que parecia ser fantasias peculiares e ilusórias podia ser entendido através de paralelos com um texto de ioga tântrica. Afirmou que o simbolismo da ioga kundalini sugeria que a bizarra sintomatologia que os pacientes às vezes apresentavam resultava, na realidade, do despertar da kundalini. Argumentou que o conhecimento deste simbolismo possibilitava que muitas coisas, que de outra maneira seriam entendidas como subprodutos sem sentido de um processo de doença, fossem entendidas como processos simbólicos significativos, e que este conhecimento explicava também as localizações físicas dos sintomas (Shamdasani, 2014, p. 159-160).

Assim, para Jung,

A transformação do inconsciente que ocorre durante a análise torna-se no análogo natural das cerimônias de iniciação religiosa, as quais, no entanto, diferem, em princípio, do processo natural, à medida que antecipam o curso natural de desenvolvimento e substituem, para produção espontânea de símbolos, um conjunto deliberadamente seletivo de símbolos prescritos pela tradição. Podemos ver isto nos *Excercitia* de Inácio de Loyola ou nas meditações da yoga dos budistas e dos tantristas (Jung, 2020d, p. 58-59).

A compreensão de Jung sobre o despertar da *Kundalini* foi determinante para a sua visão simbólica e não medicalizante dos sintomas. Outra grande contribuição para a Psicologia Compelxa foi o gnosticismo. Jung (2015a) afirma que estudou seriamente os gnósticos entre os anos de 1918 e 1926 e que o seu interesse explica-se pelo fato de eles terem encontrado, à seu modo, o mundo original do inconsciente. Depois de estudá-los com afinco percebeu que não seria provável que tivessem alguma concepção psicológica. A tradição da gnose e o presente parecia estar rompida devido ao grande distanciamento temporal e Jung não conseguia encontrar uma ponte que permitisse a sua união. “Só quando comecei a

compreender a alquimia pude perceber que ela constitui um liame histórico com a gnose, e, assim, através dela, encontrar-se-ia restabelecida a continuidade entre o passado e o presente” (p. 206).

Outro ponto que chamou muito a atenção de Jung foi o fato de que no gnosticismo o princípio feminino era considerado, ao contrário do que acontecia nas religiões judaico-cristãs, declaradamente patriarcais, e na psicologia do inconsciente de Freud. Da mesma forma a filosofia hermética da alquimia lhe conferia um papel primordial. Ao estabelecer a conexão entre a gnose e a alquimia, Jung percebeu então que no centro das suas descobertas psicológicas encontrava-se a individuação, um processo de transformação interior (Jung, 2015a).

Ele teve sonhos que mais tarde interpretou como conteúdos que lhe apontavam a necessidade do seu encontro com a alquimia, o que aconteceu por meio do texto *O Segredo da Flor de Ouro*, enviado por Richard Whilhem, em 1928. Ao ler sobre a alquimia chinesa no referido texto Jung percebeu que “[...] a psicologia analítica concordava singularmente com a alquimia”, que as experiências dos alquimistas eram semelhantes às suas experiências, que seus mundos eram também semelhantes. Foi então que compreendeu a conexão histórica da psicologia do inconsciente, a sua base histórica (Jung, 2015a, p. 209).

A respeito da alquimia, diz Jung que

Já nenhuma pessoa tem simpatia para com a perplexidade de um pesquisador que manipula substâncias mágicas, e existem extremamente poucos que experimentam no próprio corpo os efeitos de uma análise do inconsciente, e, por assim dizer, ninguém incorre na ideia de tomar para meditação aquelas alusões *objetivas* que os sonhos fazem (Jung, 2011c, p. 313, § 367, OC 14/2).

Ao descrever o processo de revisão do seu livro *Símbolos da Transformação* Jung (2011a, OC 5) afirma que a percepção sobre a importância de viver o mito lhe fez questionar qual era o seu mito pessoal:

E considerei isto como tarefa por excelência, pois – assim eu me dizia – como poderia prestar contas corretamente de meu fator pessoal, de minha equação pessoal, diante de meus pacientes, se nada sabia a respeito, e sendo isto, no entanto, tão fundamental para o reconhecimento do outro? Eu precisava saber que mito inconsciente ou pré-consciente me moldava, isto é, de que rizoma eu provinha. (Jung, 2011a, p. 13, OC 5, Prefácio).

Foi então que Jung (2011a, OC 5, p. 14, Prefácio) conseguiu descobrir as inter-relações que acreditava deveria ter conhecido antes e que lhe permitiram unir os fragmentos de seu livro. Utilizou a sintomatologia do caso analisado (Frank Miller) como um “[...] fio de

Ariadne através dos labirintos de paralelas simbolísticas, isto é, através de amplificações indispensáveis para a constatação do sentido das inter-relações arquetípicas.”, buscando o verdadeiro inconsciente.

Considerando que como vimos no Capítulo 1, Kemet, Índia e Arábia faziam parte do Império Cuxita (Houston, 2021), que o Império Egípcio estendeu-se até o extremo Oriente (James, 2022; Jackson, 2020) e que os dravidianos, primeiros habitantes da Índia, eram etíopes (Jackson, 2020), podemos concluir que o impacto da África na obra de Jung é muito maior do que podemos supor, pois “O negro se fez presente em todos os cantos do mundo, enriquecendo outras civilizações e com elas fazendo intercâmbio” (Nascimento, 2008a, p. 89).

É inevitável pensar como seria essa busca de Jung se ele tivesse tido acesso ao legado africano. Chama a atenção também o seu interesse pela África, como se algo muito forte o impulsionasse para buscar uma proximidade, como se sentisse saudades de algo que não conhecia.

3.6 A África como Centro e o Arquétipo da Mandala: costuras epistemológicas entre C. G. Jung e Cheikh Anta Diop

De acordo com a professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) Denise Ramos (2018) o método psicoterapêutico de Jung contempla os princípios do modelo holístico. No contexto da presente tese tal fato o aproxima ainda mais da compreensão de mundo africana, uma vez que, segundo Asante (2022) para a mente africana o mundo inteiro é concebido como um grande sistema como se houvesse um fio invisível que conecta e interconecta todas as coisas. A visão ocidental está na direção oposta, da separação, e dificulta a compreensão dessa conectividade. No entanto, no presente trabalho este “fio invisível” assemelha-se à potencialidade da dimensão simbólica na obra junguiana. Paulatinamente ocorre uma descolonização cultural no Ocidente para revelar e cuidar de uma ancestralidade cara ao modo de ser no mundo, sem separar a necessária conexão corpo-espírito da psique africana.

Com esta visão de mundo, podemos observar que um entrelaçamento conceitual, e até mesmo biográfico, acontece entre Jung e Diop, pois ambos nos direcionam à ancestralidade, ao autoconhecimento, à valorização da memória ancestral e do feminino, a processos alquímicos e a uma libertação da consciência eurocêntrica; nos guiando em direção ao pensamento mítico e a uma ciência que não se embasa somente na cosmovisão ocidental

racional. Por conseguinte, os dois mestres nos possibilitam uma abordagem científica não cientificista e não materialista.

A este respeito Noguera e Moraes (2020) enfatizam que para os antigos egípcios o coração era um órgão pensante, a sede do pensamento, das emoções e do caráter. Não há, portanto, uma cisão verdadeira entre razão e emoção, entre os sentidos e o entendimento. A compreensão dos sentidos possibilita, por conseguinte, a compreensão do mundo e de nós mesmos. O enfrentamento dos desafios do pensamento implica pesquisas a respeito do coração e o resgate do importante legado dos filósofos do Antigo Egito.

Jung (1977) afirmou que queria ser egiptólogo, mas por questões financeiras teve que escolher a Medicina. Contudo, como vimos acima, ele inseriu o Kemet em sua obra de forma muito contundente. Além disso, desenvolveu a sua geologia da personalidade (Jung, 2014a, p. 171) que ilustrou com um diagrama com sete níveis: indivíduos, famílias, clãs, nações, grandes grupos, ancestrais primatas, ancestrais animais em geral. Abaixo de todas estas camadas estaria “[...] o fogo central, com o qual [...] estamos ainda conectados”. Ao diferenciar imagens da realidade exterior e os arquétipos explica que

As imagens da realidade exterior constituem os conteúdos de nossa memória consciente e também de nossas reminiscências artificiais – ou seja, nossos livros, arquivos etc. -, enquanto os arquétipos são registros de reações a imagens sensoriais subjetivas. Em nossa memória consciente registramos as coisas como elas são subjetivamente, como memórias de fatos reais, mas no inconsciente registramos as reações subjetivas aos fatos como nós os percebemos no consciente. Devo supor que existem até camadas de tais repercussões, reações de reações, e que elas formariam a estratificação da mente (Jung, 2014a, p. 173).

Boechat (2021) nos explica que se trata de um modelo em que a psique é apresentada em camadas, como faixas geológicas.

Esta foi uma das mais importantes ligações feitas por Jung entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo, e nela podemos ver que as camadas de cultura e nação são bem definidas e associadas com o inconsciente coletivo da humanidade. Jung retornou algumas vezes a este tema da relação entre o inconsciente cultural e o inconsciente coletivo (Boechat, 2021, p. 357).

Portanto, podemos perceber que Jung fazia escavações buscando o que há de mais profundo na psique, buscando o fogo central que nos conecta. Diop, por sua vez, como vimos no capítulo 1, escavou camadas e camadas da história em busca de comprovações acerca da verdade sobre a origem africana do homem e sobre as verdadeiras contribuições da África para a humanidade.

No livro *Memórias, Sonhos, Reflexões* (2015a), Jung faz as seguintes colocações:

O mito de Hórus é a história da luz divina que acaba de nascer. Esse mito foi expresso, depois da saída das trevas originais dos tempos pré-históricos, mediante a revelação, pela primeira vez, da salvação do homem pela cultura — isto é, pela consciência. Assim, a viagem do interior da África para o Egito tornou-se, para mim, como que o drama do nascimento da luz, estreitamente ligado a mim mesmo e à minha psicologia. Isso me trouxe um grande esclarecimento, mas não era aquele o momento de exprimi-lo em palavras. Não sabia, de antemão, o que a África me traria, mas ela detinha a resposta e a experiência satisfatória. Isso tinha mais valor, para mim, do que toda coletânea etnológica, armas, adornos, cerâmicas, troféus de caça... Precisava saber qual seria a ação da África sobre mim, e soube (2015a, p. 274).

Na citação acima é possível perceber que Jung foi profundamente impactado pelo continente africano e pelo mito de Heru (Hórus), chegam a afetar até mesmo a sua própria psicologia. Ele compreendeu a dimensão da importância da emergência da cultura para o desenvolvimento do ser humano e a relaciona à África, ao Kemet. A este respeito, Diop (1976) afirma que considera a cultura

[...] um baluarte que protege um povo, uma coletividade. A cultura deve, acima de tudo, desempenhar uma função protetora; ela deve garantir a coesão do grupo. Seguindo esta linha de pensamento, a função vital do corpo de ciências humanas é desenvolver este senso de bens coletivos através de um reforço da cultura. Isso pode ser feito desenvolvendo-se o fator linguístico, restabelecendo-se a consciência do africano e do negro a ponto de fazê-los chegar a um sentimento comum de pertencimento ao mesmo passado histórico e cultural (Diop, 1976, p. 247-248).

Portanto, há um aspecto do pertencimento que é ancestral, que se relaciona com a cultura e que pode ser desenvolvido nas pessoas. Afirmo Diop (1991) que a identidade cultural de um indivíduo está relacionada à identidade de seu povo, por isso a necessidade de defini-la, analisando elementos que compõem a personalidade coletiva. Destaca que para que possamos entender melhor a identidade cultural é necessário que o fator psíquico seja analisado a partir de uma abordagem científica rigorosa, assim como acontece com os fatores histórico e linguístico. A resposta para a manutenção de um sentimento de identidade cultural frente a este cenário de mudanças permanentes passa pela compreensão de que os fatores históricos e os linguísticos representam coordenadas e pontos de referência quase absolutos no contexto permanente de mudanças psíquicas (Diop, 1991).

Diante de tais constatações, acredito ser importante salientar que há uma complementariedade entre Jung e Diop a este respeito, uma vez que Jung nos oferece mecanismos para a compreensão que Diop vê como imprescindível em relação ao fator

psíquico. Destaco que a invariante psíquica que enfatizo neste trabalho é a criatividade africana.

Para avançarmos nesta questão, precisamos ter acesso às tecnologias ancestrais do antigo Kemet, o que apresenta entraves porque, como alerta Bacha (1997), a literatura egípcia não pode ser apresentada de forma isolada da cultura e de suas raízes filosóficas. Sua análise não pode ser literal e descritiva, pois isto a mutila e a torna incompreensível e pueril por falta de informações.

A linguagem egípcia traduz, portanto, em todos os sentidos, uma mentalidade sofisticada, bem diferente da nossa, na qual o Universo era um Todo, fundamentado na Unidade Primordial que se manifestava na Terra sob vários aspectos, ou melhor, na multiplicidade total dos fenômenos que envolviam o Homem, anímica ou materialmente. Era uma linguagem intrinsecamente mítica e simbólica, sem divisões, sem maniqueísmos, sem dogmas ou religiosidade (sentido atual) e, portanto, muito difícil de ser decodificada em seu sentido mais amplo (Bacha, 1997, Prefácio, sem paginação).

Tal visão é corroborada por West (2009, p 179) que após analisar a obra do filósofo, orientalista e matemático R. A. Schwaller de Lubicz, afirma que ele fez uma interpretação simbolista do Antigo Egito, em detrimento da visão ortodoxa dominante. “Foi o simbolismo do Egito que forneceu o meio magnificamente flexível para revelar, dentro de um único sistema coerente, a riqueza de conexões e correlações de cima a baixo das hierarquias que permeiam cada esfera da vida física, psíquica e espiritual”.

Diop foi um estudioso do *Medu Neter* e o divulgou por meio de suas obras. Jung, adentrou ao mundo egípcio, principalmente em sua obra *Símbolos da Transformação* (Jung, 2011a, OC 5) e nos familiarizou com a linguagem simbólica, explicando-nos que o símbolo também é uma fonte que possibilita o desdobramento do espírito humano dia a dia através de todas as culturas nos quatro cantos da Terra (Jung, 2016).

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós (Jung, 2016, p. 18).

Portanto, simbolicamente, “Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto ‘inconsciente’ mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado”, pois há algo que transcende o seu significado manifesto (Jung, 2016, p. 19, aspas do autor). Identifico aqui pontos invisíveis que unem as ideias de Jung e de Diop, tendo a cultura em seu

centro. O conceito de inconsciente coletivo de Jung pode ser um grande facilitador dos avanços nos estudos sobre o fator psíquico, de que nos fala Diop.

Ramos (1940, p. 11), importante nome da Antropologia brasileira, foi influenciado por Jung em seus estudos, nos auxilia a compreender a necessidade de contemplar o aspecto simbólico nos estudos sobre a África:

E se no Continente Negro, a sua alma só agora está preocupando os psicólogos e sociólogos, esses estudos e pesquisas repercutirão até nós, fornecendo elementos para a devassa dos seus horizontes psíquicos, só agora entrevistados à argúcia dos perscrutadores do inconsciente coletivo.

Para melhor compreendermos tal questão trago mais uma reflexão de Bachelard a respeito dos nós. Importante destacar que ele foi orientador de Diop e de acordo com Castelão-Lawless (2005), considerava as ideias de Jung ferramentas nos seus estudos sobre os quatro elementos e sobre a imaginação criativa.

Imagino que os fios redobrados, completamente atados, com os arcos de tensão e as volutas de afrouxamento, são instrumentos para o estudo das conexões da consciência. Seu simbolismo é intenso, misteriosamente oculto sob sua aparente simplicidade. Quem se desata à esquerda, reata-se à direita. Acredita-se afrouxar – e eis que se estreita. Acredita-se afagar – e eis que se estrangula. O nó merece que lhe sejam determinadas as ligações inconscientes, no sentido inverso dos esforços do topólogo que estuda suas conexões (Bachelard, 1986, p. 91).

Jung e Diop buscaram as ligações inconscientes de muitos nós e, para tanto, ampararam-se na intuição e na criatividade. Jung (2011g, p. 185, OC 17, § 296) explica que “Somente será possível que alguém decida por seu próprio caminho, *se esse caminho for considerado o melhor*”. Há, porém, outro fator que impulsiona o ser a algo fora do comum: a designação, uma força que impulsiona a pessoa ao seu desenvolvimento, à sua individuação.

Jung e Diop foram fortemente afetados pelas suas designações. Foi assim que Jung construiu uma nova abordagem psicológica e Diop elaborou uma nova perspectiva no campo da Egiptologia, que lhes exigiu dedicação, sacrifícios, renúncias, determinação e persistência. Neste caminho, os dois souberam honrar quem veio antes, quem os auxiliou a alcançarem seus objetivos e resultados. Diop (2023) destacou a importância dos pesquisadores que o precederam, agradecendo seus mestres e fazendo questão de citá-los. Jung sempre fez o mesmo movimento, evidenciando quais conceitos eram seus e quais ele estava recuperando de outros pensadores, sempre lhes conferindo o devido crédito.

Por meio de sua vida e de sua obra, ambos nos levam a buscar o centro, seja o nosso centro psicológico enquanto herdeiros do legado africano, seja o centro de nossa psique. Desta

forma, podemos pensar em uma convergência em torno da Afrocentricidade, perspectiva que nasceu a partir das ideias de Diop, e da mandala, acerca da qual nos diz Jung em entrevista concedida a Richard I. Evans, em 1957:

A mandala é um arquétipo muito importante. É o arquétipo da ordem interior e é sempre usado nesse sentido, quer para significar a ordenação dos numerosos aspectos do universo, um plano cósmico, quer para organizar um esquema da nossa psique. Expressa o fato de que existe um centro e uma periferia, e procura abranger o todo. É o símbolo da totalidade. [...] A mandala aparece espontaneamente como arquétipo compensatório, trazendo ordem, mostrando a possibilidade de ordem. Assinala um centro que não coincide com o ego mas com a totalidade, a que chamo o Eu (Mcguire; Hull, 1977, p. 292).

Portanto, Jung e Diop nos auxiliam no desenvolvimento de nossa personalidade, a desatarmos os nós para encontrarmos o seu centro, em um processo mandálico e alquímico.

O mandala simboliza, por meio de seu centro, a última unidade de todos os arquétipos como também a multiplicidade do mundo dos fenômenos, e forma por isso a correspondência empírica para o conceito metafísico do *'unus mundus'* (mundo uno). A correspondência alquímica é o *Lapis Philosophorum* (pedra filosofal) e seus sinônimos, principalmente o *Microcosmus* (microcosmo) (Jung, 2011c, p. 270, OC 14/2, § 326).

Jung (2014b, p. 11-12, OC 7/1) esclarece que o interesse pelos problemas da mente podem acentuar-se em momentos de maiores abalos em nossa consciência, como no caso da I Guerra Mundial.

O espetáculo dessa catástrofe faz com que o homem, sentindo-se totalmente impotente, se volte para si mesmo, olhe para dentro e, como tudo vacila, busque algo que lhe dê segurança. Muitos ainda procuram fora de si mesmos; uns, acreditam na ilusão da vitória e do poder; outros, em tratados e decretos; outros ainda, na destruição da ordem vigente. Mas são poucos os que buscam dentro de si, poucos os que perguntam se não seriam mais úteis à sociedade humana se cada qual começasse por si, se não seria melhor, em vez de exigir dos outros, pôr à prova primeiro em sua própria pessoa, em seu foro interior, a suspensão da ordem vigente, as leis e vitórias que apregoam em praça pública. É indispensável que em cada indivíduo se produza um desmoronamento, uma divisão interior, que se dissolva o que existe e se faça uma renovação mas sem impô-la ao próximo sob manto farisaico do amor cristão ou do senso de responsabilidade social – ou o que quer que seja usado para disfarçar as necessidades pessoais e inconscientes de poder. O autoconhecimento de cada indivíduo, a volta do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, eis o começo da cura da cegueira que domina o mundo de hoje (Jung, 2014b, p. 11-12, OC 7/1).

Como vimos no capítulo 1, a existência negra está em um ponto de inflexão que exige a superação da alienação cultural e da *maafa* para que possamos restabelecer Maat. Diop nos conscientizou de que o autoconhecimento era uma prática filosófica no Kemet, e Jung,

conforme suas afirmações na citação acima, o coloca em lugar de destaque no que tange ao desenvolvimento psíquico e na superação de adversidades.

A respeito da necessidade de contemplar o material histórico nas nossas análises, afirma Jung (2011a, p. 26, OC 5, § 2): “Pois, assim como os acontecimentos psicológicos facilitam a compreensão de acontecimentos históricos, inversamente também fatos históricos podem lançar nova luz sobre conjunturas psicológicas individuais”. Jung mostrava preocupação com a dificuldade de alguns médicos em considerarem diferentes aspectos no processo de terapia:

Por isso minha principal contribuição ao ulterior desenvolvimento da psicologia do inconsciente, inaugurada por Freud, sofre da considerável desvantagem de que os médicos interessados em psicoterapia não têm praticamente nenhum conhecimento da mente humana em geral, de como ela se manifesta na história, arqueologia, filologia, filosofia, teologia, etc., ainda que aqui apareçam inúmeros aspectos da psicologia humana. No consultório médico se revela a menor parte da psique e sobretudo a menor parte do inconsciente. Por outro lado, os especialistas das chamadas disciplinas estão longe de qualquer conhecimento psicológico ou psicopatológico, e o público em geral é totalmente ignorante de conhecimentos médicos e de qualquer espécie de conhecimento bem fundamentado (JUNG, 2003, p, 29, Cartas III).

No mesmo sentido, Ela (2014) enfatiza que Diop foi um homem de ciência e de cultura que não deixava as pessoas indiferentes, por isso em seu livro procurou

[...] alumiar toda a complexidade da obra e do pensamento de C. A. Diop, frisando os principais temas e articulações, os seus desafios e objectivos epistemológicos e sócio-históricos. Gostaria de sublinhar a sua *confiança em si e a capacidade de criar que ele pretendia suscitar no espírito dos africanos, sendo que essa me parece ser a mensagem fundamental legada por C. A. Diop*. [...] Continua a ser um precursor e um pioneiro nas disciplinas que praticou e legou questões fundamentais para as quais não teve tempo de encontrar respostas. [...] O uso que o investigador africano fez dessas disciplinas leva-nos a renovar e desenvolver metodologias de abordagens em ciências humanas no contexto africano. *Gerir a herança de C. A. Diop é recuperar o sentido da criatividade que se impõe no campo do saber, no qual a descolonização das ciências humanas é uma exigência do nosso tempo* (Ela, 2014, p. 115).

Como é possível perceber, Jung e Diop, guiados pela originalidade e genialidade que lhes são características, trouxeram inovações científicas aos campos aos quais se dedicaram, quebrando o paradigma europeu de produção de conhecimento e evidenciando uma localização africana. Quando Jung foi à África estava, de certa forma, procurando formas de soltar-se das amarras da perspectiva de mundo europeia.

Importante ressaltar que a Afrocentricidade questiona se os padrões elaborados pelo Ocidente representam crenças ou conhecimento dos povos e culturas africanos e diaspóricos

no que tange à sua filosofia e sua experiência de vida. O Ocidente postula como conhecimento um conjunto de crenças altamente afetados pelo etnocentrismo ocidental. Ela contempla a pluralidade, de forma inversa ao que embasa o eurocentrismo (Nascimento, 2009).

Acredito ser importante inserir aqui uma importante afirmação de Boechat (2019):

Entramos em uma época de grandes câmbios culturais e choques paradigmáticos. As dicotomias da modernidade não dão conta da totalidade dos fenômenos que a todo instante somos confrontados. A proposta junguiana de abordar os fenômenos psíquicos como reais, na medida em que existem, torna-se uma referência fundamental. [...] Jung elaborou um modelo complexo segundo o qual os fenômenos anômalos podem ser compreendidos; esse modelo inclui as noções interligadas de inconsciente psicóide, *Unus Mundus* e sincronicidade (Boechat, 2019, p. 133).

Esta perspectiva aproxima os estudos junguianos da visão holística de mundo africana. Neste sentido, Ford (1991) afirma que a dimensão da alma também precisa ser contemplada e a chama que a sabedoria mítica africana mantém acesa pode nos auxiliar iluminando o nosso caminho. Este movimento pressupõe o resgate da alma. A este respeito Jung no prefácio do livro *Transformações e Símbolos da Libido* (Jung, 2011a, OC 5), um dos pontos cruciais de seu rompimento com Freud, nos diz Jung que

A alma não é de hoje! Sua idade conta muitos milhões de anos. A consciência individual é apenas a florada e a frutificação própria da estação, que se desenvolveu a partir do perene rizoma subterrâneo, e se encontra em melhor harmonia com a verdade quando inclui a existência do rizoma em seus cálculos, pois a trama das raízes é mãe universal (Jung, 2011a, p. 13, OC 5, prefácio).

Jung e Diop nos auxiliam nesta tarefa, Jung trazendo a perspectiva da alma novamente para a Psicologia, e Diop nos auxiliando a compreender a essência da alma africana. Em relação à alma Diop (1991) nos fala em *Ka* universal, *Ka* individual e *Ba*. Singer (2021) destaca que aos junguianos é imposto o desafio de conectar duas linguagens que parecem antagônicas: a linguagem da ciência e a linguagem da alma. Neste processo um ponto importante foi levantado por Jung no livro *O Segredo da Flor de Ouro* (Jung, 2013):

O ocultismo experimenta atualmente um renascimento sem precedentes, quase obscurecendo a luz do espírito ocidental. Não penso em nossas academias e seus representantes. Sou médico e lido com pessoas simples. [...] As pessoas estão cansadas da especialização científica e do seu intelectualismo racional. Elas querem ouvir a verdade que não limite, mas amplie; que não obscureça, mas ilumine; que não escorra como água, mas que penetre até os ossos (Jung, 2013, p. 16).

E aqui se insere outro ponto de convergência entre Jung e Diop: a Física e os fenômenos parapsicológicos. Diop (1991) afirma que os fenômenos parapsicológicos são

estudados por renomados pesquisadores, cita o nome de alguns deles e demonstra conhecimento sobre o assunto. Esclarece que Parapsicologia é uma designação anglo-saxã que é equivalente à Psicotrônica dos orientais e à Metapsíquica francesa. Pondera que esses fenômenos são complexos e tangíveis, o que impulsiona os seus estudos. Faz importantes reflexões a respeito da Física Quântica e sobre as possibilidades que oferece para a compreensão de tais fenômenos. Ela (2014) destaca os interesses de Diop pela Parapsicologia, analisando os fenômenos a partir da Física contemporânea (Ela, 2014).

Jung (2003) explica que

A comparação da psicologia moderna com a física moderna não é conversa inútil. Apesar de suas concepções diametralmente opostas, as duas disciplinas têm um ponto muito importante em comum, isto é, o fato de ambas abordarem a região até agora ‘transcendental’ do invisível e intangível, o mundo do pensamento puramente análogo. A verdade da física pode ser demonstrada convincentemente pela explosão de uma bomba de hidrogênio. A verdade psicológica é bem menos espetacular e só visível a alguém familiarizado com a ciência e com muitas outras disciplinas, muitas vezes bem remotas; e isto nunca foi considerado do ponto de vista psicológico, a não ser de forma bem superficial e incompetente (Jung, 2003, p. 29-30, Cartas III).

A respeito da sua aproximação com a Física, Jung (2003) nos diz o seguinte:

Eu não tenho conhecimentos de física moderna, mas trabalhei por muito tempo com o célebre físico W. Pauli. O resultado nos satisfaz a ambos: existe ao menos uma aproximação clara entre essas duas ciências tão heterogêneas em suas preocupações epistemológicas, isto é, em suas antinomias (por exemplo, luz = onda e corpúsculo), ‘princípio da indeterminação’ de Heisenberg, complementaridade de Bohr, sem falar dos modelos arquetípicos de representação (Jung, 2003, p. 30, Cartas III).

Jung correspondeu-se de forma muito intensa com J. B. Rhine, que pesquisava percepção extrassensorial e em uma das cartas lhe afirma: “Concordo plenamente com o senhor que, se estivermos de posse de todos os fatos, a ciência parecerá muito especial. Isto significará nada menos do que uma compreensão totalmente nova do homem e do mundo” (Jung, 2002a, p. 327, Cartas I).

Em outra carta Jung (2002a, p. 193, Cartas I) diz a Rhine que tem grande interesse por questões que tratam de aspectos específicos da psique em relação ao espaço e ao tempo e sua supressão em certas atividades psíquico-anímicas. Em carta de 1935 Jung explica a Rhine (Jung, 2002a, p. 203, Cartas I) que preferia não levar suas experiências a público, pois “[...] Há coisas que são simplesmente incompreensíveis à inteligência rústica das pessoas de nosso tempo”.

Constatei que poucas são as pessoas que têm real interesse nesse assunto e menor ainda é o número daqueles que estariam em condições de refletir sobre esse e outros temas semelhantes; por isso cheguei à conclusão, no correr dos anos, de que a dificuldade principal não está em como dizer, mas antes em como não dizer essas coisas. O *horror novi* das pessoas é tão grande, que elas, para não perder sua modesta capacidade intelectual, preferem declarar maluco aquele que intranquiliza a sua mente. Se quisermos realmente ensinar algo de valor para as pessoas, devemos fazer todo o possível para contornar esses preconceitos. São essas as razões por que prefiro não tornar conhecidas muitas de minhas experiências. Elas colocariam o mundo científico diante de problemas bem desconcertantes (Jung, 2002a, p. 203, Cartas I).

Um ponto importante a ser considerado é a afirmação de Jung de que os estudos de J. B. Rhine lhe auxiliaram na construção da sua tipologia psicológica e lhe forneceram o embasamento para uma possível relação entre as funções irracionais (intuição e sensação), o tipo introvertido intuitivo, o tipo sensação extrovertido e a percepção extrassensorial. “As pessoas que obtêm os melhores resultados [nos experimentos de Rhine] são sempre as introvertidas, ou aquelas em que a intuição introvertida intervém” (Mcguire; Hull, 1977, p. 280).

Jung aproximou-se do gnosticismo, o que se acentuou ainda mais quando percebeu o lugar de destaque que era ocupado pelo princípio feminino, uma vez que o mesmo não acontece nas religiões judaico-cristãs, que são declaradamente patriarcais; e na psicologia do inconsciente de Freud (Jung, 2015a). Diop (2023) resgata os princípios do matriarcado analisando-o historicamente e criando a teoria dos dois berços, sendo o patriarcado vinculado à Europa e o matriarcado à África.

Da mesma forma a filosofia hermética da alquimia conferia um papel primordial ao princípio feminino. Ao estabelecer a conexão entre a gnose e a alquimia, Jung (2015a) percebeu então que no centro das suas descobertas psicológicas encontrava-se a individuação, um processo de transformação interior. Jung teve sonhos que mais tarde interpretou como conteúdos que lhe apontavam a necessidade do seu encontro com a alquimia.

Ao construir seus caminhos, Diop e Jung, estabeleceram as condições para que nós possamos seguir seus passos. Neste processo a alquimia tem um papel central. Diop, como já vimos, era químico e insere o Kemet como local de nascimento da alquimia. Considerando que ele nos esclarece sobre as cosmogonias que amparam a Filosofia Kemética, podemos inferir que referia-se também à alquimia enquanto um processo psicológico, aspecto profundamente estudado por Jung. Tais descobertas me afetaram profundamente e me inspiraram a elaborar uma peça de artesanato (Fotografia 4) pautada na alquimia e no processo de individuação, tendo como base a Filosofia Kemética e que simboliza a confluência entre Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung.

Fotografia 4 – A Tábua de Esmeralda na Diáspora



Fonte: elaboração própria.

Observação: Tricô alusivo à Tábua de Esmeralda, contendo os oito princípios de Djejuti (Tehuti, Thot) (Nobles, 2023) bordados no tecido de algodão cru. Aplicações de Khépera, da pena de Maat, da Ankh e de Bennu a partir da união de retalhos com linha dourada.

Diop (1976) argumenta que no trabalho que desenvolveu no início dos anos de 1950 havia muitas disciplinas para serem dominadas, portanto, era um trabalho de uma geração de eruditos, o que ele não percebeu na época. Chama a atenção para a necessidade de uma nova divisão de trabalho entre os pesquisadores, para que tornem-se especialistas multidisciplinares e se isso não for possível, que dominem ao menos uma disciplina com profundidade. Jung confrontou o cientificismo e o materialismo e com suas ações trouxe novamente à Psicologia a presença da alma e as discussões sobre religião e espiritualidade. E o fez com propriedade e com comprometimento. Foi um erudito que buscou aliar diferentes ramos do conhecimento, valorizando e trazendo para o cerne da sua Psicologia saberes tradicionais, mitologias e conhecimentos há muito marginalizados, como gnose e a alquimia.

Diop evitava especulações e procurou evidenciar fatos em suas pesquisas. A este respeito, ao falar sobre sua trajetória nos estudos sobre espiritualidade Jung (2014a) faz as seguintes reflexões:

Compreendi que é inútil falar aos outros coisas que ainda não sabem. Quem não compreende a injúria que inflige a seus semelhantes falando de coisas que ignoram é um ingênuo. Perdoa-se tal descuido só ao prosador, ao jornalista, ao poeta. Compreendi que uma ideia nova, isto é, um aspecto inusitado das coisas só se afirma pelos fatos. Os fatos abandonados nem por isso desaparecem; um belo dia ressurgem, revelados por alguém que compreende seu significado. Percebi que até então só discorrera ao invés de apresentar fatos, uma vez que não os tinha em mãos. Mais do que nunca senti-me atraído pelo empirismo. Irritava-me com os filósofos que falam a respeito do que é inacessível à experiência. Parecia-me ter caído alguma vez, em algum lugar, num vale diamantes, sem conseguir convencer a ninguém, nem mesmo a mim, que os fragmentos de pedra que trouxera de lá – quando olhados mais de perto – eram algo mais do que simples cascalhos (Jung, 2015a, p. 118).

Sim, os fatos ressurgem, e foi este o movimento que Diop fez ao abrir o baú dos retalhos da história africana. Como vimos, tal fato suscitou tanto admiração quanto resistências, causando muito sofrimento ao nosso Faraó da História Africana. Jung, da mesma forma, enfrentou incompreensão e resistências. O analista William Alex (Jensen; Mullen, 1982 apud Dunne, 2012, p. 194) relata que encontrou Jung em sua casa. Enquanto caminhavam até seu carro Jung lhe disse:

‘Por que eles não me entendem?’. Havia um tom em sua voz que eu nunca ouvira, um tom queixoso, interrogativo e magoado. Instintivamente, senti que sabia quem eram ‘eles’ aos quais se referira. ‘Eles’ resumiam o mundo lá fora, o mundo da ciência, da psicologia e psiquiatria acadêmica, das religiões organizadas, dos preconceitos que insistiam em compreender mal e citar erroneamente suas descobertas e insights do mundo interior, a alma humana. Senti em sua pergunta a solidão do explorador, do buscador que ousa olhar além do que é aceito e conhecido, que não pode agir de outra maneira. ‘Dr. Jung’, respondi, ‘o senhor sabe tão bem quanto qualquer pessoa por que eles não o entendem. É porque o senhor está provavelmente cinquenta ou cem anos à frente de seu tempo.’ Ele me encarou por um breve instante, moveu a cabeça em sinal de concordância, em silêncio, e estendeu a mão para um cumprimento final.

Em carta escrita ao professor Benjamin Nelson na qual respondia a uma solicitação para que contribuísse com um apanhado geral de suas ideias a uma obra que seria lançada Jung (Jung, 2003, Cartas III) argumenta que estava muito velho (81 anos) e cansado para tal tarefa. Além do mais afirma:

Nos 18 ou mais volumes de minhas Obras Completas eu disse tudo o que pensava. Qualquer coisa que fosse escrever agora não seria nova nem melhor do que aquilo que produzi há 30 ou 40 anos atrás. Isto ainda não foi lido e compreendido por meus contemporâneos. Na total ignorância de minha obra, as pessoas se satisfazem com concepções erradas, distorções e preconceitos. Não posso forçar ninguém a tomar a sério minha obra e também não posso persuadir ninguém a estudá-la realmente. O problema é que não construo teorias que podem ser aprendidas de cor. Reúno fatos ainda não conhecidos em geral, nem devidamente apreciados, e dou nomes a observações e experiências não familiares ao pensamento contemporâneo e não condizentes com seus preconceitos (Jung, 2003, p. 29, Cartas III).

A despeito das resistências acima mencionadas, Jung aceitou escrever mais um livro. Isso aconteceu em decorrência de ter concedido uma entrevista a Freeman (2016), em 1959, depois da qual passou a receber muitas cartas de pessoas comuns, que normalmente não teria contato. Sua vontade despertou por conta de um sonho em que ele falava a pessoas assim e ele aceitou a proposta para escrever *O Homem e seus Símbolos*. No sonho as pessoas o ouviam com atenção e o compreendiam. O livro, portanto, foi concebido para que popularizasse sua obra. Ele deveria ser resultado de uma produção coletiva e inteligível para os interessados. Por este motivo Freeman foi escolhido para coordenar a obra e solucionar possíveis problemas com os outros autores e com os editores.

A última obra escrita por Diop é o livro *Civilização ou Barárie*, uma síntese das suas ideias. Não houve tempo para uma despedida planejada como a de Jung. Contudo, sua obra é muito vasta e há nela um significativo manancial para a nossa jornada de volta ao continente mãe, na qual Jung também pode nos auxiliar, uma vez que, como vimos, com os recursos de que dispunha, inseriu elementos keméticos em sua obra.

O interesse acadêmico, que me aproximou de Jung e de Diop, não é suficiente para explicar o que vem acontecendo. Há algo maior, muito mais forte; algo que me move, me inquieta, me impulsiona e algumas vezes até me angustia. Durante um bom tempo refleti sobre essa questão e consegui compreendê-la do ponto de vista da razão, mas não da emoção. Essa compreensão veio depois que eu já havia avançado bastante na minha jornada. Eles despertaram em mim a minha criatividade, um impulso criativo constante e que está no cerne da construção desta tese.

A respeito desta questão, Diop (1991) acentua que o africano que o compreendeu e leu suas obras é aquele que sente nascer dentro de si um verdadeiro criador, impelido pela consciência histórica, tornando-se assim um portador prometeico de uma nova civilização, consciente do que a Terra deve à África Negra em todos os domínios da ciência, da cultura e da religião. A identidade cultural redescoberta ou reforçada é um poderoso instrumento dos grupos no contexto histórico em que nos encontramos. Esclarece que um otimismo africano

atávico e vigilante o faz desejar uma união entre todas as nações na busca pela construção de uma civilização planetária, em contraposição à barbárie.

Diop faz esclarecimentos sobre o seu objetivo de acordar o nosso potencial criador por meio da educação e do conhecimento direto (KEMETIYU, 2016). Este desejo por suscitar a capacidade de criar no espírito dos africanos é apontada como a mensagem fundamental do legado de Diop por Ela (2014).

As análises de Diop sobre arte e processo criativo demonstram que ele fala de algo que lhe é familiar, algo no qual está implicado. Trago duas contribuições que nos auxiliarão a compreender esta questão. Ela (2014) afirma que Diop concebeu o laboratório de datação arqueológica, que foi executado por técnicos e artesãos a partir das suas orientações. Cheikh M'Backé Diop, filho mais velho de Diop, explica que o laboratório foi montado de modo a conferir máxima autonomia para o trabalho. Um moldador de vidro o auxiliava na montagem das bancadas de trabalho. Sua concepção evidenciou que um país africano poderia ser equipado com ferramentas da melhor qualidade. Dr Yoro Sey, amigo de infância de Diop, comenta que o laboratório foi criado por sua mente e suas mãos, que o viu fazer todos os tubos com o maçarico (KEMTIYU, 2016).

Damião Júnior (2025a) pontua que a ideia da criatividade é central na abordagem junguiana. Silveira (1986a) explica que a criatividade é o principal catalisador das aproximações dos opostos; através dela estabelece-se uma relação entre sensações, emoções e pensamentos no sentido de se reconhecerem e se associarem, fazendo com que até mesmo tumultos internos mais significativos adquiram forma.

Lyra e Harmath (2016) nos explicam de que forma Jung inseriu a criatividade em sua Psicologia:

O interesse pela arte e a criatividade encontra-se embasado na atenção dedicada ao imaginário, o qual, por sua vez, está radicado na exploração do inconsciente coletivo. Nas diferentes amplificações de recursos utilizados pela escola clássica junguiana, a busca pela leitura simbólica traz consigo a chave arquetípica usada como recurso para o processo de individuação. Com isso, cria-se um impasse sobre a existência ou não de um 'instinto criativo', cujo fundamento se encontra no mover-se mantendo um equilíbrio –função transcendente – entre o desenvolvimento do eu e o mundo inconsciente, seja no modo individual ou coletivo. O homem criativo pode não sanar o conflito com o coletivo, mas, ainda assim, manter-se aberto, utilizando o sofrimento para fazer aflorar das profundezas psíquicas as forças da criatividade. O arquétipo do centro, ou Si-mesmo, emerge dotado de todos os atributos da divindade: princípio criativo, imago Dei, capacidade de ordenar e transformar, passando do caos ao cosmos a partir da ativação da função transcendente – função religiosa em seus níveis mais elevados – transformando o contato entre o eu e o Si-mesmo num efeito imediato: o símbolo vivo – base do conflito – como necessidade e inconveniência para a emergência do processo criativo (Lyra; Harmath, 2016, p. 21-22).

Houston (2012, p. 18) na introdução do livro *Carl Jung: curador ferido de almas*, de Claire Dune, ressalta a criatividade de Jung, afirmando que ele era “um artesão tanto de madeira e pedras quanto de almas”. Hoerni (2019) destaca que há uma questão em torno de onde Jung adquiriu sua expertise em diferentes técnicas e meios artísticos. A hipótese mais plausível é de que teria adquirido sua proficiência técnica por meio de experimentações com diferentes materiais.

Parece que, com exceção do lápis, da pena e da aquarela, Jung preferia técnicas lentas nas quais a obra tomava forma através da elaboração cuidadosa, por exemplo, em guache e em papel e pergaminho, e mais tarde em esculturas e relevos em madeira e arenito. O trabalho de talhar pedras, em especial, pode mesmo ter tido um aspecto meditativo. [...]. Trabalhar com as mãos claramente estimulava a mente e o inconsciente de Jung. Ele descreveu duas estratégias alternativas para confrontar essas fantasias emergentes: ou convertê-las em imagens, ou tentar entender seus significados. No caso do próprio Jung, frequentemente as duas coisas (Hoerni, 2019, p. 15).

Há muitas referências às artes visuais nos escritos e seminários de Jung. Seu conhecimento era vasto, embora não tivesse realizado estudos formais. Ele estava mais interessado nas qualidades simbólicas e arquetípicas do que em aspectos estilísticos. Havia uma coleção de obras sobre história da arte em sua biblioteca e ele formulou ideias significativas sobre obras individuais e também sobre o processo criativo em geral (Hoerni, 2019).

Arte, artesanato e criatividade são os nós de arremate da costura que une Dip e Jung. Escolhi o símbolo *Adinkra Akoma ntoaso* (Figura 5), que representa a comunhão e a unidade no pensamento e na ação (Nascimento, Gá, 2022), para representar essa costura epistemológica. Embora Diop e Jung não tenham se conhecido, é possível encontrar essa unidade entre os dois, como se algo os conectasse; como se houvesse um fio unindo suas ideias, suas aspirações e suas inspirações. Eu me sinto afetada por essa costura, implicada como se estivesse presa por um dos seus pontos.

Fotografia 5 – Símbolo *Adinkra Akoma Ntoaso*: os fios que conectam Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto areia e contorno em ponto cheio. Representa a conexão existente entre Cheikh Anta Diop e Carl Gustav Jung.

Como já foi enfatizado, somos envolvidos pelos nós, há um chamado para que nossa ação transforme as maçarocas em material que possa ser reutilizado na nossa travessia, para desenvolvermos a habilidade de unir os retalhos da nossa existência, para encontrar os pontos invisíveis que nos unem ao nosso legado, para que o nosso potencial criativo seja ativado e conectado ao nosso legado ancestral.

Jung e Diop conectam-se com a figura de Imhotep, o maior gênio que a humanidade viu nascer, o deus da Medicina do Kemet.

CAPÍTULO III

ENTRE O VISÍVEL E O INVISÍVEL: PSICOLOGIA, ESPIRITUALIDADE AFRICANA E O RESTABELECIMENTO DE MAAT

4 CAPÍTULO III: Entre o Visível e o Invisível: Psicologia, Espiritualidade Africana e o Restabelecimento de Maat

RESUMO

A alma africana conecta-se com uma espiritualidade específica, que implica uma perspectiva psicológica capaz de contextualizá-la de forma não patologizante e que possibilite o desembolar das maçarocas espirituais. No Kemet a espiritualidade era fortemente relacionada às mulheres e aos preceitos do matriarcado africano e da Filosofia de Maat e esta, por sua vez, compreende a vida como uma travessia conectada ao simbolismo da barca e da balança. Na espiritualidade africana a dialética corpo e alma e a fisiologia e a filosofia da glândula pineal/*Udjat* estão entrelaçadas e remetem-nos ao universo das maçarocas de linhas invisíveis e dos fenômenos de policonsciência e de participação mística. A flor de lótus sagrada está conectada aos processos de morte e renascimento, à dinâmica luz e sombra e à expansão da consciência. A mitologia africana nos permite fazer a jornada heroica de volta à África e nos instrumentaliza para o enfrenamento da maafa. A nigredo, primeira etapa dos processos alquímicos, é compreendida na Psicologia Complexa como um processo necessário às transformações. Neste sentido, pode ser relacionada ao drama ausariano que vai do seu desmembramento à sua regeneação. É possível estabelecer uma correlação entre o legado espiritual africano e as raízes da Psicologia.

Palavras-chave: espiritualidade africana, fisiologia e filosofia da glândula pineal/*Udjat*, Filosofia de Maat, alquimia, jornada heroica.

4.1. Espiritualidade Africana: as linhas invisíveis das maçarocas espirituais

Na nossa jornada para desfazer as maçarocas precisamos enfrentar seu aspecto mais complicado: as linhas invisíveis, que aqui nesta tese simbolizam a espiritualidade. As linhas invisíveis são versáteis, mas exigem muito cuidado no seu manuseio, pois elas tendem a ficar retorcidas, formando nós e maçarocas com muita facilidade. Desfazer uma maçaroca de linhas invisíveis é ainda mais complicado, pois, diferente de uma maçaroca de linhas coloridas, não podemos identifica-las facilmente, o que exige níveis de atenção, paciência e persistência ainda mais elevados. Não há como fugir dessa tarefa, pois os nós das maçarocas espirituais também nos chamam, nos convidam; à semelhança do que já foi discutido sobre as maçarocas históricas e existenciais e consoante às reflexões de Bachelard (1986) sobre os nós.

Referindo-se ao processo de elaboração de *O Livro Vermelho*, Shamdasani (2021, p. 08) destaca que “O tema geral do livro é o processo pelo qual Jung recupera sua alma e supera o mal-estar contemporâneo da alienação espiritual”. É contra esta alienação espiritual que compreendo que a Psicologia precisa se posicionar, buscar estratégias de enfrentamento e oferecer possibilidades que promovam a saúde mental. O meu envolvimento com a temática reflete também a minha vivência, o meu processo de alienação espiritual e a reconexão com a minha alma.

O início desse retorno aconteceu com a chegada do meu amor na minha vida e foi acontecendo paulatinamente até estabelecer-se plenamente e unir minha vida pessoal e minha vida profissional e isso tem relação direta com a minha reaproximação com a Psicologia Complexa. Eu me reencontrei com a minha alma, lembro-me do dia em que isso aconteceu. Lembro-me da emoção que senti.

Meus estudos sobre a alma na Psicologia iniciaram-se na interface entre Psicologia Complexa e Espiritismo e foram sendo encaminhados para uma perspectiva africana, para a alma africana, em diálogo com Jung. Foi uma jornada longa, profunda e muito desafiadora. Como diz a música *Anima*, interpretada por Milton Nascimento a “Alma, vai além de tudo/ O que o nosso mundo ousa perceber/ Casa cheia de coragem, vida/ Tira a mancha que há no meu ser/ Te quero ver/ Te quer ser/ Alma” (Nascimento; Renato, 1981). Ela nos leva para o mundo invisível, mas antes de nos levar, ela nos chama, nos convida. Nem sempre conseguimos compreender este movimento e isso pode ser interpretado como sintomas patológicos.

Asante (2012b, sem paginação) compreende que há uma crise espiritual dos africanos, que resulta do colonialismo e da escravidão, e que o seu enfrentamento implica, necessariamente, a restauração e a reparação do nosso senso de cultura.

Na medida em que qualquer religião leva os africanos para fora dos nossos próprios termos, e nos leva a questionar a inteligência ou a sabedoria dos nossos antepassados, ou nos leva a degradá-los, a não falar a sua língua, ou usar os seus nomes, perdemos o nosso caminho nas moitas da religião de alguém. Não há nada de errado com a descoberta de liberdade e autodeterminação, por razões próprias de cada um (Asante, 2012b, sem paginação).

Bâ (2010, p. 176) acentua que “todos os sistemas mágico-religiosos africanos tendem a preservar ou restabelecer o equilíbrio das forças, do qual depende a harmonia do mundo material e espiritual.”. A cultura africana envolve uma visão particular, uma presença particular no mundo. Este mundo é percebido como um todo no qual as coisas estão ligadas e interagem entre si.

Deve -se ter em mente que, de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma visão religiosa do mundo. O universo visível é concebido e sentido como o sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento. No interior dessa vasta unidade cósmica, tudo se liga, tudo é solidário, e o comportamento do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o cerca (mundo mineral, vegetal, animal e a sociedade humana) será objeto de uma regulamentação ritual muito precisa cuja forma pode variar segundo as etnias ou regiões (Bâ, 2010, p. 173).

Bâ (2010) também esclarece que

[...] a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o ‘Conhecedor’ é um ‘especialista’. Na maioria das vezes, é um ‘generalizador’. Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a ‘ciência das terras’ (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a ‘ciência das águas’, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata -se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática. E quando falamos de ciências ‘iniciatórias’ ou ‘ocultas’, termos que podem confundir o leitor racionalista, trata-se sempre, para a África tradicional, de uma ciência eminentemente prática que consiste em saber como entrar em relação apropriada com as forças que sustentam o mundo visível e que podem ser colocadas a serviço da vida. (Bâ, 2010, p. 175).

A seguinte afirmação de Oyewùmí (2021) nos auxilia na compreensão desta questão:

O termo ‘cosmovisão’, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo ‘cosmopercepção’ é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (Oyewùmí, 2021, p. 29).

Nesta mesma direção, em entrevista a Sousa (2023, p. 05) Saidiya Hartmam explica que práticas espirituais são formas de cuidar dos mortos, que há presenças ancestrais entre nós. Destaca que “[...] a ciência ocidental admite isso em termos do que nossos corpos sabem e carregam, nossas memórias celulares, as histórias somáticas de violência. Pensar no passado como discreto e apartado do presente tem sido desafiado em muitas frentes”.

Alves, Seninotti e Jesus (2017) destacam que no paradigma civilizatório negro-africano o sujeito é constituído por uma perspectiva bio-mítico-social que cria a subjetividade sujeito ancestral-divindade que lhe permite construir o seu devir em um processo dinâmico durante toda a sua vida.

A tradição oral, a força vital, os universos visível e invisível, a relação sujeitoancestral-divindade são dimensões, valores, pressupostos da vida no terreiro incompreensíveis aos olhos do paradigma civilizatório ocidental. Situação que provoca conflitos, perturbações, questionamentos àqueles que vivenciam, simultaneamente, dois paradigmas civilizatórios: o negro-africano e o ocidental (Alves; Seminotti; Jesus, 2017, p. 212).

A constatação de que a sociedade brasileira é constituída por dois paradigmas civilizatórios: o ocidental e o negro-africano, ambos produtores de subjetividades, implica uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva ancorada na Afrocentricidade (Alves; Jesus; Scholz, 2015, p. 869). Tal questão é fundamental para evitarmos a medicalização da negritude e da sua espiritualidade, uma vez que aspectos normais da sua vivência podem ser interpretados como sintomas.

A espiritualidade tem sido um fio condutor dos enfrentamentos que africanos escravizados e seus descendentes tem utilizado historicamente no contexto da diáspora (Natalino, 2018; Mazama, 2002). Os fenômenos de transe e possessão, habituais nas religiões de matriz africana, foram objeto de estudo de muitos estudiosos (Bastide, 2006, Segato, 2005; Ribeiro, 1952) o que evidencia uma espiritualidade característica dos africanos. Mazama (2002) enfatiza a importância da confiança na espiritualidade nas lutas dos povos africanos e defende a sua inclusão consciente nos estudos sobre a Afrocentricidade, a partir da visão de mundo africana.

Jung (2020c) afirma que as experiências religiosas são experiências psicológicas verdadeiras e genuínas, portanto, não há relativismo nas verdades religiosas e não é possível compará-las do ponto de vista lógico. Exemplifica suas afirmações esclarecendo que para povos africanos e indígenas com quem teve contato o nascer do sol era uma experiência religiosa e não lhe cabia criticar tal crença.

Portanto,

[...] não se trata de uma questão de fé, mas de *experiência*. A experiência religiosa é algo de absoluto. [...] É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem, possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade (Jung, 2012, p. 130, OC 11/1, § 167).

Na literatura ocidental é possível encontrar estudos consolidados e amplamente divulgados a respeito da espiritualidade na perspectiva da reencarnação (Stevenson, 1970; Weiss, 2013) que, em alguma medida, estão alinhados com alguns pontos da espiritualidade negro-africana. Além disso, outros estudiosos da espiritualidade tem se aproximado da concepção africana sobre a temática.

Domingos (2017) enfatiza a unidade que caracteriza a visão de mundo africana, na qual não há diferença entre sagrado e profano, matéria e espírito. Nesta perspectiva os vivos e os mortos, o cosmos visível e o invisível fazem parte do mesmo universo. Natalino (2018, p. 91) chama atenção para o fato de que os africanos escravizados elaboraram sua religião, sua religiosidade e sua espiritualidade a partir das memórias ancoradas em seus corpos, e as legaram a seus descendentes. Enfatiza também que sua religiosidade constitui o fio de Ariadne e esclarece que em seu estudo partiu “[...] da afirmação que a experiência da população negra escravizada e livre/liberta, bem como os sem-número de mecanismos de resistência e revolta, não se explicam na sua amplitude e profundidade prescindindo do dado místico-religioso – os fios invisíveis”.

Religiosidade, espiritualidade ou místicas compuseram a saga da população negra desde a travessia atlântica, constituindo apetrechos ou municamentos potentes. Nesse sentido, acessar a história da população negra nas Américas implica levar a sério a religiosidade enquanto fator de sobrevivência, resistência e inventividade. (Natalino, 2018, p. 345)

Ribeiro (1952, p. 33) nos esclarece que a dispersão dos grupos tribais africanos foi uma prática utilizada como autodefesa pelos senhores de escravos para inviabilizar ou dificultar possíveis rebeliões. No entanto, a despeito disso, mantinha-se um forte grau de intensidade da retenção de africanismos e uma tenacidade em relação à preservação das tradições religiosas. Evidenciou-se também a existência de elementos básicos comuns a diferentes culturas africanas. “O culto dos mortos, a possessão, as linhas gerais das concepções religiosas do negro das áreas que forneceram escravos a todo Novo Mundo eram basicamente idênticos entre os vários submetidos à escravidão”.

Embora todo o sistema do candomblé tenha sido alvo de perseguição religiosa e ataques do Estado, para muitos o aspecto mais difícil de apreender, e provavelmente o mais temido, é o ato do transe ou da possessão espiritual. A psicologia ocidental (branca) explica a possessão espiritual como uma espécie de anomalia psiquiátrica. É considerada uma forma de histeria ou ilusão. Essas avaliações nada mais são do que atos historicamente condicionados de descarrilhamento (Nobles, 2009, p. 295-296).

A possessão tem papel dramático e saliente nas principais cerimônias, os indivíduos que experimentam tal estado derivando d'ele particular satisfação emocional, decorrente da sua intimidade com o sobrenatural e da libertação de tensões psicológicas simultaneamente à aprovação do grupo que constituem os elementos essenciais nesse tipo de experiência religiosa (Ribeiro, 1952, p. 131).

Na vivência do sagrado das religiões de matriz africana, conforme Segato (2005), a possessão representa uma revelação com o mundo divino. A autora também recorre a Jung e estabelece um diálogo intercultural com o autor utilizando, inclusive, seus conceitos de arquétipo e persona. Também discorre sobre os possíveis efeitos da escravização em homens e mulheres. Para Natel (2019) o afastamento do universo simbólico-religioso das religiões de matriz africana e de práticas xamânicas tem resultado em patologias, já a reaproximação pode nos direcionar ao encontro do Si-mesmo, ao contato com o deus interior.

Eliade (2018) busca compreender o sagrado na sua totalidade e na sua relação de oposição ao profano, e não apenas nos seus aspectos irracionais. Tomamos conhecimento do sagrado pela sua manifestação, pela sua revelação por meio do que o autor nomeou de hierofanias: mito, rito, cosmogonia ou deus. Hierofanias são, portanto, modalidades de manifestação do sagrado. O autor questiona a dicotomia sagrado-profano das religiões, pois há uma relação dialética entre as hierofanias e qualquer coisa pode ser incorporada à sacralidade.

Para Jung (2016, p. 21-22) nossos sentidos limitam a nossa percepção sobre o que nos rodeia. Além disso, a nossa percepção da realidade contém aspectos inconscientes, portanto, “[...] toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, sem considerar o fato de que toda realidade concreta sempre tem alguns aspectos que ignoramos, uma vez que não conhecemos a natureza radical da matéria em si”.

Há também alguns acontecimentos que permanecem abaixo do limiar da consciência e que podem ser percebidos por meio da intuição ou de reflexão intensa. Este conteúdo emerge do inconsciente como um tipo de segundo pensamento que pode surgir especialmente na forma de um sonho, uma imagem simbólica. Tais questões referendam a existência de uma

psique inconsciente, como se existissem duas personalidades dentro de nós. Essa divisão de personalidades não configura um sintoma patológico, é, antes, um fato normal que afeta o homem moderno. “Esta situação é um sintoma de inconsciência geral que é, inegavelmente, herança comum de toda a humanidade” (Jung, 2016, p. 22).

Em suas pesquisas sobre a origem dos cultos de possessão na África, Bastide (2006, p. 93) percebeu que “A dimensão cultural do fenômeno do transe ali se manifestava ainda mais nitidamente, talvez. A natureza ou a intensidade psíquica do transe variava segundo as etnias, assim como a dimensão sociológica. A liturgia predominava quanto mais se passava de uma terra da diáspora à terra das nascentes primordiais”.

A respeito de espiritualidade e ancestralidade africanas, o professor Bas’Ilele Malomalo afirma que viver a africanidade implica um paradigma. Propõe, portanto, o resgate da ancestralidade africana a partir do paradigma kamita, projetado por Cheikh Anta Diop e seus estudos sobre o Kemet; do paragma preto, criado por nossos ancestrais. Sugere a nossa aproximação com a espiritualidade kamita, vivenciada de forma direta, e com a ciência africana, que nos apresenta elementos para o estudo da natureza e das humanidades clássicas africanas. O preto é um elemento do sagrado. Praticamente todas as divindades egípcias estão relacionadas à negritude, à negrura. Ausar, o “grande negro”, princípio da ressurreição, está presente neste paradigma. Retornar ao paradigma do *Axé*, de *Kalunga*, de *Maat* nos ajudará a voltar à raiz, na base da nossa ancestralidade (ÁFRICA..., 2022).

As palavras de John Henrik Clarke sobre os efeitos negativos da chegada de diferentes organizações religiosas ao continente africano são impactantes. Ele questiona como isso pode ter acontecido se ali havia um jeito de viver espiritual superior a todas as organizações religiosas. Pergunta o mestre: “Por que deixou os estrangeiros chegarem até você?” (BLACK..., 1969).

É essa espiritualidade intrínseca que procuro evidenciar neste trabalho, relacionando-a com a Ciência Ancestral Africana. Portanto, o fenômeno religioso africano precisa ser compreendido na sua complexidade, pois abarca as expressões das religiões de matrizes africanas, contudo, as transcende. Neste sentido, torna-se necessário analisar a espiritualidade africana como ponte para a ancestralidade, para o inconsciente coletivo e cultural e como manifestação do espírito africano. Para que novas práticas sejam construídas a Psicologia precisa avançar nas discussões sobre a espiritualidade.

4.2 Legado Espiritual Africano e Psicologia: retorno às raízes

O caminho em busca da alma africana, implica contemplar as singularidades da experiência de ser herdeiro do legado africano e também de ser descendente de pessoas escravizadas. Mais uma vez recorro à canção *Anima*: “Lapidar/ Minha procura toda/ Trama lapidar/ O que o coração/ Com toda inspiração/ Achou de nomear/ Gritando alma” (Nascimento; Renato, 1981).

Nobles (2009, p. 278) argumenta que é necessário que a Psicologia atente-se à compreensão do que significa ser africano em ambientes hostis e antiafricanos. Contudo, a Psicologia Ocidental apresenta limitações diante da experiência humana de povos africanos. Completa que definiu “[...] esse campo de psicologia negra como *Sakhu Sheti*. Ele exige que respeitemos a particularidade das diferentes experiências históricas dos africanos em diferentes épocas e lugares.” (p. 278). Destaca que “A psicologia dos africanos deriva de uma singular experiência histórica e por ela é determinada. O imperativo humano natural e instintivo dessa psicologia é adquirir o impulso revolucionário para atingir a libertação física, mental e espiritual (p. 279)

Nobles (2009) nos diz que “Como seres vivos, somos, com efeito, espíritos vivendo uma experiência humana. Somos o universal expresso como pessoa individual” (p. 292) e que “Na verdade, o *sakhu sheti* permite uma compreensão mais precisa no contexto do afro-Brasil, dos quilombos, do candomblé e dos orixás como evidências do impulso revolucionário e do impulso inspirativo que revelam e iluminam o espírito africano no Brasil, fonte da saúde mental e do bem-estar dos afro-brasileiros” (p. 293). O espírito africano, como evidenciado nos quilombos e no candomblé, era temido pelos portugueses.

O significado intrínseco do que os nossos ancestrais atribuíam aos seres humanos tinha de ser descarrilhado (desafricanizado) para que os africanos fossem escravizados. O processo de descarrilhamento continua sob o disfarce do embranquecimento e das atitudes conflitantes em respeito ao candomblé (Nobles, 2009, p. 295).

O nascimento da Psicologia Preta significa uma mudança na trajetória dos psicólogos pretos e também uma reação ao racismo da psicologia euro-americana. A Associação de Psicologia Preta foi criada no escopo das lutas pelos direitos civis e dos movimentos Black Power que aconteciam nos Estados Unidos. Sua gênese aconteceu nos anos de 1960, período de intensa luta das pessoas pretas contra a segregação e a discriminação. A Associação dos

Psicólogos Pretos (ABPsi) foi fundada em 1968 por estudantes de Psicologia e psicólogos afro-americanos (Nobles, 2023).

A psicóloga Roberta Federico explica a necessidade de a Psicologia brasileira atentar-se para a Psicologia Preta, uma vez que ela tem meios de conectar o continente africano à diáspora, conferindo respeito e reconhecimento ao conhecimento, às epistemologias e às filosofias africanas com o objetivo de curar as mentes, os espíritos e os corpos negros dos impactos da colonização, da escravização, do colonialismo e do racismo. Desta forma, nós podemos assumir o processo de emancipação mental por meio dos nossos saberes, nossas tradições e nossas epistemologias de cura e de cuidado. Esclarece a psicóloga que a Psicologia Preta não busca normalizar a vida, portanto, procura compreender os comportamentos apresentados considerando-se a vivência do terrorismo psicológico, da violência física e do trauma transmitido de geração em geração (POR UMA PSICOLOGIA..., 2022).

Wade Nobles é o maior referencial da Psicologia Africana, no sentido de que, como um dos fundadores da Psicologia Preta, a aproxima do continente africano, dando ênfase ao Kemet e consolidando o termo Psicologia Africana. Busco, com esta tese, contribuir para esse movimento.

Neste sentido, afirma o autor (Nobles, 2023) que a consciência africana foi a precursora da ideia de identidade, uma vez que foi na África que os seres sencientes tornaram-se conscientes e destaca a importância de resgatarmos, restaurarmos e refinarmos a mente antiga africana como base para a Ciência do Ser (*Skh*). Para o autor a Ciência do Ser e a cultura são tecnologias restauradoras.

A apreciação e a aplicação da personalidade, da autenticidade e do significado do Ser exigem o regresso à fonte do pensamento e das ideias africanas. O local de retorno é a África antiga, ou mais especificamente o Vale do Nilo em Kmt (Egito). Kmt oferece diversas ideias, impressões e expressões dignas de interrogação e interpretação nesta busca para compreender e desenvolver a ciência do funcionamento humano. A busca flui do Vale do Nilo para a extensão BaNtu e para os muitos rios que atravessam a diáspora (Nobles, 2023, sem paginação).

De acordo com Asante (2022, p. 14) podemos encontrar as origens africanas do pensamento e das ideias nas filosofias egípcias. “Na medida em que essas filosofias antigas continuam a impactar nossas próprias vidas contemporâneas, mostram o significado de seus princípios humanos fundamentais”. Havia uma variedade em relação à aparência e constituição dos antigos egípcios, que assemelha-se ao que podemos perceber nos afro-americanos, nos afro-brasileiros, nos etíopes e nos nigerianos, “Mas a mente da África é

muito mais significativa neste trabalho do que a aparência física dos antigos egípcios. Ninguém pode negar a variedade de ideias que surgiram da África desde o início da história registrada” (p. 42).

O mundo contemporâneo é um beneficiário das grandes ideias que se desenvolveram no início da história, quando filósofos africanos observaram os céus, os rios, o sol, os animais, os insetos e uns aos outros. E escreveram suas análises de tudo para aprender. A partir dessa abordagem estudada da vida humana e do ambiente, eles conseguiram construir protocolos, significados, conceitos, ideias e processos que permaneceram como parte do que fazemos e pensamos hoje (Asante, 2022, p. 15).

Diop (1976) esclarece que a cura de possessos no Kemet implicava o encantamento de fórmulas mágicas, da mesma forma que acontece na África negra. Neste método psicológico o encantamento funciona por si só, sem tratamento terapêutico, a fórmula mágica poderia ser completada com medicamentos em alguns casos. Na África negra a cura acontece pelo poder de algumas palavras mágicas. Tais afirmações de Diop são determinantes para que os alinhavos iniciais a respeito da existência de uma Psicologia Africana transformem-se em uma costura definitiva e bem firme.

Neste contexto, é importante considerar as afirmações de Asante (2022, p. 66) de que para Imhotep a Medicina era um desafio da filosofia. Interessava-lhe saber por que as pessoas adoeciam, qual era a fonte das suas aflições, como os doentes deveriam ser tratados, qual a origem da doença em si. Ele buscava respostas para tais questões. Ao que tudo indica seus tratados médicos sobreviveram dois mil e quinhentos anos, tendo chegado até a era cristã. “Não há dúvida de que Imhotep era um espírito especial sobre a terra”. Seguindo esta linha de raciocínio podemos recorrer a Bacha (1997) que nos explica que o nível oculto do ideograma do escaravelho refere-se a transformações, evoluções e metamorfoses da alma e que o simbolismo do ideograma da espiral relaciona-se à curva evolutiva da consciência humana. Podemos relacionar ambos à compreensão da psicologia humana.

A tradução de *neter*, atributos e aspectos diferenciados dos *neteru*, pelo conceito ocidental de “deuses” e “deusas” constitui um erro fatal, uma vez que conceitos ocidentais de divindade estão relacionados a um Deus masculino e anjos masculinos, o que jamais aconteceria em uma cosmologia máatica (equilibrada). O legado espiritual camítico núbio nos diz que os *neteru* configuram manifestações dos atributos divinos da Divindade (NTR), a força Materna-Paterna, questão muito importante para as mulheres ocidentais, acostumadas a empoderar-se a partir do culto a uma entidade suprema masculina (Afua, 2021).

[...] Ast (Ísis), o Grande Espírito Materno Afrikano, portadora de cultura e cura; Maat, que representa a verdade, o equilíbrio, a harmonia, a lei e a ordem cósmica; Het-Hru (Hator), o aspecto do amor divino, beleza e educação; Heru (Hórus) O Guerreiro Sagrado da Luz, o aspecto do livre arbítrio; Bes, o aspecto da expansão, NTRU da dança; Sekhmet, a deusa com cabeça de leoa e padroeira da cura; e, por fim, o lótus sagrado, Neferum, o aspecto da ascensão mais elevada e do potencial ilimitado (Afua, 2021, p. 23).

No mesmo sentido Asante (2022) nos explica que a compreensão da Filosofia Kemética implica a compreensão de alguns conceitos que surgiram no início da civilização, entre eles *ankh* (vida, viver, presença, existência), *seneb* (bem-estar e saúde), *djed* (estabilidade), *heheh* (eternidade), *neter* (deus, divino, divindade) e *men* (amado, amor), cujos significados reiteram as noções de estabilidade, eternidade e bem-estar. Noguera (2013) afirma que a busca pelo autoconhecimento evidencia as nuances dos elementos que constituem o ser conforme a visão kemética: força vital (*ka*), coração/alma (*ba*), força divina (*akh*), sombra (*sheut*) e identidade (*ren*). O conhecimento de si passa pelo modo como esses elementos interagem e como a ação/destino se organiza e se desenvolve.

Budge (2021) explica que *ba* é a alma ou espírito que entra nas pessoas com o sopro da vida; move-se livremente entre o submundo e o mundo dos vivos depois da morte do corpo físico. Sua representação é um pássaro pequeno com cabeça humana. O *ká*, força vital ou espírito, também sobrevive depois da morte do corpo físico, mas permanece perto dele na tumba.

A árvore da vida kemética, ou *paut neteru* (companhia dos deuses) é composta por onze esferas, cada uma representando um *neter*, que, por sua vez, é a manifestação de princípios e forças que influenciam os pensamentos, sentimentos, ações e o destino das pessoas. Essas influências referem-se a desejos e impulsos interiores. A esfera zero refere-se a Amen, é a raiz do homem, um estado incondicionado e indiferenciado de energia e substância das quais formam-se os veículos do homem que permitem a sua manifestação no mundo: alma, mente e corpo. Ela permanece no âmago do nosso ser, no estado de *hetep* (paz original), que nós buscamos recuperar e manifestar (Amen, 2016).

As demais esferas estão assim distribuídas: 01 Ausar, 02 Tehut, 03 Sekhert, 04 Maat, 05 Heru-Khuti, 6 Heru, 07 Het-Heru, 08 Sebek, 09 Auset, 10 Geb. Precisamos conhecer as leis que regem as forças que operam no espírito – que são forças imutáveis da natureza, da gravidade, do átomo, do magnetismo – para poder controlá-las e para expressá-las corretamente (Amen, 2016).

As Escolas de Mistérios egípcias surgem do conceito de *paut neterw*. As filosofias destas escolas objetivavam explicar a origem do homem e do universo e as leis físicas e

espirituais que as regiam. Os princípios destas escolas eram os mesmos, o que variava era o seu nome e os mitos utilizados para expor os mesmos conceitos (Bacha, 1997). Nestes centros de aprendizagem e conhecimento a filosofia, a ética e a metafísica eram ensinadas (Asante, 2022).

Mut Rosa Natalino nos diz que o *Paut Neteru* é um diagrama, uma ferramenta deixada pelos nossos ancestrais para nos guiar neste período de turbulência de forma digna, com a criação de nossos espaços. Ele nos mostra as etapas que precisamos percorrer para nos curarmos espiritualmente (KASA DE MAAT..., 2022). O *Paut Neteru*, portanto, é uma potente ferramenta no processo de autoconhecimento, que nos leva à individuação.

A este respeito, tal como o mestre Diop (KEMTIYU, 2016), James (2022, p. 15) nos alertou de que Sócrates não criou a frase “conhece-te a ti mesmo”, ele a copiou dos templos egípcios. “Todos os templos de Mistério, dentro e fora do Egito, traziam tais inscrições, assim como os boletins semanais de nossas igrejas modernas.”. Neste sentido, convém nos atentarmos ao que nos fala Afua (2021):

Sou uma antepassada que voltou e estou sacudindo o pó e restaurando meus ossos secos. Afinal, meu legado diz que Ankh (vida) é eterna e que nunca morremos. E, como sou parte dessa eternidade, tive a bênção de saber de onde parti há milhares de anos, pois o autoconhecimento está em meu DNA, em minha melanina. (Afua, 2021, p. 32).

Diop nos auxilia na compreensão do legado da Filosofia Kemética para a Psicologia de diferentes maneiras, mas destaco aqui seu esclarecimento de que as cosmogonias egípcias eram Filosofias e sua afirmação sobre a necessidade de considerarmos o aspecto psíquico como constituinte da personalidade de um povo (Diop, 1991). Diop (1976, p. 252) explica que fatores psíquicos referem-se ao “[...] reino abstrato, o reino da consciência individual”. Ao estabelecer o *Skh Djr Nobles* (2023, sem paginação) segue os passos de Diop e examina os domínios histórico, linguístico e psíquico, destacando “Ao orientar-nos para localizar a unidade cultural de África em sua língua, história e psique, Diop, infelizmente, deixou a exploração da unidade psíquica por fazer”.

Diop (2025) explica que na cosmogonia filosófica egípcia

[...] o *nun*, a matéria caótica primordial, é o ser vivo em si, que contém potencialmente todo o universo em gestação sob a forma de essências eternas ou de ideias puras, modelos indestrutíveis, arquétipos dos futuros seres, mas também a força necessária para a sua própria evolução em direção a atualização do mundo [...] (Diop, 2025, p. 391)

Na mesma direção Nobles (2023) esclarece que para os antigos egípcios a pessoa era considerada uma manifestação ou uma extensão de Nu (Nun), a substância primordial, o princípio criativo. A crença do significado de pessoa é a chave que permite a compreensão da Filosofia Kemética como uma visão de mundo.

A antiga gênese africana é melhor compreendida observando-se que a natureza, o caráter e a qualidade do espírito ou energia definidora foram expressos como uma divindade que serviu como ideia geradora. A antiga gênese africana pode ser resgatada nos lugares nomeados ou chamados Ineb Hedj (Memphis), Iuni (Heliópolis), Un/Khumunu (Hermópolis) e Waset (Tebas). (Nobles, 2023, sem paginação).

Nobles (2023) explica que cada lugar tinha uma singularidade em relação ao princípio criativo: unificação, auto-geração, equilíbrio, ser/tornar-se, respectivamente; e argumenta sobre a importância de introduzirmos a tecnologia cultural de base africana como requisito para a restauração das pessoas com ascendência africana.

Jung (2011a, OC 5) destaca a necessidade de considerarmos a contribuição das ciências do espírito e de conhecermos a história do espírito ao considerarmos os sintomas neuróticos.

A psicologia não pode prescindir da contribuição das ciências do espírito, sobretudo da história do espírito humano. É sobretudo a história que hoje nos permite coordenar a imensa quantidade de material empírico e reconhecer a importância funcional dos conteúdos coletivos do inconsciente. A psique não é uma coisa dada, imutável, mas um produto de sua história em marcha. Assim, não só secreções glandulares alteradas ou relações pessoais difíceis são as causas de conflitos neuróticos; entram em jogo também, em igual proporção, tendências e conteúdos decorrentes da história do espírito. O entendimento psiquiátrico do processo patológico de modo algum possibilita o seu enquadramento no âmbito geral da psique. Da mesma forma, a simples racionalização é um instrumento insuficiente. A história sempre de novo nos ensina que, ao contrário da expectativa racional, fatores assim chamados irracionais exercem o papel principal, e mesmo decisivo, em todos os processos de transformação da alma (Jung, 2011a, p. 17, OC 5, Prefácio à terceira edição).

Até aqui conseguimos desatar alguns nós das maçarocas espirituais e assim tivemos acesso a conhecimentos que nos permitem conceber os processos de doença e saúde mental por uma perspectiva alinhada ao conhecimento africano e sem patologizarmos a espiritualidade africana. Agora chegou a hora de utilizarmos as linhas retiradas da maçaroca e utilizá-las para compreendermos ainda mais a psicologia de pessoas de ascendência africana e as raízes africanas da Psicologia.

4.2.1 A Barca e a Balança: Rekhet, Filosofia de Maat e a vida como travessia

A cosmologia camítica é *maá* (equilibrada). Temos um criador paterno e uma criadora materna, os *neteru* são femininos e masculinos. “Esse modo de ver o Divino que permeava a vida cotidiana era ‘Maatriarcal’ e as mulheres desfrutavam muito mais igualdade do que nos tempos atuais”. A liberdade das mulheres do Kemet causava estarrecimento nos gregos e nos romanos. A compreensão da espiritualidade do Kemet implica a ampliação da consciência e a familiarização com o legado camítico que originou a Maatocracia (Afua, 2021, p. 36).

Asante (2022) esclarece que as pessoas devem procurar estabelecer as condições de Maat em seus relacionamentos, o que implica retidão, justiça, harmonia e equilíbrio. Maat define toda a realidade. O que podemos perceber nas obras dos primeiros filósofos kamitas é uma busca pela harmonia para garantir a estabilidade. A concepção kemética de Maat está presente em diferentes grupos étnicos africanos. Budge (2021) salienta que Maat simboliza tanto a ordem cósmica quanto a deusa da harmonia e da justiça.

Afua (2021, p. 36) explica que no Kemet a cultura era espiritual e a salvação estava relacionada a uma vida em consonância com os preceitos maáticos. Estava, portanto, diretamente ligada às mulheres. Nesta perspectiva, existe uma anterioridade em relação à espiritualidade, que é primordial, já a religião é moderna. A origem etimológica da palavra religião implica religar, contudo, os antigos egípcios tinham uma vivência de conexão com a divindade, não havia, portanto, necessidade de ligação. A imersão espiritual era sua maneira de viver, o que proporcionava empoderamento; não havia uma doutrina de salvação por procuração. “Maat exige responsabilidade pessoal. Não há expiação vicária. Quando você vive em Maat, todo dia é o Juízo Final”.

Dove (1998) contribui com nossa compreensão explicando que na estrutura de Estado kemética não havia separação entre religião e política. “A religião era sinônimo do poder das mulheres.”. A realização da iluminação espiritual e da coesão social fazia parte da estrutura do Estado Kemético e este é um grande diferencial em relação aos Estados Ocidentais patriarcais. Na perspectiva da matriz materno-centrada kemética, as Rainhas Mães eram consideradas figuras de autoridade, como deusas. Por ser consideradas portadoras de novas gerações elas tinham papéis determinantes nos ensinamentos dos futuros reis (Dove, 1998).

A Matriz Materno-Centrada impulsionou o desenvolvimento do Kemet e configura um modelo de estado que pode possibilitar aos africanos contemporâneos um exemplo de forma de governar, que ainda não encontra equivalente nos Estados modernos. “A velha ordem da Mãe, Maat, que representava a estabilidade Africana, produziu os primeiros povos urbanos.

[...]. De acordo com a visão de mundo Africana, quando Maat é depreciada, não pode haver ordem” (Dove, 1998, p. 14).

Dove (1998) também esclarece que

O rei divino paga deferência à sua divindade feminina. Ele deve exibir essas qualidades femininas como o exemplo de deus na terra durante sua soberania. Desta forma, valores coletivos, consideração para a humanidade e a natureza, estima ancestral, e amor e respeito à família constituíam a continuação do ambiente e frustrava o perigo. Todos os membros da sociedade eram esperados para manter e preservar a ordem social através da prática da maternidade ideal de Maat. (Dove, 1998, p. 10).

Karenga (1994, p. 162 apud Dove, 1998, p. 10) afirma que “Maat é a personificação do ideal de materno”. A partir desta afirmação Dove (1998) explica que Maat representa a justiça, a verdade, a honestidade, o equilíbrio, a reciprocidade e que sua manifestação tanto institucional quanto culturalmente assegura a existência da humanidade como parte da ordem cósmica. No Kemet Maat também era reverenciada como uma deusa fundamental para a ascensão do espírito.

A realidade histórica é que Kemet foi o primeiro estado conhecido, e com base em semelhanças estruturais nos Estados Unidos e outros países ocidentais, eles devem ser vistos como imitações. No entanto, a capacidade europeia para replicar este modelo de Estado é limitada pela sua falta de conhecimento cultural relativo à Matriz Materno-Centrada e, em particular, à espiritualidade Africana, a base do poder das mulheres na África (Dove, 1998, p. 07).

Para que possamos alcançar essa emancipação é necessário conhecermos a Filosofia de Maat. A este respeito, Noguera (2013) aponta a compreensão de Maat possibilita também a compreensão da balança como quesito filosófico no Kemet. O autor salienta que Amen-em-ope concebe a balança como um guia importante, advertindo que as escalas não devem ser alteradas. Também não se pode falsificar os pesos ou diminuir as frações da medida, uma vez que o Macaco, Thot (Tehuti) deus da sabedoria, está postado ao seu lado. Assim,

As narrativas sobre Maat e Toth indicam e circunscrevem o que denominamos de ‘medida da verdade’ ou ‘peso da verdade’ – remetendo à Maat. Em paralelo, coextensivamente à medida da verdade, encontramos a ‘escrita da verdade’, esta, por sua vez diz respeito ao esposo de Maat, Toth. A medida e a escrita da verdade, da justiça, harmonia e conhecimento são como as duas asas do íbis ou da avestruz. O íbis só pode voar com as duas, a avestruz tampouco pode se equilibrar e andar sem percalços com uma somente. Na mitologia egípcia, Maat e Toth perfazem um casamento que dá o panorama e os detalhes daquilo que a *rekhet* [filosofia] busca (Noguera, 2013, p. 151).

Amen-em-ope utiliza o simbolismo da barca e da balança ao longo do seu trabalho.

A transliteração do hieróglifo [barca] é *dpt*, é importante observar que [experimental] transliterado como *dp* significa degustar e experimentar. Neste sentido, o termo barca circunscreve ideias como experimentar, degustar, testar o gosto e participar de uma experiência que não seja ordinária. A barca carrega a ideia de que a travessia é uma experimentação. Ou ainda, a possibilidade de fazer um novo caminho, ou ainda, percorrer o mesmo destino para compreender, aprender e ensinar. No capítulo 29, podemos ler ‘Não impeças as pessoas de atravessarem o rio se tens cabine em tua barca. Quando te derem um remo em meio às águas profundas, estende teus braços e pega-o’ (Amen-em-ope, 2000, p.279-280 apud Noguera, 2013, p. 149).

Destaca Noguera (2013, p. 149) que Amen-em-ope está afirmando que “[...] as pessoas habilitadas na arte da palavra não podem se esquivar de ensinar a usar a barca que atravessa as tormentas de dúvidas e falta de discernimento. A barca é a experimentação do discernimento”. Portanto, quem tiver lugar na cabine da sua barca tem como tarefa educar as pessoas que não tem barca. Neste processo “Uma questão chave dos ensinamentos está em discernir sobre si. Uma pessoa vive em meio a um rio imprevisível de acontecimentos, dúvidas, interrogações e escolhas morais”. Para Amen-em-ope a vida pode ser compreendida como uma travessia, na qual a barca representa mais do que uma alegoria

Na cultura kemética, ética diz respeito ao agir reto, à capacidade de viver em equilíbrio consigo diante dos desafios e escolhas. O que passa por um exercício filosófico de afastamento da inflamação que impede o discernimento. A capacidade de discernir é um tipo de travessia existencial dentro de uma barca que não se deixa levar pelas intempéries externas. Ou seja, mesmo diante dos problemas concernentes à vida, não devemos ter pressa em respondê-los, correndo o risco de que a irritação seja guia do pensamento e das palavras (Noguera, 2013, p. 150).

A medida e a escrita da palavra precisam estar alinhadas com o peso da verdade. Amen-em-ope ensina que a medida não pode ser alterada. A fala deve ser pautada pelo silêncio e pela medida da verdade. Devemos preparar a palavras como artífices. Na narrativa mítica em um contexto filosófico “[...] o silêncio aparece como condição de possibilidade para que a gestação da medida de Maat seja bem feita, culminando com o parto – manifesto pela escrita de Toth. O silêncio é uma característica própria da serenidade” (Noguera, 2013, p. 152).

Para o filósofo a vida desenvolve-se a partir de um exercício filosófico que conecta o plano discursivo com o plano existencial. O objetivo do *Rekhet* é possibilitar exercícios existenciais que deem direção à vida moral, no entanto, também estão presentes no pensamento filosófico egípcio as especulações sobre o mundo e questionamentos ontológicos.

Portanto, “[...] filosofar é um exercício de julgamento, sopesar, detalhar e apresentar num exercício rigoroso com a palavra o objeto que é retratado, tomado como fonte, ponto de partida e linha de chegada ao mesmo tempo”. A barca e a balança são utilizadas por muitos filósofos egípcios na compreensão desse exercício de pensamento específico. Amen-em-ope utiliza ambas em seu *medet nefer* (Noguera (2013, p. 147).

Duarte (2019, p. 248) esclarece que etimologicamente *rekhet* está vinculado ao sentido de conhecer, estar consciente, aprender. “*Rekhet*, portanto, em seu aspecto verbal, remete-se a uma atitude, um esforço simultâneo de pesquisa, aprendizagem, tomada de consciência e ensino”. Mais adiante complementa que para os keméticos “[...] o esforço simultâneo para conhecer e ampliar a consciência implica uma experiência, um lançar-se em busca do conhecimento da natureza das coisas.” Para o autor a pessoa que adquire este conhecimento pode tornar-se “*rekh*” (sábia), “[...] *alguém que realizou a longa jornada de pesquisa e auto-consciência acerca da realidade, a partir da qual passa a ter o dever moral de ser (iry maat), restauradora da verdade*” (p. 249).

Noguera (2013) acentua que a possibilidade de uma vida feliz, de acordo com Amen-em-ope, relaciona-se com a ética da serenidade e com as características do *geru maa*. Ashby (2005 apud Noguera, 2013, p. 154) destaca que há um ponto de convergência entre os filósofos egípcios, incluindo Amen-em-ope: a percepção de que a felicidade advém do conhecimento de si. “O discernimento é o veículo que torna possível o conhecimento de si, o que torna viável a felicidade. De modo simples, uma pessoa serena é alguém que conhece a si, sabe sobre si porque usa do discernimento e, portanto, pode levar uma vida feliz independente do destino”.

Como vimos, a prática rekhética é também uma prática maática. Asante (2009) enfatiza que a correta ordenação do mundo através de Maat pode ressuscitar elementos das relações humanas que estão adormecidos. Portanto, as pessoas devem procurar estabelecer as condições de Maat em seus relacionamentos, o que implica retidão, justiça, harmonia e equilíbrio. Maat define toda a realidade. O que podemos perceber nas obras dos primeiros filósofos kamitas é uma busca pela harmonia para garantir a estabilidade. A concepção kemética de Maat está presente em diferentes grupos étnicos africanos (Asante, 2022). Nas sociedades africanas as mulheres tinham protagonismo e estavam incluídas nas culturas em igualdade com os homens. Mulheres e homens são importantes para a construção do conhecimento em uma perspectiva afrocentrada. O conhecimento produzido deve ser emancipador (Asante, 2009).

4.2.2 As Mulheres Keméticas e a Espiritualidade: matriarcado africano

Jacq (2000) evidencia um aspecto muito importante no Egito faraônico: o lugar ocupado pelas mulheres. A elas era assegurado o direito de movimentar-se sem serem importunadas. No Papiro Harris vê-se como esta questão era um fato social, não uma inovação. Homens e mulheres eram iguais por direito e de fato, as egípcias não estavam submetidas a nenhuma tutela. Mulheres egípcias exerceram as mais altas funções do Estado e o papel político e social que desempenharam foi determinante para a história do Antigo Egito. Elas também ocuparam altos níveis nas hierarquias sacerdotais. Portanto, ao que parece não havia tirania de um sexo sobre outro no Egito dos faraós.

O que impressiona o observador que começa a interessar-se pela arte egípcia é o imenso respeito pela mulher. Bela, serena, luminosa, ela contribuiu da maneira mais ativa para a construção diária de uma civilização que cultivou a beleza, nomeadamente a feminina. Essa beleza perturbou os inúmeros cristãos: temerosos da sedução das egípcias, eles destruíram inúmeras representações de mulheres ou cobriram-nas de gesso para se furtarem ao seu olhar (Jacq, 2000, p. 20-21).

A respeito do resgate do feminino negro, Afua (2021), afirma que

Somos mulheres que brilham na escuridão. Viemos para iluminá-la. A escuridão se desfez, pois vencemos os destruidores. Estamos aqui para aqueles que choram, que escondem seus rostos, que naufragam. Eles podem contar conosco. Nós somos mulheres. Temos o poder da cura sagrada (Afua, 2021, p. 11).

Ao falar sobre a Mulher Sagrada e a sua joranda de transformação holística, Afua (2021) explica que estamos sendo chamadas para ocupar o nosso centro sagrado de poder, uma vez que nós, mulheres, somos uma força poderosa e unificada da natureza e, portanto, podemos promover o aperfeiçoamento de nós mesmas, de nossa família e até mesmo da humanidade.

No Papiro de Ani encontramos a seguinte passagem:

Eu sou uma mulher que ilumina a escuridão.
Eu vim iluminar a escuridão e ela se iluminou. Eu derrubei os destruidores. Eu me dedico àqueles que estão na escuridão. Eu defendo aqueles que choram, escondem seus rostos e desabam. E eles recorrem a mim (Afua, 2021, p. 19).

A Mulher Sagrada constitui-se em um movimento de justiça social, de bem estar holístico e ventral e de busca pela paz e pela sororidade. É um movimento de Ast (Auset/Ísis) e Nebt-Het (Néftis). “Ao longo de suas tentativas, provas e tribulações como um lótus saído

da lama, Mulher Sagrada resiste [...]. Essa é a nossa hora para curar, o movimento tão esperado para erguer! A *Mulher Sagrada* não pode ser detida!” (Afua, 2021, p. 13).

O silenciamento e a negação da voz da mulher faz com que seu útero torne-se um receptáculo de doenças. Assim, a situação do mundo é refletida no estado coletivo dos ventres femininos. “A situação dos ventres femininos também reflete diretamente a situação das mentes, espíritos e ações das mulheres. O ventre é o depósito de todas as emoções, boas ou ruins. Atualmente, atingimos coletivamente um estado de ‘poder uterino negativo’” (Afua, 2021, p. 20).

Diop (2023) analisou de forma aprofundada o histórico do matriarcado, iniciando pela tese de Bachoffen, para quem todas as civilizações teriam vivenciado o matriarcado e passado posteriormente para o patriarcado. Ele também estabeleceu uma hierarquia entre o matriarcado e o patriarcado, na qual

Ao invés de ver o florescimento do ser, que está ligado ao matriarcado – e particularmente à mulher –, e o respeito que a mulher recebe, como o verdadeiro progresso e como ajuda para estabelecer uma hierarquia objetiva de valores, ele enxerga nesse conjunto de instituições favoráveis à mulher e à pessoa humana em geral apenas a expressão de uma liberdade perigosa, quase satânica. Portanto, a hierarquia estabelecida entre os dois sistemas carece de fundamentos objetivos (Diop, 2023, p. 33).

Por essa perspectiva, o matriarcado teria sido a base da organização social de todos os povos da terra e teria sido substituído paulatinamente pelo patriarcado. Este movimento, na sua concepção representou a “passagem de um estado inferior para um estado superior, de uma verdadeira ascensão espiritual da humanidade como um todo” (Diop, 2023, p. 19).

Diop (2023) analisou também as ideias de Morgan, que estudou as sociedades indígenas norte-americanas. Já Engels utilizou as teses de Bachofen e de Morgan para evidenciar a transitoriedade do modelo da família tradicional.

A hipótese de Diop a este respeito é de que não houve uma transição universal do matriarcado para o patriarcado, ao invés disso, a humanidade esteve dividida desde o início em dois berços geograficamente distintos. Esses sistemas se encontraram e disputaram as diferentes sociedades humanas, sobrepondo-se e justapondo-se em alguns lugares. Assim, “[...] populações com filiação patrilinear entraram em contato com populações com filiação matrilinear, e houve uma interpenetração dos dois sistemas, sendo que ambos eram originalmente instituições autônomas”. Suas análises evidenciaram não ser possível

determinar um período histórico no qual o matriarcado tenha sido vivenciado por gregos e romanos (Diop, 2023, p. 33).

No regime matriarcal a vida é sedentária e agrícola, portanto, o matriarcado nas populações do sul está diretamente relacionado ao ciclo de vida vegetal. Neste regime a mulher pode dar contribuições importantes para a vida econômica, tornando-se um elemento estabilizador como dona de casa e guardiã dos alimentos. A autoridade da mãe é inquestionável e tudo o que diz respeito a ela é sagrado. “A herança biológica do lado materno é mais sólida e importante do que a herança do lado paterno. Portanto, somos o que nossa mãe é, somos apenas metade do que nosso pai é” (Diop, 2023, p. 46.).

Ao pontuar questões sobre o matriarcado na Etiópia (Núbia, Terra de Senar, que hoje compreende o Sudão), Diop nos informa sobre os reinados da Rainha de Sabá e da Rainha Candace. O reinado de Candace foi marcado por uma resistência heroica aos soldados romanos, depois da invasão da Etiópia por César Augusto. “Essa resistência gloriosa permaneceu na memória dos sudaneses, e o prestígio de Candace foi tão grande que todas as rainhas posteriores receberam o mesmo nome de forma genérica” (Diop, 2023, p. 65).

Diop (2023) acentua que o Egito é um dos países da África onde o matriarcado foi mais manifesto e duradouro. O mito de Ísis e Osíris, origem da nação egípcia, expressa o caráter agrário e matriarcal da sociedade faraônica. Segundo Frazer (1926 apud Diop, 2023, p. 67) Osíris é o deus da vida vegetal, da fertilidade, o espírito da árvore e Ísis é uma deusa da fertilidade. “Ela é a grande e benevolente Deusa-Mãe, cuja influência e amor reinam em todos os lugares, tanto entre os vivos quanto entre os mortos”. Assim como Osíris, Ísis é a deusa do trigo; ela também teria inventado a agricultura. Foi identificada como Demeter pelos gregos. Portanto o fundamento do Mistério de Ísis e Osíris é baseado na vida agrícola.

Durante toda a história faraônica a mulher desfrutava de liberdade, em contraste com a condição de aprisionamento da mulher indo-europeia dos tempos clássicos, tanto na cultura grega quanto na romana. As mulheres egípcias eram respeitadas. Não há registros históricos de que tenham sido tratadas de forma desfavorável sistematicamente. Uma questão importante a ser considerada é que “Com a islamização, ou seja, sob a influência de um fator externo e não por evolução interna, a maioria das populações que eram matrilineares, durante a Idade Média se tornaram patrilineares, pelo menos aparentemente”. Este processo teve início na África Ocidental no século X (Diop, 2023, p. 78).

Ainda assim:

[...], é evidente que o regime matriarcal é generalizado na África, tanto na Antiguidade quanto nos dias atuais, e esse traço cultural não resulta da ignorância do papel do pai na concepção da criança. O culto fálico, que é o corolário do regime agrícola (como evidenciado pelas pedras eretas, obeliscos do Egito e templos no sul da Índia, é uma prova disso: ele mostra que no momento em que a humanidade arcaica optava pela filiação matrilinear, ela conhecia o papel fecundador do pai. Em nenhum dos regimes descritos no berço meridional há negligência sistemática ao parentesco patrilinear. Pelo contrário, a conduta social em relação aos parentes patrilineares é mais rigorosa do que a relação aos parentes matrilineares (Diop, 2023, p. 82-83).

Diop (2023, p. 189) analisou a diferença entre a literatura grega e a egípcia, destacando que o que as diferencia é o gosto dos gregos pelo gênero trágico e um profundo sentimento de culpa, o que aponta para uma espécie de incompatibilidade entre a consciência nórdica e a do sul. Questiona então: “Entre outros crimes, poderíamos mencionar, mais uma vez, o papel subalterno atribuído às mulheres na sociedade ariana? A consciência nórdica teria se sentido culpada em relação a elas?”.

Os esclarecimentos de Diop a respeito do matriarcado africano são centrais no processo de restauração da população negra, em especial para as mulheres. Agora, com os fios invisíveis da maçaroca que desfizemos ao tomarmos conhecimento sobre espiritualidade africana e sobre a vida das mulheres no Kemet, podemos realizar novas costuras que nos conectem fortemente à África, desde o Brasil.

4.3 Dialética corpo e alma: policonsciência e participação mística - atando os nós

Até aqui discutimos os nós por uma perspectiva negativa, contudo, seguindo a perspectiva junguiana da tensão dos opostos, é importante esclarecer que eles são imprescindíveis no artesanato. Os nós iniciam e terminam o bordado e a costura à mão, o crochê e o tricô. Eles permitem o início dos trabalhos e impedem que os pontos desmanchem; um nó mal feito, principalmente no arremate, pode comprometer todo o trabalho. Não podemos deixar pontas soltas. Aqui os nós tem um papel muito importante: proporcionar uma amarração entre corpo e alma, formando uma totalidade.

Lopes (2020) ao falar sobre a ontologia kemética e negro-africana afirma que

[...] a moderna ciência afrocêntrica mostra que a ontologia quemética, ou seja, o espírito e o pensamento do Egito faraônico, constitui parte integrante do universo cultural negro-africano em seu conjunto, como o sublinham as relações íntimas entre a lógica egípcia e a lógica de grupos étnicos como o dos mboxi, estudado por Théophile Obenga (Lopes, 2020, p. 228).

Destaca o autor (Lopes, 2020, p. 228) que tal fato ocorria com outros povos, como os bacongos, “[...] cuja diáspora nas Américas gerou produtos civilizatórios altamente relevantes”. Assim sendo, para os antigos egípcios e para os povos negro-africanos

[...] o ser humano é uma reunião definitiva de elementos físicos e entidades espirituais; assim também, entre egípcios e outros africanos contemporâneos, encontram-se definições e representações correlatas: o conjunto de forças que permitem ao homem subsistir como ser biológico e como pessoa moral; o nome, como parte transcendente da personalidade humana; a saúde física e moral (‘Vida, saúde e prosperidade!’ era uma saudação egípcia); a morte, como evento capaz de fazer do indivíduo outro ser também dotado de força; passando do estado ‘terroso’ para o estado luminoso (Lopes, 2020, p. 229, aspas do autor).

Jacq (2001, p. 18) nos fala que no Antigo Egito a magia era considerada uma questão de percepção relacionada ao coração intuitivo, o coração-consciência, que é o centro das percepções mais sutis, e também o testemunho da vida do homem. “Tudo parte do coração e a ele volta. Ele é emissor e receptor. Sensações e impressões são a ele conduzidas para que faça delas a síntese e extraia a lição dessas informações vindas do mundo exterior.”.

No caminho da espiritualidade é necessário contemplarmos a ação dos arquétipos anima e animus. O conceito de animus, criado por Jung, nos auxilia na compreensão da espiritualidade feminina. Segundo Jung (2003, Cartas III) o *animus* refere-se às forças espirituais presentes na mulher (figura masculina). Ao analisar esta questão o autor explica que a firmeza e a tenacidade da natureza feminina sempre o impressionaram. Stein (2006) explica que *anima* (figura feminina na psique masculina) e *animus* possibilitam uma conexão muito forte com o inconsciente.

Os conteúdos do inconsciente pessoal são aquisições da existência individual, ao passo que os conteúdos do inconsciente coletivo são *arquétipos* que existem sempre a priori. [...]. Empiricamente, os arquétipos que se caracterizam mais nitidamente são aqueles que mais frequentemente e intensamente influenciam ou perturbam o eu. São eles a *sombra*, a *anima* e o *animus* (Jung, 2011h, p. 19, OC 9/2, § 13).

Para Stein (2006, p. 116) “Anima e animus são personalidades subjetivas que representam um nível do inconsciente mais profundo do que a sombra. Para melhor ou para pior, elas revelam as características da alma e conduzem para os domínios do inconsciente coletivo.” Explica que ao defini-los como arquétipos, Jung colocou sua essência mais fora da psique, no âmbito de poderes e formas espirituais impessoais, nas camadas mais profundas do inconsciente coletivo, onde há imprecisão das fronteiras.

Anima e *animus* voltam-se para o mundo interior da psique, ajudando as pessoas na sua adaptação às demandas dos pensamentos intuitivos, sentimentos, imagens e emoções com

os quais defronta-se o ego. Jung denominou de possessão pelo *animus* a situação em que a mulher é permanentemente propensa a atritos e dominada por impulsos inconscientes de poder e de controle. “Os homens sob o domínio da anima tendem a refugiar-se em sentimentos de mágoa e resignação; as mulheres sob o domínio do animus tendem a atacar.” (Stein, 2006, p. 121).

Portanto, a conexão que a *anima* e o *animus* possibilita um “[...] contato com níveis da psique que têm potencial para conduzir às regiões mais profundas e mais altas (de qualquer modo, as mais remotas) que o ego pode alcançar” (Stein, 2006, p. 128). Tal fato nos evidencia a importância de analisarmos a psique considerando suas relações com o princípio feminino e o masculino e também com aspectos relacionados ao sexo feminino e ao sexo masculino.

Neste sentido, o corpo da mulher negra, desde a escravidão, tem sido associado pelos ocidentais a uma natureza selvagem e incontrolável e comparado à natureza. Por esta concepção, assim como a natureza, a mulher desregrada precisava ser controlada. Era essa perspectiva que fazia com que as mulheres negras consideradas bruxas na sociedade colonial americana fossem vistas como a encarnação de uma natureza feminina perigosa que precisava ser governada (hooks, 1995).

A indagação quem sou eu? de um indivíduo negro, em especial, quilombola, tem sido estudada nos termos da identidade étnica, aliada à formação de um território. No entanto, o processo de constituição de coletividades negras enquanto qualificadoras de um espaço, não se extinguiu em 1888 e não está restrito a territórios permanentes. O corpo negro plural constrói e qualifica outros espaços negros, de várias durações e extensões, nos quais seus integrantes se reconhecem. Para Beatriz Nascimento, a África e o Quilombo são terras-mãe imaginadas (Ratts, 2006, p. 59).

Para Nogueira (1998, p. 45) “O corpo funciona como marca dos valores sociais, nele a sociedade fixa seus sentidos e valores”. Se a cultura lhe atribuiu uma natureza que é da ordem do inaceitável, esses sentidos são introjetados pelo negro e vão, necessariamente produzir configurações psíquicas particulares. Nesse processo em que a cultura o captura, “O negro recusa sua própria imagem e permanece cativo do fantasma da inferioridade, de que seu corpo é, socialmente, a marca” (p. 47).

Natalino (2018) destaca que a religiosidade, o fio de Ariadne da diáspora, foi trazida pelos escravizados por meio de memórias que ancoravam-se em seus corpos, sendo legadas aos seus descendentes. Martins (2022) enfatiza o papel desempenhado pelo corpo na transmissão dos saberes ancestrais trazidos pelos africanos escravizados:

Se considerarmos que os africanos, em sua maioria, vinham de sociedades que não tinham a letra manuscrita ou impressa como meio primordial de inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes, podemos afirmar que toda a plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete também é episteme (Martins, 2022, p. 22-23)

Assim,

Toda a memória do conhecimento é instituída na e pela performance ritual por meio de técnicas e procedimentos performáticos veiculados pelo corpo. No âmbito dos ritos as performances, e seu aparato – cantos, danças, figurinos, adereços, objetos cerimoniais, cenários, cortejos e festejos –, e em sua cosmopercepção filosófica e religiosa, organizam-se os repertórios textuais, históricos, sensoriais, orgânicos e conceituais da longínqua África, as partituras dos seus saberes e conhecimentos, o corpo alterno das identidades recriadas, as lembranças e as reminiscências, o *corpus*, enfim, da memória que cliva e atravessa os vazios e hiatos resultantes das diásporas. Os ritos cumprem, assim, uma função pedagógica paradigmática exemplar, como modelo e índice de mudança e deslocamento [...]. (Martins, 2022, p. 48).

Essas questões históricas fazem com que a dissociação entre corpo e mente atinja mais significativamente as mulheres negras. A utilização de seus corpos como incubadoras é um exemplo das tentativas de controle dos seus corpos. Para justificar a exploração masculina branca e os estupros de mulheres escravizadas criou-se uma iconografia que reflete seus corpos com forte conotação sexual, impregnando uma imagem que remetia a um erotismo primitivo e desenfreado. Dessa forma foi reforçada a ideia de que a mulher negra é só corpo, o que está presente na nossa sociedade ainda hoje (hooks, 1995).

A Psicologia Complexa e a Filosofia Africana Antiga nos ajudam a “costurar” o que o pensamento científico moderno rasgou: a totalidade do ser humano. Quando se fala em separação entre corpo e alma um dos primeiros nomes que nos ocorre é do de René Descartes. Contudo, Harrison (2020) nos esclarece que Descartes não postulava um abismo entre mente e corpo e a retirada das emoções, ele fazia justamente o contrário.

[...] as visões de Descartes sobre mente, corpo e a relação entre ambos são sutis, sofisticadas e complexas. Elas têm pouca semelhança com as caricaturas simplistas que muitas vezes se colocam como relatos definitivos sobre seu trabalho. Descartes deu lugar central para as emoções em sua psicologia, e ele levou a sério a natureza encarnada dos seres humanos. Por causa da insistência de Descartes de que o amálgama mente-corpo era uma entidade real, alguns comentaristas chegam ao ponto de sugerir que ele não deve ser contado como um dualista (Harrison, 2020, p. 156-157).

Desta forma, pontua Harrison (2020, p. 154) que “Este é o fim da contenda de Damásio sobre o suposto ‘erro’ de Descartes. Na realidade, em importantes aspectos, a tese de Damásio é mais uma concretização do que uma refutação do programa cartesiano”.

Jung (2012, p. 129, OC, 11/1, § 165) afirma que os arquétipos referem-se à possibilidade herdada de produzirmos as mesmas ideias ou ideias semelhantes, são qualidades ou condições da psique que estão, de alguma forma, conectadas ao cérebro. A seguinte citação de Jung (2011h, OC 9/2) nos auxilia na sua compreensão holística do ser humano:

Entre a consciência e o inconsciente existe uma espécie de ‘relação de indeterminação’, porque o observador não pode separar-se do objeto observado e também porque este é perturbado por aquele, pelo simples ato de observar. E isto significa que uma observação exata do inconsciente só é possível à custa da observação da consciência e vice-versa (Jung, 2011h, p. 268-269, OC 9/2, § 355).

Para Jung (2013c, p. 233, OC 8/2 § 232) a separação da psicologia dos pressupostos básicos da biologia é artificial, uma vez que a alma humana une-se ao corpo formando uma unidade indissolúvel. “Os fatores psíquicos que determinam o comportamento humano são, sobretudo, os instintos enquanto forças motivadoras do processo psíquico”. A respeito da alma Jung (2011e, p. 110, OC 16/1) afirma que

Realmente é impossível fazer o tratamento da alma e da personalidade humana, isolando umas partes do resto. Nos distúrbios psíquicos talvez apareça com mais clareza do que nas doenças físicas, que a alma é um todo, onde tudo depende de tudo. Com sua neurose o doente não nos põe em presença de uma especialidade, mas de toda uma alma, e com ela, de todo um mundo; essa alma depende dele, e sem ele nunca será possível entendê-la satisfatoriamente. [...] O mundo é uma realidade que transcende a pessoa, e uma psicologia essencialmente personalística nunca poderá fazer-lhe justiça. Este tipo de psicologia só vale até onde vai o aspecto pessoal do ser humano. Mas na medida em que o homem também é um pedaço do mundo, isto é, algo de suprapessoal ou de impessoal dentro de si. Isso implica toda uma infraestrutura física e psíquica, na medida em que se trata de uma realidade preexistente. [...]. (Jung, 2011e, p. 110, OC 16/1, § 212).

Segundo Ramos (2018, p. 49) “[...] os princípios do modelo holístico já se encontram na teoria e no método psicoterapêutico propostos por Jung”. A partir desta constatação a autora propôs a utilização do modelo analítico para desenvolver uma conceituação que pudesse ser aplicada nos processos de doença e saúde e em sua interface com o fenômeno psique-corpo.

Em relação à totalidade, diz Nise da Silveira (Silveira, 2003 *apud* Melllo, 2015, p. 295):

[...] Mas que eu sou uma apaixonada pela unidade, isso eu sou, [...] Jung também era apaixonado pela unidade. O encontro dele com a física moderna, desprendendo-se da física newtoniana, foi muito importante. Assim como a física quântica não distingue matéria de energia, Jung também não separa matéria e psique. Isso é o que me fascina particularmente em Jung: o que leva os indivíduos, que estão vivendo

outros estados do ser e que se fragmentaram, a tentar restabelecer a unidade própria de cada um. Os pequenos modos da substância infinita – como diz Spinoza. E esses modos têm o direito de ser eles próprios.

Nessa linha de raciocínio, Boechat (2019) explica que Jung propõe um modelo diferenciado para a compreensão das relações entre psique e matéria que serve de base para os conceitos de sincronicidade e *Unus Mundus*.

Por esse belo e instigante modelo mental sugerido para as relações mente-matéria podemos perceber que estamos nos aproximando de um campo de conhecimento de alta complexidade. Teremos que lançar mão de disciplinas afins à psicologia, como a filosofia e mesmo a física contemporânea, para tentarmos circunscrever esse novo campo de realidade que somente novas abordagens da complexidade poderão dar conta (Boechat, 2019, p. 124).

Mais à frente Boechat (2019) esclarece que

[...] o *Unus Mundus*, substrato comum à dualidade mente-matéria, estaria também no interior do indivíduo, pois, ‘para o indivíduo unificado existe o *Unus Mundus*’. É interessante essa colocação de Jung, porque fica ressaltado aqui o papel do mundo subjetivo do indivíduo e sua atitude pessoal em relação aos fenômenos de sincronicidade no *Unus Mundus*. O mesmo fenômeno objetivo que para uma pessoa está no domínio da causalidade, para outra, o *indivíduo unificado*, tal fenômeno encontra-se no domínio da sincronicidade (Boechat, 2019, p. 130).

Para Ramos (2018) a forma como vemos a relação mente-corpo foi profundamente alterada pelos avanços na Medicina Molecular, na Neurobiologia e na Genética e pela aplicação da teoria quântica, o que elevou as reflexões sobre os processos de saúde e doença.

O pensamento científico moderno, tanto na física e na química como na biologia e a psicologia, tem-nos conduzido a uma visão de mundo que se aproxima de certo modo daquela das culturas mais tradicionais e ‘naturais’. Assim, novas tendências começaram a falar de um princípio holístico ou força psíquica maior que qualquer evento neurobiológico, e as descrições moleculares da vida psíquica começaram a revelar interdependências mente-corpo como uma unidade significativa. (Ramos 2018, p. 45).

De acordo com a Física Quântica, matéria e energia pertencem à mesma realidade, embora sejam aspectos diferentes. Suas propriedades físicas não podem ser determinadas e sim observadas como probabilidades. Matéria e psique se encontram, portanto, no nível quântico, o que nos coloca no campo da psicossomática, que pressupõe uma interdependência entre mente e corpo nos processos de saúde e doença (Ramos, 2018).

Essa indeterminabilidade é, de fato, uma função da relação matéria-energia com a mente do experimentador. Assim, a teoria quântica questiona os princípios da causalidade e do determinismo, levando a profundas mudanças nas ciências humanas, biológicas, na teoria da evolução e na psicologia. Dentro dessa conceituação, a força vital, bem com a força gravitacional, entre outras, não pode ser conhecida redutivamente. Podemos medir somente seus eventos, mas em essência elas não são demonstráveis (Ramos, 2018, p. 46).

Eccles (1994) defende a teoria dualista interacionista, na qual cérebro e espírito são percebidos como entidades independentes que interagem por meio da Física Quântica.

Existe uma fronteira e, através desta fronteira, há uma interação bidirecional, concebida não como fluxo de energia, mas como um fluxo de informação. Temos assim uma doutrina extraordinária, segundo a qual o mundo da matéria e da energia (Mundo 1) não é hermeticamente fechado – tese fundamental da física clássica – mas permite uma forma sutil de comunicação. Pelo contrário, todas as teorias materialistas do espírito preservam com grande engenho as fronteiras fechadas no Mundo 1 (Eccles, 1994, p. 26).

Rocha Filho (2014 p, 121) esclarece que há semelhanças intrigantes e improváveis entre a Física Quântica e a Psicologia Analítica. “A mais estrutural dessas semelhanças se refere à impossibilidade de análise infinita de qualquer fenômeno físico, dada a inseparabilidade quântica [...]”. Também do ponto de vista da Física Quântica Capra (2013, p. 15) assegura que os episódios espirituais têm forte impacto sobre nós, fazendo com que nos sintamos mais intensamente vivos.

A essência da espiritualidade é a experiência da conexão com a natureza, a sensação de pertencimento com o universo, o que envolve corpo e mente, causando uma experiência de unidade viva que transcende a separação entre o corpo e entre o eu e o mundo Capra (2013). Harris (2010, p. 66) chama a atenção para um ponto muito importante: “Frequentemente pensamos que estados espirituais, extáticos ocorrem apenas na mente. Na verdade, contudo, estados místicos podem ter um efeito profundo sobre o corpo, especialmente sobre o sistema nervoso central”.

Na atualidade a ciência, por meio da Física Quântica, nos aproxima da visão de mundo das sociedades antigas, nas quais havia uma percepção do universo como um todo e a visão de que todos os objetos da natureza possuem espírito, uma energia invisível (Lipton, 2022).

Em relação à espiritualidade, conforme já discutido no Capítulo 2, a Parapsicologia é um ponto importantíssimo da costura que une Jung e Diop. Da mesma forma, refletimos sobre a influência dos trabalhos de J. B. Rhine nas ideias de Jung. Aprofundando essa questão, Rhine (1966, p. 29) estabelece uma relação entre a história da Psiquiatria e os fenômenos extrassensoriais da Parapsicologia, centralizando em Franz Anton Mesmer. Explica que “[...]”

a associação era tão íntima que durante muito tempo consideraram-se tais fenômenos como aspectos accidentais do transe mesmórico ou sonambulismo”.

Jung (2011d, OC 17) explica que havia uma necessidade, por parte dos médicos, de uma psicologia que pudesse ser aplicável na prática, a despeito dos avanços da psicologia acadêmica. É neste contexto que o mesmerismo consegue espaço, agora com o nome de hipnotismo, e evidencia sua capacidade de auxiliar esses profissionais na compreensão e no tratamento do sofrimento psíquico.

O desenvolvimento do hipnotismo, por parte de Charcot, Ltébault e Bernheim, conduziu à medicina psicológica, representada por Pierre Janet. [...] Constituiu grande mérito para Janet ter chamado a atenção para a existência e a importância de processos inconscientes na estrutura psicológica das perturbações nervosas e psíquicas (Jung, 2011d, p. 75, OC 17, § 128).

Rhine (1966) esclarece que na segunda metade do século XIX o mesmerismo já estava configurado como hipnotismo. Vários médicos perceberam fenômenos de percepção extra-sensorial na prática de terapia hipnótica. Janet e Charles Richet demonstraram o que na época era denominado como sugestão telepática ou hipnótica.

O autor (Rhine, 1966) também argumenta que a despeito de ter feito investigações parapsicológicas no início do século XX, Jung não as teria unificado às suas observações psiquiátricas. Já Nise da Silveira (Silveira, 1981) pontua que nos seus estudos sobre as psicoses Jung considerou a ocorrência de sonhos, visões e premonições relacionados a fatos da realidade do sujeito e a ocorrência de pensamentos, sonhos e estados psíquicos que guardavam semelhanças e aconteciam ao mesmo tempo e em lugares diferentes.

Ellenberger (2023) contribui imensamente para nossa compreensão sobre a questão do mesmerismo e do hipnotismo. Inicialmente levanta a questão de que há dúvidas se Mesmer foi o precursor da Psiquiatria dinâmica moderna ou seu fundador, contudo, destaca que há estreita correlação entre o mesmerismo e o seu desenvolvimento, acentuando que a posteridade tem sido notavelmente ingrata com Mesmer. Em seguida pontua que em 1884 Charles Richet redescobriu Puységur, um discípulo de Mesmer e continuador de seus estudos, e evidenciou a relação entre o magnetismo animal e o hipnotismo, que seus colegas contemporâneos acreditavam ter descoberto.

Ao falar sobre os campos eletromagnéticos neuronais que atuam em diferentes funções mentais e cognitivas, entre elas a intuição, o discernimento, a criatividade e a generalização da solução de problemas; Nicoletis (2020, p. 114) resgata a importância de abordarmos o magnetismo animal, pois “Além de possivelmente permitir a ocorrência de sincronização de

larga escala em circuitos neuronais, outros efeitos potenciais produzidos por campos magnéticos neuronais são basicamente ignorados até hoje”. Este modelo do sistema nervoso permite uma analogia com a magnetopercepção, capacidade de perceber o campo eletromagnético da Terra, presente em muitos organismos. Afirma o autor que é possível analisar as influências de outros campos eletromagnéticos ao nosso redor, como o da Terra, no cérebro humano.

Terapias com Estimulação Magnética Transcraniana tem apresentado resultados positivos para várias doenças relacionadas ao funcionamento do cérebro. “Ironicamente, se terapias para doenças cerebrais baseadas no uso do eletromagnetismo atingirem o grau de disseminação e aceitação que, hoje, imagino ser possível, esse futuro confirmará a crença, criada séculos atrás, de que pedras que possuem magnetismo natural carregam algum poder terapêutico mágico”. Apesar de todos os avanços evidenciados sobre a importância dos campos eletromagnéticos cerebrais, nos últimos sessenta anos as teorias que procuram lhe dar sustentação são desconsideradas pela maioria da comunidade científica (Nicolelis, 2020, p. 132).

Neste sentido, acredito ser importante considerarmos as afirmações de Charles Richet, prêmio Nobel de Fisiologia e um dos nomes mais proeminentes da Metapsíquica, que afirma em seu livro *A Grande Esperança* (Richet, 1999, p. 167) que não há dúvidas sobre a existência do sexto sentido, assim “[...] *a realidade chega-nos por meros desconhecidos*, e aqui está o corolário: *ela nos chega por vibrações*, capazes de provocar em certas pessoas um vago conhecimento dessa mesma realidade”. Contudo, destaca o autor que um sentido implica a existência de um órgão sensorial, o que não foi possível definir neste caso.

Tive contato com o magnetismo animal em meus estudos sobre a Teoria Espírita. Toda a história que o cerca me impactou e inquietou, uma vez que há um apagamento de Mesmer e do mesmerismo na academia. Fiquei muito sensibilizada com tudo o que aconteceu com Mesmer, que foi hostilizado, estigmatizado e excluído por seus pares da Medicina. Encontrar menções a Mesmer e ao magnetismo animal em autores que utilizo na minha tese é motivo de muita alegria para mim.

Boechat (2019, p. 117) nos esclarece que “Os fenômenos anômalos, experiências psi, experiências parapsicológicas ou paranormais são aquelas que ocorrem de forma espontânea e involuntária fora dos limites cotidianos das percepções ditas ordinárias do espaço-tempo”. Há, portanto, correlações entre os fenômenos anômalos, a emergência de um arquétipo psicóide e os conceitos de sincronicidade e de *Unus Mundus*. “O inconsciente psicóide, essa fronteira misteriosa do espírito com a matéria, inapreensível por instrumentos de medição, emerge

diretamente do *Unus Mundus*. Quando ocorrem os fenômenos anômalos, a inter-relação de todas as coisas se faz manifesta.” (p. 130). Precisamos prestar atenção aos “[...] fenômenos anômalos e aprender com eles, pois normalmente as experiências anômalas com toda a sua numinosidade nos abrem novos caminhos, antes desconhecidos.” (p. 133).

A respeito dos fenômenos anômalos afirma Jung (2013b, OC 18/1) que

Existe algo como uma percepção inconsciente, ou que capta as coisas por vias inconscientes para nós. Temos material empírico suficiente para provar a existência dessa função. Sinto muito que tais coisas existam. Meu intelecto bem que preferia um universo de contornos bem definidos, sem conjunções difusas. Mas existem essas teias de aranha no cosmos. Não obstante, não atribuo à intuição nenhum caráter místico (Jung, 2013b, p. 42, OC 18/1 § 54).

Jung (2016; 2011g, OC 17) fala acerca da participação mística, termo cunhado por Lévy-Bruhl, que configura uma visão distorcida da espiritualidade africana, referindo-se aos povos africanos como primitivos e com níveis mais baixos de consciência. Jung (2016) explica que este conceito relaciona-se a uma identificação inconsciente com uma pessoa ou um objeto, pois para esses povos a psique (alma) não é compreendida como uma unidade, o que faz com que as pessoas identifiquem-se, de forma inconsciente, com outra pessoa ou com um objeto.

Brewster (2024, p. 128) questiona a utilização da ideia de participação mística por esta perspectiva, pois a sua concepção parte da apropriação cultural uma vez que “O termo foi baseado e retirado da observação das práticas religiosas e comunitárias dos africanos – parte de sua cultura, foi posteriormente usado pela psicologia junguiana como um descritor para o estado mais baixo de consciência”. A autora destaca a importância de que tal concepção seja revista, pois ela reflete a hierarquia de valor cultural, além disso, a participação mística continua sendo um princípio de ensino na Psicologia Junguiana.

Jung (2016, p. 23) explica que “Como antropólogos já observaram, um dos acidentes mentais mais comuns entre os povos primitivos é o que eles chamam ‘a perda da alma’ – que significa, como bem indica o nome, uma ruptura (ou mais tecnicamente, uma dissociação) da consciência”. Tais fatos são relevantes também para a nossa cultura, uma vez que podemos vivenciar uma dissociação e perder nossa identidade. Podemos ser dominados e perturbados por nossos humores, ou tornarmo-nos insensatos e incapazes de recordar fatos importantes que nos dizem respeito e a outras pessoas [...]” (p. 24).

Ellenberger (2023) também menciona a perda da alma, relacionando-a a um fenômeno vinculado a povos primitivos, contudo nos faz avançar muito nesta questão:

Entre todas as teorias patológicas primitivas, provavelmente nenhuma nos é mais estranha do que a ideia da perda da alma. Nada está mais distante dos nossos princípios de tratamento do que a restituição, ao paciente, de uma alma perdida. E ainda assim, se ignorarmos o elemento cultural e procurarmos as raízes dos fatos, podemos encontrar um solo comum entre essas concepções primitivas e as nossas. Afinal, não dizemos que os nossos pacientes mentais estão ‘alienados’, ‘apartados’ deles próprios, e que o seu ego está empobrecido ou destruído? Acaso o terapeuta que oferece psicoterapia a um paciente esquizofrênico severamente deteriorado, tentando estabelecer um contato com as partes saudáveis remanescentes da personalidade e reconstruir o ego, não poderia ser considerado o moderno sucessor desses xamãs que se empenharam por seguir os rastros de uma alma perdida, localizá-la no mundo dos espíritos e lutar contra os demônios malignos, confiscando-a e trazendo-a de volta para o mundo dos vivos? (Ellenberger, 2023, p. 23).

Esta questão evidencia como nem mesmo a Psicologia Complexa, a despeito do vínculo de Jung e dos seus estudos sobre a África, escapou dos efeitos maléficos causados pelo roubo do legado africano e pela escravização de africanos. Para contrapor a visão distorcida de participação mística trago a contribuição de Asante (2022) sobre a policonsciência.

Outro conceito chave do pensamento africano é a policonsciência, ideia tão antiga quanto o sacerdócio kemético. Foi entre os sacerdotes que a capacidade de responder a muitos níveis de consciência foi descoberta. Não podemos, no entanto, confundir policonsciência com consciência dupla ou múltipla. A mente africana é inclusiva e pode assimilar ideias diferentes concomitantemente. Isto explica a aceitação de estranhos e a assimilação de culturas semelhantes e está relacionado com a ideia de conexão entre todas as coisas. Foi a partir desta perspectiva que os antigos filósofos egípcios reuniram ideias geradas na Núbia e em outras culturas africanas e incorporaram à sua mitologia cósmica. “Esta é a realidade fundamental da abordagem filosófica do antigo Egito. É a culminação até então dos maiores pensamentos do povo africano” (Asante, 2022, p. 35).

Voltando aos nós, é hora de fazermos o nó final, o arremate, nos pontos da perspectiva enviesada da participação mística e iniciar uma nova costura, que nos una à verdadeira cultura e à verdadeira consciência africana, amarrando as linhas do passado com as linhas do presente. Neste sentido, retomo as considerações de Beatriz Nascimento, no documentário Ori (ORI, 1989) no qual ela afirma que parece haver uma comunicação entre os negros que aconteceria no nível da alma, no âmbito da espiritualidade. Acredito que a glândula pineal e a intuição sejam as portas que nos permitem a conexão com a ancestralidade e com o Si-mesmo e, por conseguinte, com a nossa espiritualidade africana. Neste contexto, a intuição representa o ponto invisível que nos permite emendar passado e presente.

4.3.1 Glândula Pineal/Udjat e o Simbolismo da Maçaroca de Linhas Invisíveis

Ouvi falar da glândula pineal pela primeira vez no início dos anos 2000, em um programa sobre Espiritismo, fiquei muito interessada e passei a estudar a temática. Quando estava montando o projeto da seleção do Doutorado inseri a glândula pineal no primeiro esboço, porém, considerando a complexidade que envolve o assunto e a impossibilidade de aprofundamento naquele contexto optei pela sua retirada. Coincidentemente, ou sincronisticamente, assim que as aulas começaram meus estudos sobre o tema acentuaram-se muito, período em que meu interesse pela Neurociência também foi potencializado. Certo dia, durante uma aula com o meu orientador, encontrei uma abertura para reinserir a pineal na minha pesquisa.

Naquele período meus estudos sobre a glândula pineal aconteciam no âmbito do Espiritismo, contudo, uma série de acontecimentos desde a elaboração do projeto para a seleção do Doutorado foram me trazendo questionamentos e me permitindo ter um olhar crítico sobre o Espiritismo e sobre o Movimento Espírita, ao mesmo tempo em que eu me aproximava da cosmovisão africana. Este processo acentuou-se até que a situação exigiu que eu fizesse escolhas que implicaram estudar a pineal por outra perspectiva, ou melhor, outras perspectivas, que não o Espiritismo.

Estudei inicialmente seus aspectos fisiológicos, tendo conhecimento de seus aspectos filosóficos somente quando me aproximei da Filosofia Africana. Neste sentido, um ponto de inflexão nesta jornada aconteceu quando assisti o documentário *O Olho de Hórus* (O OLHO..., 2000) e percebi a menção à pineal em seu aspecto filosófico, o Olho de Hórus, uma porta que possibilita a transcendência além dos aspectos físicos e a ascensão da consciência. A partir de então se estabeleceu a minha busca pela compreensão da pineal no âmbito da ancestralidade africana, o que passou por várias etapas significativas.

Os antigos egípcios consideravam o *Utchat* ou *Wedjat*, o Olho de Hórus Simbólico, uma proteção contra o mal. Hórus perdeu um olho na sua luta contra Seth, mas conseguiu recuperá-lo e por isso tornou-se um símbolo de cura e proteção (Budge, 2021). King (1990) esclarece que o Olho de Hórus (*Udjat*) é o primeiro olho e sua pupila representa a glândula pineal. Afirma também que ele é uma passagem para o inconsciente coletivo e que está conectado com a magia.

Outro ponto determinante foi quando encontrei o vocábulo *oudjat* em uma lista que Diop (1991) produziu com conceitos filosóficos egípcios que sobreviveram no *wolof*, a língua

do seu povo, explicando tratar-se do olho sagrado de Hórus, equivalente, no *wolof* a “*dia*”, que significa ver claramente, fixar o olhar.

O mestre Felipe Vidal nos diz que a pineal, juntamente com a hipófise, controla todo o sistema energético do corpo e equilibra o funcionamento do encéfalo. No entanto, destaca o professor, a consciência está para além do cérebro, ele representa uma interface. A pineal era representada pelo Olho de Ausar, presente nos templos do Kemet para lembrar aos iniciados que eles deveriam ser donos de si, do seu espaço interior, ou seja, ter controle da própria mente (TPSM..., 2019).

A este respeito, o médico, pesquisador e escritor afro-americano Imhotep Llaila Áfrika nos diz que a melanina é a chave química da vida e nos explica que está se referindo à melanina produzida pela glândula pineal, e não à melanina que está presente na pele. Destaca o mestre que esta melanina desempenha um papel importante na nossa memória histórica. Quanto mais melanina interna, maior contato com a ancestralidade e com a memória ancestral. A melanina, além de estar presente nas nossas células, está também no espaço cósmico. Estamos profundamente ligados/as à sua escuridão (DR. LLAILA..., [S.D]).

Afua (2021) relaciona a neter Nebt-Het (Néftis) à glândula pineal/Udjat, cujos princípios auxiliam as mulheres a descobrir seu poder de cura. Essa dinâmica se acentua conforme as mulheres conseguem aumentar sua conexão com sua voz interna e desenvolver a sua autoconfiança a sua intuição.

No *Livro dos Mortos*, no capítulo em que a alma não fica aprisionada no submundo, Osíris Ani, o morto, pede que o olho de Hórus o coloque de pé, como quem é igual a Osíris e não termina na morte. Em seguida afirma que foi provido no submundo, podendo entrar e sair dele milhões de vezes, pois sua alma foi liberta pelo Olho de Hórus (Budge, 2021).

Como podemos perceber, pela perspectiva africana a compreensão do ser humano passa, impreterivelmente, pela compreensão da fisiologia e da filosofia da glândula pineal e do seu papel na dialética corpo e alma. Elaborei uma peça de artesanato (Fotografia 6) que expressa a minha compreensão e a minha percepção a respeito da glândula pineal e do *Udjat* na cosmovisão africana. A linha utilizada para fazer a base sobre a qual coloquei o bordado do *Udjat* chama-se “Intuição”. Utilizei o tricô e o bico de crochê no avesso, para enfatizar a relação direta dos aspectos fisiológicos e filosóficos da glândula pineal com o mundo interno, com a espiritualidade e com a intuição.

Fotografia 6 – O Olho da Intuição



Fonte: elaboração própria.

Observação: Tricô em ponto malha e bico de crochê pelo avesso. Bordado à máquina de um Udjat (Olho de Hórus) em ponto cheio feito em tecido de algodão cru.

Descartes (2007) explica que a alma une-se ao corpo todo, destaca, contudo, que ela exerce suas funções de forma mais específica em uma pequena glândula no cérebro, localizada onde os espíritos da cavidade anterior tem contato com os da posterior e que

[...] os menores movimentos que nela existem podem contribuir muito para modificar o curso desses espíritos e, reciprocamente, as menores modificações que sobrevêm ao curso dos espíritos podem contribuir muito para alterar os movimentos desta glândula. (Descartes, 2007, p. 52).

Desa forma, a alma exerceria suas funções na glândula pineal, que, diferentemente de outras partes do cérebro e dos órgãos dos sentidos não é dupla. Ela faria a reunião das informações transformando-as em uma só (Descartes, 2007). A glândula pineal tem um formato cônico em adultos com medida aproximada de oito por cinco milímetros. Está localizada na extremidade posterior do terceiro ventrículo, acima do teto do diencéfalo, ao qual se liga por um pedúnculo. Possui fibras nervosas através de todo o tecido. Apesar da grande quantidade de literatura sobre a glândula pineal, ainda há controvérsias a respeito de algumas funções hormonais que ela exerceria. Já em relação à sua ação sobre as gônadas sexuais há maior consenso (Junqueira; Carneiro, 1982).

A melatonina é sintetizada na pineal, assim como a serotonina, a histamina e a noradrenalina. Em anfíbios ela apresenta a propriedade de provocar a agregação dos grânulos de melanócitos. Experimentos com ratos apontam que quantidades de melatonina e serotonina variam conforme a exposição à luz e à escuridão ao longo do dia. A pineal não seria uma glândula no sentido tradicional, mas age como transdutor neuroendócrino, ou seja, converte um impulso neural em descarga hormonal (Junqueira; Carneiro, 1982).

Há grande vascularização da glândula pineal, sua estrutura é única em cada pessoa e em adultos ela apresenta calcificação (*acervuli* ou areia cerebral) (Erhart, 1968). Essas concreções são formadas por cristais de apatita, são cristalinas e metabolicamente ativas. A estrutura das concreções da pineal segue uma dinâmica de formação de camadas, que tornam-se mais estreitas com a idade. Não há relação com nível de calcificação e produção de melatonina, que está relacionada com a regulação dos ritmos biológicos (Oliveira, 1998). A melatonina está presente em todos os seres vivos, o que prova a sua importância para a vida. Nos seres humanos ela abre as portas do sonho e a sua utilização terapêutica auxilia na sincronização e no aumento da amplitude dos ritmos circadianos e no tratamento de depressão (Cardinali, 2015)

Bastos Júnior (2016) investigou a atividade elétrica cerebral e a atividade autonômica cardíaca durante experiências anômalas em contexto religioso e apontou que não houve alteração na quantidade de melatonina. Conclui o autor que os dados da sua pesquisa divergem das afirmações de que a melatonina seria um correlato necessário nas experiências mediúnicas e sugere que sejam realizadas pesquisas sobre a possível relação da mediunidade com concentração de alucinógenos endógenos nos fluidos corporais.

Pesquisa posterior de Bastos Júnior (2020) confirmou que a mediunidade não implica maior produção de melatonina e que um aumento na sua secreção pela glândula pineal não parece ser um diferencial no fenômeno mediúnico. Os resultados de neuroimagem estrutural e de reatividade ao estresse foram normais, o que contrasta com os achados científicos que apontam alterações significativas em pessoas com transtornos psicóticos e dissociativos patológicos.

Rick Strassman, escritor do livro *DMT: a molécula do espírito*, explica que a glândula pineal produz a dimetiltriptamina (DMT), vinculada a experiências místicas e às tradições orientais, e que os estudos sobre psicodélicos endógenos e exógenos foram retomados nos anos de 1990 nos Estados Unidos da América (EUA), depois de terem sido proibidos na década de 1970. Explica também que há indícios da sua conexão com as psicoses, uma vez que está relacionada com a percepção, a consciência diária e a vivência da realidade. Diante

destas afirmações questiona se a DMT não seria a chave para desbloquearmos a Matrix. (DMT..., 2019). A relação estabelecida por Cardinali (2015) entre a glândula pineal e a lenda medieval da Pedra da Loucura, pautada na crença de que uma pedra no cérebro causava a loucura, pode ser um ponto importante de diálogo com Strassman a este respeito.

Como é possível perceber, os estudos sobre a glândula pineal são muito complexos e no âmbito deste trabalho exigem a correlação entre seus aspectos fisiológico (melatonina, DMT e melanina) e filosófico (*Udjat*); implicando também a dialética corpo e alma. Neste cenário, destaca-se mais uma vez a importância de Cheikh Anta Diop e de C. G. Jung na minha trajetória. Diop me mostrou que eu estava no caminho certo e Jung me possibilitou o diálogo entre a pineal e o *Udjat*.

A primeira aproximação desta temática com a perspectiva junguiana aconteceu quando eu estava redigindo o projeto para o processo seletivo do Doutorado e me deparei com as reflexões de Marie Louise von Franz (von Franz, 2016) sobre o simbolismo da pedra e do cristal e sua relação com o inconsciente e com o conceito de sincronicidade.

A constituição de precisão matemática de um cristal desperta em nós o sentimento intuitivo de que mesmo na matéria dita ‘inanimada’ existe um princípio de ordenação espiritual em funcionamento. Assim, o cristal simboliza muitas vezes a união dos extremos opostos – a matéria e o espírito (von Franz, 2016, p. 278).

Portanto, há uma conexão, uma sintonização, entre o nosso inconsciente e o ambiente. O conceito de sincronicidade foi uma tentativa de compreensão dessa dinâmica por Jung (von Franz, 2016). Stein (2006, p. 185) esclarece que a sincronicidade refere-se a uma coincidência significativa de dois eventos, sendo um interior e psíquico e outro exterior e físico. “Tanto o corpo material quanto a psique não precisam ser derivados um do outro. São, antes, duas realidades paralelas que estão sincronicamente relacionadas e coordenadas”. Já o psicóide refere-se às fronteiras da psique, uma estabelecendo contato com o corpo e o mundo físico e a outra com o domínio do espírito.

Acontecimentos sincronicizados podem acompanhar as fases determinantes do processo de individuação, mas como não aprendemos a observar tais coincidências nem lhes conferir sentido em relação ao simbolismo dos sonhos eles passam despercebidos (von Franz, 2016). Tais experiências foram muito frequentes durante a minha jornada no Doutorado e direcionaram não só o meu processo de individuação, como também a minha pesquisa.

No Livro Negro 7 (Jung, 2020g, Livro Negro 7), há duas falas do mago negro Há com o eu de eu de Jung que podem remeter à pineal: quando comenta de um grão de areia que

colocou entre seus pais, que são dois cones que querem se encontrar, e quando pergunta ao eu de Jung se ele está se referindo a um pedacinho de magnetita celestial.

N'Os *Livros Negros* estão os registros das imaginações ativas de Jung, das quais se originaram muitos conceitos da Psicologia Complexa. Neste sentido, podemos relacionar o relato citado acima com a seguinte citação:

Como a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo, e, além disso, acham-se permanentemente em contato entre si, e em última análise, assentam-se em fatores transcendentes e irrepresentáveis, há não só a possibilidade, mas até mesmo uma certa probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Os fenômenos da sincronicidade, ao que me parece, apontam nesta direção, porque nos mostram que o não psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles. Nossos conhecimentos atuais, porém, não nos permitem senão comparar a relação entre o mundo psíquico e o mundo material a dois cones cujos vértices se tocam e não se tocam em um ponto sem extensão, o verdadeiro ponto zero (Jung, 2013c, p. 122, OC 8/2 § 418).

Há outra fala de Jung que pode nos remeter a esta temática

Na minha concepção de mundo há um grande exterior e um grande interior; entre esses polos está o homem que se volta ora para um, hora para outro, e, de acordo com seu temperamento e disposição, toma um ou outro como verdade absoluta e, consequentemente, nega e/ou sacrifica um pelo outro (Jung, 2111j, p. 332, OC 4, § 778).

Estamos mais uma vez no universo dos entremeios. Desta vez há uma especificidade: este entremeio é feito de tricô, com linha invisível. As duas agulhas representam corpo e alma, que tecem a perspectiva espiritual da existência humana e a conectam com o mundo físico. A perspectiva junguiana é a busca pela unidade, a integração entre os opostos. Importante trazer o arquétipo da mandala para que possamos melhor compreender esta questão.

O mandala simboliza, por meio de seu centro, a última unidade de todos os arquétipos como também a multiplicidade do mundo dos fenômenos, e forma por isso a correspondência empírica para o conceito metafísico do '*unus mundus*' (mundo uno). A correspondência alquímica é o *Lapis Philosophorum* (pedra filosofal) e seus sinônimos, principalmente o *Microcosmus* (microcosmo) (Jung, 2011c, p. 270, OC 14/2, § 326).

Esta busca pelo centro é a busca pela essência, pela individuação. É a obra alquímica, na qual a pineal e o *Ujdat* devem ser considerados, tal como um fuxico, no qual, a partir de uma costura nas bordas encontra-se o centro, o movimento mandálico permite o nosso desenvolvimento, da mesma forma como um pedaço de retalho é transformado em uma

totalidade, em arte ancestral negra. Deste modo, vejo o fuxico como um símbolo da mandala, cujo centro guarda a pineal e o *Udjat* (Fotografia 7).

Fotografia 7– O Fuxico e a Mandala



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: fuxico feito em chita, com miçanga ao centro; dialogando com o simbolismo da mandala e com a glândula pineal.

Agora podemos retomar a canção *Anima*, compreendendo o lugar da alma nesta procura por nós mesmos, pelo nosso centro. “Viajar nesta procura toda/ De me lapidar/ Neste momento agora de me recriar/ De me gratificar/ Te busco, alma, eu sei”. (Nascimento; Renato, 1981). No mesmo sentido, trago o símbolo *Adinkra Krapa* (Fotopgrafia 8), que representa a boa sorte, da santidade, do bom espírito e da força espiritual (Nascimento; Sá, 2022).

Fotografia 8 – Símbolo Adinkra Krapa



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: Borbado livre e ponto cheio com contornos em zigue-zague em tecido de algodão cru.

4.4 Espiritualidade Kemética e Expansão da Consciência: a lótus sagrada

A ciclicidade da vida fazia parte da visão de mundo dos antigos egípcios, assim como a crença na existência de uma ordem cósmica que governava o universo e mantinha as coisas em seu devido lugar, Ma'at. Por meio dos mitos as realizações dos deuses personificavam os fenômenos visíveis e as forças invisíveis que impulsionavam esses padrões cíclicos que regiam o universo (Baldock, 2021).

O simbolismo da flor de lótus nos auxilia a compreender essa dinâmica. Afua (2021) nos fala que Nefertum é o lótus sagrado que representa aspectos da ascensão mais elevada e da potencialidade ilimitada e que nós, africanos, somos o povo do lótus. Viver no estado do lótus é ser luz que nasce da lama. Jung (2003, Cartas III) esclarece a importância do processo de completude que leva à integração de diferentes componentes da psique: da luz e da escuridão.

Na cosmogonia menfita, “A criança que emerge do lótus primordial, o próprio princípio da luz é Rá”. Rá penetra o globo solar e o faz brilhar, é sua passagem que o faz luminoso. “Rá não é luz, mas aquilo que provoca o fenômeno da luz, o princípio” (Asante, 2022, p. 50).

Nefertum é a Flor de Lótus. É associado a Hórus (Heru) e Kheprer (Kepri). “O lótus era um dos símbolos de Atum, simbolizando a vida que renasce a cada dia, quando a flor abre suas pétalas aos primeiros raios do Sol, significando o renascimento de Deus, a Luz e o Movimento, ou do Homem” (Bacha, 1997, p. 47).

Diz Afua (2021):

Nós somos o povo original do lótus, doce, belo, iluminado, espiritual e compassivo. A consciência de quem vive no estado do lótus era/é Nefertum, um ser de pura luz que nasce na lama, onde a semente do lótus é fertilizada, cresce, desabrocha em uma alma de luz maravilhosamente bela. Asar (Osíris), o primeiro mestre do Lótus, está representado em paredes de templos e rolos de papiros com um lótus aos seus pés. As sacerdotisas eram mulheres do Lótus que enfeitavam suas cabeças com flores de lótus (Afua, 2021, p. 32).

No Kemet a flor de lótus representa iluminação espiritual e beleza.

Da lama surge o Lótus Sagrado, Nefertum, o símbolo da beleza, graça, pureza e perfeição. Segundo sua sabedoria, os desafios, batalhas, altos e baixos, confusão, dor e tristeza na verdade são oportunidades para nos erguermos da lama. Ao passar por essas provações nós geramos o lótus interno que reflete nossa beleza interior (Afua, 2021, p. 363).

A flor de lótus está presente na maioria das pranchas do *Livro dos Mortos*, inclusive na primeira e na última. Há, também, um capítulo em que o morto passa pela transformação em um lótus. Nobles (2023) compreende os sistemas espirituais africanos como iluminação ou expressão do espírito.

Essa ampliação da consciência exige o autoconhecimento e, a este respeito, podemos recorrer a Jung que enfatizava a sua centralidade no processo de individuação, afirmando que “A ampliação do horizonte traz em si como que uma revelação” (Jung, 2011f, § 1, OC 5, p. 2) e que “Qualquer passo à frente, por pequeno que seja, na trilha da tomada de consciência, cria o mundo” (Jung, , 2014a, p. 101, OC 9/1, §178). Jung (2015b, p. 62) esclarece que a natureza determinada e dirigida da consciência proporcionou o desenvolvimento da ciência, da técnica e das civilizações e estas, por sua vez, pressupõem persistência, regularidade e intencionalidade fidedignas do processo psíquico. “Em sua compreensão mais profunda a Psicologia é autoconhecimento. Mas como este tipo último não pode ser fotografado, calculado, contado, pesado e medido é [visto como] anticientífico”.

O autoconhecimento é condição *sine qua non* para o processo de individuação, e aqui parece que encontramos um ponto de intersecção importante, percebido por Stein (2021, p. 217):

O processo psicológico da individuação, como Jung descobriu por si mesmo no trabalho com os pacientes ao longo de muito tempo, leva a estados de consciência que refletem avanços espirituais que perpassam muitas culturas e tradições religiosas. É nele que ocidentais e orientais podem chegar a um denominador comum; é nele que Oriente e Ocidente se encontram.

A. I. Allemby relembra que ouviu de Jung a seguinte afirmação:

Cada ser humano é inerentemente uma forma única e individual de vida. Ele é feito assim. Mas existe algo que o homem pode fazer acima do material que lhe é dado pela natureza, e é que pode tornar-se *consciente* daquilo que faz dele a pessoa que é, e pode trabalhar *conscientemente* no sentido de relacionar o que ele mesmo é com o mundo à sua volta. [...] Isso talvez seja tudo o que podemos fazer. (McGuire; Hull 1977, p. 151).

Para termos a dimensão da profundidade dessas palavras de Jung é imprescindível compreendermos o conceito de função transcendente:

Lidar com o inconsciente é um processo (ou, conforme o caso, um sofrimento ou um trabalho) cujo nome é *função transcendente*, porque representa uma função que, fundada em dados reais e imaginários ou racionais e irracionais, lança uma ponte sobre a brecha existente entre o consciente e o inconsciente. É um processo natural, uma manifestação de energia produzida pela tensão entre os contrários, formado por uma sucessão de processos de fantasia que surgem espontaneamente em sonhos e visões. O mesmo processo pode ser observado nos estágios iniciais de certas formas de esquizofrenia (Jung, 2014, p. 92, OC 7/1, § 121).

Portanto,

Por ‘função transcendente’ não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer suprassensível e metafísico, mas uma função que, por sua natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e ‘transcendente’ resulta da união dos conteúdos *conscientes* e *inconscientes* (Jung, 2015b, p. 132-133, § 131).

A respeito da ampliação da consciência nos diz Jung (2021) que

[...] se formos tocados por uma grande ideia de fora, devemos compreender que ela só nos toca porque há algo em nós que lhe corresponde e vai ao seu encontro. Possuir disponibilidade anímica significa riqueza: não o acúmulo de coisas conquistadas. Só nos apropriamos verdadeiramente de tudo o que vem de fora para dentro, como também tudo o que emerge de dentro, se formos capazes de uma amplitude interna correspondente à grandeza do conteúdo que vem de fora ou de dentro. A verdadeira ampliação da consciência é a conscientização de um alargamento que emana de fontes internas. Sem amplitude anímica jamais será possível referir-se à magnitude do objeto. Por isso diz-se com razão que o homem cresce com a grandeza da sua tarefa. Mas ele deve ter dentro de si a capacidade de crescer, senão nem a mais árdua tarefa servir-lhe-á de alguma coisa. No máximo, ela o destruirá (Jung, 2021, p. 75, § 215).

Ao falar sobre o desenvolvimento da personalidade, Jung (2011g, p. 128, OC 17. § 207) afirma que “O inconsciente é a mãe criadora da consciência” e que “A força para o desenvolvimento da personalidade não provém apenas da necessidade, que é o motivo causador, mas também da decisão consciente e moral” (p. 185, § 296). Para tomar decisões a respeito do caminho a ser seguido é necessário identificar se ele é o melhor.

Ao homem comum sempre se afigurou coisa estranha que alguém preferisse seguir uma trilha estreita e íngreme, que leva ao desconhecido, em lugar de seguir pelos caminhos planejados que conduzem a metas conhecidas. Por isso sempre se julgou que tal pessoa, desde que não estivesse louca, fosse possuída por um demônio (*daimon*) ou por um deus (Jung, 2011g, p. 187, OC 17. § 298).

A este respeito convém refletirmos sobre a simbologia do escaravelho. Asante (2022) explica que

A atualização é representada em mdt ntr como um escaravelho, Kepri, que passa pelos estágios de ovo, larva e ninfa antes de perceber sua forma alada. Pela observação desse besouro relativamente comum, os antigos egípcios encontraram a chave para o universo como o tinham visto. Eles acreditavam que o escaravelho guardava os segredos do significado de transformação, evolução e até mesmo no sentido político, radicalização se se entendesse que toda mudança tinha a ver com a descoberta de etapas e a passagem de uma etapa para outra. De fato, Kepri é o ato de se tornar, e não o processo de se tornar. Nada nunca é estático (Asante, 2022, p. 48).

Aqui encontramos o movimento, a transformação, o fogo alquímico que proporciona as mudanças, é o calor intenso causado pelo despertar da *Kundalini*, deque nos fala Harris (2010).

Nada pode transformar-se sem a presença do fogo alquímico. Quando vivemos no fogo de nossas emoções, no fogo da vida, algo se move em nós. Talvez seja algo velho que precisa ser eliminado, talvez algo novo e desconhecido esteja forçando o caminho com um brilho de energia apaixonada (Harris, 2010, p. 146).

Também explica Harris (2010) que

Quando a *Kundalini* desperta, soa seu guizo e se endireita em posição vertical, produzindo intenso calor, que dizem queimar enquanto percorre a coluna. Podemos sentir esse calor, não só na *Kundalini*, mas em qualquer tipo de trabalho corporal em que, depois de trabalhar por um período num nível celular profundo, podemos sentir o calor de nosso corpo, que indica a ocorrência de uma profunda mudança (Harris, 2010, p. 146).

Os mistérios que envolvem a *Kundalini* me encantaram imediatamente. Em nenhum momento tive medo de conhecer o poder do seu despertar, pelo contrário. Portanto, quando conheci *Wadjet*, a serpente da ordem da Filosofia Kemética, que é anterior à *Kundalini*, fiquei

completamente fascinada. King (1990) nos diz que o *Uraeus (Wadjet)* é o símbolo da energia transformadora para a alma que sobe pela coluna vertebral até chegar na glândula pineal e promover a expansão da consciência.

Essa expansão da consciência, por sua vez, está relacionada à subjetividade. Silva (2010, p. 74) pontua que “Para a *psicologia profunda* de base junguiana, a possibilidade de reconhecermos a *subjetividade* como ‘produto do sujeito’ e não como alguma coisa ‘produzida no sujeito’ fica mais evidente”. Leonardo Boff, no prefácio do livro de Silva (2010) pontua que:

Essa subjetividade alcança para além da razão e da consciência. Penetra no inconsciente pessoal e coletivo. Esse tipo de subjetividade possui relativa autonomia. Provem dos estratos mais profundos da psique humana e molda as experiências que irrompem da realidade concreta. É o universo dos arquétipos, muitos deles ancestrais, que nos ajudam a colher e a ordenar as experiências que fazemos. Esta realidade subjetiva pertence à condição humana. Ela atravessa todos os saberes, não apenas ordenando-os, mas projetando atitudes face ao real que sempre possuem um caráter histórico, quer dizer, estão situadas no tempo, no espaço, na cultura e singularidade de cada pessoa (Boff, 2010, p. 12).

Destaca o autor (Boff, 2010, p. 13) que “Cultivar esta subjetividade tem como resultado uma integração maior do ser humano em todos os níveis, permitindo-lhe um processo de individuação mais rico e aberto a novas experiências”. A respeito da integração afirma Jung (2003, p. 184, Cartas III):

Na qualidade de médico vi muito mais do que outros a miséria e a dissociação profundas das pessoas em nossos dias. Tive de ajudar inúmeras pessoas a ter um pouco mais de consciência de si mesmas e a considerar o fato de que elas consistiam de muitos componentes diferentes, luz e escuridão. É isto que se chama de integração: tornar-se explicitamente aquela pessoa que se era desde o começo (Jung, 2003, p. 184, Cartas III).

Como vimos Jung (2015a) relaciona o mito de Hórus à aquisição da consciência e à salvação do homem pela cultura. Silveira (2002) explica que o nosso desenvolvimento psicológico é regido pelo princípio de Hórus, o impulso para emergirmos da escuridão e alcançarmos a luz, a tomada de consciência. Esse princípio, que é o fio condutor do nosso caminho pela escuridão do inconsciente, continua vivo até mesmo em casos de cisão da psique. A autora também nos esclarece sobre a importância do tema mítico da barca do sol e da flor de ouro no enfrentamento das adversidades, relacionando-os às experiências místico-religiosas.

O temor dos efeitos perturbadores da experiência numinosa, a ânsia de melhor entendê-la, o desejo de comunicá-la a outros, têm levado os místicos a procurar traduzi-la nos termos usados para descrever as experiências que ocorrem no âmbito ordinário da percepção consciente. Esse trabalho requer enormes esforços. Daí as comparações, metáforas, símbolos, usados nas tentativas de exprimir o inexprimível. Assim, trabalharam em seus escritos Santa Teresa d'Ávila, São João da Cruz, Mestre Eckhart (Silveira, 2002, p. 308).

Mello (2015, p. 306) nos traz o seguinte relato de Milton Freire a respeito de Nise da Silveira:

Dra. Nise compreendia muito bem a vida e a alegria de se poder compartilhar uma experiência tão solitária e trágica como a loucura e poder alguém se transformar nessas condições.

Para ela, o psiquismo, a alma das pessoas em sua totalidade, era como uma flor. E o psiquismo também poderia renascer como uma flor no sentido da alegria maior de viver, simplesmente viver.

Mello (2015, p. 161) reproduz um trecho de um caderno de viagem de Nise, no qual ela fez um desenho de uma flor, que assemelha-se a uma flor de lótus, com o seguinte poema: “Oh, misteriosa flor/Escondes no teu cálice/Uma chispa de Deus/Oh pequena chispa misteriosa/De Deus imenso e indivisível/Quem me dera te vislumbrar.”.

A respeito do simbolismo da flor de lótus acentua Jung (2016, p. 41): .

Mas o fato é que, além de memórias de um passado consciente longínquo, também pensamentos inteiramente novos e ideias criadoras podem surgir do inconsciente – ideias e pensamentos que nunca foram conscientes. Como um lótus, nascem das escuras profundezas da mente para formar uma importante parte da nossa psique subliminar (Jung, 2016, p. 41).

O simbolismo da flor de lótus está relacionado, portanto, ao renascimento. Jung (2021) destaca que o renascimento é um fenômeno psíquico, e que a psique é a realidade mais prodigiosa, tudo parte dela, pois

O ‘renascimento’ é uma das proposições mais originárias da humanidade. Esse tipo de proposição baseia-se no que denomino ‘arquétipo’. Todas as proposições referentes ao sobrenatural, transcendente e metafísico são, em última análise, determinadas pelo arquétipo e por isso não surpreende que encontremos afirmações concordantes sobre o renascimento nos povos mais diversos [...] (Jung, 2021, p. 69-70, § 207).

Afua (2021) explica que Seth representa as dificuldades que encontramos pelo caminho. Para que possamos renascer, é imprescindível que tal qual Heru, consigamos enfrentar Seth e sairmos transformados desta experiência.

Boechat (2009) chama a atenção para o fato de que as teorias psicológicas são formuladas a partir de um alicerce psicopatológico. Na Psicologia Analítica de Jung este lugar foi ocupado pela esquizofrenia. Os conteúdos esquizofrênicos, por sua vez, estão imbricados profundamente nos mitos. O autor explica que o pensamento simbólico, imprescindível para o processo de individuação, configura a junção entre o pensamento circular (sonho e fantasia) e o pensamento linear (racional). Tal junção proporciona resoluções de conflitos e amplificação existencial. “Resulta daí o fato de o mito ser tão vital à existência humana. Há sempre uma *mitopoesse da psique*: o tecido dos mitos antigos é o mesmo tecido dos sonhos e das fantasias” (p. 27, grifos do autor).

Nas cosmogonias africanas, e nas keméticas em específico, os opostos se complementam, tal como ocorre no campo epistemológico, teórico e prático, da obra de Carl Gustav Jung. Da mesma forma, a espiritualidade kemética refere-se mais à conexão com uma instância interior do que a algo externo. A viagem noturna de Rá e o seu enfrentamento à serpente Apep é a nossa jornada cotidiana diante das adversidades. Trata-se da luta entre a luz e a escuridão, entre a ordem e o caos, onde todos são necessários para a elevação da consciência e para o autoconhecimento.

4.5. Alquimia, Jornada Heroica e Drama Ausariano

Asante (2009, p. 291) nos esclarece que “[...] não conhecer, não admitir ou negar ser africano limita nossa capacidade de realmente cuidar uns dos outros. [...] Nossa tarefa é curar toda a raça”. Na mesma direção Steve Biko (1990) nos diz que ser negro é o resultado de uma atitude mental e não uma questão de pigmentação e que descrever-se como negro configura o início do caminho na direção da emancipação e do comprometimento com a luta contra as forças que procuram relacionar a negritude a um rótulo de subserviência. Neste processo é imprescindível que tenhamos protagonismo sobre nossa identidade negra ou africana (Domingos, 2017), compreendendo a potência que o conceito de negritude representa na luta contra a aculturação e a alienação racial (Munanga, 2020b).

Njeri (2019) relaciona o conceito de *maafa* ao genocídio contra a saúde física e mental dos povos africanos, que se estende desde a escravização e que interfere em todos os aspectos de suas vidas. Os africanos estão expostos ao trauma histórico da sua desumanização. A autora vê o genocídio como um monstro com vários tentáculos, cada um voltado a uma área diferente, para fazer frente à diversidade do povo negro: nutricídio, epistemicídio, racismo religioso, encarceramento em massa, ultraviolências homofóbicas, internação compulsória em

hospitais psiquiátricos e a morte efetiva da população negra. O objetivo deste monstro é matar física, psicológica, epistemológica e espiritualmente a população negra.

A travessia transatlântica foi principalmente uma travessia ontológica que produziu uma fratura do ser africano que está presente ainda hoje nos afrodescendentes. Ela evidencia-se no esvaziamento da pertença subjetiva e em um processo contínuo de banzo. Africanos de diferentes povos perderam sua identidade, desembarcando no Brasil nomeados apenas como “negros” (Njeri, 2020). O pesquisador, escritor e doutor *honoris causa* brasileiro, Nei Lopes, esclarece que “Ontologia é o conjunto de noções que o ser humano tem sobre si mesmo, sobre o mundo, o presente, o passado e o futuro.” (Lopes, 2021, p. 228).

Jayro de Jesus, no mini-curso *Uma Herança e seus Reflexos na Sociedade Contemporânea*⁷ nos diz que a escravização só foi possível porque inicialmente houve um processo de destituição do sentido de ser dos escravizados e essas estratégias do colonialismo tem uma continuidade histórica, embora sejam constantemente modificadas. A escravização causou um arrastão ideológico que fez com que o imaginário ontologicamente destruído dos escravizados e de seus descendentes fosse permeado por outros elementos e outros pressupostos, levando à desontologização, desterritorialização e ao desenraizamento. Este processo de violência afeta a subjetividade dos negros, destruindo elementos e pressupostos ontológicos. Assim, embora haja aspectos fenotípicos que nos relacionam à negritude, nossa subjetividade é branca, ocidental (FILOSOFIA..., 2017).

Para Ford (199, p. 39) a experiência dos afrodescendentes, pela perspectiva mitológica, pode ser considerada heroica. Salienta o autor que Jung perguntava às pessoas que mito elas estavam vivendo. “Em outras palavras, quais são os símbolos, as imagens, as metáforas e as histórias que lhe tocam mais profunda e ardentemente, que informam sua vida? A isso eu responderia agora: ‘Essa mitologia negra recuperada’”.

Estamos no ponto mais delicado da jornada do herói africano, na viagem ao mundo de baixo. O herói está no útero do seu renascimento, passando pela provação que possibilitará a sua transformação e a sua reinvenção. “Em última análise, a busca do herói não se dá num caminho isolado, mas naquele percorrido por toda a humanidade; não é uma vitória sobre as forças externas, mas, sim, internas; não é uma viagem a mundos distantes, mas ao âmago do *self* de cada um” (Ford, 1999, p. 31). O mito é o transcendente com a relação com o presente, ele é mecanismo de transformação. Portanto, pela vivência do mito as pessoas podem

⁷ No evento *África e Diáspora: Encontros e Reencontros: História e Cultura de África e Diásporas* realizado pela União dos Estudantes Africanos e da Diáspora e realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2017.

encontrar elementos que necessitam para superar adversidades e para encontrar a cura (Campbell, 2008).

Jung (2011, OC 12, § 414) nos explica que imagens míticas presentes na alquimia referem-se a um drama da alma humana que acontece para além da consciência e que indicam que somos ao mesmo tempo quem precisa ser redimido (formula cristã) e também os redentores (fórmula alquímica).

Jung (2014a, p. 102, OC 9/1, §179) nos diz que

O conflito gera fogo dos afetos e emoções e, como todo fogo, este também tem dois aspectos, ou seja: o da convulsão e o da geração de luz. A emoção é por um lado o fogo alquímico, cujo calor traz tudo à existência e queima todo o supérfluo (*omnes superfluitates comburit*). Por outro lado a emoção é aquele momento em que o aço ao golpear a pedra produz uma faísca: emoção é a fonte principal de toda tomada de consciência. Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção (Jung, 2014a, p. 102, OC 9/1, §179).

O autoconhecimento é uma condição *sine qua non* nos processos de resiliência. Neste âmbito, o conceito junguiano de processo de individuação é uma ferramenta muito importante, uma vez que

A individuação é a experiência de uma lei natural, um processo interno de autorregulação pelo qual o homem se torna um ser humano completo, reconhecendo e vivenciando a totalidade de si mesmo. No processo, o ego é finalmente confrontado com algo maior que ele, uma força à qual ele se rende e serve. O ser humano portanto se reconhece material e espiritual, consciente e inconsciente. (Dunne, 2012, p. 83-84).

Para Jung (2011h, p. 19, OC 9/2, § 14) o autoconhecimento só acontecerá se houver o reconhecimento de aspectos obscuros da personalidade. “Enquanto, por um lado, o autoconhecimento é um expediente terapêutico, por outro implica, muitas vezes, um trabalho que pode se estender por um largo espaço de tempo”. Este processo implica o confronto com a sombra.

A sombra contempla o nosso lado obscuro, o que não desejamos ser, porém, “Algumas qualidades positivas também estão na sombra e não vieram à consciência por falta de uma energia própria ao conteúdo psíquico ou porque não demos suficiente atenção a ele”. Nos mitos o arquétipo da sombra aparece como o opositor e o mitologema dos irmãos representa a sombra e seu aspecto dúbio. Na mitologia egípcia podemos citar como exemplo Seth, que desmembra seu irmão Osíris (Boechat (2009, p. 204).

Essa confrontação com a sombra causa um estado inicial de divisão e ruptura que dificulta o enfrentamento da realidade ao mesmo tempo em que principia a *magnum obra*,

grande obra, e que foi denominado pelos alquimistas de *nigredo* (negrura), escuridão, caos e melancolia (2011c, p. 313, OC 14/2, § 367).

A este respeito, trago um trecho de um diálogo de Jung com sua alma no Livro Negro 5 (Jung, 2020e, p. 212) no qual ela lhe informa que o deixará sozinho, pois subirá para a sua própria terra e que “Na luz, no ovo, no sol, no mais íntimo e comprimido, nas brasas eternas da ansiedade – assim nasce em teu coração o sol e seu brilho invade o mundo frio”. Ela lhe informa então que desaparecerá de sua vista e que ele deverá viver na solidão escura, que deverá ser iluminada por luzes humanas. Nesta passagem Jung encontrava-se em luta com sua sombra, estava em uma importante e decisiva etapa da sua jornada do herói e do seu processo de individuação.

No documentário *Teatro das Sombras – Shadow Theater*, é possível ver uma abordagem do arquétipo da sombra em seus aspectos individual e coletivo e seu impacto no acirramento dos conflitos sociais. O narrador abre o documentário contextualizando o mal na realidade brasileira na contemporaneidade e o avanço do pensamento autoritário de caráter fascista. Foi buscando as raízes desse mal que ele descobriu Jung (O TEATRO..., 2022).

Na alquimia a fase da *nigredo* é fundamental porque possibilita a transmutação da matéria para as etapas seguintes. Jung (2011c, p. 254, OC 14/2, § 312) explica que “A *nigredo* (negrura) corresponde à escuridão do inconsciente, que encerra em primeira linha a personalidade inferior ou a *sombra*”, que sua fase crítica compreende a decomposição, a morte e o renascimento (§ 131) e que neste processo a alma é alterada (§ 158). Jung (2011i, p. 181, OC 3, § 329) afirma também que “A melancolia é um estado anormal de tristeza em que tanto a inteligência como a memória não sofrem dano algum”. Por esta perspectiva, o sofrimento que acompanha a ampliação da consciência sobre a história africana não é necessariamente patológico e pode representar a crise, a *nigredo*, a melancolia, que causará transformações na alma africana e alavancará o processo de individuação tanto individual quanto cultural, enquanto povo.

É extremamente importante que a Psiquiatria e a Psicologia compreendam a melancolia como um estado de tristeza e não como uma patologia. No entanto, ela tem sido constantemente associada à depressão. A questão que se levanta é se esta dinâmica não poderia interferir no processo alquímico, inclusive instalando um quadro patológico. Na pintura em tecido, o sombreado, ou sombra, proporciona um efeito de profundidade ao trabalho e faz com que a pintura do risco ganhe mais destaque. Assim acontece no nosso processo de individuação.

Essa discussão implica também uma ressignificação do que se compreende pelo submundo, pela escuridão, pois, na perspectiva africana, eles não têm a conotação negativa que encontramos no Ocidente. O mundo debaixo é considerado um portal para a passagem para o mundo iluminado (Ford, 1999). É no submundo que acontece o embate entre Rá e a sua inimiga, a serpente Apep, representada normalmente como uma serpente gigante. Apep simboliza a escuridão, as nuvens ou outro elemento que possa obscurecer o sol na sua jornada diária pelo céu. Ela também luta com Rá durante a sua jornada noturna rumo ao leste, ao longo do *Duat*, o submundo (Budge, 2021).

Ford (1991) desconstrói a visão negativa em torno do que significa “preto” e “negro” e estabelece relação entre a mitologia e alquimia:

Se interpretarmos essa alquimia da perspectiva da psicologia humana, o que sempre foi a intenção da alquimia, a *melanosis* e o *nigredo* diziam respeito ao processo de transição do mundo da atividade consciente cotidiana para as camadas mais profundas, mais primárias do inconsciente humano, para que aí solucionassem as inquietações básicas da existência ordinária para finalmente emergir transformado. Qualquer pessoa que enfrentou um tormento na vida, foi dormir e, mergulhada no sono, teve uma compreensão do problema e acordou com a solução conhece intimamente esse processo de escurecimento que antecede a transformação. E, já que *negro* era originalmente definido como a direção do sol poente, simbolizando a imersão da consciência humana no sonho e na esfera do inconsciente, ou como as águas que trazem a vida a areias estéreis, fechamos o círculo da África à Europa com uma noção inteiramente diferente de preto, negro, como um símbolo poderoso de renovação e transformação (Ford, 1999, p. 38-39).

Jung (2011a, p. 326, OC 14/2, § 379) afirma que “Na *nigredo* (negrura), a noite escura da alma, os conteúdos psíquicos se separam do aprisionamento no corpo, e se torna conhecida a natureza e o significado do que perfaz a relação”. Tal afirmação nos auxilia a compreender os mecanismos pelos quais a comunidade negra no Brasil tem historicamente encontrado meios de sobreviver, de manter sua cultura e suas tradições, demonstrando alto potencial de resiliência. São estes laços alquímicos que permitem ao povo negro a capacidade de reconhecer e cultivar conteúdos psíquicos aprisionados no corpo. Portanto, a *nigredo* encerra em si potencialidades capazes de gerar a função transcendente e promover significativas transformações na psique das pessoas, auxiliando no seu processo de individuação.

Para que a *nigredo* possibilite a passagem da escuridão à luz é importante compreendermos a complexidade do conceito de sombra. Dunne (2012, p. 106) esclarece que “A sombra negativa pode se manifestar como uma deficiência a ser vencida. A sombra positiva pode nos mostrar uma parte significativa que devemos reconhecer e vivenciar”.

Campbel (2007) esclarece que as etapas da jornada do herói constituem um movimento circular e que o herói precisa trazer os símbolos de sabedoria, o seu troféu, para que sejam utilizados para transmutar a vida da coletividade. O retorno é a parte mais difícil, pois é marcado pelas crises do final do percurso e por isso, não raro, causa recusas. Esta fase pode ser marcada por queixas, ressentimentos e sentimento de incompreensão. Essa crise representa a

[...] paradoxal e supremamente difícil passagem do herói pelo limiar do retorno, que o leva do reino místico à terra cotidiana. Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem que penetrar outra vez, trazendo a bênção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos. Ele tem que enfrentar a sociedade com o seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno, que vai de queixas razoáveis e duros ressentimentos à atitudes de pessoas boas que dificilmente o compreendem. (Campbell, 2007, p. 213).

Importante destacar as palavras de Shamdasani (2020, p. 14) a respeito do mito em Jung: “Em sua obra, Jung sintetizou teorias sobre memória, hereditariedade e o inconsciente no século XIX e propôs uma camada filogenética do inconsciente, ainda presente em todos, que consistia em imagens mitológicas”. Boechat (2009, p. 18) também nos traz uma importante contribuição, afirmando que “O mito está, portanto, associado de forma definitiva ao misterioso e ao que não pode ser expresso pelo discurso lógico da consciência: ao mundo do *logos* propriamente dito”.

Jung (2015a, p. 25) inicia o prólogo de sua autobiografia afirmando: “Assim, pois, comecei agora, aos 83 anos, a contar o mito da minha vida. No entanto, posso fazer apenas constatações imediatas, *contar histórias*. Mas o problema não é saber se são verdadeiras ou não. O problema é somente este: é a *minha* aventura a *minha* verdade?”.

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nele repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes e experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica; não posso me experimentar como um problema científico. O que se é, mediante uma intuição interior, e o que o homem parece ser *sub specie aeternitatis* só pode ser expresso através de um mito. Este último é mais individual e exprime a vida mais exatamente do que o faz a ciência, que trabalha com noções médias, genéricas demais para poder dar uma ideia justa da riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual. (Jung. 2015a, p. 25).

Nas palavras de Jung (2015b) devemos abandonar o papel que desempenhamos até o momento e nos tornarmos o que somos. “A consciência só pode existir através de permanente reconhecimento a respeito do inconsciente: toda vida tem que passar por muitas mortes.”

(Jung, 2014a, p. 102, OC 9/1, § 178)”. A *nigredo*, portanto, é uma oportunidade de renascimento. Considerando a afirmação de Jung (2015a, p. 25) de que “Só uma entidade mítica pode ultrapassar o homem”, é imprescindível falarmos sobre a figura da Fênix e trazermos a verdade sobre a sua origem africana. A este respeito Budge (2021) nos explica que Bennu, chamado de Fênix pelos gregos, era considerado pelos antigos egípcios como a alma de Rá e também a alma de Osíris (Ausar).

Bennu é o símbolo do renascimento no Antigo Egito, representando a alma de Osíris (Ausar). Após cumprir o seu ciclo de vida até Heliópolis, construía um ninho com ramos de canela, sálvia e mirra no templo de Rá e ateava fogo. Este processo fazia com que nascesse um novo pássaro (SESHAT..., 2018).

O tema da morte e da ressurreição do herói é muito frequente na mitologia da África, baseando-se nos processos cíclicos que podem ser observados na natureza. Nesta perspectiva, a vida humana corresponde aos ciclos infundáveis da natureza, em um movimento que vai do mundo dos vivos ao mundo dos ancestrais, depois ao mundo dos ainda não nascidos e retorna ao mundo dos vivos. Portanto, não há linearidade do nascimento à morte (Ford, 1999). Importante recuperar a informação de que nos índices gerais da Obra Completa de Jung (Jung, 2011b, OC 20) há 87 menções ao mito grego da Fênix. Isso evidencia como o fenômeno do renascimento era central no seu pensamento.

Na costura à máquina é a dinâmica entre a linha da parte de cima e a linha da parte de baixo que permite a formação dos pontos. Tal como a nossa alma conecta o consciente ao inconsciente, há um dispositivo que liga a linha de cima (mundo de cima) e a faz circular na lançadeira (submundo), formando um ponto. E assim avança a costura da nossa existência.

As seguintes afirmações de Borges e Lyra (2017) nos auxiliam a compreender este fenômeno:

Na alquimia o surgimento da Scintilla demonstrava que o processo alquímico estava seguindo o seu curso como deveria, isto é, que o caos originário estava sendo transformado. Em termos psicológicos, significa o surgimento de uma nova realidade, através da qual consciente e inconsciente vão sendo re-unidos num contínuo despertar para uma clareza, uma lucidez e profundos estados de humildade, os mais altos que se pode alcançar no desenvolvimento humano. Qualquer que seja a via a ser percorrida, a direção deve sempre apontar para esse fim último, a integração do mundo instintual com o espiritual (Borges; Lyra, 2017, p. 185).

A respeito dos arquétipos Jung (2015b, § 109) afirma que

Ao que parece, os arquétipos não são apenas impregnações de experiências típicas, incessantemente repetidas, mas também se comportam empiricamente como *forças* ou tendências à repetição das mesmas experiências. Cada vez que um arquétipo aparece em sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma ‘influência’ específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que o impele à ação.

Jung (2011a, p. 418, OC 5, § 551) ressalta que “Para o indivíduo heroico o medo é um desafio e uma missão, pois só a audácia pode libertar do medo. E quando o homem não usa, alguma coisa se rompe no sentido da vida e todo o futuro está condenado a uma mediocridade vã, a um crepúsculo iluminado só por fogo-fátuos”. Asante (2014) nos fala sobre a participação de Cheikh Anta Diop e Théophile Obenga na *Conferência sobre o Povoamento do Egito*, patrocinada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e realizada no Cairo, em 1974. Ambos

[...] caminharam na direção do medo e quando terminaram de apresentar seus trabalhos haviam quebrado todas as mentiras que foram ditas sobre africanos. Usando a ciência, a lingüística, a antropologia e a história, esses dois grandes gigantes intelectuais demonstraram que os antigos egípcios eram negros. Eles usaram um teste de melanina na pele de uma múmia, a arte nas paredes de tumbas, correspondências com outras línguas africanas e os testemunhos dos antigos (Asante, 2014, p. 120).

Ao caminhar na direção do medo os dois mestres abriram caminhos pra que nós possamos fazer a nossa jornada heroica de volta para as nossas raízes, pois, como afirma Malomalo (2022, p. 71) “O que se chama de ‘palavras finais’ são nada menos do que ‘palavras de recomeço’ no sentido da metáfora de *Sankofa*, é nosso passado que dá significado a nossas ações do presente e do futuro”.

Para desfazermos os nós da maçaroca histórica, precisamos também olhar para a dimensão pessoal, pois seus fios se conectam. Precisamos passar pelo renascimento, compreendendo a crise como um chamado para a jornada heroica. Hoje, no primeiro quarto do século XXI, o Renascimento Africano, nos permite concretizar uma travessia intelectual existencial que possibilita, no nível simbólico, o retorno à África preconizado pelos bacongós (FORD, 1999) e nossa passagem pelas Portas do Não Retorno (Gomes, 2019). Desta forma, possibilita também que passemos pelos processos de morte e renascimento necessários para descolonizar a alma e curar o espírito em nome da nossa ancestralidade africana e de todos os africanos em diáspora mundo afora e encontrando, assim as bases arquetípicas da resiliência na mitologia.

Como vimos, o conflito encerra em si o potencial da sua superação. É possível estabelecermos um paralelo entre o necessário cerzido frente ao esgarçamento e aos buracos

feitos em nossa alma africana e o retalhamento da existência negra a partir da *maafa* com o despedaçamento de Ausar por Seth. Ao mesmo tempo, podemos analisar o drama ausariano na perspectiva do processo de restauração do seu corpo por Auset e Nebt-het (Néftis) e na abordagem da resiliência.

CAPÍTULO IV

DO FIO DA MEMÓRIA À TESSITURA DE NOVAS HISTÓRIAS: O ARTESANATO E AS RAÍZES DA ESCRIVIVÊNCIA ARTESANAL E ALQUÍMICA

5 CAPÍTULO IV: Do Fio da Memória às Tessituras de Novas Histórias: o Artesanato e as Raízes da Escrivivência Artesanal e Alquímica

RESUMO

A Escrivivência Artesanal e Alquímica tem seu nascimento na minha experiência como artesã desde a infância e no mundo dos retalhos, das linhas, dos tecidos e de mãos femininas que ao produzir peças tecem vidas e possibilidades de ser e estar no mundo. Esse universo artesanal feminino é permeado pela criatividade, pela imaginação e pela resiliência e representa uma tecnologia ancestral para o autoconhecimento e o autocuidado. No contexto desta tese o meu ateliê, o Ateliê Jardim de Lótus, simboliza essa potência ancestral feminina, essa capacidade de reinvenção passada de uma geração para outra. A Escrivivência de Conceição Evaristo nos ajuda a enfrentar o trauma da escravização e a resgatar a nossa força feminina ancestral. A Escrivivência Artesanal e Alquímica segue os seus passos, inserindo a Psicologia Complexa e a Afrocentricidade. O trabalho com as mãos transcende o corpo, afetando a nossa espiritualidade e promovendo emancipação feminina e saúde mental e espalhando-se para outras dimensões da vida. As bonecas Abayomi são o símbolo da Escrivivência Artesanal e Alquímica e Luiz Gama pode ser considerado um exemplo de uma vida pautada em seus pressupostos, principalmente em relação à Alquimia do Ateliê e à Filosofia do Ateliê.

Palavras-chave: Escrivivência; Escrivivência Artesanal e Alquímica; Artesanato; Psicologia Complexa; Afrocentricidade.

5.1 Alinhavos que permitiram o nascimento da Escrivivência Artesanal e Alquímica

Conceição Evaristo, no texto *Da Grafia-Desenho de Minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento da Minha Escrita* (Evaristo, 2020b, p. 49) descreve uma cena na qual sua mãe desenha um sol no chão lamacento. “Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.” Conceição Evaristo e suas irmãs, ainda meninas, acompanhavam admiradas cada gesto de sua mãe. Acrescenta a autora: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (p. 49-50). A minha escrita, que ora configura-se na perspectiva da Escrivivência, passou por várias etapas ao longo da minha vida. A letra desenhada e muito elogiada na infância e na pré-adolescência foi sendo alterada ao longo da vida, tanto na forma como no conteúdo.

A autora (Evaristo, 2020b) nos fala das mãos lavadeiras de sua mãe e da forma como elas a seguraram, guiaram, ampararam e aguçaram sua curiosidade para a leitura e para a escrita. As mãos da minha mãe também tem um papel determinante na minha relação com o mundo. Mãos costureiras, bordadeiras, que me legaram o seu ofício. Mãos mágicas! Assim como Conceição e suas irmãs, cresci envolvida com os afazeres da minha mãe; sempre por perto enquanto ela costurava e bordava, pegando os retalhos para fazer roupinhas para as minhas bonecas. Toda criança que é filha de costureira cresce amiga dos retalhos.

Há outras mãos significativas em minha vida: as mãos crocheteiras, bordadeiras e costureiras das minhas irmãs e as mãos costureiras das minhas tias maternas. Minha avó materna também costurava e bordava; fazia tudo à mão, inclusive as bombachas do meu avô. Cresci rodeada por essas mãos femininas, em meio a este encantamento, aprendendo a amar os trabalhos manuais e desde a tenra infância sendo inserida no universo do que hoje constitui o meu ateliê, e que se entrelaça com esta tese.

Sempre gostei de desenhar e pintar e sempre fui apaixonada por artesanato. Aprendi a fazer crochê aos oito anos com minha irmã mais velha, ela me ensinou os pontos básicos e um modelo de florzinha (Fotografia 09). Aos nove anos, durante uma visita ao trabalho da minha mãe, fiz o meu primeiro bordado à máquina (uma flor cor-de-rosa) e aos dez aprendi a bordar à mão, pouco depois minha mãe me ensinou a bordar na máquina doméstica. Desde cedo auxiliei minha mãe nas costuras, fazendo barras de calças à mão e outros pequenos serviços. Quando eu tinha 12 anos nós duas fazíamos bonecas de tecido para vender. Eu amava ajuda-la

nesta tarefa e estava sempre por perto vendo-a trabalhar, principalmente quando bordava. Nesta época ela me ensinou a fazer moldes de roupas e eu aprendi a fazer tricô. As aulas iniciais foram da minha mãe, mas minha irmã e uma tia também me auxiliaram.

Fotografia 09 – O Fio da Memória



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.
Observação: flor feita em crochê com linha branca.

Aos 13 anos aprendi a fazer flores de tecido e quando tinha 15 anos deixei um emprego de caixa de supermercado para auxiliar minha mãe com a produção de bordados; ela me ensinou a bordar na máquina industrial. Aos 16 anos tive minhas primeiras aulas de costura, com a minha mãe. Nesta época aprendi a pintura em tecido, técnica que fui aperfeiçoando em cursos subsequentes. Aprendi macramê alguns anos depois, quando já morava no Mato Grosso.

A figura da minha mãe foi determinante para me manter conectada a esta herança ancestral. Ela é professora de corte e costura e de bordados, atuando principalmente em casa. Ela costurou e bordou o meu vestido de debutante (eu bordei as pedrarias), costurou o meu vestido (eu bordei) e o terno do meu ex-marido para o nosso casamento. Suas costuras e seus bordados estão muito presentes na vida das minhas filhas.

O bordado me possibilitou as condições para que eu pudesse sair de um emprego de bancária que estava me adoecendo, aos 22 anos, e me permitiu ficar perto das minhas filhas. Nesta época, além de produzir muito, me dediquei a ensinar o ofício a algumas mulheres. Minha história com a costura e a modelagem é um pouco diferente, ela é resultado de um

longo processo. Minha autonomia foi construída aos poucos e envolveu uma busca constante ao longo dos anos, rumo ao aperfeiçoamento.

Em diferentes períodos o bordado foi a nossa salvação, nossa maior fonte de renda, principalmente em períodos de dificuldades financeiras. A pintura em tecidos, a costura, o tricô e o crochê também foram determinantes na minha vida. Algumas dessas técnicas me trouxeram resultados financeiros e todas, com certeza, me deram muita qualidade de vida, auxiliaram na minha saúde mental e me possibilitaram a imensa alegria de fazer peças de enxoval, roupas, bichinhos de pano e bonecas para as minhas filhas e para o meu filho, o que faço agora para a minha netinha.

O meu retorno à escola está diretamente relacionado a este universo. Concluir o Ensino Médio era o ponto central do projeto de vida que elaborei diante da proximidade dos 30 anos, mas eu já não era mais aquela jovem confiante e segura. Havia muitos atravessamentos. Ao mesmo tempo em que eu desejava fortemente este retorno, o temia muito. Estava muito insegura e tinha dúvidas sobre a minha capacidade para acompanhar as aulas. Comentei timidamente sobre o meu desejo e o meu receio para a professora das minhas filhas, ela olhou nos meus olhos e com muita firmeza falou: “Mas você faz sutiã!”. Entendi a mensagem, senti a força daquelas palavras e fui contagiada pela segurança que eu precisava para fazer a minha matrícula.

Este retorno à vida escolar e as minhas atividades no “quartinho da mamãe” estão completamente entrelaçados. Naquela época era comum recorrermos ao passo-a-passo de revistas para aprendermos algumas técnicas. A satisfação proporcionada pela compreensão e pela realização das peças era um verdadeiro combustível para a minha aprendizagem e embora eu não tivesse consciência, atuaram diretamente na minha autoestima e na minha autoconfiança, mantendo sempre um fio de conexão à minha essência, apesar das adversidades.

Ao mesmo tempo desenvolviam-se processos psicológicos importantes que hoje consigo mensurar e que foram determinantes para as mudanças que aconteceram na minha vida nos anos seguintes. A cada nova aprendizagem, a cada peça concluída, a cada desafio vencido mais vontade eu sentia de retomar outros aspectos da minha vida, como estudar e trabalhar fora de casa. Eu sentia que poderia contribuir com o mundo de outras formas. Hoje consigo dimensionar o que a costura e o artesanato vem me proporcionando ao longo da minha história.

O tempo passou, o sonho inicial de concluir o Ensino Médio abriu portas para que eu acreditasse na possibilidade de um futuro diferente. Graduei-me em Psicologia e em seguida

fiz o Mestrado em Educação. Voei muito mais alto do que jamais poderia imaginar. Nesse período não me desconectei dos trabalhos manuais e eles foram sustentáculo para a minha saúde mental e também fonte decisiva de renda, principalmente no Mestrado. Depois disso atuei por quatro anos como psicóloga no Núcleo de Apoio à Educação Inclusiva na Secretaria Municipal de Educação de Ladário-MS, onde encontrei um espaço privilegiado para dar asas à minha imaginação e à minha criatividade, principalmente na elaboração de projetos e atividades educativas e na decoração de espaços na área da Educação Inclusiva.

Minha entrada na UFMS, em fevereiro de 2015, marcou uma mudança na minha relação com os trabalhos manuais. O tempo ficou mais escasso e problemas de saúde dificultavam muito a costura e o bordado. Em 2017 descobri a aquarela, fiquei completamente encantada. Também houve uma tentativa de retomar o bordado à mão.

Também em 2017 recebi uma homenagem do Instituto Mulher Negra do Pantanal (IMNEGRA) (Fotografia 10), instituição com um longo histórico na oferta de cursos de corte e costura para mulheres em Corumbá-MS. Ver todas aquelas máquinas, aquelas mulheres envolvidas em suas costuras foi muito impactante, muito emocionante. Lembrei-me da minha mãe, pensei no que a costura representou e representa na vida das mulheres da minha família. A homenagem foi para a professora, mas quem a recebeu foi a costureira, a bordadeira, a mulher que encontrou refúgio e libertação em meio a linhas, tecidos, tintas, agulhas.

Figura 10 – O chamado Ancestral da Costura



Fonte: arquivo pessoal

Obsevação: meu pronunciamento sobre a homenagem recebida. Estão comigo na foto a fundadora e presidente do IMNEGRA, Ednir de Paulo, e a ativista pelos direitos das mulheres e da comunidade negra, Ana José Alves.

Meu retorno efetivo ao artesanato aconteceu com a chegada do meu amor na minha vida, em 2018. Ele é um artista e demonstrou muito interesse pelos meus bordados e artesanatos. Como efeito direto deste encontro senti um impulso forte para me reconectar com a artesã que pulsava em mim. Porém, havia um problema que dificultava este retorno. Eu havia conseguido construir um espaço, um “quartinho da mamãe” em nossa nova casa, em 2010, mas naquele ano tão conturbado não consegui manter o espaço organizado e produtivo. Ele estava longe de ser o “quartinho da mamãe” e aproximava-se mais de um “quartinho”, onde eu colocava coisas que não lhe pertenciam e que acabaram contaminando o seu espaço.

Envolvida pela energia criativa, aproveitei o recesso de final de ano em dezembro do mesmo ano e criei coragem para enfrentar a situação. Não foi fácil. O cenário de abandono daquele espaço refletia a desconexão que eu vivenciava com a minha essência, com a minha alma, com coisas da minha vida que eram essenciais, mas que estavam sufocadas pelas exigências profissionais e por problemas de saúde. Ainda que sofrido, este movimento foi muito libertador. A mesma energia me mobilizou para comprar linhas para bordado à mão, lápis de cor e canetinhas para desenhar.

Poucos meses depois iniciamos uma reforma na minha casa e foi nesta oportunidade que o meu amor conheceu o meu “quartinho”. Aquele ambiente lhe era familiar porque sua mãe costurava e sua irmã, quando jovem, fazia artesanato. Foi um episódio muito emocionante para nós dois. Inesquecível. Ele encontrou uma parte de mim que estava perdida, me reconectou a esse espaço e me ajudou não só a recuperá-lo como o transformou no meu ateliê. Fizemos a sua mudança para outro cômodo da casa e aos poucos ele foi ficando como é hoje: o ateliê dos meus sonhos, o Ateliê Jardim de Lótus, o meu Cantinho da Redenção da Alma (Fotografia 11).

Fotografia 11 – Cantinho da redenção da alma



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: Pintura em tecido com flores de lótus. Placa do meu ateliê, o Ateliê Jardim de Lótus.

Esse encontro potencializou minha alma artesã e eu senti uma vontade imensa de comprar aviamentos, de produzir no meu ateliê. Havia uma energia pulsando dentro de mim que me levava cada vez mais para este universo. Além de valorizar minhas atividades artesanais e minha vida profissional ele fez o mesmo com a minha história de vida, passando a me chamar de Flor de Lótus. Desta forma me ajudou a olhar para a minha trajetória por outra perspectiva. Desde então uma sequência de acontecimentos colaboraram para que ela fosse ganhando cada vez mais espaço, tanto no meu ateliê como na minha vida.

Outro ponto importante para que a minha tese contemplasse a minha alma artesã foi o meu contato com o trabalho de Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente, onde, conforme já mencionado, também aconteceu o meu reencontro com Jung, em 2019. Fiquei totalmente impactada com a presença da arte e da criatividade em suas vidas e suas obras e por perceber o seu potencial de nos restaurar e nos reaproximar da nossa essência. Conforme me aprofundava nas ideias de Jung fui compreendendo que ao abrirmos espaço para a criatividade em atividades artísticas ela desabrocha também em outros âmbitos de nossas vidas, no meu caso, na evolução da minha pesquisa e na minha escrita.

O meu orientador também tem um papel muito importante nesta questão, pois desde o dia em que nos conhecemos ele também valorizou a minha história de vida e conforme a orientação foi avançando me mostrou que eu poderia falar sobre ela na minha tese. Outro ponto muito importante foram nossos diálogos sobre bordado; foi essa abertura que

possibilitou a construção das ideias que serviram de base para a Escrivivência Artesanal e Alquímica.

O nascimento da minha netinha, em fevereiro de 2021, agitou ainda mais a minha alma de artesã. A vovó precisava fazer peças para o seu enxoval. E depois vieram as roupinhas de “mesversário” e de aniversário e as fantasias e roupas para as festinhas da creche e da escola. E outras tantas roupinhas, vestidinhos, presilhas de cabelo e muitas bonecas de pano.

Analisando a minha história consigo mensurar a importância dos trabalhos manuais na produção desta tese. O “quartinho da mamãe” foi um refúgio em momentos de muita angústia e um promotor de lindas lembranças com minhas crianças, que, assim como eu havia feito com a minha mãe, ficavam sempre por perto. Tenho muitos desenhos e pinturas, inclusive em tecido, que fizeram naquela época. Relíquias que guardo com muito carinho. Hoje, com muita alegria, vejo a relação que os três desenvolveram com os trabalhos manuais, que de alguma forma fazem parte das suas vidas. Uma das minhas filhas atua diretamente com bordado, costura e crochê.

Agora vivo essa experiência mais uma vez com a minha netinha, que ama o “teliê” (ateliê) desde que era muito pequena. Tudo lá é brinquedo, tudo desperta o seu interesse. Da mesma forma como acontecia com as minhas crianças, seus olhinhos brilham enquanto aguarda pelo término de algo que eu esteja fazendo para ela.

Cada vez mais ela se envolve com aquele universo e suas mãozinhas vão descobrindo possibilidades e evidenciando interesses. Ela pega a fita métrica, coloca no seu pescoço e diz que quer “cutulá” (costurar). O seu despertar sobre a relação entre suas roupinhas e a máquina de costura foi uma experiência fantástica. Com o bordado foi a mesma coisa. Seu primeiro interesse foi com o “clochê” (crochê). A primeira vez que ela pegou uma agulha de crochê e linha seus dedinhos pareciam saber o que fazer. A vovó ficou sem palavras. Agora ela me faz “encomendas” de vestidos, bonecas e roupas. Fico muito emocionada e realizada quando a ouço dizendo “a vovó Cláudia fez” ou “a vovó Cláudia vai fazê” e ainda mais quando, decidida, diz “eu vô fazê”, e faz! Essas mãozinhas ativas e criativas estão presentes nos meus cadernos do Doutorado, reproduzi algumas delas em uma peça de artesanato (Fotografia 12) carregada de emoção.

Fotografia 12 – Mãozinhas Arteiras



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: aplicação em chitinha em tecido de algodão cru de mãozinhas da minha netinha retiradas dos meus cadernos do Doutorado.

Minha filha e minha neta são herdeiras do legado ancestral feminino dos trabalhos manuais no espaço doméstico, um elemento de crescimento espiritual, de cura e de emancipação feminina. As mãos da minha filha, mãos bordadeiras, crocheteiras e costureiras, entrelaçam-se com as mãozinhas arteiras da minha neta, na tessitura de um futuro guiado pelo feito à mão, seja uma peça de artesanato, uma peça de roupa ou de decoração, sejam as suas existências.

Um ateliê de costura, de bordado ou de artesanato, ou, no meu caso, um ateliê que junta isso tudo, é também um vaso alquímico. No meu ateliê sou criadora e criatura. Transformo e sou transformada em um movimento dialético contínuo que possibilita o meu desenvolvimento. Nele minhas vivências transformaram-se em aviamentos para a produção científica e para a produção de sentido na minha vida. Lyra e Harmath (2016, p. 24) salientam que “O símbolo conjuga em si a qualidade dos mundos consciente e inconsciente”. Vejo o meu ateliê como um símbolo de resiliência, autocuidado e emancipação, um espaço em que corpo e alma se integram, em que cada vez mais me aproximo de minha essência, onde sínteses dialéticas que mudaram a minha história no meu Doutorado e marcaram a minha vida para sempre aconteceram.

Essa criatividade ancestral, baseada na insurgência, na coragem e na ousadia precisa ser recuperada como tecnologia de cura, no âmbito do Renascimento Africano. Embora contemple a produção artística, optei por focar minhas reflexões nas expressões criativas, com foco no artesanato, no feito à mão⁸.

5.2. Mulheres, Criatividade e Resiliência: costurando a Vida com Fios de Ferro

O artesanato é uma fonte de resistência feminina. Artesãs são mulheres que resistem, que lutam para continuar existindo. Há em suas mãos uma força que as impulsiona à insubmissão, à rebeldia de continuar vivendo mesmo em condições adversas, de resistir às opressões do patriarcado costurando, bordando, tecendo, pintando. Ele é também uma ponte para a recuperação da nossa tecnologia ancestral do autoconhecimento, base do processo de individuação e dos processos de resiliência⁹. Insiro aqui o registro de uma visita que fiz ao IMNEGRA (Fotografia 13) na etapa final do Doutorado como forma de exemplificar essa criatividade ancestral e a força do artesão na vida de mulheres afrodescendentes.

⁸ A União das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) destaca que o artesanato tradicional é uma das formas mais tangíveis de patrimônio cultural imaterial. A instituição tem sua atenção mais direcionada para as habilidades e os conhecimentos presentes no artesanato do que para os objetos artesanais, tendo como preocupação central a continuidade da sua produção e a transmissão dessas habilidades para as próximas gerações, proporcionando a subsistência das comunidades e refletindo a sua criatividade (Artesanato..., [200--]). O patrimônio cultural engloba tradições e expressões ancestrais vivas transmitidas às próximas gerações. Sua principal importância refere-se à riqueza de conhecimentos e habilidades, como as que estão presentes no artesanato tradicional. (O que é patrimônio..., [200--]).

⁹ O conceito de resiliência teve como ponto de partida para sua estruturação a importante descoberta de E. E. Werner, que realizou um estudo de epistemologia social na ilha de Kauai, no Havaí, pesquisando aproximadamente 500 pessoas em situação de pobreza extrema ao longo de 32 anos. Cerca de um terço delas vivenciavam condições adversas. A despeito de as crianças estarem expostas a situações de risco, a conclusão da pesquisa apontou para o fato de que elas possuíam uma capacidade de superar as adversidades e de construir um futuro (Melillo, 2005).

Fotografia 13 – Costura e Artesanato como Potência de Vida



Fonte: arquivo pessoal.

Obsevação: fotografia com a presidente do IMNEGRA, Ednir de Paulo. Ao fundo peças de artesanato confeccionadas por mulheres atendidas pela instituição.

Trago aqui uma valiosa contribuição da professora Rosane Borges (2024) que nos faz um convite para uma reinvenção de nós mesmos, destacando o papel da cultura e das artes. Este fenômeno pode ser observado na personagem Ponciá Vicêncio, no livro homônimo de Conceição Evaristo. Em uma importante passagem, sua personagem principal, Ponciá Vicêncio, sente o chamado da sua ancestralidade a partir do seu artesanato com o barro. Sua manifestação ocorreu por meio de uma coceira insistente e incômoda entre os dedos. Ao cheirar as mãos sentiu o cheiro do barro (Evaristo, 2017). A autora explica que o apaziguamento de Ponciá Vicêncio aconteceu quando ela encontrou com os ancestrais, com o passado, com a ancestralidade (GNT..., 2019).

Quem é artesão sabe que são muitos os chamados. Tudo nos conduz para o nosso mundo da criação, da invenção e da reinvenção. Às vezes o chamado vem da alma e o desejo de criar pode surgir a partir de uma ideia que faz nascer em nossa imaginação uma ramificação de possibilidades. Ele pode se evidenciar também como uma saudade, uma falta que aperta o peito principalmente quando, por motivos variados, nos afastamos do nosso ofício.

Há também o chamado dos materiais, a vontade absurda de senti-los, de manipulá-los. O barulho da máquina de costura, o corte da tesoura, o cheiro das tintas, a textura das linhas e dos tecidos, a magia das agulhas e dos pincéis. Estamos sempre às voltas com os materiais que precisamos; procurar por eles, comprar, tudo isso nos envolve e nos preenche. As técnicas também se pronunciam. Seu chamado pode ser sutil ou avassalador, exigindo ser atendido. Para quem trabalha com diferentes técnicas isso é ainda mais acentuado, tornando impossível focar em apenas uma delas. Pelo contrário, aos poucos vamos unindo diferentes técnicas em nossos projetos.

Em outros momentos o chamado vem do corpo. Nestas horas nossas mãos nos convidam, nos conduzem como que procurando pelos movimentos já tão conhecidos e tão necessários à nossa existência. O corpo guarda a memória dos movimentos e sente a sua falta. Desde que retornei ao universo do meu ateliê senti esses chamados várias vezes, tendo cada vez mais a certeza de que é praticamente inútil tentar fugir. Meu corpo e minha alma reivindicam o artesanato, ele é vital na minha vida.

Eu teria vários exemplos, mas focarei em dois. O primeiro bordado que fiz depois de retornar ao artesanato foi um mural para o meu amor. A máquina estava parada há dois anos e eu estava muito insegura. Os primeiros pontos evidenciam isso, mas logo depois fui tomada pela minha alma bordadeira. A máquina me ajudou e o resultado do trabalho foi exatamente o que eu havia planejado. Desta forma, algum tempo depois, quando soube da chegada da minha netinha, estava muito mais segura para fazer peças para o seu enxoval. Outro exemplo é referente ao tricô. Fiquei muito tempo sem praticar, mas de repente fui tomada por uma vontade absurda de tricotar. Eu já não tinha mais as agulhas. Comprei pela *internet* e assim que elas chegaram corri até o ateliê para pegar uma linha. Foi então que percebi que não lembrava mais como colocar a linha na agulha. Eu estava com a agulha e a linha em minhas mãos e de repente senti que eu sabia iniciar o trabalho, embora não lembrasse. Deixei minhas mãos trabalharem e em pouco tempo eu tinha todos os pontos que precisava na agulha.

bell hooks (hooks, 2022, p. 199) recupera a prática ancestral de confecção de colchas de retalho em sua terra natal, o Kentachy. “Na história de negras criadoras de colchas, revela-se uma imaginação empreendedora”. Sua avó não sabia ler nem escrever, pois teve que largar a escola ainda criança para trabalhar no campo, contudo, sua vida interior era ocupada por uma atividade criativa constante que envolvia principalmente a confecção de colchas, que expressavam suas histórias e sua imaginação. “Tudo era comprovação de sua arte – de sua habilidade de se reinventar, de seu poder de autodeterminação” (p. 197).

Hooks (2022, p. 199) comenta que “É evidente que esse é o poder da imaginação, que essa arte pode nos transformar, pode inflamar um espírito de sobrevivência transcendental.

Porque o espírito da autoconfiança e da autodeterminação advindo da criação de colchas no passado e ainda no presente, pela fusão da praticidade com o olhar artístico, incita de tal forma a imaginação que quase sempre leva à conscientização e ao crescimento emocional. Esse espírito de autoconfiança com frequência cria o contexto social para a sobrevivência, proporcionando momentos de triunfo e possibilidades. Embora a maioria das artesãs mais velhas de Gee’s Bend fale sobre crescer em um ambiente difícil, enfrentando adversidades, muitas delas viveram por muitos anos. E viveram sua glória. Todas trabalharam pesado nos campos, assim como confeccionaram colchas de maneira consistente (hooks, 2022, p. 199).

Maleronka (2007) esclarece que os trabalhos manuais de costura estão no âmbito das artes e ofícios femininos, que são passados de uma geração a outra de mulheres. Pontua que fiação, tecelagem e costura eram atividades entregues a escravizados e às mulheres da casa, sendo a costura uma exclusividade das escravizadas. No século XX a costura representou a única opção de ocupação para muitas mulheres pobres.

Marie Louise von Franz (von Franz, 2010, p. 73-74) nos informa que o fuso é ao mesmo tempo um símbolo fálico e feminino; um símbolo das mais velhas e das feiticeiras. O linho, sua sementeira, sua fiação e a sua tecelagem são atividades conectadas à essência da vida feminina. Gerar, dar vida a outro ser, está associa-se à ideia de fiação e tecelagem. “Sabemos que todo ser humano é um fator complexo que poderíamos descrever como um pano tecido com todas as unidades ancestrais, tanto biológicas quanto psicológicas, das quais é formado”.

Desta forma, toda criança é feita a partir

[...] de uma mescla viva de elementos psicossomáticos que se combinam segundo um determinado modelo para formar um novo ser. O mistério concernente à maneira pela qual uma criança torna-se um todo a partir de modelos psicológicos e psíquicos herdados, é figurada pela tecelagem (von Franz, 2010, p. 74)

Assim, quando a mãe pensa na criança que vai nascer, quando imagina situações a seu respeito, está fiando e tecendo a sua existência e preparando a terra nutritiva onde acontecerá o seu nascimento. Sua contribuição nesta obra imensa envolve todo o seu ser, sua substância total, tanto nos aspectos biológicos quando psíquicos. Se tricotar, fiar a lã ou tecer aparecem em um sonho ou em um conto de fadas de forma relacionada à vida voluntária e consciente há uma relação com formas de tramar no plano material, utilizando associações e emoções, o que é característico do feminino (von Franz, 2010).

Lorde (2020) também traz o simbolismo da tecelagem, mas em outra perspectiva:

Falo aqui sobre a tessitura da vida de vocês, de seus sonhos, suas esperanças, suas visões, seu lugar no planeta. Todos esses elementos ajudarão a determinar a forma do seu futuro conforme eles nascerem de seus esforços, de suas dores e vitórias do passado. Apreciem-nos. Aprendam com eles. Nossas diferenças são polaridades entre as quais podemos produzir faíscas de possibilidades de um futuro que hoje nem sequer somos capazes de imaginar, quando reconhecemos que compartilhamos uma visão que nos une, não importa que a expressemos de formas diferentes, uma visão pressupõe um futuro em que todos possamos florescer, assim como viver em uma terra que apoie nossas escolhas. Devemos definir nossas diferenças para que um dia possamos viver além delas, em vez de mudá-las (Lorde, 2020, p.35)

A autora (Lorde, 2020, p. 38) nos lembra que nossas visões nos sustentam e nos auxiliam a caminhar na direção do futuro. “Existe um mundo em que desejamos viver. Não é fácil alcançá-lo. Nós o chamamos de futuro. Se, como feministas negras, não começarmos a falar, pensar e a sentir a forma que ele terá, nos condenaremos e aos nossos filhos a um ciclo ininterrupto de corrupção e falhas.” Nos alerta de que estamos capacitadas para moldarmos o mundo no qual todas as pessoas tenham condições de florescer, onde nossas diferenças e a nossa diversidade serão compreendidas como forças criadoras, constituindo fonte de energia para abastecer nossas visões de futuro. Como diz Estés (2018, p. 200) “[...] a vida criativa é o alimento e a água para a alma, esse desenvolvimento básico é de importância dolorosamente crítica”.

Portanto, “O que ousamos sonhar hoje, podemos trabalhar para tornar real amanhã. Visões apontam o caminho para transformar o possível em real” (Lorde, 2020, p. 44).

Os patriarcas brancos nos disseram: ‘Penso, logo existo’. Contudo, a mãe negra dentro de cada um de nós – a poeta dentro de cada um – sussurra em nossos sonhos: ‘Sinto, logo posso ser livre’. Aprendam a usar o que sentem para se mover em direção à ação. A mudança, tanto pessoal como política, não acontece em um dia nem em um ano, mas nas escolhas do dia a dia, na maneira como a nossa vida testemunha aquilo em que dizemos acreditar, que nos empoderam. Seu poder é relativo, porém é real. E, se vocês não aprenderem a usá-lo, ele será usado contra vocês, pois o que vocês fazem com a própria vida é um elo absolutamente vital dessa corrente. O testemunho cotidiano é um retalho que falta à trama do futuro (Lorde, 2020, p. 52).

Temos a capacidade de costurar os retalhos que estão faltando na trama do nosso futuro, ou seja, de criar novas possibilidades e novas realidades. Neste sentido, é de suma importância considerarmos as imagens que são produzidas pelo nosso inconsciente. A este respeito, nos diz Silveira (2024) que Jung concebe os produtos da função imaginativa do inconsciente como autorretratos do mundo interno. Por este processo a energia psíquica transforma-se em imagem, cuja linguagem de expressão são os símbolos e os mitologemas e

por isso podemos não reconhecê-las de forma imediata, uma vez que desconhecemos ou esquecemos da sua significação. As imagens são produtos da função imaginativa do inconsciente, são representações imediatas e manifestam-se subitamente.

Essas imagens não têm, necessariamente, aspectos patológicos, contudo, precisamos percebê-las como imagens internas e distingui-las do real sensorial. As imagens internas podem ser mais importantes do que as imagens das coisas externas, pois representam uma experiência psíquica. Essas imagens internas expressam a relação do consciente com o inconsciente em interação com as experiências vivenciadas (Silveira, 2024).

As imagens não referem-se somente ao aspecto pictórico visual, são unidades de sentido na realização do mundo e de mundos. Embasado na alquimia, Jung concebeu a realidade como uma construção por essa função imaginativa, essa função gerativa presente na psique. De forma contrária à fantasia, a imaginação produz realidade, não nos afasta dela; produzimos imagens que são materializadas a cada instante. O inconsciente possui forças auto-curativas e criativas que funcionam como um devir, que nos impulsionam para a realização de nós mesmos e do mundo. É por meio da alma, que representa uma força para a realização do mundo, que configuramos um horizonte de existência (Damião Júnior, 2025b).

Dois tipos de imagens do inconsciente são distinguidos pela Psicologia junguiana, as imagens que representam conteúdos do inconsciente pessoal, emoções e experiências vivenciadas pelo sujeito (reprimidas), e imagens de caráter impessoal configuradas a partir do inconsciente coletivo, denominadas por Jung como imagens arquetípicas. As imagens arquetípicas são vivências primordiais da humanidade com traços fundamentais semelhantes, exprimindo sempre os mesmos afetos e ideias, conforme a época e as situações. Elas tecem os temas míticos, que, por sua vez, exprimem e condensam as experiências mais intensas da humanidade. Jung diz que as imagens de caráter mitológico são a linguagem inata da psique em seus estratos mais profundos e que nos mitos estão as raízes da nossa vida psíquica, a fonte da nossa imaginação criadora. Manter contato com essas raízes é salutar (Silveira, 2024).

Para May (1982, p. 118) “A criatividade resulta da tensão entre a espontaneidade e as limitações. Essas últimas (as margens do rio) obrigam a espontaneidade a criar as várias formas essenciais à obra de arte ou ao poema”. Para o autor a situação histórica condiciona a criatividade. Podemos constatar essa questão ao analisar o processo de reinvenção de africanos escravizados. Como diz Silva (2022):

[...] gostaria que dele não esquecêssemos o exílio forçado, a humilhação e o sofrimento, mas que também lembrássemos a criatividade com que se deu a uma terra que logo fez sua, ocupou com seu trabalho e encharcou de beleza. Seríamos não só injustos e ingratos, mas também não merecedores de seu exílio, de sua humilhação e de seu sofrimento, se olvidássemos o papel enorme e decisivo do escravo na construção do Brasil. Se alguém merece ser o herói nacional deste país, este alguém é ele (Silva, 2022, p. 2014).

Um exemplo desta criatividade é o fuxico. Lima (2022) pontua que ele é uma arte ancestral e que foi criado a partir de sobras de tecidos por mulheres negras escravizadas no período colonial. A origem da palavra é desconhecida, mas sabe-se que é africana e que significa remendo com agulha e linha, alinhavo. Trata-se de uma costura ancestral, portanto, necessita outros sentidos além da visão para ser vivenciada, implica silêncios para reflexão. É um elemento promotor de ressignificação, resiliência e resistência. Grossi e Garcia (2012-2013) esclarecem que o fuxico é um artesanato tradicional brasileiro e feminino e, juntamente com outras artes femininas como o bordado, o crochê e colchas de retalhos, passou a ser valorizado na primeira década dos anos 2000 por ativistas feministas.

Ostrower (1987) apud Silva (2017, p. 12) explica que

[...] a criatividade implica uma força crescente que se reabastece dos próprios processos através dos quais se realiza. Essa força que ela chama de “tensão psíquica” pode ser considerada a responsável pela renovação constante do potencial criador. O ato de criar parte de uma motivação interior que contém intensidades psíquicas que por sua vez propõem e impõem o fazer. Nesse contexto, a criatividade emerge do inconsciente coletivo, mas sofre influências do inconsciente pessoal.

Laufer e Lyra (2016, p. 33) explicam que a Imaginação Criativa é “[...] uma realidade que se configura pelo trabalho do artista, enquanto resultado de um ímpeto à criação. Nela, o sujeito é tomado por uma força da qual não pode se eximir e com a qual não consegue dialogar, senão a ela dispor-se”.

O bom artífice “[...] utiliza soluções para desbravar novos territórios; a solução de problemas e a detecção de problemas estão intimamente relacionadas em seu espírito” (Sennet, 2009, p. 22). Nesta direção, afirma Conceição Evaristo: “Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência.” (Evaristo, 2020a, p. 34).

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (Evaristo, 2020a, p. 35).

No texto *Da repesenação à Auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira* Conceição Evaristo (Evaristo, 2005) afirma que:

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas (Evaristo, 2005 p. 54).

As palavras de Nise da Silveira, a psiquiatra rebelde, nos provocam a criar novas soluções para os problemas já conhecidos. Diz ela: “Mas meu filho, você não acha que ao lado do crítico deve-se apresentar uma possível solução?” (Silveira, 1986b, 5min35seg a 5min42seg).

May (1982) afirma que o ato criativo nasce da revolta e da insurgência e está diretamente conectado à rebeldia.

Essa rebeldia exige uma intensidade de emoção, uma força suprema de vitalidade – pois o que é vital opõe-se à morte. Essa intensidade pode ter muitos nomes: chamo-a de fúria. [...]. É a ira necessária para acender a paixão, para evocar a habilidade artística, para levar ao êxtase a imaginação inflamada, pois só assim a obra irá além da sua humanidade. É a fúria contra a injustiça que domina a nossa sociedade. Mas, acima de tudo, é a fúria contra o protótipo de todas as injustiças - a morte (May, 1986, p. 30).

Sennet (2009) explica que para os artífices experiências de resistência e de ambiguidade podem revelar-se instrutivas, uma vez que somos capacitados pelos processos imaginativos a fazermos melhor as coisas. Encontramos em Evaristo (2020a) um importante relato que pode ser relacionado a esta afirmação. Diz a autora que a escrita surgiu em sua vida muito cedo e que as redações escolares eram oportunidades de usar a invenção para encobrir a realidade. Os temas estavam em desalinho com a sua experiência, mas ela inventava situações, fugindo, assim, do que lhe era interdito.

Depois chegou a fase da adolescência, hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura. Já no curso primário lia muito. Escrevia também. Terminei o primário ganhando um prêmio de redação (Evaristo, 2020a, p. 33).

Quando iniciei meus estudos na Psicologia Complexa chamou a minha atenção a preocupação de Jung, e também de seus continuadores, com a superação dos problemas, com a emancipação, a libertação das pessoas. Era justamente isso que eu estava procurando na Psicologia, o que estava alinhado com minhas pesquisas no campo da resiliência.

A partir de uma perspectiva junguiana, afirma May (1986) que

Desse modo, o conflito não é apenas inerente à constituição psicológica do ser humano, como também essencial para o crescimento psicológico, que depende especialmente de suportar o conflito para que ocorra a ampliação da consciência. A tensão entre os opostos, sejam eles ‘cabeça e coração’ ou ‘corpo e alma’ ou qualquer que seja dado, pode ser mantida como trabalho interior a ser desenvolvido, cujo resultado faz com que a energia psíquica, finalmente, se retraia do conflito e fundase ao inconsciente gerando uma solução totalmente inesperada, ou seja, o símbolo (May, 1982, p. 23-24)

Dentro da mesma perspectiva Laufer e Lyra (2016) salientam que

Carl Gustav Jung concebeu o processo de individuação sendo impulsionado por uma visão do ser humano em constante transformação. Por isso, a sua psicologia caracteriza-se pelos aspectos abrangentes da pessoa em todo o seu potencial e que caminha rumo a uma totalidade única, priorizando sempre aquilo em que ela pode se tornar, em detrimento daquilo que, nela, se encontra ausente (Laufer; Lyra, 2016, p. 33).

A Escrivência Artesanal e Alquímica tem suas raízes nos processos de resiliência. Minha história com este conceito teve início no ano de 2006, quando estava no terceiro ano do curso de Psicologia e desde então tem sido a coluna dorsal das minhas produções acadêmicas, da minha atuação como psicóloga e professora universitária e da minha vida pessoal. Ela foi o tema do meu estágio obrigatório de Psicologia Escolar e Educacional, no quinto ano, realizado junto a adolescentes em conflito com a lei cumprindo medidas socioeducativas em meio fechado. No ano seguinte iniciei meu Mestrado em Educação na mesma temática. Fui arrebatada pela possibilidade real de auxiliar as pessoas na superação das adversidades e no seu crescimento psicológico.

Em trabalho anterior (Mondini, 2011) a resiliência foi estudada a partir do materialismo histórico e dialético. Na oportunidade cunhei os termos mecanismos mediadores de risco e mecanismos mediadores de proteção, em substituição aos fatores de risco e fatores

de proteção. Estabeleci a relação de oposição entre vulnerabilidade e resiliência e elaborei uma definição do conceito na qual foi compreendida como síntese dialética de múltiplas determinações, atuando na historicidade e na subjetividade dos sujeitos por meio de um processo dialético que acontece durante toda a vida. Seu desenvolvimento implica uma relação dialética em que mecanismos mediadores de proteção destacam-se frente a mecanismos mediadores de risco.

A resiliência é cada vez mais considerada uma característica da saúde mental, como aporte tanto na sua promoção quanto na sua manutenção. Seu objetivo é tanto auxiliar as pessoas e grupos a enfrentar as adversidades quanto a se beneficiarem com as experiências (Grotberg, 2005).

O papel da resiliência é desenvolver a capacidade humana de enfrentar, vencer e sair fortalecido de situações adversas e transformado. É um processo que excede o simples ‘superar’ essas experiências, já que permite sair fortalecido por elas, o que necessariamente afeta a saúde mental. (Grotberg, 2005, p. 18).

Hooks (2022, p. 194) explica que sua avó lhe contava sobre a vida no período da escravidão e da importância que a confecção de colchas, como uma necessidade prática e também “[...] como arte, a energia da imaginação que torna a vida possível, a arte por trás da criação de colchas”.

Comenta a autora (hooks, 2022, p. 195) sobre as histórias de vida das artesãs negras de Gee’s Bend, no Alabama, que a despeito de todas as dificuldades, da “vida de fome” e da tristeza “[...] encontravam o prazer pelo prazer, pelo êxtase, um lugar onde podem transcender. Esse lugar é o da arte de confeccionar colchas de retalhos”. A arte da confecção de colchas começou a receber a atenção de pensadoras feministas por representar um trabalho de conscientização poucas vezes criado por seres submissos. Trata-se de um legado de criatividade e de uso da imaginação pra o bem-estar. A autora discute uma importante contribuição de Alvia Wardlaw a respeito das artesãs de Gee’s Bend:

Ela então fez sua própria declaração de corajosa independência, de certo modo quase desafiadora, porque, em meio a quase épicas trágicas sagas de pobreza e tormento, teve a audácia de criar algo deslumbrante e bonito nunca visto antes e que nunca será visto dessa mesma forma de novo, e é tudo dela [...] (Wardlaw, [S.D], sem paginação *apud* hooks, 2022, p. 198).

Em Lorde (2020, p. 49) também encontramos uma afirmação muito importante para entendermos os processos de resiliência: “Mas tenho esperança. Encarar as realidades de

nossas vidas não é motivo para desespero – o desespero é uma ferramenta dos inimigos. Confrontar as realidades nos dá motivação para agir”.

Ao final do conto *A Gente Combinamos de Não Morrer*, uma das personagens, ao falar de sua mãe comenta: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro” (Evaristo, 2016, p. 109). É esta força ancestral feminina que evidencia-se na Escrivência Artesanal e Alquímica. “A mão da mulher tem olheiros nas pontas dos dedos: risca o pano, enfia a agulha, costura, alinhava, pesponta, chuleia, cerze, caseia. Prende o tecido nos aros do bastidor: e tece e urde e borda” (Bosi, 1977, p. 55)”. São essas mãos femininas que esta tese procura evidenciar. Mãos que ao dar forma a imagens que vem do inconsciente promovem a integração entre o corpo e a alma.

5.3. Feito à mão: um mundo de possibilidades na ponta dos dedos

No Livro Negro 3 (Jung, 2020f, p. 106), no registro do dia 1º de janeiro de 1914 Jung escreve: “Ponho as mãos à obra. Alegria é permissível” Jung (2011a X, p. 220, OC 5, § 271) relaciona a mão à capacidade geradora, criadora.

Jean-Yves Leloup em seu livro *O Corpo e Seus Símbolos: uma antropologia essencial* nos fala acerca do simbolismo das mãos. Destaca a imposição de mãos na tradição dos Terapeutas e os *mudras* (práticas orientais de gestos rituais de mãos e dedos) e salienta que por meio das mãos podemos comunicar nossa energia e o que se passa em nosso coração, assim como podemos curar as pessoas por seu intermédio. O autor relaciona as pontas dos dedos ao cérebro e relata sua surpresa ao ver monges, jovens e velhos, tricotando no Monte Athos. “Essa prática, para eles, era uma maneira de apaziguar o mental. Porque há um elo entre as mãos e o cérebro. Quando, por exemplo, rezamos o terço, quando temos alguma coisa entre nossas mãos, nosso mental, nossa psique, se acalma”. As mãos simbolizam também o conhecimento – ao sermos apresentados a alguém apertamos sua mão, cuidado e proteção (Leloup, 2015, p. 124).

Martha Pires Ferreira trabalhou por muitos anos com Nise da Silveira e nos diz que ela procurava caminhos para mergulhar no inconsciente e para saber quem o indivíduo é por dentro. A linguagem que encontrou foram as imagens, por meio das técnicas expressivas. Com isso ela objetivava mostrar para a humanidade que oferecer ao indivíduo algo para trabalhar com as mãos lhe possibilita colocar em imagem o que está em seu mundo interno (Ferreira, 2017).

Nise da Silveira em entrevista concedida a Leon Hirszman afirma que o trabalho de encadernação, de agulha, pode permitir que tenhamos mais acesso às pessoas pela gesticulação do que a entrevista psiquiátrica. As questões referentes à manipulação a conduziram a Gaston Bachelard e a um doente que chegou à mesma conclusão que o filósofo. O interno, ao trabalhar com uma tapeçaria e sentir a maciez dos materiais falou que aquilo era a emoção de lidar. Nise explica que tratava-se da emoção de lidar com o material de trabalho. A partir de então ela passou a prestar mais atenção a estes aspectos e a tentar mergulhar neste universo, concordando com Bachelard que fala que a saúde mental está nas mãos (Silveira, 1986b).

Bachelard (1986) ao falar da forma como o gravador interage com os seus materiais de trabalho esclarece a dinâmica que se estabelece entre eles e suas mãos obrantes, sonhadoras.

A matéria é, assim, o primeiro adversário do poeta da mão. Possui todas as multiplicidades do mundo hostil, do mundo a dominar. O verdadeiro gravador começa sua obra num devaneio da vontade. É um trabalhador. Um artesão. Possui toda a glória do operário (Bachelard, 1986).

O autor (Bachelard, 1986, p. 52) afirma que o material interage com as mãos e elas sentem-se provocadas, é a “[...] ação de mãos dinamizadas pelos devaneios da vontade” e que podemos reviver a experiência do gravador se “[...] tomarmos consciência da matéria inicial atacada pela mão.”

Essa consciência da mão no trabalho renasce em nós na participação no ofício do gravador. Não se contempla a gravura; a ela se reage, ela nos traz imagens de despertar. Não é somente o olho que segue os traços da imagem, pois à imagem visual é associada uma imagem manual e é essa imagem manual que verdadeiramente desperta em nós o ser ativo. Toda mão é consciência de ação. (Bachelard, 1986, p. 53).

Mais à frente nos diz o filósofo:

Eis o lápis sobre o papel.

Eis onde a falange sonhadora torna ativa a aproximação de duas matérias: eis onde as matérias empenhadas no desenho concluem e fixam a ação da mão obreira. Assim, com a mais extrema delicadeza, a mão desperta as forças prodigiosas da matéria. Todos os sonhos dinâmicos, dos mais violentos aos mais insidiosos, do sulco metálico aos traços mais finos, vivem na mão humana, síntese da força e da destreza. Explica-se então, ao mesmo tempo, a variedade e a unidade de um álbum no qual dezesseis grandes trabalhadores vieram cada qual nos dar a vida de uma mão. São elementos de uma confissão da dinâmica humana, elementos de uma nova quiromancia, aquela que, ao desvelar forças, revela-se criadora de um destino (Bachelard, 1986, p. 54).

Ao analisar o trabalho do gravador Albert Flocon, Bachelard (1986) afirma que por meio de suas obras o poder de construir pode ser evocado, incitado e planejado, conferindo à mão entregue à preguiça uma vontade digital que consiste em uma impaciência por desenhar e uma esperança de gravar. Nos questiona: “Toda vontade não possui um destino geométrico?” e fala da “[...] gravura da mão-compasso, da mão que realiza a tradicional medida da palma, da mão que – do polegar ao indicador – toma posse racional da terra a ser edificada” (Bachelard, 1986, p. 75). No mundo da costura as mãos também são utilizadas para fazer medições; seja com as mãos fechadas ou abertas (a medida, neste caso, vai da ponta do polegar até a ponta do dedo mínimo) ou somente com os dedos.

Heid (2024) abre a sua reportagem no jornal *The New York Times* afirmando que a mão humana é uma maravilha da natureza e salientando que nenhum outro ser do planeta Terra tem mãos tão estruturadas como as nossas, com a mesma capacidade de agarrar e manipular objetos com tamanha precisão. Em seguida chama a nossa atenção para o fato de que estamos fazendo trabalhos manuais menos complexos do que fazíamos antigamente, já que as maiores exigências da vida moderna exigem movimentos simples como tocar em telas ou apertar botões. Tal constatação fez com que alguns especialistas problematizassem os efeitos do abandono de atividades manuais mais complexas na forma como pensamos e agimos.

A professora de neurociência comportamental da Universidade Richmond, na Virgínia, a Dra. Kelly Lambert, afirma que “Quando você observa o espaço do cérebro — como ele é dividido e onde seus recursos são investidos — uma grande parte dele é dedicada ao movimento, especialmente ao movimento voluntário das mãos”. A partir de seus estudos sobre esforço e recompensa na realização de tarefas, afirma que trabalhar com as mãos pode ser excepcionalmente gratificante (Heid, 2024, não paginado).

A Dra Kelly Lambert e seus colaboradores perceberam que ratos que utilizavam as patas para cavar em busca da comida apresentavam hormônios do estresse mais saudáveis e melhores níveis de resolução de problemas, em comparação com os que não precisavam cavar para encontrar sua comida. A professora percebeu semelhanças do seu estudo com pesquisas com seres humanos que relacionam uma série de atividades práticas como tricô, jardinagem e colorir, a benefícios cognitivos e emocionais, inclusive com melhoras na memória e na atenção e com redução em sintomas de ansiedade e depressão (Heid, 2024).

Catherine Backman, professora emérita de Terapia Ocupacional, da Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, estuda a relação entre tricô e bem estar e afirma que tricotar um padrão familiar ou estabelecido tem efeito calmante semelhante à meditação e, que,

portanto, trabalhar com as mãos pode ter benefícios para a mente e para o bem-estar. Acrescenta também que atividades práticas que envolvem nossa atenção e que nos desafiam de forma leve podem ser determinantes em nosso aprendizado (Heid, 2024).

A Dra. Van der Meer nos diz que “‘Habilidades que envolvem o controle motor fino das mãos são um excelente treinamento e superestimulação para o cérebro’” e que “‘O cérebro é como um músculo, e se continuarmos a eliminar esses movimentos complexos do nosso dia a dia — especialmente os movimentos motores finos — acredito que esse músculo enfraquecerá’”. Ela acredita que a falta de estímulo do cérebro pode nos levar a déficits de atenção, formação de memórias e resolução de problemas (Heid, 2024, não paginado).

Van der Well e Van der Meer (2023) investigaram as implicações cerebrais da escrita à mão e da digitação e perceberam que na escrita à mão os padrões de conectividade cerebral eram mais elaborados, ocorrendo em áreas e frequências que são centrais para a formação da memória e para a codificação de novas memórias, atuando diretamente na aprendizagem.

Bachelard (1986), ao falar dos processos que envolvem o dormir e o sonhar, nos diz que

Se tivéssemos espaço para isso, após o relaxamento dos olhos descreveríamos o relaxamento das mãos, que, também elas, recusam os objetos. E quando nos lembramos de que toda a dinâmica específica do ser humano é digital, será necessário convir que o espaço onírico se solta quando o nó dos dedos se desata (Bachelard, 1986, p. 161).

Mais à frente faz reflexões sobre as mãos no despertar:

O ser desperta hipocritamente, conservando ainda os olhos fechados e as palmas das mãos preguiçosas. Mas o centro possui forças novas. [...]. Como são jovens as mãos quando se fazem a si próprias promessas de ação, promessas de antes do amanhecer. O polegar toca o teclado dos outros quatro dedos. Uma argila de sonho responde a esse tato delicado. O espaço onírico próximo ao despertar possui feixes de retas finas; a mão que espera o despertar é um tufo de músculos, desejos, projetos (Bachelard, 1986, p. 162).

A respeito do trabalho artesanal e das mãos afirma Paz (1991) que

Feito com as mãos, o objeto artesanal conserva, real ou metaforicamente, as impressões digitais de quem o fez. Essas impressões são a *assinatura* do artista, não um nome; nem uma marca. São antes um sinal: uma cicatriz quase apagada que comemora a fraternidade original dos homens. Feito pelas mãos, o objeto artesanal está feito para as mãos: não só podemos ver como apalpar. [...]. Nossa relação com o objeto industrial é funcional; com a obra de arte, semi-religiosa; com o artesanato, corporal. O caráter transpessoal do artesanato se expressa direta e imediatamente na sensação: o corpo é participação. [...]. O artesanato é um signo que expressa a sociedade não como um trabalho (técnica) nem como um símbolo (arte, religião) mas como vida física compartilhada (Paz, 1991, p. 51-52).

Assim:

Entre o tempo sem tempo do museu e o tempo acelerado da técnica, o artesanato é palpação do tempo humano. É um objeto útil, mas também belo; um objeto que dura, mas que acaba e se resigna de acabar; um objeto que não é único, como a obra de arte, e que se pode substituir por outro parecido, mas não idêntico. O artesanato nos ensina a morrer e, assim, nos ensina a viver (Paz, 1991, p. 57).

Bosi (1977) faz questionamentos a respeito do lugar das mãos no cenário da industrialização:

Na Idade da Máquina, a mão teria, por acaso, perdido as finíssimas articulações com que se casava às saliências e reentrâncias da matéria? O artesanato, por força, recua ou decai, e as mãos manobram nas linhas de montagem à distância dos seus produtos. Pressionam botões, acionam manivelas, ligam e desligam chaves, puxam e empurram alavancas, controlam painéis, cedendo à máquina tarefas que outrora lhes cabiam (Bosi, 1977, p. 55).

Em relação ao desenvolvimento da capacitação, Sennet (2009) acredita que todas as habilidades, inclusive as mais abstratas, iniciam-se como práticas corporais. Desta forma relaciona o conhecimento adquirido com a mão, por meio do toque e do movimento. Para o autor a força da imaginação é a responsável pelo desenvolvimento do entendimento técnico. “A utilização de ferramentas imperfeitas ou incompletas leva a imaginação a desenvolver essas capacidades necessárias para reparar e improvisar”.

Focillon (2012, p. 5) dedica-se a fazer um elogio à mão e logo no início do texto analisa suas próprias mãos, que solicitam o seu espírito, o arrastam. “Por meio delas, o homem trava contato com a dureza do pensamento”. Afirma também: “São quase seres animados. Serão servas? Talvez. Mas servas dotadas de um gênio enérgico e livre, de uma fisionomia – rostos sem olhos e sem voz, mas que veem e que falam”. Há uma força persuasiva vindo das mãos.

A mão é ação, ela cria e, por vezes, seria o caso de dizer que pensa. Em repouso, não é uma ferramenta sem alma, largada sobre a mesa ou rente ao corpo: o hábito, o instinto e a vontade de ação meditam nela, e não é preciso um longo exercício para que se adivinhe o gesto que está a ponto de fazer (Focillon, 2012, p. 6).

A mão nos conecta com o mundo ao nosso redor (Focillon, 2023).

Mas tudo o que se faz sentir com um peso insensível ou com o cálido batimento da vida, tudo o que tem casca, roupagem, pelagem, e mesmo a pedra, seja ela talhada aos estilhaços, arredondada pelo curso das águas ou de grão intacto, tudo isso é presa para a mão, é objeto de uma experiência que a visão ou o espírito não podem conduzir por si sós. A possessão do mundo exige uma espécie de faro tátil (Focillon, 2012, p. 10).

Focillon (2012, p. 19) afirma que os artistas são sobreviventes obstinados da era das mãos. “Num ateliê de artista, estão inscritas por toda parte as tentativas, as experiências, os presságios da mão, as memórias seculares de uma raça humana que não esqueceu o privilégio de manipular”.

Não separo a mão nem do corpo nem do espírito. Mas entre espírito e mão, as relações não são tão simples como as que se dão entre um patrão imperioso e um servidor dócil. **O espírito faz a mão, a mão faz o espírito.** O gesto que não cria, o gesto sem devir provoca e define o estado de consciência. O gesto que cria exerce uma ação contínua sobre a vida interior. A mão arranca o tato à passividade receptiva, organiza-o para a experiência e para a ação. Ela ensina o homem a possuir o espaço, o peso, a densidade, o número. Criando um universo inédito, deixa sua marca em toda parte. Mede-se com a matéria que ela metamorfoseia, com a forma que ela transfigura. Educadora do homem, a mão o multiplica no espaço e no tempo (Focillon, 2012, p. 34, negrito meu).

Borges (2011, p. 222) utiliza as reflexões de Focillon no referido texto para enfatizar a necessidade de acabarmos com a dicotomia entre artesanato e *design*, pois “Se ela persistir, não somente estaremos negando a atribuição mental a quem trabalha com as mãos, mas também negando o imenso potencial das mãos àqueles que até então estavam desconectados dessa possibilidade”. Essa conexão com nossas mãos precisa ser retomada, pois, como veremos a seguir, guarda estreita relação com o mundo psíquico.

5.4 Tecendo Vidas: do manual ao espiritual

A arteterapeuta afrocentrada Adélia Azevedo explica que “[...] a atividade criativa mobiliza o inconsciente, o simbólico e o reprimido, traduzindo o desenvolvimento da concentração, da atenção e da memória” (Azevedo, 2021, p. 177).

A arteterapia é uma modalidade terapêutica expressiva que resgata técnicas milenares de promoção, prevenção e expansão da saúde. Ela facilita o fazer criativo, fortalecendo a autoestima e a identidade, construindo caminhos para o autoconhecimento em direção ao processo de individualização (Azevedo, 2021, p. 177).

Ressalta a autora que

Considerando que a África é o berço da humanidade, que Jung fez visitas ao continente africano nas primeiras décadas do século XX, e que as culturas de matriz africana ainda são quase ausentes no contexto clínico da Arteterapia, animada e comprometida com o enriquecimento dessa prática, estabeleci uma conexão entre a Filosofia do mundo africano, a tradição oral e o pensamento de Jung na investigação de uma prática Arteterapêutica, com foco na diversidade cultural afro-brasileira. Nesse contexto, nasce a ‘Abordagem Afrocentrada (Azevedo, 2021, p. 178).

Na mesma perspectiva, Rozante (20--, sem paginação) destaca a importância de uma Arteterapia anticolonial que contemple os aspectos pluriétnicos e multiculturais da sociedade brasileira. “Uma Arteterapia decolonial é um desafio extremamente necessário para proporcionar saberes epistemológicos artísticos milenares, diferenciando saberes instituídos pela colonização”.

A utilização de narrativas míticas de matriz africana no trabalho arteterapêutico possibilita o movimento *Sankofa* ao nos auxiliar a encontrar o que ficou para trás e que já não temos mais consciência, mas que é imprescindível para nossa saúde mental (Silva, 2017).

O trabalho do arteterapeuta tal qual Nanã cria o homem a partir do barro, recria o indivíduo em direção ao autoconhecimento e à totalidade psíquica a partir do contato com a materialidade, sendo o barro também uma possibilidade de recurso terapêutico no caminho de individuação do cliente (Silva, 2017, p. 58).

O médico Dráuzio Varella nos fala a respeito da importância de termos *hobbies* e de fazermos trabalhos manuais. Nosso cérebro precisa ser mantido em atividade, pois sua acomodação pode nos levar ao declínio cognitivo. As atividades manuais, em sua opinião, configuram uma importante forma de manter o cérebro ativo, além de reduzir o estresse e aumentar a sensação de bem-estar, trazendo satisfação e ajudando na prevenção de doenças neurodegenerativas. Quando nos concentramos em algo que exige habilidades manuais, neurotransmissores que melhoram o humor, como a dopamina, e a cognição são liberados. Por fim nos questiona quando foi que fizemos alguma coisa com as próprias mãos sem utilizar uma tela (Varella, 2025).

O neurocientista Miguel Nicolelis nos alerta de que a vida moderna e o mundo moderno têm causado impactos na mente e impactos físico-funcionais no cérebro. Este cenário fica ainda mais delicado com o surgimento e o significativo avanço das tecnologias de Inteligência Artificial. O cérebro humano não é digital, ele vem da pré-história e foi moldado com atividades analógicas, o que torna necessário voltarmos a fazer trabalhos que envolvam as mãos, como ler um livro físico, consertar coisas em casa ou fazer artesanato (Nicolelis (2024).

O referido neurocientista também explica que a única resposta possível à automação sem precedentes que estamos presenciando, e que está fazendo com que percamos a perspectiva do que é o trabalho humano, é um novo renascimento de tudo o que somente o ser humano é capaz de produzir de forma criativa, do que as máquinas podem até plagiar, mas não criar. Este renascimento precisa contemplar uma nova valorização das artes, das ciências, da filosofia, da literatura, da poesia. Somente assim poderemos escapar de um futuro sem futuro, um futuro dominado pela inteligência artificial. Salienta então que temos o ímpeto de criar, de ousar e cita as pirâmides do Egito como grandes criações humanas (GIRO DAS ONZE..., 2023).

Sennet (2009) afirma que a forma com a qual os artífices trabalham pode dar contribuições capazes de ancorar as pessoas na realidade material.

A história traçou linhas ideológicas divisórias entre a prática e a teoria, a técnica e a expressão, o artífice e o artista, o produtor e o usuário; a sociedade moderna sofre dessa herança histórica. Mas a vida passada do trabalho artesanal e dos artífices também sugere maneiras de utilizar as ferramentas, organizar os movimentos corporais e pensar sobre os materiais que constituem propostas alternativas e viáveis sobre as possibilidades de levar a vida com habilidade (Sennet, 2009, p. 22)

Portanto:

A expressão ‘habilidade artesanal’ pode dar a entender um estilo de vida que desapareceu com o advento da sociedade industrial – o que, no entanto, é enganoso. Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais [...] a habilidade artesanal está centrada em padrões objetivos, na coisa em si mesma. As condições sociais e econômicas, contudo, muitas vezes se interpõem no caminho da disciplina e do empenho do artesão: é possível que as escolas não proporcionem as ferramentas necessárias para o bom trabalho e que nos locais de trabalho não seja realmente valorizada a aspiração de qualidade. Embora a perícia artesanal possa recompensar o indivíduo com o orgulho pelo resultado de seu trabalho, não é uma recompensa simples. O artífice frequentemente enfrenta padrões objetivos de excelência que são conflitantes; o desejo de fazer alguma coisa bem pelo simples prazer da coisa benfeita pode ser comprometido por pressões competitivas, frustrações ou obsessões (Sennet, 2009, p. 19-20).

Sennet (2009, p. 20) pontua que “A civilização ocidental caracteriza-se por uma arraigada dificuldade de estabelecer ligações entre a cabeça e a mão, de reconhecer e estimular o impulso da perícia artesanal”. Como meu foco está na criatividade e na habilidade artesanal, não compreendo que exista uma hierarquia ou uma cisão entre arte e artesanato, mas nem sempre pensei assim. Até recentemente eu não concebia o meu artesanato como arte; minha visão era carregada pela perspectiva elitista e preconceituosa de que a arte é mais importante do que o artesanato.

Mills (2017) nos traz o conceito de artesanato intelectual, enfatizando que não devemos separar nosso trabalho de nossas vidas.

Isto significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo, que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar esta ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiência e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual (Mills, 2017, p. 17).

O autor (Mills, 2017) sintetiza suas ideias sobre o artesanato intelectual:

Seja um bom artesão: evite todo conjunto rígido de procedimentos. Acima de tudo, procure desenvolver e usar a imaginação sociológica. Evite o fetichismo de método e técnica. Estimule a reabilitação do artesão intelectual despretenso, e tente se tornar você mesmo tal artesão. Deixe que cada homem seja seu próprio metodologista; deixe que cada homem seja seu próprio teorizador; deixe que teoria e método se tornem parte da prática de um ofício. Tome o partido do primado do estudioso individual; tome partido contra a ascendência de equipes de pesquisa formadas por técnicos. Seja uma mente independente na confrontação dos problemas do homem e da sociedade (Mills, 2017, p. 50).

Paz (1991, p. 50), nos oferece reflexões comparativas sobre a arte, a produção industrial e o artesanato. Nos fala o autor que a presença física do artesanato entra pelos nossos sentidos e que ele é carregado de tradição, fantasia e capricho. “O artesanato não nos conquista somente pela sua utilidade. Vive em cumplicidade com nossos sentidos, e daí ser tão difícil desprender-nos dele. É como jogar um amigo na rua”.

O artesanato é uma mediação: suas formas não se regem pela economia da função, mas pelo prazer, que sempre é gasto e não tem regras. O objeto industrial não tolera o supérfluo: o artesanato se compraz em enfeites. Sua preferência pela decoração é uma grande transgressão da utilidade. Os enfeites do objeto artesanal geralmente não têm qualquer função, e por isso, obediente à sua estética implacável, o desenhista industrial o suprime. A persistência e a proliferação do enfeite no artesanato revelam uma zona intermediária entre a utilidade e a contemplação estética. No artesanato há um contínuo vaivém entre utilidade e beleza; esse vaivém tem um nome: prazer. As coisas dão prazer porque são úteis e belas. A conjunção aditiva (*e*) define o artesanato como a conjunção alternativa define a arte e a técnica: utilidade *ou* beleza. O objeto artesanal satisfaz uma necessidade menos imperiosa que a sede e a fome: a necessidade de recrear-nos com as coisas que vemos e tocamos, quaisquer que sejam seus usos diários. Essa necessidade não é redutível ao ideal matemático que rege o desenho industrial, nem tampouco ao rigor da religião artística. O prazer que nos é dado pelo artesanato brota de uma dupla transgressão: ao culto da utilidade e à religião da arte (Paz, 1991, p. 51).

Borges (2011) salienta que por determinado tempo havia a crença de que o artesanato seria destruído pela industrialização, contudo, esses prognósticos de desaparecimento não se confirmaram. Pelo contrário, há indícios da sua expansão.

Esse crescimento se lastreia não mais meramente na capacidade dos objetos de atender à sua função, mas na sua dimensão simbólica. Nessa ressignificação, o que passa a contar é a capacidade dos objetos de aportar ao usuário valores que vêm sendo mais reconhecidos recentemente, como calor humano, singularidade e pertencimento (Borges, 2011, p. 203).

Em meio ao constante avanço tecnológico e a conectividade exacerbada, os objetos artesanais configuram um contraponto (Borges, 2011).

Num mundo virtual, oferecem uma experiência real. Em vez da uniformidade e da padronização dos objetos industriais, são únicos, nunca idênticos. Tem a beleza da imperfeição [...]. Envelhecem com dignidade, podendo permanecer ao nosso lado por toda a vida. Eles nos contam de um lugar preciso, onde foram feitos por pessoas concretas. São honestos, confiáveis. Transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – o nosso coração, a nossa alma (Borges, 2011, p. 204-205).

O artesanato proporciona transformação na vida dos artesãos, aumentando o seu poder aquisitivo, conferindo-lhes mais confiança em si mesmos, mais empoderamento. Os programas de requalificação profissional de artesanato tem feito com que as pessoas mantenham-se nas suas cidades ou mesmo que regressem depois de um tempo vivendo em cidades maiores (Borges, 2011).

Mulheres que numa cidade como São Paulo levariam quatro horas no transporte entre a casa e o trabalho, muitas vezes indo cuidar dos filhos de outras mulheres e deixando os seus filhos a cargo de outras, nas cidades pequenas e médias podem ficar por perto de suas crianças e de sua família, trabalhando em suas casas e conciliando a atividade artesanal com a vida doméstica. É uma relação mais orgânica, mais próxima, uma vida que transcorre melhor (Borges, 2011, p. 216).

Além disso:

Como atividade que preserva o ambiente, expressa identidades culturais e leva a uma melhoria na qualidade de vida das pessoas que o produzem e o consomem, o artesanato pode ser importante alternativa de desenvolvimento para países que até agora foram considerados periféricos (Borges, 2011, p. 220).

Para Nise da Silveira (Silveira, 1986b), oferecer atividades manuais aos pacientes psicóticos é uma questão relacionada à aceitação da dignidade do trabalho, seja ele qual for. É

acreditar que há algo por traz de um gesto de mão de alguém que como Raphael estava há muitos anos sem se comunicar e sem agir no mundo; e que o fez depois de ter contato com o desenho nas oficinas de Terapêutica Ocupacional. Como diz Bachelard (1986, p. 92): “E tudo se anima quando o trabalho reanima a madeira morta”.

Carvalho (1995) nos conta que João Cândido, o líder da Revolta da Chibata, que aconteceu em 1910, no Rio de Janeiro, bordou duas toalhas enquanto esteve preso na solitária da Ilha das Cobras. Esses bordados foram feitos depois que ele presenciou a morte trágica de 16 dos 17 companheiros que estavam com ele em uma cela subterrânea com pouquíssima ventilação, que havia sido recém-lavada com água e cal, na noite de Natal.

João Cândido relatou a Morel (1979 *apud* Carvalho, 1995) que passou a ouvir os gemidos dos companheiros mortos e a vê-los em agonia. Em decorrência de tais sintomas foi transferido pra o Hospital Nacional dos Alienados em 18 de abril de 1911, o diretor era o psiquiatra Juliano Moreira.

Carvalho (1995) pontua que os bordados

Devem ter servido como uma espécie de autoterapia instintiva para fugir dos fantasmas que o perseguiam. Traumatizado pelas mortes, sentindo-se injustiçado pela traição do governo e fragilizado pela situação de preso incomunicável, João Cândido encontrou nos bordados a forma para extravasar seus sentimentos. Daí o valor único das toalhas como documento revelador do lado humano do marinheiro (Carvalho, 1995, p. 27-28).

Para Sennet (2009, p. 18) pensamento e sentimento estão contidos no processo de fazer. Precisamos, pois, questionar o que pode ser revelado a nosso respeito por meio do processo de feitura de coisas concretas e considerar que “[...] as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem, a cultura material é importante”. No livro Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017) há uma situação que remete a esta questão. O irmão de Ponciá encontra em uma feira, objetos de cerâmica feitos por ela e sua mãe; reconhece a arte das duas, como se as peças tivessem a sua assinatura.

Tive uma experiência semelhante em uma viagem ao Rio Grande do Sul, no ano de 2020. Em visita a uma família conhecida reconheci um bordado feito pela minha mãe trinta e cinco anos atrás. Eu não me recordava do risco (desenho), mas vi minha mãe naqueles pontos. Tirei uma foto e mandei para ela, porém, em meio a tantas fotos, tudo leva a crer que aquela passou despercebida. Em 2024 a reenviei e veio a confirmação: sim, era um bordado da minha mãe. Em 2025, na finalização da tese disse a minha mãe que gostaria de inserir nela uma foto de um bordado seu. Ela fez quatro bordados e os enviou para mim (Fotografia 14). Para

minha imensa surpresa um deles era a reprodução do buquê de flores do caminho de mesa que vi no Sul. Quarenta anos separam os dois bordados; e muita história de vida também.

Fotografia 14 – Os Bordados da minha Mãe



Fonte: elaboração da minha mãe, Mercês Mônico, especialmente para a minha tese. Arquivo pessoal.

Observação: Bordados à máquina em pontos variados. A solicitação foi o ramo com borboletas, que conheço desde que minha mãe aprendeu a bordar, em 1980. As flores miúdas à direita são as que reconheci na casa de uma família no Rio Grande do Sul. O ramo com trigos eu bordei muitas vezes ao longo dos anos. Os girassóis foram bordados porque gosto muito deles.

Sobre essa questão, nos diz hooks (2022) que uma tecedora de colchas que viu o trabalho de sua avó lhe falou a respeito de características da sua personalidade que ela identificou pela forma como a tecedora realizava o seu trabalho.

A autora (hooks, 2022) também esclarece que a observação de artesãs costurando colchas de retalhos à mão lhe evidenciou uma prática de atenção plena na qual a atenção fica concentrada, focada e repetitiva. Afirma que sua avó materna Sarah Oldham (Baba) encontrou

[...] na confecção de colchas uma forma de, como mulher, aprender a ter paciência e quietude da mente e do coração necessária na vida adulta para dar conta do trabalho, da casa e da família. Por ter aprendido essa arte na infância e continuar a exercê-la até a morte, Baba dedicou-se à contínua prática da paciência, combinando espiritualidade com imaginação criativa. Na tranquilidade, costurando sentada, era capaz de ouvir melhor a voz divina, tornando visível a presença de deus em seu trabalho. Baba era paciente, mas não quieta. Enquanto criava beleza, encontrou um jeito de falar, uma forma de se manter em movimento além das palavras (hooks, 2022, p. 193).

Marie Louise von Franz (von Franz, 2010) nos auxilia a compreender que há uma relação direta entre corpo e psique quando executamos trabalhos manuais:

Por um aspecto, qualquer pessoa que tricou, executou uma tecelagem ou um bordado sabe do efeito benéfico que isso pode ter, pois podemos permanecer tranquilos e preguiçar sem nos sentirmos culpados, fiando nossos pensamentos enquanto trabalhamos. Podemos relaxar, soltar a imaginação, e depois nos levantarmos com a sensação de termos feito algo! Esse trabalho também exercita a paciência, o que, para um temperamento ‘animus’, é muito útil: só as que executaram tais trabalhos conhecem todas as catástrofes que podem ocorrer, como perder uma fileira de pontos quando se está nas diminuições! Trata-se de uma ocupação educativa que, além de tudo, auxilia a natureza feminina a exprimir-se, e é extremamente importante para as mulheres não abandonarem este estilo de trabalho na vida febril de hoje (von Franz, 2010, p. 74-75).

Sennet (2009) esclarece que o desenvolvimento de longo prazo das habilidades manuais nos mostra que

Vem primeiro a capacidade de se concentrar por longos períodos; só quando for capaz disto a pessoa poderá envolver-se emocional ou intelectualmente. A capacidade de concentração física segue regras próprias, baseadas na maneira como as pessoas aprendem a praticar, a repetir e a aprender com a repetição. A concentração, vale dizer, tem uma lógica interna; e acredito que essa lógica tanto pode ser aplicada num trabalho regular durante uma hora quanto por vários anos (Sennet, 2009, p. 194)

Mills (2017, p. 56) afirma que há um processo de autodesenvolvimento envolvido no processo artesanal, além disso, a ética do ofício é pautada na satisfação no trabalho, que pode fazer com que o artesão viva em uma espécie de paixão tranquila por seu trabalho. O artesão consegue imaginar o trabalho pronto e ainda que não consiga fazê-lo por inteiro, consegue ver o lugar de sua parte no todo, tendo a dimensão do seu esforço em relação a este todo. O resultado do seu trabalho lhe proporciona satisfação e isso lhe inspira os meios para alcançar o todo. As dificuldades e resistências que aparecem no processo e as expectativas que geram no artesão podem ser determinantes para lhe despertar uma satisfação positiva por vencê-las, causando um sentimento de vitória.

Pessoas criativas tem como característica mais importante a capacidade de vivenciar o processo de criação. Todos nós possuímos energia criativa, contudo, precisamos atuar no sentido de liberá-la. A energia psíquica necessária para levarmos uma vida criativa pode ser conquistada e, uma vez que esteja disponível, é preciso saber como utilizá-la. O cultivo da curiosidade e do interesse, com dedicação de atenção descomprometida frente à novidade é determinante neste processo. “*Se você fizer alguma coisa bem-feita, ela se torna agradável. Seja escrever um poema ou limpar a casa, realizar um experimento científico ou completar uma corrida, a qualidade da experiência tende a melhorar na proporção do esforço investido nela*” (Csikszentmihalyi, 2024, p. 491).

Csikszentmihalyi (2022) nos fala a respeito do conceito de *flow*, uma imersão completa na atividade realizada, quando há uma harmonia entre nossos sentimentos, desejos e pensamentos. O *flow* pode ser percebido nas atividades de atletas (imersão), de místicos religiosos (êxtase) e de artistas e músicos (arrebatamento estético). As atividades que possibilitam que o *flow* aconteça são chamadas atividades de *flow*; elas permitem que nos concentremos em metas claras e coerentes e frente a um desafio que podemos manejar e superar.

Quando as metas são claras, o *feedback* é relevante e os desafios e as habilidades estão em equilíbrio, a atenção é ordenada e aplicada integralmente. Devido à demanda total de energia psíquica, uma pessoa em *flow* está completamente focada. Não há espaço na consciência para pensamentos perturbadores e sentimentos irrelevantes. A autoconsciência desaparece, mas a pessoa se sente mais forte do que o normal. A noção de tempo é distorcida: horas parecem passar em minutos. Quando todo o ser de uma pessoa está envolvido no pleno funcionamento do corpo e da mente, tudo o que se faz tem valor por si mesmo; viver se torna sua própria justificativa. Na sincronização harmoniosa das energias física e psíquica, a vida por fim se realiza (Csikszentmihalyi, 2022, p. 42).

A melhora da qualidade das experiências em determinadas atividades proporciona abertura para tarefas mais difíceis, como um *hobby* ou um interesse novo. Por meio deste movimento conquistamos a habilidade primordial, a habilidade mais importante de todas: a capacidade de transformarmos qualquer atividade em uma situação de *flow*. A partir de então teremos maiores condições de enfrentar os desafios e de ir na direção da reação em cadeia autossustentável da criatividade. Este processo nos possibilita a aprendizagem de novos padrões de atenção, de novos pensamentos e novos sentimentos, mudando nossa personalidade (Csikszentmihalyi, 2024).

As pessoas costumam relatar experiências de *flow* quando estão realizando atividades de sua preferência e também o lazer ativo. Seus requisitos estão presentes em atividades de

expressão artística e em *hobbies*. O tempo livre em que não haja nada que capture a atenção causa o oposto ao *flow*, a entropia psíquica, que faz com que a pessoa sinta-se letárgica e apática. Pessoas criativas não dissociam trabalho e lazer. “Elas recorrem ao que há de melhor no conhecimento do passado e do presente para descobrir a melhor forma de ser no futuro”. (Csikszentmihaly, 2022, p. 99)

Atividades de *flow* nos levam a controlar a atenção, o que representa controlar a experiência, a quantidade de estresse que nos afeta e, por consequência, a qualidade de vida (Csikszentmihalyi, 2022). Como podemos ver, as discussões de Csikszentmihaly (2022; 2023) inserem-se na proposta da Escrivência Artesanal e Alquímic.

5.5 Artesanato e Saúde Mental: integrando corpo e alma

Azevedo (2020, p. 181) realizou uma prática terapêutica com seis mulheres negras residentes em uma comunidade periférica durante onze meses. Foram utilizadas a escrita criativa, mitologia, artes plásticas, fios, tecidos, agulhas, artesanato, entre outras técnicas. As dores raciais nem sempre evidenciam-se, a vergonha da falar sobre elas pode fazer com que estejam presentes em outras queixas de forma camuflada. Portanto, “[...] lentamente, no processo de realização das atividades, as imagens produzidas deixam brotar novas histórias de ressentimento, dor, vergonha e muita raiva, aparecendo, assim, o malefício das ações racistas por elas recebidas”. Ao final da atividade foi percebido que as mulheres conseguiram se apropriar de suas angústias, desenvolver o autoconhecimento e a tranquilidade interior. “Assim, lembramos que a Arteterapia Afrocentrada é um caminho para a busca do autoconhecimento no processo do fortalecimento de identidades negras” (p. 183),

Franco (2021) analisou de que forma intervenções em Arteterapia Afrocentrada podem auxiliar crianças quilombolas no enfrentamento dos traumas emocionais causados pelo racismo e o preconceito, na sua identificação com a ancestralidade africana e nos processos de resiliência. Suas conclusões apontam que a Arteterapia, além de ser uma importante ferramenta de cura e fortalecimento, também promove a inclusão social dessas crianças. O processo arteterapêutico promove um aumento de consciência dos sujeitos, auxiliando-o a compreender seus afetos e a buscar meios de vive-los de forma saudável. A Arteterapia Afrocentrada promove a valorização da cultura negra, auxiliando as crianças a conhecerem a sua verdadeira história.

Keyes *et al* (2024) realizaram uma pesquisa com 7.182 participantes na Inglaterra que apontou que o engajamento na criação de artes e artesanato previu de forma significativa o

aumento da satisfação com a vida, da sensação de que a vida vale à pena e da felicidade. Os autores concluíram que o envolvimento com artes e artesanato é uma ferramenta muito útil para melhorar o bem-estar e para combater a solidão.

Stuckey e Nobel (2010) destacam que a expressão criativa é uma área importante de investigação em saúde pública, considerando-se a sua ubiquidade, relativa facilidade de engajamento e extensão em que os seus efeitos psicológicos e fisiológicos melhoram os índices de saúde de forma sustentável. Suas conclusões evidenciam que há indícios relevantes de que o engajamento artístico tem efeitos significativamente positivos na saúde; tem potencial para reduzir a ansiedade, o estresse e os distúrbios de humor e de contribuir para aspectos das condições fisiológicas e psicológicas normalmente relacionadas à melhoria do estado de saúde. A criatividade e a imaginação nos permitem encontrar nossa identidade e nosso manancial de cura, portanto, quanto mais pudermos conhecer a dinâmica que se estabelece entre expressão criativa e cura, mais teremos condições de descobrir o poder curativo das artes.

Bolwerk et al (2014, não paginado) destacam que a arte visual representa um poderoso recurso para o bem estar físico e psicológico, contudo, há pouco conhecimento sobre os seus efeitos neurais. Neste sentido, realizaram um estudo com adultos aposentados divididos em dois grupos: de produção de arte visual e de avaliação cognitiva da arte. O grupo voltado para a produção de artes visuais demonstrou maior melhora espacial na conectividade funcional cerebral do que o grupo de avaliação de arte cognitiva. Outro achado muito importante é a relação percebida entre a conectividade do grupo de produção de artes visuais e a resiliência psicológica e a resistência ao estresse. Concluem que seus achados “[...] são os primeiros a demonstrar os efeitos neurais da produção de artes visuais na resiliência psicológica na idade adulta” Bolwerk et al, 2014, não paginado).

Nossos resultados revelaram que a produção de arte visual leva a uma interação melhorada, particularmente entre as regiões cerebrais frontal, posterior e temporal, e, portanto, pode se tornar uma importante ferramenta de prevenção no gerenciamento da carga de doenças crônicas em adultos mais velhos (Bolwerk et al, 2014, não paginado)

Silva (2015) analisou histórias de vidas de mulheres artesãs e suas produções em um espaço de produção artesanal procurando compreender o processo de construção de sentidos do trabalho feminino e sua relação com a categorização de gênero. A autora percebeu que as narrativas sobre a aprendizagem artesanal auxiliam no desvelamento das trajetórias de vida das mulheres que participaram do estudo. A aprendizagem do artesanato aconteceu

majoritariamente na infância, no espaço doméstico, tendo como referências figuras femininas, principalmente mães, tias, avós, irmãs. Essas histórias de vida dão visibilidade a trabalhos femininos, nos quais o artesanato destaca-se e evidenciam que as participantes do seu estudo procuram visibilidade e valorização social de seus trabalhos artesanais.

Dessa forma, as ressignificações da artesanaria apontaram um novo olhar sobre o material que elas utilizam e sobre a forma como produzem, dando novos significados. Perceberam que a artesanaria pode ser Arte, não necessariamente “algo utilitário”, com uma “receita” para compor, mas permite experienciar, perceber os materiais, senti-los, transformá-los... E entenderem que o processo de sua interação com os objetos e seu mundo, assim como com as pessoas à sua volta, pode ser tramado. Trabalhar com esses conhecimentos a partir de uma trama lhes permitiu perceber que arte é isso, ela está no cotidiano, nos gostos, nas experiências estéticas da vida que se derrama nas linhas e nos fios que transbordam em suas mãos (Silva, 2015, p. 258).

De Marchi e Rossetti (2021) realizaram uma pesquisa na perspectiva da resiliência com 408 participantes com idade acima de 18 anos que haviam praticado atividades manuais com fios durante a pandemia de Covid-19. Deste total, 97,5% eram do sexo feminino e 94,1% já realizavam manualidades antes do período pandêmico. O crochê e o tricô foram as atividades manuais que mais se destacaram. A maioria das pessoas que participaram da pesquisa (94,4%) afirmaram acreditar que a prática das atividades manuais influencia sua saúde, com desetaque para a saúde mental. Evidenciou-se a ação dos trabalhos manuais nos seguintes aspectos: manejo de ansiedade/estresse, tranquilidade, relaxamento, bem-estar, saúde mental, evitação de pensamentos ou sentimentos negativos, passatempo, autovalorização, prazer, terapia. Com menor expressividade também apareceram: conexão com outras pessoas, melhora do humor, reconhecimento do trabalho, forma de expressão, conexão consigo mesmo, exercício da perseverança, elaboração de luto, manejo de perfeccionismo, diminuição da solidão e motivação (De Marchi; Rossetti, 2021).

As autoras (De Marchi; Rossetti, 2021) salientam que os dados relativos à elevada incidência da categoria manejo da ansiedade/estresse chama a atenção e comprovam o potencial das manufaturas com fios no enfrentamento do estresse durante a pandemia.

O cuidado e o controle dos sintomas associados à ansiedade e ao estresse evidenciam, por consequência, as categorias seguintes – tranquilidade, relaxamento, bem-estar, saúde mental, evitação de pensamentos ou sentimentos negativos, autovalorização, prazer, terapia e desenvolvimento de paciência. (De Marchi; Rossetti, 2021, p. 42).

O estudo apontou aumento da atenção, estímulo à criatividade, meditação, organização de pensamentos, exercício cognitivo, ativação da memória, ativação em projeto. As autoras

pontuam que os dados da sua pesquisa evidenciam que a prática regular de atividades manuais com fios exerce influência positiva na saúde mental, principalmente no que se refere à afetividade (De Marchi; Rossetti, 2021).

As manualidades com fios, apesar de compreendidas como atividades simples e predominantemente femininas, apresentaram-se complexas e diretamente relacionadas a aspectos de saúde mental. Desse modo, a ocupação das mãos, na atualidade, pode ser resignificada, deixando de ser instrumento de aprisionamento, como no passado, e tornando-se promotora de saúde, tanto a mulheres quanto a homens (De Marchi; Rossetti, 2021, p. 44).

Benites (2019) realizou uma pesquisa com artesãos e encontrou quatro valores relacionados ao trabalho artífice: reconhecimento, autonomia, uma comunidade de aprendizagem entre os artesãos que contempla o livre-arbítrio do artífice e um processo contínuo e gradativo de aprendizagem até que ele alcance os níveis mais elevados.

Lemes e Pereira (2020) investigaram o saber-fazer referente ao ofício do crochê em um grupo de mulheres no sul de Minas Gerais, entrelaçando tradição, arte, moda e artesanato. O sentido do artesanato foi amplificado, contemplando-se suas dimensões antropológicas, econômicas, sociais e culturais pela perspectiva do patrimônio. Buscou-se compreender de que forma o saber-fazer tradicional valoriza o grupo de crocheteiras e afirma e reconhece a construção de identidades individuais e coletivas, possibilitando o seu desenvolvimento econômico, cultural e social. Quando o artífice é valorizado, a sua produção e suas implicações positivas no desenvolvimento da economia local também o são.

Essas artesãs herdaram o saber-fazer do ofício do crochê de gerações anteriores e repassam a tradição às novas gerações. O trabalho manual está historicamente associado às mulheres e ao ambiente doméstico. Configura-se como uma fonte de independência financeira e de empoderamento feminino no âmbito da sociedade patriarcal, fazendo com que as artesãs sintam-se reconhecidas e valorizadas (Lemes; Pereira, 2020).

Portanto, ao legar o crochê e outras formas de artesanato feminino às próximas gerações, as mulheres lhes entregam também um universo vasto de possibilidades que lhes proporcionam saúde mental, autonomia, autoestima, determinação, entre muitos outros benefícios. E aqui trago novamente as florzinhas de crochê que aprendi a confeccionar aos oito anos de idade com a minha irmã mais velha. Ocorre que com o passar do tempo esqueci a sua receita e como eu estava inquieta porque sentia uma necessidade de confeccioná-la, solicitei à minha irmã que me ensinasse novamente. Desde então essa florzinha passou a fazer parte do meu cotidiano (Fotografia 15), pois aos poucos fui percebendo seu potencial

terapêutico. Elas foram determinantes na etapa final da tese, acalmando minha ansiedade e reorganizando meus pensamentos. Utilizei diferentes materiais na sua confecção, inclusive linhas guardadas há mais de 20 anos e que ganharam nova vida.

Fotografia 15 – Florzinhas mágicas de crochê



Fonte: elaboração própria. Arquivo Pessoal.
Observação: Flores de crochê em cores diversas.

5.6 Escrevivências: tessituras e entrelaçamentos

Tive contato com a obra de Conceição Evaristo em 2017, no mesmo ano assisti uma fala sua na Universidade Federal de Santa Catarina e consegui tirar uma foto ao seu lado. Minha primeira leitura foi o livro *Olhos d'Água*, fiquei muito impactada, principalmente com o conto *Maria*, que passei a utilizar em minhas aulas e em outras atividades no campus, assim como no meu Estágio de Docência I na disciplina Psicologia do Racismo, na UFRRJ.

Naquela época, no entanto, eu ainda não escrevia na perspectiva da Escrevivência, contudo, hoje consigo perceber que desde a minha entrada na UFMS eu tinha o que talvez possa chamar de uma “*práxis* escrevivente”, na qual minha história, minha experiência como artesã, minhas produções acadêmicas e minha prática docente estavam imbricadas. Minha subjetividade pautava minhas ações e havia, portanto, uma Escrevivência latente, não enunciada, mas ainda assim presente e atuante. Contudo, a minha produção científica ainda estava presa aos moldes do cientificismo, o que me invisibilizava na minha escrita.

Essa práxis também foi marcada por uma ação crítica nas temáticas de raça, classe, direitos das mulheres e meninas, gênero e diversidade, inclusive com a fundação do Coletivo Feminista Classista Heleieth Saffioti - o primeiro coletivo feminista do Campus do Pantanal -, com a criação de uma disciplina optativa sobre gênero e sexualidade no curso de Psicologia e com a realização de muitos eventos acadêmicos direcionados a tais temáticas. Outro aspecto marcante são os convites para fazer palestras em escolas, em diferentes instituições, como CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) e projetos sociais, o que continuou acontecendo no período do Doutorado. Há sempre um entrelaçamento entre a minha história e uma prática voltada para a emancipação e ampliação de consciência, especialmente de meninas e mulheres.

Um aspecto que considero muito importante é o fato de que muitas acadêmicas relataram ter escolhido seus temas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir de discussões feitas em sala de aula ou por conta de sua participação no coletivo feminista. Tal fato resultou em convites para orientação e participação em muitas bancas.

O retorno que eu recebia constantemente evidenciou que esta práxis possibilitou aumento da consciência negra, do letramento e da emancipação racial e feminino em muitas pessoas, principalmente na comunidade acadêmica. Havia, portanto, uma intersubjetividade que criava um campo de ação que se retroalimentava e me impelia a ser cada vez mais tenaz e determinada nas minhas lutas, ao mesmo tempo em que ia me constituindo, me tecendo, como professora universitária.

Neste sentido, afirma Conceição Evaristo: “A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições” (Evaristo, 2020a, p. 36). Portanto,

[...] a Escrivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrivência já demande outra leitura. Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020a, p. 38).

Há um detalhe importante a ser considerado: antes de incorporar a Escrivência como a minha metodologia de pesquisa eu me sentia um pouco insegura ao falar das minhas vivências, como se estivesse transgredindo os ritos acadêmicos. Isso mudou drasticamente ao longo do Doutorado, o que foi fruto de um longo processo no qual várias camadas de véus tiveram que ser retiradas e algumas barreiras quebradas; até que consegui me colocar por

inteira na minha escrita e na minha fala e isso foi extremamente libertador. Como nos diz Audre Lorde (Lorde, 2020, p. 91): “Se eu não trouxer tudo o que sou ao que estou escrevendo, então não trago nada, ou nada de valor duradouro, pois omiti minha essência”. E assim me apresentei, mostrando a minha essência, o que causou admiração e também muitas críticas.

A minha primeira aproximação com um método que possibilitasse tal perspectiva foi com a ego-história¹⁰, que me trouxe um novo paradigma a respeito da presença da pessoa que escreve em seu texto. Conceição Evaristo (Evaristo, 2020a) nos esclarece que em *Orí* a historiadora Beatriz Nascimento fez um tipo de ego-história na qual há um amálgama entre a sua história e a história da coletividade.

Meu primeiro movimento neste sentido foi a redação do texto da apresentação da primeira proposta de tese. Foi um exercício denso e muito complicado. O texto reunia aspectos importantes da minha história de vida e também da minha trajetória no Doutorado com o detalhamento das mudanças de rota que foram realizadas até aquele momento. Meu objetivo era apresentar ao leitor o pano de fundo da minha tese, ou seja, os motivos pelos quais eu estava realizando minha pesquisa, as forças que me encaminharam até ela. Porém o texto ficou extenso demais e foi necessário fazer uma síntese com os eventos mais importantes.

Na primeira versão da proposta de tese, de julho de 2021, o universo do ateliê já estava presente, mas somente na perspectiva do bordado. A sua elaboração foi um importante exercício que me auxiliou a relacionar a minha pesquisa e a minha tese a uma perspectiva artesanal. No entanto, aos poucos foram acontecendo mudanças significativas na minha tese e foi necessário reorganizar a proposta de tese. A mudança mais impactante foi a minha aproximação com as Filosofias Africanas.

Um ponto determinante para a concepção da Escrivivência Artesanal e Alquímica foi o meu encontro com a Filosofia Kemética e a ideia do *recket*. Meri-ka-rá (20024, p. 283-284 *apud* Noguera, 2013, p. 146) destaca que para Ptah-Hotep, o *rekhet* possui um caráter inconcluso que lhe caracteriza como um artesanato do pensamento, no qual tanto a arte quanto o artista estão em um processo contínuo de evolução. Há uma confluência com tais aspectos nos *Ensinamentos* de Meri-ka-Ká que orienta: “Sê um artesão da palavra e vencerás, (pois) a língua é a espada [de um rei]: as palavras têm mais força que qualquer combate, o de coração

¹⁰ No livro *Ensaio de Ego-História*, Nora (1987, p. 09) nos esclarece que a partir do final do século XIX a tradição científica foi conduzindo os historiadores a apagarem-se diante de seus trabalhos, a dissimularem sua personalidade, produzindo uma impessoalidade que permite uma expressão somente por intermédio de outros, “[...] permitindo-se fazer, na dedicatória da tese, no prefácio do ensaio, uma confidência furtiva.”. Contudo, a perspectiva da ego-história propõe resgatar o elo existente a história e o historiador, entre a história que foi feita e a história que o fez.

destro não é vencido””. Muitas coisas aconteceram a partir do meu contato com este conteúdo: relacionei o processo do artesanato do pensamento com a alquimia, compreendi que eu queria trabalhar com os aspectos literais, simbólicos e filosóficos do artesanato.

Foi então que compreendi que esta tese resulta de um processo criativo e consegui estabelecer uma relação entre o que eu estava produzindo, a arte, o artesanato e os processos alquímicos que suscitam. Depois disso comecei a escrever um texto sobre aspectos referentes ao artesanato, à costura e ao bordado. Esta foi a minha primeira tentativa de inserir o ateliê no corpo da tese. Até então eu iria utilizar a sua linguagem e fazer analogias.

Mais à frente decidi inserir a minha trajetória no Doutorado em um dos capítulos da proposta de tese, procurando relacioná-la com o texto e com o detalhamento de atividades no meu ateliê. Com este movimento eu procurava partir de técnicas, situações e habilidades concretas para o nível simbólico. Hoje compreendo que esses exercícios foram fundamentais para que eu conseguisse perceber que minha vida e minha pesquisa estavam imbricadas, uma era o tecido e a outra o bordado no qual desenvolvia-se o meu processo de individuação. Houve então um entrelaçamento entre esta perspectiva e o processo de individuação, o que evidenciou-se tanto na condução da minha pesquisa quanto na minha própria subjetividade, evidenciando-se a alquimia envolvida nesta tessitura, neste artesanato do viver.

A partir de então consegui vislumbrar dois aspectos distintos, mas convergentes, na metodologia que estava se desenhando: a Alquimia do Ateliê, que refere-se à forma como, ao criarmos, estabelece-se uma relação dialética em que afetamos e somos afetados pela nossa obra; e a Filosofia do Ateliê, que compreende que há uma sabedoria que orbita no universo do artesanato e da arte que nos auxilia em outros âmbitos de nossas vidas. Ambas promovem o nosso autoconhecimento, o processo de individuação e, conseqüentemente, o nosso desenvolvimento; e estão diretamente relacionadas com a resiliência, a criatividade, a imaginação e a intuição.

Na perspectiva da arteterapia de base junguiana, Duarte (2011) estabelece relação entre a resiliência e a intuição, ponderando que a questão essencial na sua combinação é que a intuição promove a resiliência ao auxiliar a pessoa na busca de soluções por meio da curiosidade pelo novo, passando a almejar algo que considerava impossível, fazendo com que sintam-se capazes de superar as adversidades. Evaristo (2020a) explica que em seu processo criativo há a presença significativa da observação e da intuição. Seus textos podem ser compostos a partir de uma cena, um momento, uma escuta.

Os trabalhos manuais nos dão liberdade para criarmos, modificarmos, e nos proporcionam o desenvolvimento de habilidades que nos permitem contornar problemas na

sua execução e que passam a constituir a nossa subjetividade. Diferente da vida, um ponto mal feito no bordado pode ser rapidamente reparado, uma pincelada fora do lugar ou da cor pode ser removida, um ponto errado no crochê ou no tricô pode ser desmanchado e refeito. Quanto mais nos instrumentalizamos para lidar com o erro ou com os imprevistos, maior a nossa confiança, a nossa determinação tanto no artesanato como na vida.

Mesmo tendo esta compreensão, até esse momento ainda não havia uma metodologia própria anunciada, mas a *Escrevivência Artesanal e Alquímica* já estava costurada à minha pesquisa, ainda que com pontos de alinhavo com linha invisível. O movimento da sua concepção e estruturação foi longo e envolveu uma série de etapas. Exigiu também um reencontro com a minha história, com o meu passado, o que trouxe algumas memórias muito lindas e preciosas, mas também outras dolorosas e muito difíceis de contornar.

As palavras de Machado (2020, não paginado) fizeram com que eu me sentisse autorizada a inserir o referido capítulo na minha proposta de tese:

Os saberes ancestrais femininos propõem que nos autorizemos a contar nossas histórias, a construí-las, reconstruí-las, contar sobre nossos valores, nossos saberes, nossas lógicas de pertencimento, de sociedade, de partilha, contar sobre nós mesmas, desde nossas *escrevivências*. Filosofar anunciando, resistindo, re-existindo, em um desafio cotidiano de descolonização, desconstruções, transformações e encantamento! Aprender a ouvir / sentir / conhecer / filosofar de corpo inteiro, desde o chão que pisamos e que nos fortalece, é enraizar-se. O enraizamento é um movimento de expansão, fixação, movimento e profundidade, absorção da água para manter a energia vital... não há vida sem a água. O feminino é o útero, a cabaça, a água que permite a existência.

Na banca de Qualificação de Tese, houve a sugestão para que eu estruturasse uma metodologia alinhada com a *Escrevivência de Conceição* Evaristo, e que tivesse relação com a perspectiva do meu ateliê. Depois da banca tive uma série de problemas de saúde (físicos e psicológicos) e busquei a minha cura na minha casa, principalmente no meu ateliê. Organizei tudo, revi a minha vida em cartinhas das minhas crianças, cadernos e atividades da época da graduação e do Mestrado, aviamentos antigos, retalhos de pano e de vida. Aos poucos fui sentindo uma necessidade absurda de produzir no ateliê. Eu já conhecia aquela força muito bem e não tentei resistir. Aceitei que precisava me cuidar, me recuperar. Eu precisava encontrar o meu centro, o meu equilíbrio e quem os trouxe até mim foram as bonecas de pano. A cada “parto” uma imensa alegria! Desta forma pude vivenciar a cura trazida pelo ateliê e também aprofundar minhas ideias sobre a *Escrevivência Artesanal e Alquímica* e sobre a estruturação final da tese, além de fazer lindas bonecas para a minha netinha.

Foi neste contexto que fiz uma boneca que me representa como costureira (Fotografia 16), a primeira peça confeccionada para esta tese a partir da *Escrevivência Artesanal* e

Alquímica e a primeira a ser costurada em uma máquina que ganhei do meu amor. Foi ele que sugeriu que eu fizesse uma boneca minha como costureira. Eu adorei a ideia, mas na minha cabeça começou a surgir a minha imagem de criança, da época em que comecei a ajudar a minha mãe nas costuras. A maquininha que está em seu colo é uma réplica estilizada da máquina que ganhei do meu amor. Minha netinha amou muito essa boneca, a “Vovó Cláudia”; brinca com ela e com a maquininha, mas nunca pediu para levar para casa. Ela entendeu que o seu lugar é no meu ateliê e raramente a retira dele. Na foto a boneca está sentada em cima de um pano de prato cujo bico de crochê fiz na mesma época (aos dez anos de idade).

Fotografia 16 – Boneca Costureirinha



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: boneca de pano com vestido bordado à máquina. Segura em suas mãos uma maquininha de costura.

Como mulher negra mestiça e de pele clara, logo, parda, sempre me senti totalmente acolhida pela Escrivivência e por Conceição Evaristo, portanto, a Escrivivência Artesanal e Alquímica evidencia também esta característica da brasilidade: a mestiçagem. Em um contexto em que ela é utilizada para roubar a identidade racial de muitas pessoas, acredito ser

importante fazermos o movimento contrário e reafirmarmos que a categoria “negro” refere-se a pretos e pardos. É direito das pessoas mestiças terem acesso ao legado africano, pois também são suas herdeiras. Segundo Lorde (2020, p. 34) “A diferença não reconhecida rouba de nós o *insight* criativo e a energia e cria uma falsa hierarquia”. Devemos, pois, optar por definir nossa diferença, reivindicá-la e usá-la criativamente, antes que sejam definidas por outras pessoas, que podem utilizá-las para erradicar possibilidades futuras e mudanças.

Minha alma artesã, costureira, bordadeira, carrega os princípios da Alquimia do Ateliê e da Filosofia do Ateliê, desde muito antes de eu saber o que é alquimia e filosofia. Ela está conectada ao legado ancestral feminino dos trabalhos manuais no ambiente doméstico. Portanto, a Escrivivência Artesanal e Alquímica constitui a retomada deste legado, que possibilita a criação de arte e também de nós mesmas, de novas realidades e de novas possibilidades de vida. Propõe, também, em contraponto ao dogma da neutralidade científica, inserirmos nossas histórias de vida às pesquisas realizadas, humanizando-as e evidenciando a vida que pulsa e direciona a produção acadêmica. Tal perspectiva está alinhada com o que nos diz Rosane Borges: “[...] o termo escrevivência disponibiliza um trançado de códigos (escrita, fala, gestualidade) que performa sentido e constrói horizontes discursivos com os quais nos afirmamos enquanto sujeitas da nossa história e da história do mundo [...]” (Borges, 2020, p. 190).

Soares (2017, p. 206) discute a possibilidade do uso da Escrivivência como método de investigação, de produção de conhecimento nas Ciências Sociais, em especial na Psicologia Social, destacando seu potencial para provocar o incômodo que abrirá espaço para mudanças necessárias na produção científica hegemônica. A Escrivivência representa uma posicionalidade implicada, ao utilizar as narrativas referentes à experiência coletiva das mulheres. Apresenta também um caráter subversivo na produção científica, pois lhe insere um caráter eminentemente artístico, entoando vozes de mulheres subalternas que narram sua existência. Diante dos retrocessos no acesso aos direitos fundamentais, as escrevivências apresentam-se como uma metodologia e uma ética de pesquisa na qual a escrita é compreendida como uma forma de resistência.

Fernanda Felizberto explica que na sua prática docente no Ensino Superior tem percebido que a compreensão da Escrivivência no âmbito dos estudos biográficos tem se mostrado como um caminho teórico com grande acolhimento entre as estudantes. “Poder ter liberdade para escrever, propor teorias como cura, como bálsamo, tem sido o caminho escrevido por Conceição Evaristo e por outras intelectuais [...]” (Felizberto, 2020, p. 173-174).

A autora (Felizberto, 2020, p. 179) destaca que ao fazer suas análises procurou estabelecer um exercício que está relacionado diretamente às formas de escritas contemporâneas que estão reverberando no espaço acadêmico, uma vez que estamos presenciando uma ebulição de experimentos escritos que apontam para uma nova forma de produção científica. “Conceição Evaristo incomoda o sonho dos justos ao fazer um chamamento para outras narrativas negras, mas ela também tem provocado outras escrevivências e, conseqüentemente, outras páginas da academia brasileira”.

Borges (2020) analisa a Escrevivência como um princípio teórico-metodológico para a produção, o armazenamento e a circulação de narrativas. Nesta perspectiva, afirma que ela pode suportar um modelo de escrita que fala sobre histórias silenciadas, negadas e vilipendiadas e que pode ser compreendida como “[...] um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história” (Borges, 2020, p. 189).

Na minha caminhada pela estruturação da Escrevivência Artesanal e Alquímica, foi determinante o conceito de bioepistemologia, cunhado pelo professor Bas’Ilele Malomalo em 2010

[...] para traduzir algumas coisas que acontecem e devem acontecer dentro e no processo de produção do conhecimento. A palavra nos remete aos princípios de elaboração do conhecimento a partir da vida, pela vida e para a vida. Tratam-se de princípios epistemológicos, estéticos, éticos e políticos que servem para a validação de qualquer saber que se quer autêntico (Malomalo, 2022, p. 45).

Ao explicar a sua Filosofia do *Ntu*, Malomalo (2022) destaca:

Gostaria de chamar a sua atenção sobre a metodologia do meu trabalho que denomino de **bioepistemologia** e sobre a diversidade material, que elejo nas **bibliotecas africanas do continente e da diáspora**, para filosofar. Praticar a Filosofia do *Ntu* significa levar a sério esses princípios: toda produção do conhecimento e dos saberes que se pretendem kamitas, pretoreferenciados, devem partir (1) da vida, (2) mediante a vida e (3) para a vida. (Malomalo, 2022, p. 17).

No texto *Bioepistemologia do Ntu: meu(s) diálogo(s) com Dagoberto José Fonseca*, Malomalo (2022, p. 45) explica que suas reflexões não referem-se somente à exploração de duas biografias de homens negros, “[...] mas, sim, de uma micro-história ligada à macro-história. Ou seja, tratam-se de duas histórias individuais ligadas à macroestrutura social. Portanto, nossas vidas trazem nossas histórias, memórias individuais e coletivas”. Ao concluir suas análises, destaca que “[...] podemos afirmar que os corpos de negros/as na

diáspora, ou em qualquer outro lugar do mundo, podem se constituir em fontes para a realização de pesquisa” (p. 72).

Minha alma artesã foi crucial na minha jornada no Doutorado e na dinâmica de mudanças constantes que aconteceram em todas as suas etapas. Cada inquietação era acompanhada por uma onda de medo, insegurança, mas também de motivação e esperança. Malomalo (2022, p. 14) afirma que: “O título dado a este livro *Filosofia do Ntu*, veio depois de vários diálogos realizados com outras pessoas, com a ancestralidade e comigo mesmo”. Identifico-me com suas palavras, pois foi exatamente assim que vivenciei o processo de elaboração da tese e da Escrivivência Artesanal e Alquímica. May (1982, p. 112) nos diz que

O processo é comum na arte. A tinta e a tela são coisas objetivas que têm influência poderosa e existencial na evocação das idéias e visões do artista. Na verdade, o artista relaciona-se dialeticamente, não apenas com a tinta e a tela, mas com as formas que vê na natureza.

Este processo constante de transformação foi registrado nos meus cadernos. A escrita sempre esteve presente na minha vida, seja nas últimas folhas dos meus cadernos na escola, em cartas ou nos meus diários. Havia um efeito terapêutico nesse exercício, era uma forma de gritar por meio das letras. Durante a elaboração do pré-projeto para o processo seletivo do Doutorado aconteceu um movimento natural que unificou a minha escrita. Eu tinha um caderno para as anotações dos meus estudos e o outro para registrar as minhas vivências.

De repente, diante de inquietações surgidas no processo de escrita do pré-projeto senti uma necessidade imensa de escrever sobre o que eu estava sentindo. Essa dinâmica foi se estabelecendo aos poucos e quando percebi não era mais possível separar a minha escrita, pois havia acontecido uma fusão entre os dois cadernos; ela havia se transformado em uma síntese entre a minha pesquisa, o meu processo de individuação e a minha vida.

Revistei todos os cadernos na etapa final da minha pesquisa, recuperando pontos importantes. Foi uma viagem no tempo, me encontrei com diferentes versões de mim mesma e pude acolher dores, sofrimentos e também vibrar com descobertas, conquistas, avanços e vivências. Concordo com Lorde (2020, p. 68) quando afirma: “Sinto que tenho o dever de falar a verdade como a vejo e compartilhar não apenas minhas vitórias, só as coisas que foram boas, mas a dor, uma dor intensa, às vezes irremediável”. Sim, há muita dor nas linhas dos meus cadernos, assim como há nas linhas da minha vida e nas páginas desta tese, porém, há também muita superação e muita resiliência, e é nisso que foco minha atenção e minha ação.

Portanto, meus cadernos são testemunhas do surgimento da Escrivivência Artesanal e Alquímica. Muitas das anotações que constam neles foram ideias que surgiram enquanto eu estava trabalhando em algum projeto no ateliê ou mesmo enquanto cuidava da casa. Este processo acentuou-se depois da banca de Qualificação. Ficou tão intenso e frequente que tive que adotar uma dinâmica de registro no caderno ou por áudio, com posterior digitação. Aos poucos desenvolvi uma forma de sistematização de modo a não só registrar, mas também organizar as minhas ideias. Vejo essa dinâmica como uma prática artesanal na qual eu fiava e tecia a tese. Portanto, a Escrivivência Artesanal e Alquímica conecta-se com o que Sennet (2009) chama de habilidade artesanal, ou seja, a execução de um trabalho bem feito por si mesmo, à perícia artesanal. Também vejo relação entre os meus registros nos cadernos e os arquivos que Mills (2017) nos orienta a fazer no artesanato intelectual.

No artesanato, plano e execução estão unificados, e em ambos o artesão é mestre da atividade e de si mesmo no processo (Mills, 2017, p. 73). Ao longo deste tempo me vi em diferentes labirintos: da dúvida, do medo, da indecisão, da insegurança, mas encontrei a saída de todos eles. As constantes transformações da pesquisa e as angústias causadas pelo estudo de temas tão sensíveis me afetaram diversas vezes, contudo, nunca cheguei ao extremo de paralisar. Além da produção no meu ateliê a arte também foi determinante neste processo. Músicas, filmes, documentários, vídeos e livros sempre fizeram parte da minha vida, o que foi potencializado no Doutorado, alimentando minha alma e me auxiliando a voltar ao meu centro em momentos difíceis. Aos poucos conseguia me acalmar, organizar os meus pensamentos e buscar soluções.

Isto evidencia uma questão importante, a consideração do lugar da dialética na Escrivivência Artesanal e Alquímica, e comprova que ela contempla a busca por sínteses dialéticas que nos auxiliem a avançar na compreensão da realidade, que nos possibilitem o avanço, o movimento, a transformação, que a relaciona diretamente com o conceito de função transcendente, de Jung.

A Escrivivência é um mecanismo potente na união dos retalhos da existência negra, o que inclui aspectos subjetivos e objetivos, como a união de pretos e pardos, mulheres e homens. Com a Escrivivência Artesanal e Alquímica sigo os passos da mestra Conceição Evaristo, inserindo elementos que acredito serem determinantes para a regeneração da população negra em diáspora. A Escrivivência Artesanal e Alquímica é sua herdeira direta nestes aspectos e propõe também uma conexão com a Afrocentricidade e com a contra colonização, no âmbito do Renascimento Africano. Além disso, tem em suas raízes a

Psicologia Complexa de Carl Gustav Jung, que nos possibilita o reencontro com a alma, despertando nossa imaginação e nossa criatividade e nos conectando com nossa intuição.

Conceição Evaristo afirma: “Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência” (Evaristo, 2020a, p. 31). Em suas palavras encontro amparo para inserir a produção artesanal na perspectiva da Escrevivência Artesanal e Alquímica, que assim como a Escrevivência também carrega a ancestralidade africana e a marca da brasilidade. Ela refere-se à produção artesanal como fonte de saúde mental, de autoconhecimento, de realização pessoal, de promoção de resiliência. Também contempla a conexão a ancestralidade e a espiritualidade, o autocuidado e a ética do cuidado, configurando-se em um ponto importante no processo de individuação. Mas é muito mais do que isso: é possível pensarmos em uma vida pautada na perspectiva artesanal, cuja mola propulsora seja a criatividade e a inteligência artesanal, em contraponto à inteligência artificial.

No contexto da costura e nos trabalhos manuais têxteis há uma imagem que pode nos ajudar a compreender este fenômeno: o entremeio. Feito de renda, de crochê ou tecido, serve para unir partes que foram feitas separadamente e que precisam manter a sua individualidade, mas que, uma vez unidas, formam um todo harmônico, uma só peça, uma totalidade. O entremeio é feito para aparecer, é um recurso muito utilizado na confecção de roupas e peças de enxoval. O elemento que me fez atravessar essa fronteira e transformá-la em espaço fronteiro foi a intuição. No espaço fronteiro, ao contrário da fronteira, os limites são fluidos, possibilitando uma interpenetração entre elementos dos dois lados, cria-se assim, um novo espaço, uma síntese entre os dois lados da fronteira.

Trata-se de uma metodologia que reverencia o poder do feminino, tanto o que existe no homem quanto o que existe na mulher, mas, sobretudo, é voltada às mulheres negras e à sua capacidade de criação, seja de novas realidades e novas possibilidades de existência para si, para seu povo ou para sua descendência ou através da geração de novas vidas em seus ventres.

A Escrevivência nos conecta à nossa ancestralidade e nos instrumentaliza para lutar contra as heranças da escravização, seu foco são as mulheres negras, nas suas vulnerabilidades e principalmente nas suas potências. Desta forma os princípios de Neit, *neter* relacionada à guerra, à tecelagem e à sabedoria (Bernal, 1987 apud Asante, 2024) e Neftis, associada à lua e a leis relacionadas ao inconsciente e à intuição – é considerada a “sombra” de Ísis (Auset), a senhora do templo – (Bacha, 1997) e *Ananse ntontan* (Fotografia 17),

símbolo *Adinkra* que representa a sabedora, a esperteza, a criatividade e a complexidade da vida (Nascimento; Gá, 2022) estão presentes em sua tessitura.

Fotografia 17 – Símbolo Adinkra *Ananse ntontan*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: Brodado livre feito em tecido de algodão cru. Ponto areia e ponto cheio, com contorno em dourado.

Conforme a Escrivivência Artesanal e Alquímica foi sendo gestada teve início um processo no qual imagens começaram a surgir e, de certo modo, exigiram ser materializadas. Afirmo isso porque trata-se de um processo criativo diferente o que vivenciei durante toda a minha experiência como artesã. Os trabalhos artesanais que resultam desta dinâmica surgiam prontos, não havia o processo de elaboração do projeto e grandes mudanças ao longo do processo de elaboração, apenas eventuais pequenas adequações. Meu envolvimento com esta parte prática do Doutorado foi crucial para a manutenção da minha saúde mental neste período tão intenso e de tantas exigências.

Escolhi o símbolo *Adinkra Sesa wo suban* (Fotografia 18) que simboliza a transformação da vida, para representar a Escrivivência Artesanal e Alquímica. Ele é o resultado da combinação de dois símbolos, a estrela da manhã (um novo começo para o dia) e a roda (movimento independente). “Assim o símbolo fala da dialética, na dinâmica da vida,

entre a influência dos fenômenos da natureza e os fabricados ou provocados pelo ser humano – entre o destino e o livre-arbítrio.” (Nascimento; Gá, 2022, p. 49).

Fotografia 18 – Símbolo *Adinkra Sesa wo suban*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto areia com contornos em zigue zague feito no tecido de algodão cru.

As bonecas Abayomis, criadas pela artesã Lena Martins, são o símbolo da criatividade ancestral africana e também um símbolo da Escrivivência Artesanal e Alquímica. A artesã (Martins, 2018) revela que as distorções em torno do nascimento das Abayomis lhe causam desconforto e estranhamento. Assim sendo, escolher as Abayomis como símbolo da minha Escrivivência reflete o meu posicionamento político diante de tal situação e representa uma forma de fazer justiça e de honrar a mestra Lena Martins. A primeira boneca Abayomi que fiz para esta tese foi o bebezinho (Fotografia 19), que me emocionou muito por toda a simbologia que carrega. A segunda foi uma mamãe com um bebezinho no colo (Fotografia 20). Minha netinha ficou encantada pelas duas e pediu para leva-las embora. É claro que a vovó se emocionou e que não conseguiu dizer que não.

Fotografia 19 – Bebê Ancestral



Fonte: elaboração própria a partir da criação da artesã Lena Martins. Arquivo pessoal.
Observação: Bebê Abayomi feito de retalhos, sem costura e sem cola; somente com nós.

Fotografia 20: Mãozinhas acolhedoras



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: Minha netinha segurando a uma boneca Abayomi e seu bebezinho. Ela ficou encantada com as Abayomis.

Vejo na figura de Luiz Gama, abolicionista, advogado, poeta e jornalista, um exemplo do que foi discutido neste capítulo e dos pressupostos da Escrivivência Artesanal e Alquímica. Antes disso, porém, gostaria de explicar algumas coisas. Desde o ano de 2021 tenho me dedicado a estudar a sua história e em uma das versões da proposta de tese ele tinha um lugar central em minhas discussões. Contudo, com a chegada da Filosofia Africana Antiga e as mudanças que isso foi trazendo para a minha pesquisa foi necessário repensar esta questão, não sem muita angústia e tristeza. A despeito de ter que inseri-lo no meu horizonte de pesquisa futuro, continuei assistindo vídeos e comprando livros sobre esse herói do abolicionismo brasileiro. E, de repente, por puro acaso, descobri que Luiz Gama foi sapateiro, e este fato fez com que ele retornasse para a minha tese, mas em uma perspectiva completamente diferente da que foi imaginada inicialmente.

A descoberta foi feita a partir de uma fala de Bruno Rodrigues de Lima, biógrafo de Luiz Gama e organizador das suas Obras Completas, em um documentário alusivo à comemoração dos 195 anos do seu nascimento. O autor nos explica que ao chegar em São Paulo como escravizado depois de ter nascido livre e ter sido vendido pelo próprio pai aos dez

anos de idade na Bahia, Luiz Gama foi acolhido e orientado por Marcelino Pinto do Rego, uma liderança política e religiosa com muito destaque na Irmandade dos Homens Pretos, que tornou-se seu mestre no ofício da sapataria (DOCUMENTÁRIO..., 2025, episódio 1).

No mesmo dia recorri à biografia de Luiz Gama (Lima, 2024) e encontrei mais detalhes sobre a sapataria na sua vida e sua relação com seu mestre. Também encontrei indicação de fontes que me proporcionaram mais informações sobre a questão e a confirmação de seu envolvimento com a sapataria (Gama, 1880; Gama, 2024, Gama 2000). A respeito do período em que esteve escravizado afirma Gama na carta a Lúcio de Mendonça Filho: “Aprendi a copeiro, a sapateiro, a lavar e a engomar roupa e a costurar.” (Gama, 1880, p. 368). Lima (2024) comenta que tais ofícios eram considerados femininos e forneceram a Luiz Gama uma visão singular sobre a violência dos senhores no espaço doméstico, temática por ele desenvolvida anos depois em artigos de opinião na imprensa. Gama (1877) não só confirma que foi sapateiro, como fala o nome do seu mestre e afirma que ainda estava vivo à época.

Como vimos o retorno de Luiz Gama para a minha pesquisa resulta de um fenômeno sincronístico. Um fato curioso é que eu já havia lido a sua biografia (Lima 2024), portanto, já havia tido contato com essa informação, mas por algum motivo ela foi suprimida e voltou no momento mais oportuno, quando eu já estava na finalização da tese e tinha a exata dimensão de como conduzir a sua inserção na minha pesquisa de modo a contribuir com os seus resultados.

Eu já admirava imensamente Luiz Gama por tudo o que ele representa, em especial pela sua fascinante história de superação e de reinvenção de si mesmo, pela sua atuação na luta abolicionista, pela sua trajetória como advogado, pela sua obra como poeta e jornalista, pela sua coragem de confrontar os poderosos em defesa dos oprimidos, pela valorização que fazia de sua raça e pela relação que estabelecia com a África, pela sua criatividade, pela sua coragem e sua erudição, pela sua relação com a sua mãe; descobrir nessa história fascinante a sua perspectiva como artesão foi profundamente impactante para mim.

Poucos dias depois descobri que havia outros episódios do documentário sobre Luiz Gama. No episódio 4 Bruno Rodrigues de Lima explica que quando Luiz Gama entrou para a imprensa atuou, inicialmente, como aprendiz compositor, realizando um processo manual, quase artesanal, para elaborar as colunas dos jornais, a partir disso relaciona sua habilidade às costuras minuciosas que realizava na sapataria (DOCUMENTÁRIO..., 2025, episódio 4).

Suas colocações me deixaram ainda mais interessada na vida de artesão de Luiz Gama e na relação deste fato com a sua trajetória de vida e com a *Escrevivência Artesanal* e

Alquímica. Diante disso entrei em contato com o autor lhe falando sobre a minha percepção e o meu desejo de inserir Luiz Gama na minha tese e que gostaria da sua opinião como pesquisador da sua vida e da sua obra. Nosso diálogo foi extremamente interessante e apontou para questões que relatarei a seguir, com sua autorização.

Bruno Rodrigues de Lima (Lima, 2025) confirmou que minha perspectiva de pensar Luiz Gama como artesão e relacioná-lo à Escrivência Artesanal e Alquímica fazia todo sentido, pois ele capta do ofício manual *insights*, reflexões, experiências e os leva para suas atividades intelectuais. Destacou que o ofício da sapataria foi determinante para que ele se tornasse um advogado melhor e o poeta e líder abolicionista que se tornou. Saber dominar as minúcias de um ofício ancestral tão antigo lhe permitiu construir um repertório mental muito interessante, lhe conferindo mais consistência ao pensamento, ao processo intelectual e mental que desenvolveu na juventude e na vida adulta.

Por indicação de Lima (2025) fiz a leitura da introdução (Lima, 2023) do livro *Crime* (Gama, 2023), das Obras Completas de Luiz Gama, pois nela o autor faz reflexões sobre como sua experiência como policial e como os objetos da polícia lhe permitiram peticionar de forma mais precisa. Afirmou que eu poderia utilizar o mesmo raciocínio em relação à sapataria. Procedi à leitura e constatei mais uma vez o alto grau de criatividade e de inventividade de Luiz Gama. Acompanhando as reflexões de Lima (2023) podemos também acompanhar a construção de uma nova perspectiva investigativa por Gama, na qual utilizou uma linha de raciocínio completamente nova e que permitiu mudar os rumos de uma prisão que considerou arbitrária.

Nos diz o autor (Lima, 2023, p. 23) que “[...] a obra de Luiz Gama, e em particular a sua advocacia criminalista, faz as vezes de agulha, cuja cabeça é atravessada pela espessura de ambas as linhas e que, bem manejada pelo leitor crítico, pontilha o tecido social, dando-lhe novas formas de compreensão histórica”. Portanto,

É bastante provável, então, que a vida militar e policial de Gama tenha dado a ele muitas possibilidades de identificar diferentes tipos de gazuas [chaves] — assim como os diferentes usuários delas. Deve ter vindo de sua experiência investigativa o *insight* para a singularíssima metonímia da gazua como Direito (Lima, 2023, p. 29).

Lima (2023) esclarece que Luiz Gama mudou o curso do processo após a publicação de um livro com teor normativo-pragmático intitulado *O Misterioso Roubo da Alfândega de Santos* e pontua três contribuições que ganharam posteridade. “Primeiro, o percurso

investigativo para se pensar o direito; segundo, as reflexões críticas sobre o erro judiciário; e, terceiro, as formas da escrita de uma literatura policial no século XIX” (p. 55).

Outra questão que me fez aproximar Luiz Gama da perspectiva discutida neste capítulo é que é possível perceber que ele tinha uma visão afrocentrada, muito antes do pensamento da Afrocentricidade ser estabelecido, o que também acontecia em relação ao Renascimento Africano.

Bruno Rodrigues de Lima destaca que Luiz Gama buscou o conhecimento e que neste movimento utilizou literatura clássica, mitologia grega, romana, oriental e africana. Chama a atenção também para o fato de ter utilizado o pseudônimo “Afro”, relacionando, assim, a pertença étnica com questões políticas, republicanas, democráticas e socialistas. Esclarece que Luiz Gama foi o primeiro homem negro a publicar um livro de poesias no Brasil, o que considera um feito extraordinário. Oswaldo Faustino, jornalista e escritor nos fala acerca da erudição de Luiz Gama e acentua que ao utilizar o pseudônimo “Getulino”, referia-se à Getúlia, localizada na África do Norte – embora majoritariamente árabe atualmente, à época era quase que totalmente negra –, portanto, ele se via como um africano do norte da África, afirmando-se também como um autor negro, mesmo sendo mestiço (DOCUMENTÁRIO..., 2025, episódio 4). Podemos somar a tais reflexões o fato de Luiz Gama ter sido maçom, o que certamente o aproximou Kemet, uma vez que a Maçonaria também tem um vínculo com o legado kemético, embora em termos bem diferentes do Renascimento Africano.

Lima (2024) esclarece que Luiz Gama reivindicou negritude e africanidade como pertença e ancestralidade, em um período em que não havia conhecimento de outro autor que tivesse feito o mesmo. Sua orgulhosa afirmação racial assim como a reverência à beleza da mulher negra (sua mãe e sua amada) no poema *Quem sou Eu?* no seu livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, com certeza causou escândalo na sociedade paulistana letrada e branca da época.

Em meu diálogo com Bruno Rodrigues de Lima ele também indicou a leitura do poema *No Álbum do meu Amigo J. A. da Silva Sobral*, presente no livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* (Gama, 2000), pois além de conter a afirmação de sua atuação como sapateiro eu poderia encontrar elementos para relacioná-lo à Escrivência Artesanal e Alquímica. A respeito deste poema Lima (2024) destaca que Luiz Gama faz uma reflexão existencial a respeito do caminho literário de um poeta negro, sem posses e sem privilégios, deixando transparecer aspectos da sua biografia: seu nome, sua negritude, seu ofício de sapateiro.

Na minha leitura, com as lentes da Escrivivência Artesanal e Alquímica, o referido poema (Gama, 2000) evidencia as marcas da escravização na sua vida, sua preocupação com o peso do cativeiro para os negros e sua perda da razão e do tino, ou seja, seu sofrimento mental. Também é possível perceber que a opressão, as injustiças e a desigualdade o afetam profundamente, mesmo assim ele almeja a leveza e a inteireza, o que, acredita, acontecerá quando a liberdade despontar no horizonte, trazendo a igualdade. É um poema que fala de sofrimento, mas que também fala de esperança, de transformação e de possibilidades.

A presença da sapataria, como dado de realidade, e da costura, como metáfora, mostra a importância que tais atividades desempenharam na constituição do seu ser, na forma como reinventou-se, criando uma nova realidade para si, e com isso conseguiu afetar muitas outras pessoas. A história de vida de Luiz Gama evoca o símbolo *Adinkra Nkyimu* (Fotografia 21), que refere-se a divisões cruzadas que são feitas no tecido antes que seja estampado. É um símbolo que representa precisão, habilidade e esperteza e também o símbolo *Owo foro adobe* (Fotografia 22), a cobra que sobe a palmeira ráfia. Simboliza a engenhosidade e a execução de uma façanha extraordinária, como a cobra que sobe a palmeira sem ter mãos (Nascimento; Gá, 2022).

Fotografia 21 – Símbolo *Adinkra Nkyimu*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: borcado emponto cheio e contornos em tecido de algodão cru.

Fotografia 22 – Símbolo Adinkdra *Owo foro adobe*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto cheio e contornos em zigue-zague feito em tecido de algodão cru.

Luiz Gama tinha muitos diferenciais e muitas singularidades, quero destacar uma questão que relaciono diretamente ao ofício da sapataria e à Escrivivência Artesanal e Alquímica. Na costura e no bordado, o avesso é muito importante, seja porque evidencia o capricho da artesã ou porque tem a capacidade de mostrar o caminho para a confecção de uma peça, os seus segredos. Há um chamado no avesso, assim como nos falou Bachelard (1986) acerca dos nós. Mas para ouvir este chamado é preciso ter a curiosidade aguçada, a curiosidade de costureira. É ela que nos faz investigar o avesso, desmanchar a peça e utilizar este aprendizado para produções futuras. Foi isso que Luiz Gama fez com sua vida, com sua história e com tudo o que tocou a sua existência, e foi assim que nos legou uma história de vida e uma obra impressionantes, inspiradoras e que mostram a sua genialidade e sua capacidade de resiliência.

Em 1870 Luiz Gama (Gama, 1870, p. 361), escreveu uma carta ao filho, Benedito Graco Pinto da Gama, com a intenção de lhe deixar orientações, pois temia pela sua vida. A título de encerramento deste capítulo destaco as seguintes palavras: “Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro, o melhor amigo”. Mais à frente diz: “Trabalha e sê perseverante”. Alimentar o intelecto e a alma, trabalhar e desenvolver a

perseverança. Quanta sensatez nessas orientações! Fica evidente a preocupação de Luiz Gama que se caso lhe acontecesse o pior, queria deixar um legado ao filho que o auxiliasse no seu desenvolvimento.

Neste sentido, a Fotografia 23 refere-se a uma boneca Abayomi criança que segura linhas matizadas pintadas por mim com vários tons, do bege ao preto. A linha da esquerda é branca e representa a consciência branca (colonizada). A linha da direita é preta e representa a consciência negra. As duas linhas saem de suas mãozinhas, indicando que ao longo da vida ela estará exposta a ambas as perspectivas. Aqui se evidencia outra questão muito importante: o fato de Luiz Gama ser mestiço não afetou a sua percepção acerca da sua raça. Ele sempre se afirmou negro, sempre teve orgulho da sua origem africana, sempre esteve conectado à sua ancestralidade negra.

Fotografia 23 – Os Matizes da Negritude



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: boneca Abayomi feita sem costura e sem cola.

Assim como Luiz Gama fez ao escrever a carta ao seu filho, temos a responsabilidade de orientar os mais novos em relação à sua consciência racial e ao seu posicionamento frente ao antirracismo e à recuperação do legado africano. Essa questão está representada em outra peça artesanal (Figura 24) na qual a mesma boneca está diante de um mini-quadro pintado pela minha netinha. Fuxicos conectam ainda mais a cena com a ancestralidade negra.

Fotografia 24 – Raízes da Ancestralidade



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: mini-quadro pintado pela minha netinha, Sabrina, Boneca Abayomi feita com nós, e fuxicos de chita.

Essa boneca teve também outra função: ser o mecanismo pelo qual a minha netinha foi apresentada à sua técnica de confecção. Ela ficou encantada de ver nós irem se transformando aos poucos em pezinhos, mãozinhas, em uma boneca que simboliza a nossa ancestralidade africana.

CAPÍTULO V

O DESABROCHAR DA FLOR DE LÓTUS AZUL: MAAT E O RENASCIMENTO AFICANO NO BRASIL

6 CAPÍTULO V: O Desabrochar da Flor de Lótus Azul: Maat e o Renascimento Africano no Brasil

RESUMO

Ainda somos afetados pelas heranças e pelo trauma da escravização. Os complexos culturais oferecem mecanismos para o enfrentamento da *maafa* e, para tanto, eles precisam ser desafiados, confrontados. O mesmo deve acontecer com o trauma cultural da escravização, o que possibilita a experiência do mito do curador ferido. Mulheres de ascendência africana são herdeiras de um sagrado feminino negro que se evidencia na luta histórica de suas ancestrais desde o processo de escravização. Cheikh Anta Diop elaborou a teoria dos dois berços, destacando que a África é originalmente matriarcal. A misogonia, alicerce da violência contra a mulher, é patriarcal e sua origem encontra-se no berço civilizatório ocidental. A criatividade e a resiliência fazem parte do legado ancestral africano e são determinantes na superação da *maafa*. O Renascimento Africano no Brasil possibilita a reivindicação do legado ancestral por pessoas de ascendência africana. A Kasa de Maat e o Instituto Sankofa de Psicologia e Educação destacam-se nesse movimento e promovem saúde mental e enraizamento ancestral. Antirracismo, espiritualidade africana e paradigma afrocêntrico são elementos que precisam estar inseridos no compromisso ético-político da Psicologia. A espiritualidade africana precisa ser inserida em políticas públicas na área da saúde, em especial nas Práticas Integrativas e Complementares (PIC's) do Sistema Único de Saúde (SUS).

Palavras-chave: complexos culturais; trauma cultural da escravização; Renascimento Africano no Brasil; criatividade; resiliência.

6.1 Complexos Culturais e o Enfrentamento da *Maafa*: cerzindo a existência negra

Conhecer os complexos culturais e o trauma da escravização foi um ponto de inflexão na minha caminhada na Psicologia Complexa. Eu já havia aprofundado meus estudos sobre a escravização e compreendido que a despeito de todo o sofrimento que ela trouxe, há um legado ancestral de força e de resiliência que precisa ser resgatado. Mais à frente, quando comecei a estudar o Renascimento Africano, compreendi que o roubo do legado precisa ser inserido nessa temática, uma vez que, como vimos no capítulo 1, ele representou um sustentáculo para a escravização e contribuiu para o esgarçamento da existência a negra. Outra questão central é a compreensão das implicações da *maafa* ao longo da história.

Gomes (2019, p. 34) salienta que pessoas africanas sequestradas e escravizadas construíram o Brasil, sob o jugo do trabalho árduo, de humilhações, de violências, da exploração e da discriminação. Portanto, realizar estudos sobre a temática no Brasil “[...] ajuda a explicar a jornada percorrida até aqui, o que somos neste início de século XXI e também o que seremos daqui para a frente.”. Theodoro (2022) acentua que as políticas públicas de educação e saúde têm sido centrais na transmissão da desigualdade e na reprodução do racismo (Theodoro, 2022). O trauma e as heranças da escravização ainda nos afetam.

Ao analisarmos as heranças da escravização no Brasil, precisamos considerar que há um pacto da branquitude que tem como objetivo manter os privilégios e a dominação dos brancos (Bento, 2022) e que o racismo no Brasil assume características específicas, uma vez que está “[...] institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país”, promovendo o genocídio e o embranquecimento do povo negro (Nascimento, 2016, p. 111).

Compreender essas reverberações da escravização nos dias de hoje, os ecos do passado, implica também compreender que a temporalidade da ancestralidade é muito peculiar. Asante (2022) explica que para os africanos o passado, o presente e o futuro são unos, não podem ser separados. Tais conceitos, na verdade, mostram-se limitados para expressar a mente africana, visto que são ancorados em um modo de operação ocidental. Era essa indissociabilidade entre passado, presente e futuro que fazia com que os antigos egípcios percebessem os mortos como integrantes das comunidades, como determinantes para o avanço da sociedade. Na mente africana há uma orientação para a posteridade, que depende da localização dos sujeitos como mais próximos dos ancestrais ou da posteridade.

A crença na comunidade dos mortos como uma comunidade viva significava que não havia passado, presente e futuro. Havia apenas o que havia sido feito antes e o que seria novamente. Isso não deveria ser pensado como passado e futuro, mas sim como uma orientação para todo o universo, uma perspectiva sobre os fenômenos naturais e humanos e uma aceitação **da interconexão dos vivos com os mortos** e até com os nascituros (Asante, 2022, p. 36, grifo meu).

Nesse sentido Martins (2022, p. 23) fala nas temporalidades curvas, nas quais

[...] o tempo pode ser experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. .

Portanto,

A Ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas. (Martins, 2022, p. 63)

Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo (Santos, 2015, p. 19) afirma que “O presente atua como interlocutor do passado e, consecutivamente, como locutor do futuro”. O mestre salienta que esta reflexão o fez questionar “[...] como definir e/ou dimensionar o tempo? Ou seja, onde começam e terminam o passado e o presente e onde começa o futuro?”. Este raciocínio proporcionou a elaboração da dinâmica princípio-meio-princípio. A vida então é começo, meio e começo.

No contexto da *maafa*, nossa ancestralidade é atravessada pela escravização. Diante de tal realidade, Hartman (2020-2021, p. 243) esclarece que “A perda fixa o nosso olhar no passado, determina o presente e talvez até eclipse uma visão do futuro”. Desta forma

[...] a distinção entre o passado e presente naufraga no sofrimento interminável gerado pela escravidão e suas consequências. **Como podemos entender o luto, quando o evento ainda não terminou? Quando as lesões não apenas perduram, mas são infligidas de uma nova maneira?** Pode-se lamentar o que ainda não deixou de acontecer? O ponto aqui não é negar a abolição da escravidão ou afirmar a identidade ou continuidade do racismo ao longo dos séculos, mas considerar a natureza constitutiva da perda na produção da diáspora (Hartman, 2020-2021, p. 243, grifo meu).

A autora (Hartman, 2020-2021) nos auxilia a compreender que a escravização interrompe a fluidez da temporalidade da ancestralidade, mas também evidencia a possibilidade de superação dessa situação, pois

[...] lembrar das mortas é reparar as linhas rompidas de descendência e filiação. Nesse sentido, a lembrança está envolvida em reivindicar o passado, apaziguar ancestrais e recuperar as origens das descendentes dessa dispersão. Lembrar-se da escravidão é imaginar o passado como o ‘tecido de nossa própria experiência’ [...] (2020-2021, p. 244).

No âmbito desta tese, este tecido de que nos fala Hartman (2020-2021) é compreendido como o pano de fundo da nossa história, sobre o qual podemos bordar novas possibilidades de vida, utilizando as linhas que estavam rompidas, que agora emendadas por nossas mãos artesãs, nos conectam à nossa ancestralidade e dão o sopro de vida aos mortos. O pensamento de Jung nos oferece subsídios para compreendermos essa questão. No livro *Lamento dos Mortos: a psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung*, Hillman e Shamdasani (2015) evidenciam a atenção que ele dedicava aos mortos. No diálogo entre os dois autores afirma Shamdasani:

SS: Bem, a questão é Quem são os mortos? E essa é uma questão que ele coloca e sobre a qual reflete dentro do texto. Há uma impressão de que, no sentido mais amplo, são os mortos da história humana. Estamos em uma época onde os mortos são mais numerosos do que os vivos. Há esse nível de um fluxo anônimo dos mortos, do peso da história humana e do que ela deixou e com o que temos que lidar. Em outro nível, isso se torna mais específico. Algumas figuras aparecem mais proeminentemente e se diferenciam do fluxo, apresentando-se como figuras específicas (Hillman; Shamdasani, 2015, p.13).

Quando Jung (2015c) fala sobre os mortos refere-se aos nossos processos de morte e renascimento e também às pessoas que já morreram.

O caos não é um múltiplo simples, mas interminável. Não é informe, caso contrário seria simples, mas está repleto de figuras que, por amor à sua plenitude, atuam de modo perturbador e triunfante.

Essas figuras são os mortos, não só os teus mortos, isto é, todas as imagens de tua conformação passada, que deixou para trás de si tua vida progressiva, mas as massas dos mortos da história humana, o cortejo de fantasmas do passado, que é um mar em vista da gota de tua própria duração de vida. Vejo atrás de ti, atrás do espelho de teu olho a aglomeração de perigosas sombras, dos mortos que olham avidamente através de buracos vazios dos olhos, que gemem e esperam realizar através de ti o indissolúvel de todos os tempos que neles suspira. Tua ignorância não prova nada. Cola teu ouvido na parede e perceberás o barulho de teu cortejo (Jung, 2015c, p. 301-302, grifo meu).

Roberto Gambini chama a nossa atenção para a riqueza de possibilidades de reflexão sobre o Brasil a partir do prisma junguiano, destacando que historiadores brasileiros ainda não conseguem fazer suas análises a partir dos ângulos de pensamento de Jung. Também nos conta que Marie Louise von Franz lhe falou que denunciar a sombra da civilização branca é uma das principais funções dos seguidores de Jung (Gambini, 2022). Tais aspectos estão alinhados com o que proponho neste trabalho.

Também em uma perspectiva junguiana Boechat (2018, p. 82) acentua “O primeiro passo para confrontar um complexo, tanto no indivíduo quanto na cultura, é reconhecer a sua existência”. Outro apontamento muito importante do autor (Boechat, 2014, p. 359) é que “[...] o complexo cultural reprimido precisa de expressão tanto quando o complexo patológico individual, de modo que se possa alcançar um efeito curador, tanto no(a) paciente individual quanto na cultura”

Dessa forma, a escravidão, que é uma mancha na nossa história, precisa ser confrontada, pois o longo período de atuação do complexo cultural da escravidão deixou profundas marcas na memória coletiva da população brasileira; o racismo constitui o seu prolongamento até a atualidade.

O Brasil tem um tecido social multicolorido marcado pela forte miscigenação racial. Esse cenário implica uma interação singular entre indivíduos, culturas e intercâmbios e confere urgência às questões em torno da identidade cultural, evidenciando o papel de destaque da Psicologia na busca da identidade. Essa natureza fundamentalmente multicultural do Brasil dificulta a compreensão da alma brasileira (Boechat, 2021).

A noção de complexos culturais parte da definição de complexos individuais de Jung (2016, p. 28) que refere-se a “[...] temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes ou mesmo, em alguns casos, sintomas de neurose”. Boechat (2021) nos auxilia a compreender os complexos culturais:

A noção de complexo cultural é uma expansão do conceito original de Jung do *complexo de tonalidade afetiva*, um centro de representações na psique de um indivíduo cimentado pela emoção. O complexo cultural conceptualiza núcleos de conflito na psique social de povos e de grupos sociais, que são geralmente o resultado de traumas em sua história e de conflitos de identidade (Boechat, 2021, p. 358).

Singer (2021) esclarece que

Um complexo cultural é definido como um agregado autônomo, em grande parte inconsciente e emocionalmente carregado de memórias, afetos, ideias, imagens e comportamentos que tendem a se agrupar em torno de um núcleo arquetípico e que são compartilhados por indivíduos dentro de um grupo (Singer, 2021, p. 108).

O autor (Singer, 2021) explica que Jung escreveu frequentemente sobre a psique coletiva e tinha especial interesse em saber como os conteúdos do inconsciente coletivo se tornariam conhecidos por uma cultura em diferentes estágios ou períodos críticos. Estamos, pois, no âmbito da psique grupal ou cultural e seus complexos. Portanto,

Complexos culturais não são o mesmo que complexos individuais, embora influenciem um ao outro profundamente. É a memória, a história, a economia e todos os outros fatores que contribuem para a vida de um grupo e seus complexos, e que, ao longo de gerações, criam uma *matrix* viva na qual uma psique individual toma forma (Singer, 2021, p. 111).

Joseph Henderson contribuiu com a formulação original de Jung sobre a psique, acrescentando o inconsciente cultural entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. “O principal objetivo da pesquisa de complexos culturais é explorar essa parte da psique individual e grupal que vive na história, memória, afeto, imagens, padrões de pensamento e comportamento de gerações passadas de povos de região particular” (Singer, 2021, p. 111).

A teoria dos complexos culturais é uma ponte para promover a interface entre mitologia, política e psique, pois eles consideram a história, economia, psicologia e sociologia específicas do lugar – “[...] com a ideia de que todas essas forças são combustível e alimento para o constante anseio da psique de construir uma narrativa de identidade num tempo e espaço particular” (Singer, 2021, p. 113). Por essa linha de raciocínio, podemos conceber os complexos culturais como entremeios que nos permitem acessar a nossa ancestralidade.

Singer (2021) pontua que há duas possibilidades de ação diante de um complexo cultural: não desafiá-lo e deixa-lo inconsciente, passando-o de uma geração à outra, conferindo senso de pertencimento a um grupo, mas correndo o risco de haver estragos sociais ou

[...] leva-lo à consciência individual e do grupo, de modo que algo novo possa acontecer. Vejo este caminho como tendo o potencial para o cultivo da alma no nível grupal da psique. Creio que esse cultivo da alma ocorre numa cultura quando tensões dolorosas entre diferentes grupos ou dentro de um grupo são suportadas e combatidas o tempo suficiente para abrirem a possibilidade de transformação, no sentido de levarem a novos sentimentos, novos comportamentos, novas atitudes e novas possibilidades. Isso pode ser raro, mas é possível. Mais habitual é que as tensões geradas por complexos culturais tendam a colocar grupos uns contra os outros e frequentemente resultem em estagnações prolongadas ou perigosas regressões (Singer, 2021, p. 124-125).

Recuperar o legado africano é um poderoso mecanismo que nos impulsiona a escolher a segunda opção.

É de suma importância manter a memória coletiva da experiência cultural do Holocausto Africano. Os futuros filhos daqueles que vivem hoje merecem conhecer seu passado e como chegaram a viver as vidas que viverão. Acredito que abandonar o passado desacredita o futuro das gerações que estão por vir. Ao observar a história africana antes e desde a chegada à América, vemos que a diáspora africana sobreviveu por séculos e continuou a criar e recriar sua existência. O objetivo é sempre proporcionar uma vida melhor para os descendentes. Uma das maneiras mais poderosas de fazer isso é por meio de uma consciência consciente que mantenha um objetivo – proporcionar não apenas a sobrevivência física, mas também o cuidado com o espírito e o valor que o povo africano merece (Brewster, 2025, p. 217).

Brewster (2025) também esclarece que outro motivo para não esquecermos do trauma cultural da escravidão é que além de ser inconsciente ele também tem poder de autonomia.

Esse tipo de poder significa que todas as memórias racializadas arquetípicas e associativas, que se manifestam em nosso comportamento, retrocedem para a sombra, onde são esquecidas. Esse esquecimento é apenas temporário, pois as questões mais profundas que poderiam causar uma transformação do complexo racial e seu trauma não podem ser toleradas. Não ao ver isso. Não na discussão. Não na apropriação. Falar sobre sofrimento de um holocausto dá menos espaço para o complexo racial se esconder (Brewster, 2025, p. 217-218).

Este aspecto ganha ainda mais importância quando consideramos as afirmações de Boechat (2019, p. 85) de que uma forma de integrar o complexo cultural da escravidão encontra-se na memória, aliada à consciência psicológica. “Toda a sociedade está em processo de despertar para a necessidade de confrontar essas sombras coletivas; caso contrário, mergulhará em um processo de dissociação ainda mais profundo do que está, dessa vez sem retorno”.

Importante alinharmos as reflexões Brewster (2025) e Boechat (2019) com a afirmação de Elisa Larkin Nascimento, na introdução à nova edição da *Coleção Sankofa* (Nascimento, 2008, p. 21), de que a demanda por recursos para subsidiar o ensino da história e da cultura afro-brasileiras aumentou muito, mas os recursos disponíveis ainda são escassos. “Tal demanda não é apenas quantitativa, mas principalmente qualitativa. Precisamos de obras que abordem esses temas de um novo ponto de vista. Carecemos de pesquisas e reflexões construídas sobre novas bases epistemológicas”. Destaca a autora que para os negros brasileiros “[...] a recuperação da identidade ganha uma dimensão especial, pois a distorção, a escamoteação e a falta de referências sobre a história e a cultura africanas desembocam no

desconhecimento de suas raízes, que são também as raízes do Brasil e dos países da diáspora” (Nascimento, 2008, p. 21).

Na mesma direção, Wilson (2022) enfatiza que a psicologia individual e de grupos pode ser constituída por suas histórias, experiências que podem ser recuperadas da memória; pelo esquecimento e pela

[...] ‘amnésia histórica e experiencial’. Isto é, quando um indivíduo ou um grupo é compelido por várias circunstâncias a reprimir segmentos importantes de sua história formativa, ao mesmo tempo, perde o acesso a habilidades sociais, intelectuais e técnicas crucialmente importantes associadas a essa história que poderiam ser usadas para resolver problemas atuais (Wilson, 2022, p. 35).

Analisar cultura e raça na perspectiva junguiana implica incluir o ego individual, o inconsciente pessoal com os complexos, o inconsciente coletivo e os ancestrais em nossas análises. Importante também considerar a contribuição de Joseph Henderson com o conceito de inconsciente cultural. “Isso permite uma presença humana na consciência entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Apresenta um lugar de reconhecimento para tudo o que é cultural na vida” (Brewster, 2025, p. 125).

Brewster (2025, p. 133) analisa o complexo racial considerando raça e cultura no âmbito do inconsciente pessoal, cultural e coletivo, portanto, nossas ideias sobre cultura também são definidas pelas atividades inconscientes da psique e não somente por nossos comportamentos conscientes. O complexo racial é um “[...] impositor de demandas sobre nós com base em padrões sociais e históricos que ocorrem dentro e fora do conhecimento consciente”. Neste sentido, a perspectiva do inconsciente, a partir de Jung, ao apoiar nosso conhecimento como seres humanos e mostrar nossas limitações, possibilita *insights* profundos, muito além do campo de ação do ego. “É nesse ultrapassar os limites do ego que podemos acessar o material inconsciente no qual residimos e fazer mudanças que alteram nossas vidas para uma maneira mais significativa de viver”.

Portanto, há forças inconscientes e arquetípicas no trauma histórico e elas atuam diretamente sobre nós, tanto no nível individual quanto no grupal. Considerar essas forças inconscientes nos leva a pensar que ao causar uma erupção psíquica e trazer material indesejado à luz, um complexo racial africano “[...] não está apenas tentando mostrar o que poderia ser negativo, mas também pode servir como ponto de referência necessário para o esclarecimento cultural e desenvolvimento tanto do indivíduo quanto do grupo cultural” (Brewster, 2025, p. 134). É possível reconhecer a presença de um complexo cultural pelos fortes afetos ou emoções que ele causa (Singer, 2021).

É preciso considerar que “As mesmas reações psíquicas são demonstradas por grandes grupos de pessoas relacionadas quando o trauma as atinge coletivamente: defesas primitivas emergem para proteger o *self* grupal, sua alma coletiva, sua herança cultural e sua integridade”. Quando o aspirante a curador de traumas culturais é também um curador ferido, ele conhece os problemas do trauma por dentro e isso faz com que ele fique perturbado diante da aproximação de uma região conturbada (Stein, 2021, p. 269).

O mito do curador ferido é um modelo arquetípico estruturado que “[...] deixa claro que a capacidade do curador está associada à ferida reconhecida e constantemente aberta de quem se disponibiliza à arte da cura”. É essa ferida que mantém o curador aberto ao outro. Essa imagem arquetípica está presente em várias culturas: Kyron (Grécia), Obaluaê (Nigéria) e nos candomblés e umbandas no Brasil (Moraes, 2019, sem paginação [prefácio]).

Todas as pessoas são, em alguma medida, afetadas pelo trauma cultural. Para nos transformarmos em curandeiros feridos de traumas culturais devemos começar por nós mesmos: “[...] devemos começar recuperando o eixo ego-*self* e entrando em harmonia com ele. Isso pode exercer um efeito sincronístico no ambiente cultural e na cultura como um todo [...]”. Este seria o primeiro passo para o enfrentamento (Stein, 2021, p. 269).

Então a primeira coisa a ser feita é se permitir o contágio até certo ponto, pois ele “[...] se torna a base para a compreensão dos problemas e de seu tratamento. Então o curandeiro realiza a própria cura [...] e, com isso, promove efeitos virtuosos na região” (Stein, 2021, p. 270). No meu caso esse contágio acentuou-se muito durante o Doutorado, causando sofrimento e adoecimento, mas também me motivando muito para seguir na minha pesquisa e para lutar para que esta tese tivesse essa configuração. A proposta da Escrivivência Artesanal e Alquímica foi crucial neste movimento.

Enquanto tecnologia ancestral de cura, o artesanato é um poderoso mecanismo para o necessário confronto com os complexos culturais. Trago aqui uma peça de artesanato (Fotografia 25) que exemplifica essa questão. Depois de ler mais uma vez o conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis, e passar mal novamente, senti uma forte necessidade de fazer uma boneca Abayomi representando a personagem Arminda como eu gostaria que tivesse sido o seu destino no conto, em um quilombo. Esta dinâmica foi fundamental para que eu conseguisse enfrentar a situação sem me descompensar, além de me auxiliar a despotencializar o sofrimento causado pelos estudos sobre mulheres, gravidez, parto e pós-parto durante o processo de escravização.

Fotografia 25 – O Poder curativo do artesanato



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.
Boneca Abayomi representando a personagem Arminda do conto *Pai Contra Mãe*, de Machado de Assis.

Outro ponto importante neste aspecto foi o desenvolvimento do conceito de tumbeiro inconsciente. Estudar sobre a travessia forçada foi aterrador, insuportável. Neste cenário, analisar a dimensão simbólica dos tumbeiros, através desse conceito, no bojo de rupturas e continuidades a partir da triangulação entre África, Europa e Brasil, foi um potente mecanismo de proteção que me auxiliou a direcionar a minha energia psíquica para a superação da *maafa*.

Minhas reflexões sobre o tumbeiro inconsciente encontraram eco no livro *Brasil Tumbeiro* (Aranha, 2021). O autor, Mário Aranha, revelou que o título foi a primeira parte do livro a ser pensada e que “Ele faz uma relação entre o Brasil da época da escravidão e o Brasil de hoje. Morriam muitos negros nos tumbeiros, do mesmo jeito que acontece hoje no País, por vários motivos. Os negros, em sua maioria, continuam vivendo de maneira precária” (Gonçalo Jr, sem paginação).

A escravização e o tráfico transatlântico deixaram marcas profundas nos descendentes de escravizados, comprometendo a sua libertação mental. Este conceito remete a algo que nos

prende, interferindo no nosso desenvolvimento, e também ao fato de carregarmos em nós toda a dor e todo o horror vivenciados por nossos ancestrais. É preciso sairmos deste túmulo, é preciso buscarmos o ar. É preciso integrá-lo à consciência para que assim seja depontencializado. Como nos lembra Aranha (2021) houve resistência e constante evolução, tanto dos africanos escravizados quanto de seus descendentes, contudo, essa história tem sido constantemente apagada, por isso, em sua obra, procura evidenciá-la. A história do nosso povo tem muitas camadas que aos poucos estão sendo reveladas. Em seu livro *Seminários sobre Psicologia Analítica (1925)* (Jung, 2014a) nos apresenta um diagrama a respeito da geologia da personalidade, fundamental para analisarmos essa questão. Este diagrama possui sete níveis, a saber: indivíduos, famílias, clãs, nações, grandes grupos, ancestrais primatas, ancestrais animais em geral.

O caso de Adelina Gomes, artista que participava das oficinas de pintura e modelagem coordenadas por Nise da Silveira no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, nos auxilia a compreender as relações entre os diferentes níveis desse diagrama. Silveira (2015, p. 06) esclarece que Adelina era uma mulher negra oprimida que não pode viver seus instintos femininos. Suas pinturas evidenciaram a fuga para o reino das mães, com a configuração de vários aspectos do arquétipo mãe. Como vemos na situação específica de Adelina, quadros iniciais psicóticos podem resultar de violentas emoções ou de vivência de situações existenciais extremas que envolvem opressão, ansiedade, humilhação e conflitos entre pulsões internas e exigências sociais. Assim, esquizofrênicos são “[...] seres que foram tão machucados, e socialmente rejeitados”.

É interessante que mesmo tendo partido do estudo dos indivíduos na área da Psiquiatria e sem preocupações sociológicas, Jung tenha chegado ao conceito que estrutura a psique com base nas vivências sociais. Ao explorar as profundezas do mundo interno ele descobriu “[...] disposições inatas para a configuração de imagens e ideias análogas ou semelhantes, carregadas de emoções experimentadas pela humanidade através dos milênios (arquétipos)”. Portanto, “As camadas mais profundas do inconsciente dever-se-iam ter estruturado simultânea e inextricavelmente com as experiências sociais primárias comuns a todos os homens, daí a denominação de inconsciente coletivo que Jung dá a esses estratos básicos da psique” (Silveira, 2015, p. 114).

Se o biólogo tem necessidade da anatomia comparada, o psicólogo não poderá dispensar uma anatomia comparada da psique.

A diferença entre os achados das duas ciências reside em que as pesquisas de paralelismo histórico, na área da psicologia, têm importância tanto teórica quanto prática. Isso porque a tarefa do terapeuta será estabelecer conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo (Silveira, 1976 apud Mello, 2015, p. 273).

Esse movimento proposto por Jung e muito bem explicado por Nise da Silveira, nos evidencia que há caminhos para vencermos o trauma ancestral e nos desconectarmos do tumbeiro inconsciente e que a teoria dos complexos culturais e a consciência histórica são determinantes neste processo de emancipação. Trago um importante esclarecimento de Singer (2021) de que nem todos os complexos culturais são destrutivos, e que nesta perspectiva, podem constituir o cerne de uma identidade cultural saudável. Este é o caso do complexo da maçaroca, que desenvolvi a partir da Escrivivência Artesanal e Alquímica. No seu centro estão encerradas as mentiras e as verdades sobre o legado africano, os nós e os emaranhados de linhas, que nos instigam a desembolar, a desatar, puxando as linhas, ou melhor, as imagens do inconsciente coletivo.

Nessa jornada, podemos contar com o suporte de Mentu, uma das divindades da guerra do Kemet, cuja especificidade é relacionar táticas de guerra à educação. Assim sendo, a despeito das heranças da escravização sobre a população negra, vemos também uma imensa capacidade de confrontar a realidade, de se reinventar. Relaciono esta questão ao símbolo *Adinkra Nkyimkyim* (Fotografia 26) que refere-se à resistência, adaptabilidade, devoção ao serviço e capacidade de suportar dificuldades; de mudar e de desempenhar vários papéis. É um símbolo de resistência, da dialética e do dinamismo na continuidade das coisas através das mudanças (Nascimento; Gá, p. 208).

Fotografia 26 – Símbolo Adinkra *Nkyimkyim*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Bordado à máquina em ponto cheio e contorno feito em tecido de algodão cru.

6.1.1 Criatividade e Resiliência: legado ancestral africano

Afua (2021) nos lembra que somos o povo do lótus e precisamos honrar este legado. Para tanto, precisamos estar atentos aos chamados de Nun, o princípio criador kemético que nos impele à criação, à agência e ao protagonismo em nossas vidas. Contudo, a compreensão deste processo deve acontecer no bojo da espiritualidade africana, com suas especificidades e singularidades, para que o processo de individuação não seja compreendido de forma enviesada, o que pode levar à sua patologização.

As seguintes palavras de Diop (1976) nos auxiliam na conexão com o simbolismo da flor de lótus sagrada:

[...] se os negros – a despeito de muitas destruições calamitosas, invasões, assaltos, comércio de escravos e conquistas impostas aos mundos negros antigo e medieval – mantiveram aspectos básicos de sua civilização, foi porque a composição interna das antigas sociedades negras, com todas as suas deficiências, era perfeitamente válida. **Era válida porque serviu à função mais essencial que a cultura deve servir, e o que eu quero dizer é sobrevivência!** O que salvou o povo negro senão o conjunto de instituições políticas, econômicas e culturais desenvolvidas pela civilização negra através dos tempos? Sem dúvida, em termos de progresso material e tecnológico, as derrotas de sucessivas civilizações negras causaram atrasos imensos. **Ainda assim, estamos aqui e o que é melhor, ainda capazes de ter a determinação de nos organizar e efetuar uma volta por cima nos tempos modernos, a despeito das destruições, da escravização, das mentiras, das falsificações escolares. O que conta para esta determinação além da validade de nosso comum legado cultural e histórico?** (Diop, 1976, p. 254, grifo meu).

As palavras de Diop (1976) evidenciam mais um ponto de conexão com a flor de lótus sagrada. Estamos vinculados a ela pelo seu simbolismo em relação à elevação da consciência e também à resiliência. A flor de lótus também tem suas raízes no lodo, e a despeito de todas as adversidades seu pedúnculo chega até a superfície, onde ela exibe toda a exuberância de suas flores e folhas. Essa dinâmica de força e resistência fez com que ela fosse considerada o símbolo da resiliência.

Neste sentido, nos diz Brewster (2025) que “A resiliência dos escravizados se provou repetidamente como uma energia arquetípica que emergia em cada geração. Esse impulso energético sempre incluía um padrão de liberdade arquetípica”. (Brewster, 2025, p. 139). Portanto, “Transcender os legados da escravização é uma questão difícil. Isso se deve à circularidade do trauma deixado para trás, mas é possível e necessário transcende-lo [...] Transcender a escravização não significa esquecer ou recusar saber” (Smith, 2011, p. 105-106 *apud* Brewster, 2025, p. 217). No âmbito deste estudo, essa transcendência implica considerar que nós, afrodescendentes, herdamos um legado de resiliência e de criatividade e que isso é determinante no nosso processo de regeneração.

Lorde (2020), ao falar sobre o enfrentamento da dor afirma:

[...] é necessário determinar quanto dessa dor sou capaz de usar. Essa é a pergunta central que precisamos nos fazer. Existe um ponto em que a dor se torna um fim em si mesma, e então precisamos nos desapegar dela. **Por um lado, não devemos teme-la, porém, por outro, não devemos nos sujeitar a ela. Não devemos celebrar a vitimização porque há outras formas de ser negro** (Lorde, 2020, p. 69, grifo meu).

As palavras de Lord (2020) nos auxiliam a refletir sobre a necessidade de olharmos para essas dores que assolam a população negra e ao invés de nos identificarmos com ela, utilizá-la como força propulsora de ações concretas que promovam a nossa emancipação e a nossa regeneração. Telles (2010, p. 356) também nos inspira quando afirma que “[...] é

preciso um peito de ferro para enfrentar essa luta na qual entra não só o fervor mas uma certa dose de cólera: fervor e cólera. Não cortaremos os pulsos, ao contrário, costuraremos com linha dupla todas as feridas abertas”.

Essa costura com linha dupla pode ser feita com os pontos do enfoque da resiliência. Este enfoque tem seu foco no estudo do desenvolvimento humano pelo viés sadio e positivo. Compreende o sujeito como atuante diante do ambiente e, portanto, “[...] quanto mais resistente às condições desfavoráveis e estressantes, mais ativamente desenvolverá estratégias que o beneficiarão”. Os estudos possibilitam a compreensão sobre as situações estressoras e investigações sobre aspectos capazes de minimizá-las, especialmente porque causa rompimento com a noção de que as pessoas estão presas a um ciclo sem saída (Poletto; Koller, 2011, p. 40). Munist *et al* (1998) destacam que a resiliência é um chamado para enfatizarmos o potencial pessoal e os recursos que possibilitam o enfrentamento de situações adversas das quais as pessoas emergem mais fortes, renovadas, criativas e até mesmo otimistas.

Para Guzzo (2006) produzir conhecimento com foco nas potencialidades e qualidades humanas representa um rompimento com o pensamento dominante do estudo dos distúrbios e desordens humanas que é hegemônico na formação e na prática em Psicologia. Contudo, destaca a autora, postular essa ciência exige maior esforço, reflexão e seriedade conceitual, teórica e metodológica, justamente porque tal conhecimento não está disponível.

A vulnerabilidade refere-se à emissão de respostas mal adaptadas que produzem resultados negativos para o desenvolvimento psicológico das pessoas expostas ao risco. “É por meio de comportamentos adaptados em resposta a riscos que a resiliência se aparece, sendo risco uma condição imprescindível para se pensar em resultados resilientes. Da mesma, forma, a vulnerabilidade não se manifesta sem a presença do risco”. Portanto, estudar processos de resiliência e de vulnerabilidade pressupõe a investigação de fatores de risco e de proteção (Poletto; Koller, 2011, p. 39-40).

Trombeta e Guzzo (2002) destacam que conhecermos as reações das pessoas diante das mudanças abre possibilidades para alternativas que busquem a resolução de problemas enfrentados pela sociedade. Afirmam que é necessário encontrarmos soluções criativas para que possamos conviver melhor com as mudanças, os conflitos e as dificuldades. As autoras consideram que a resiliência pode ser a chave para a saúde mental e para o bem-estar psicológico. O pensamento de Jung (2011j, p. 330, OC 4, § 774) vai na mesma direção: “Eu prefiro entender as pessoas a partir da sua saúde e gostaria de libertar os doentes daquela psicologia que Freud coloca em cada página de suas obras”.

Flach (1991) define resiliência como as forças psicológicas e biológicas necessárias para atravessarmos com sucesso mudanças em nossas vidas. Partindo deste pressuposto, podemos compreender a resiliência como uma travessia. Como a resiliência não acontece imediatamente, visto que é um processo, é importante considerarmos em primeiro lugar as atitudes da pessoa frente à adversidade, pois

[...] pessoas resilientes têm um temperamento favorável à resistência, melhor desenvolvimento intelectual, maior nível de autoestima e de autocontrole, menor incidência de conflitos internos. Também possuem mais habilidade para superar adversidades, sentimento de confiança, uma ‘força interna’ protetora, e ao mesmo tempo ousada, de perceber e enfrentar a realidade, sabendo unir intuição e ação, razão e sentimento, força e ternura (Grunspum, 2005 apud Duarte, 2011, p. 36).

O ponto de partida desta travessia é o *coping*, definido por Antoniazzi, Dell’Aglia e Bandeira (1998) como o conjunto de estratégias que as pessoas utilizam em circunstâncias adversas ou estressantes para se adaptarem. Citando (RyanWenger, 1992) explicam que há uma divisão entre estratégias de *coping*, que referem-se a ações cognitivas ou de comportamento realizadas enquanto a pessoa vivencia a situação estressante, e estilos de *coping*, que são relacionadas a características de personalidade ou a resultados de *coping*.

Em Noguera (2013) encontramos a seguinte citação que podemos relacionar com o conceito de *coping*:

Na cultura kemética, ética diz respeito ao agir reto, à capacidade de viver em equilíbrio consigo diante dos desafios e escolhas. O que passa por um exercício filosófico de afastamento da inflamação que impede o discernimento. A capacidade de discernir é um tipo de travessia existencial dentro de uma barca que não se deixa levar pelas intempéries externas. Ou seja, mesmo diante dos problemas concernentes à vida, não devemos ter pressa em respondê-los, correndo o risco de que a irritação seja guia do pensamento e das palavras (Noguera, 2013, p. 150).

Também é possível correlacionar a perspectiva do *coping* com o que nos diz Jung (1987) sobre o arquétipo do vau:

É uma situação complexa. Uma pessoa tem que atravessar um rio a vau; está metida na água, há uma emboscada ou um perigoso animal aquático, como um jacaré ou coisa parecida. Há perigo e vai acontecer alguma coisa. A questão é como escapar. Temos assim uma situação total que constitui um arquétipo. E esse arquétipo tem agora um efeito sugestivo sobre a pessoa. Por exemplo, ela está metida numa situação, mas não a conhece, não sabe em que consiste essa situação. De súbito, sente-se presa de uma emoção ou de um conjuro, e comporta-se de uma certa maneira que não tinha sido absolutamente prevista. A pessoa faz algo que é completamente estranho a si mesma (Mcguire; Hull, 1987, p. 263).

Mais à frente Jung afirma que

Somos presos de um certo conjuro, de um encantamento, ou como queira chamar-lhe, e fazemos coisas inesperadas. Muitas vezes, quando estive na África, encontrei-me por várias vezes em situações dessas, que depois me deixavam perplexo. Um dia, estava eu no Sudão, e estava realmente numa situação muito perigosa, que não reconheci de momento. Mas fui tomado por uma espécie de intuição súbita, e fiz algo que jamais me passou pela cabeça, que jamais teria esperado fazer nem poderia ter inventado. O arquétipo é uma força. Possui autonomia e pode, subitamente, apossar-se de nós. É como um transe (Mcguire; Hull, 1987, p. 264).

Essas falas de Jung (Mcguire; Hull, 1987) nos permitem relacionar o *coping* e a resiliência com a espiritualidade. Neste sentido, Santos (2019), a partir da perspectiva junguiana, afirma que há relação entre a espiritualidade e a ativação da resiliência. Eu compreendo a resiliência como um catalisador capaz de ativar a força ancestral que possibilita a identificação das manifestações do complexo escravagista, despotencializando os aspectos negativos e integrando os positivos à psique. Da mesma forma, pode nos auxiliar a compreender e a vivenciar as experiências míticas e místico-religiosas.

Como é possível perceber, além da interação de diferentes fatores de resiliência, o comportamento resiliente acontece por meio de uma sequência, com escolhas e decisões. Primeiramente é necessário identificar a adversidade, definindo a causa dos problemas e dos riscos. Em seguida é preciso selecionar o nível e o tipo de resposta que serão mais adequados. O último passo é a avaliação dos resultados da resiliência que implica aprender com a experiência, estimar o impacto sobre os outros – os comportamentos resilientes de uma pessoa reverberarão em outras pessoas – e reconhecer melhora no bem estar e na qualidade de vida, o que pressupõe que a resiliência cumpriu suas metas, promovendo saúde mental e emocional (Grotberg, 2005).

A resiliência relaciona-se diretamente com o desenvolvimento e com o crescimento humano, o que inclui considerar diferenças de sexo e idade. Ela é efetiva também na promoção de saúde mental e emocional, pois está comprometida com a maximização do potencial e do bem-estar das pessoas em situação de risco e não somente com a prevenção de problemas de saúde (Grotberg, 2005).

Analisar o conceito na sua dimensão histórica, como reflexo das marcas da organização capitalista, como resultado do processo dessas vivências e como mecanismo mediador de enfrentamento de adversidades possibilita que os sujeitos posicionem-se diante das adversidades vividas (Francisco; Coimbra, 2015). Por esta perspectiva a resiliência torna-se um poderoso mecanismo de emancipação e de protagonismo de sujeitos que vivenciam situações de opressão.

Infante (2005, p. 23) esclarece que foi buscando entender as causas evolutivas da psicopatologia que o enfoque da resiliência surgiu e que “Na área de intervenção psicossocial, a resiliência tenta promover processos que envolvam o indivíduo e seu ambiente social, ajudando-o a superar a adversidade (e o risco), adaptar-se à sociedade e ter melhor qualidade de vida”. Salienta a autora que há três componentes essenciais que precisam estar presentes no conceito de resiliência:

É importante entender a resiliência como um processo de superação da adversidade, como responsabilidade social e política, já que pode ser promovida com a participação de pais, pesquisadores, pessoas que trabalham na área, implementando programas psicossociais e serviços sociais, os políticos e a comunidade. Dessa forma, a resiliência permite nova epistemologia do desenvolvimento humano, pois enfatiza seu potencial, é específica de cada cultura e faz um chamado à responsabilidade coletiva. Um enfoque em resiliência permite que a promoção da qualidade de vida seja um trabalho coletivo multidisciplinar (Infante, 2005, p. 36)

Ojeda (2005) enfatiza que a perspectiva coletiva ou comunitária da resiliência é uma contribuição latino-americana. Para Grunspum (2005 *apud* Duarte, 2011) a resiliência pode ser desenvolvida nas pessoas conforme lhes forem disponibilizadas possibilidades de mudanças de atitude em relação à sua autonomia e independência em sua busca por alternativas renovadas que possibilitem a solução de situações, a aprendizagem para se relacionar com frustrações e para despertar a criatividade.

A respeito da criatividade, Brewster (2025) esclarece que o complexo racial pode estar direcionado à imaginação e, ao ser ativado, pode inspirar artistas na criação artística. Trata-se de um despertar inconsciente que atua também no nível da consciência do ego.

Essa união do ego e do inconsciente se mostra na vivacidade energética que pode produzir uma narrativa criativa, seja linguística, visual ou ambas, que contém os cristais do imaginário. Essa expressão se apropria de uma forma dentro da consciência e se veste na cultura do criador – nesse caso, um africano que nos devolve às lembranças de nós mesmos (Brewster, 2025, p. 135).

Tais produções, portanto,

[...] abordam o trauma histórico revisitado por um complexo racial, revelando-se no arquétipo do Si-mesmo por meio da criatividade. Essa experiência não se limita aos escritores, mas também inclui pintores, dançarinos, músicos – especialmente da música africana e músicos que trouxeram ritmos da África para as costas americanas – sul e norte (Brewster, 2025, p. 135-136).

Essa experiência do trauma histórico revisitado e sua relação com a criatividade que nos fala Brewster (2015) foi vivenciada por mim em uma situação muito peculiar. Na noite da véspera do aniversário de um ano da minha netinha decidi fazer uma roupinha azul para ela

em homenagem a Iemanjá, a quem pedi auxílio durante complicações no seu parto. A intenção era fazer uma roupinha que estivesse à altura da data e da homenagem, considerando o tempo disponível para sua confecção. Contudo, fui tomada por uma sequência de ideias e por uma inquietação que mudaram os meus planos. Eu estava completamente afetada pela confecção do vestidinho (fotografia 27), as imagens que surgiam aos borbotões precisavam ganhar vida. Trabalhei a noite toda. Não senti sono, só uma empolgação e uma vontade imensa de vê-lo pronto. Toda a minha atenção e a minha energia foram colocadas nessa peça até que ela ficou pronta, no início da noite do dia seguinte, 02 de fevereiro, dia de Iemanjá e dia do aniversário da minha netinha. Vê-la usando essa peça tão carregada de conexão com a espiritualidade africana foi muito emocionante. Nessa época eu ainda não havia desenvolvido a Escrivência Artesanal e Alquímica, mas em meu coração ela já existia, tudo me conduzia a ela. Portanto, ainda que a boneca com a maquininha de costura tenha sido a primeira peça elaborada dentro dos parâmetros dessa metodologia, esse vestido é a primeira peça produzida pela energia criativa, imaginativa e intuitiva que lhe caracterizam.

Fotografia 27 – Encanto no Fundo do Mar: uma homenagem a Yemanjá



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: vestido infantil com bordado à máquina, aplicação e pintura em tecido.

Jung nos auxilia a compreender os meandros da criação:

[...] para Jung, a criatividade habita nas profundezas do inconsciente e pode ser comparada a uma árvore que se encontra enraizada ao solo de onde extrai o alimento. Desse modo, o artista é impulsionado a imergir no manancial destas forças criativas, para, por meio delas e com elas, dar forma à sua obra. Enquanto criativas, as forças provêm de um estado de abertura da alma e esta, por sua vez, é levada ao desabrochar do ímpeto, ocorrendo, a partir daí, a representação em imagem, ao mesmo tempo em que se configura na obra de arte (Laufer; Lyra, 2016, p. 33-34).

A Psicologia precisa ter mecanismos para compreender a relação entre criatividade e espiritualidade, especialmente a espiritualidade africana, pois uma análise recortada de uma experiência como a que relatei acima pode resultar em um diagnóstico enviesado. Hooks (2022) nos traz uma importante reflexão sobre criatividade e espiritualidade:

A criatividade não é quieta. Para mim, é comum surgir a vontade de criar como um arrebatamento do meu âmago. Igual aos tremores que precedem um terremoto, esse arrebatamento indica o despertar, a inquietação dos meus sentidos, a possibilidade de me mover pela imaginação como uma onda feroz prestes a me arrastar, me levar para outro plano, um lugar de êxtase. A raiz da palavra ‘êxtase’ significa ‘para fora e de pé’, e é isso que faz a criatividade: permite ao criador mover-se além de si em direção a um lugar de possibilidade transcendente, a um lugar na imaginação onde tudo é possível. E, nesse processo, o criador move-se além dos limites e da veneração. [...] Os artistas reconhecem a visão que precede a criação de uma obra, vinda de um lugar que não se pode nomear nem localizar, um lugar de mistério, e é esse motivo que os leva a reverenciar a criação (hooks, 2022, 193-194).

May (1983. 47, p) pontua que “Êxtase é o termo exato para a intensidade de consciência que ocorre no ato criativo”. Este processo envolve a totalidade dos sujeitos e não configura como um fenômeno irracional e sim suprrracional, unindo as funções intelectuais, volitivas e emocionais. Por este motivo o êxtase deveria ser mais estudado pela Psicologia.

O processo criativo deve ser estudado, não como o produto de uma doença, mas como a representação do mais alto grau de saúde emocional, a expressão de pessoas normais, no ato de atingir a própria realidade. A criatividade está no trabalho do cientista, como no do artista; do pensador e do esteta; sem esquecer os capitães da tecnologia moderna, e o relacionamento normal entre mãe e filho” (May, 1982, p. 39).

As pessoas criativas distinguem-se das demais por desenvolverem a capacidade de viver com a ansiedade, mas pagam um preço alto por terem este dom de loucura divina, em relação à segurança, à sensibilidade e à defesa. “Não fogem ao não-ser, lutam com ele e o obrigam a produzir o ser. Batem à porta do silêncio à espera da resposta musical; perseguem a ausência de sentido e a obrigam a significar (May, 1982, p. 95).

O êxtase é um método consagrado pelo tempo de transcendência da consciência normal, que nos ajuda a alcançar inspirações, de outro modo inatingíveis. Todo símbolo e todo mito contém uma parte de êxtase, por menor que seja; pois, se realmente participamos do símbolo ou do mito, somos momentaneamente levados para ‘fora’ e para ‘além’ de nós mesmos (May, 1982, p. 113).

Como nos diz Boechat (2014)

O núcleo da criatividade talvez resida exatamente nisso: o espelhamento para o socialmente aceito das verdades eternas do inconsciente. A loucura seria a incapacidade deste mesmo espelhamento, a cristalização no olhar pétreo da Medusa, a *vitificação (vitificatio) da albedo* alquímica, seu *congelamento em imagens rígidas* (Boechat, 2014, p. 82).

Ressalta o autor (Boehcat, 2014, p. 79) que “O homem criativo, em movimento de *metanoia* (transformação da mente), passa por alterações radicais de seu processo consciente”. Neste sentido, Stein (2024) aborda o fenômeno da perda da alma do ponto de vista da alquimia. Ele acontece quando a pessoa percebe que está faltando alguma coisa, a consciência reconhece subitamente que algo especial está ausente. Pode acontecer em qualquer etapa da vida, mas tem maior prevalência na meia-idade, acometendo principalmente personalidades criativas que sentem falta de algo que as anime e lhes dê a sensação de estar envolvidas com uma atividade significativa. A desilusão instala-se, o estilo de vida utilizado até então perde sua funcionalidade, não há energia para viver a partir dos padrões e rotinas utilizadas até então; o que causa uma sensação de que não há saída.

May (1982, p. 59) traz contribuições de Jung sobre a polaridade entre a consciência e o inconsciente e fala acerca da relação compensatória que estabelece-se quando estamos diante de problemas que exigem resolução. “Estabelece-se uma disputa ativa no íntimo da pessoa, entre o pensamento consciente e a antevisão ou perspectiva que luta por nascer. Essa percepção interior nasce, finalmente, em meio à ansiedade, culpa, regozijo e gratificação, necessariamente associados à efetivação de uma nova idéia ou imagem”.

Marie Louise von Franz (von Franz, 2020, p. 41) explica que a criatividade na mulher é motivada principalmente pelo amor, o que faz com que torne-se mais motivada em seus processos criativos e que “[...] o *animus* também está na criatividade. Lá é o seu lugar certo. Por isso Jung insistia muito que as mulheres fizessem trabalhos criativos, porque isso ocupa o *animus* com aquilo que ele deve fazer, ou seja, relacionar-se com o inconsciente.” Para que o *animus* se desenvolva ele deve ser trabalhado. A palavra alemã *schöpfen* refere-se à criatividade e significa tirar água de um poço com um balde. “Realmente é assim que uma pessoa se sente ao ‘ser criativa’. Então você tem que dizer: ‘O que eu mesma sinto e penso?’.

Você tem que mergulhar fundo em uma depressão, entrar em um poço, e retirar a água das profundezas (p. 42).

Essas afirmações de von Franz (2020) são muito importantes para compreendermos a psicologia feminina e relacioná-la com os processos criativos e imaginativos e seu entrelaçamento com os processos de resiliência.

6.2 Resgate e Manutenção do Sagrado Feminino Negro

A violência contra a mulher, além de ser objeto das minhas pesquisas e do meu ativismo, é algo que eu conheço de perto, que deixou marcas profundas na minha vida e na vida de muitas mulheres próximas. Realizar esta pesquisa na perspectiva da Escrivivência Artesanal e Alquímica fez com que o tema fosse ainda mais difícil de ser analisado, pois ela implica uma costura entre os dados da pesquisa e as experiências de vida. Foi em meio a este processo de sofrimento que tive conhecimento de detalhes da morte de Beatriz Nascimento, pesquisadora que admiro muito e cuja obra estudo há alguns anos. Ela foi vítima de feminicídio, com viés racista, aos 52 anos de idade. Quanta vida lhe foi retirada! Movidada pela indignação e pela revolta elaborei uma boneca Abayomi (fotografia 28) lhe representando em um quilombo, objeto das suas pesquisas. Os girassóis na sua roupa refletem o seu caráter solar, a sua luminosidade.

Fotografia 28 – O feminino solar



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: boneca Abaymi confeccionada somente com nós, sem cola e sem costura.

Compreender as raízes do patriarcado é questão central para entendermos a dinâmica da violência contra a mulher. Caligaris (2018, 03min24seg-03min40seg) nos auxilia nesta compreensão ao afirmar que “Nós somos uma civilização inteira construída há três mil anos em cima do ódio pelas mulheres. Textos judaico-cristãos e gregos que concebem a mulher como representante do mal estão na base desta perspectiva”. Afirma também que “A misoginia não é um acidente. A misoginia está no coração de quem nós somos” (04min40seg-04min44seg). Completa o raciocínio explicando que o ódio ao feminino é central em nossa cultura e este é o problema central que precisamos resolver no século XXI em relação à mulher.

Ao falar sobre a libertação das mulheres, Cândido (2016) compara os homens a feras que precisam ser contidas e afirma que as normas da sociedade existem para amansá-los. Já as mulheres criam a vida e querem preservá-la, portanto, são contra a morte, ao contrário dos homens. Conclui sua análise afirmando que se as mulheres fossem mais preponderantes em nossa sociedade os costumes seriam muito melhores.

Noguera (2025) salienta que o patriarcado é um sistema, o machismo uma tecnologia e a misoginia uma prática discursiva. Esclarece que

Os homens temem as mulheres. Em sociedades que tem altas taxas de violência de gênero os homens tem muito medo das mulheres. Eles não conseguem lidar com a capacidade, com a inteligência e com as camadas de habilidades que as mulheres tem. Então, a única forma de contê-las é com a violência, com o controle. Esse é o problema” (Noguera, 2025, 1h21min41seg-1h21min59seg).

O autor (Noguera, 2025) enfatiza também que os homens são os principais autores de violência pública, são vítimas e autores. Já no espaço doméstico as mulheres são as principais vítimas, sendo a autoria masculina. As armas utilizadas são principalmente as fállicas.

A análise dos índices de violência contra a mulher evidenciam que houve crescimento acentuado de todas as formas de violência contra a mulher no ano de 2022, com significativo aumento de agressões físicas, ofensas sexuais e abusos psicológicos. Mulheres negras tiveram índices mais elevados de vitimização (49,1%), em relação às brancas (42,2%). Os níveis de assédio sexual também são maiores entre as mulheres negras (52,3%) o que indica uma relação entre a objetificação de seus corpos, o racismo e o machismo (Datafolha, FBSP, 2023). No ano de 2022, 61,1% das vítimas de feminicídio eram negras e 38,4% eram brancas. Nas outras modalidades de assassinatos 68,9% eram negras e 30,4% eram brancas (Bueno, *et al*, 2023a).

Esses dados comprovam que a misoginia, o ódio às mulheres, tem avançado como projeto do patriarcado. Delphy (2009) esclarece que o patriarcado refere-se a um contexto social no qual os homens detém o poder, sendo praticamente sinônimo de dominação masculina e de opressão às mulheres.

Maturana (2007) salienta que

Devido à sua origem, a história da humanidade antes do patriarcado não é uma história centrada na competição, na luta ou na agressão, mas numa solidariedade em que a competição, a luta ou a agressão eram somente episódios do conviver, e não um modo de vida (Maturana, 2007, p. 18).

O flagelo da escravização e do tráfico transatlântico era ainda pior para as mulheres e muitas foram abusadas sexualmente dentro dos navios negreiros (Hartman, 2020). Além disso, essas mulheres foram confrontadas com um dilema: “a imputação de uma ordem subalterna sobre si e o enraizado arcabouço civilizatório trazido da cultura africana que conflitava radicalmente com o processo corrente de subalternização dos negros” (Bonfim,

2009, p. 238). Aqui é possível vislumbrar a dinâmica de alinhamento entre o patriarcado e a *maafa*.

Silvia Federici explica que a caça às bruxas foi um dos ataques mais monstruosos praticados contra o corpo na Era Moderna. A autora propõe-se a repensar o desenvolvimento do capitalismo partindo de uma perspectiva feminista, utilizando a figura da bruxa e trazendo-lhe para o “[...] centro da cena, enquanto encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah* que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião” (Federici, 2017, p. 23-24).

A respeito da caça às bruxas Bento (2014) percebe que

Há uma coincidência cronológica entre a grande caça às feiticeiras que ensanguentou o Velho Mundo, a batalha contra as pestes e a luta sem trégua conduzida além do Atlântico contra negros e índios considerados pagãos. De um lado e de outro perseguia-se o mesmo inimigo – satã – e usando a mesma linguagem e as mesmas condenações (Bento, 2014, p. 34).

Ao falar sobre os marginalizados da América, Lorde (2012) esclarece que

Grande parte da história da Europa ocidental condiciona-nos a ver as diferenças humanas numa oposição simplista uma à outra: dominante/dominado, bom/mau, acima/abaixo, superior/inferior. Numa sociedade onde o bem é definido em termos de lucro e não em termos de necessidade humana, precisa haver sempre algum grupo de pessoas que, através da opressão sistematizada, possa ser levado a se sentir excedente, a ocupar o lugar do inferior desumanizado. Dentro da nossa sociedade, esse grupo é constituído pelos negros, os terceiro-mundistas, os operários, os idosos e as mulheres (Lorde, 2012, p. 233).

Federico (2021, p. 112) enfatiza que maus tratos físicos, transplante do território e destruição dos vínculos familiares e grupais foram as marcas da violência europeia no período da escravização. “Famílias africanas foram destruídas durante esse processo e a sacralidade da concepção e da gestação foram profundamente desrespeitadas naquele período”. Esclarece que como terapeuta de família seu desafio é pensar a transmissão transgeracional desses traumas e também formas de resiliência emocional.

Hartman (2020, p. 16-17) dedica-se a representar as vidas das pessoas sem nome e dos esquecidos e narra contra-histórias da escravidão, o que está alinhado às histórias do presente, que é o “[...] projeto incompleto de liberdade e a vida precária do(a) ex-escravo(a), uma condição definida pela vulnerabilidade à morte prematura e a atos gratuitos de violência”. Nosso agora sofre interrupções pelo nosso passado.

Essa interferência do passado no nosso agora pode ser verificada também nas atualizações do racismo. Neste sentido, Jurema Werneck afirma que foi a constatação da ocorrência de esterilizações em massa, tanto cirúrgicas como químicas, em mulheres negras, que impulsionou a elaboração de um projeto que resultou em uma campanha de mobilização e posteriormente na criação da ONG Criola. Essa Organização Não Governamental tem o objetivo de fazer enfrentamento ao racismo patriarcal, compreender e combater os modos específicos de aniquilamento das mulheres negras, como a esterilização, que ela compreende como uma prática eugenista (LILI SCHAWRCZ, 2022).

É importante salientar que houve resistência à escravização na África e que muitas mulheres estiverem à frente nessa luta. A Rainha Nzinga (RAINHA..., 2023) e as Agogies, mulheres guerreiras do reino do Daomé (A MULHER Rei..., 2022) são alguns dos exemplos. Contudo, a despeito dos enfrentamentos a captura avançou pelo continente e as mulheres e as crianças foram as que mais sofreram com o horror perpetrado pelos europeus. Mas essa força feminina persistiu e nos foi legada.

Silva (2020) recupera histórias de mulheres que foram escravizadas, que lutaram pela liberdade e contaram suas histórias, utilizando-se, para tanto, da escrita, para a elaboração de livros e de cartas reivindicatórias. São elas: Rosa Egipcíaca, Lucy Terry Prince, Phillis Wheatley, Mari Prince, Sojourner Truth, Lilly Ann Granderson, Harriet Tubman, Ellen Craft, Susie King Tylor, Millie e Cristine McKoy, Esperança Garcia e Maria Rosa.

As mulheres do Candomblé são independentes e fortes, o que está diretamente relacionado com a vivência das mulheres negras no pós-escravização quando, diante das dificuldades encontradas pelo homem negro, tomaram para si a responsabilidade de manter a unidade familiar, a coesão grupal e preservar as tradições culturais e religiosas. “Parece-nos que essas mulheres traziam para o seu presente imagens sacralizadas de seu passado, evidenciadas na mitologia preservada e na estrutura religiosa que aqui criaram”. Na mitologia africana destaca-se a força de Iansã, a deusa guerreira que luta ao lado de Xangô, domina os espíritos dos mortos. Ela é a deusa do fogo e das tempestades (Carneiro, 1993, p. 29).

O equilíbrio de forças entre os sexos está sempre presente nos mitos; há neles o reconhecimento, do ponto de vista do homem, da necessidade de controlar a mulher, não porque ela seja inferior, subproduto dele, mas sim porque tem potencialidades e características capazes de submetê-lo. Para cada atributo masculino encontramos um equivalente feminino e, ainda, homens e mulheres participam das qualidades inerentes à “natureza humana”; homens e mulheres sabem que se equivalem física e psicologicamente (Carneiro, 1993, p. 21).

O Mulherismo Africana tem se mostrado como uma possibilidade de resgate do poder feminino, da ancestralidade negra e de sentido de existência. Trata-se de uma perspectiva afrocentrada que tem suas bases na trajetória milenar, matriarcal e matrilinear. Njeri e Ribeiro (2019, p. 596) esclarecem que o termo Mulherismo Africana foi criado por Clenora Hudson-Weems em 1997 e que

[...] é um pensamento africano-centrado de elevação e recuperação do trilho civilizacional negro-africano e fala tanto para pessoas negras das múltiplas diásporas – pois entende que o descarrilamento causado pelo sequestro do atlântico, escravidão, cárcere permanente e banzo estruturam as nossas relações com o outro e consigo mesmas – quanto para as do continente.

Zenaide Silva explica que pelo paradigma da Afrocentricidade toda a humanidade é um grande arco-íris e que a grande mãe negra é a África, é Ísis (Auset). Os *griôts*, argumenta, fazem a “*herstory*” a história da mãe, em oposição à *history*, a história dos homens. Portanto, falamos e existimos em nome da mãe, fazemos a “*herstory*”, a história da mãe, a mãe negra que foi pisoteada, vilipendiada, escravizada (PROVOCAÇÕES..., 2010).

Eilser (1996, p. 15) afirma que

Há evidências consideráveis das escavações arqueológicas de que por milhares de anos mulheres e homens viviam em sociedades onde a norma, não apenas para as relações sexuais, mas para todas as relações – das entre pais e filhos e até entre os seres humanos e a natureza –, não era a dominação e a exploração.

A despeito da visão pejorativa que impera sobre o corpo feminino, há indícios de que o corpo da mulher foi visto como sagrado. O triângulo púbico feminino era visto como a manifestação sagrada do poder sexual e criativo. “Em tradições que remontam ao princípio da civilização, a vulva era venerada como o portal mágico da vida, possuindo o poder tanto de regeneração física quanto de iluminação espiritual e transformação” (Eisler, 1996, p. 27).

O ouroboros, a imagem da serpente circular que morde a própria cauda [...] é o símbolo do estado psíquico inicial e da situação primordial, em que a consciência e o ego do ser humano ainda são infantis e não desenvolvidos. O símbolo da origem e dos opostos nela contidos é o “Grande Círculo”, no qual se fundem e se interpenetram o positivo e o negativo, o masculino e o feminino, os elementos pertinentes à consciência – e os hostis a ela – e os elementos inconscientes. Nesse sentido, o ouroboros também é um símbolo da ausência de diferenciação entre o caos, o inconsciente e a totalidade da psique, a qual será vivenciada pelo ego como estado limítrofe (Neumann, 2021, p. 33).

Neumann (2008, p. 30) esclarece que “A uroboros representa o redondo que contém, isto é, o ventre primal materno e o útero, mas também a união do antagonismo masculino-

feminino, os ancestrais, pai e mãe unidos em coabitação permanente”. Neumann (2021, p. 37) nos diz que “A análise estrutural do arquétipo da Grande Mãe e, naturalmente, de interesse fundamental para a psicologia do Feminino em geral”.

von Franz (2010) explica que o princípio feminino está presente nos homens (anima) e nas mulheres (feminilidade) e esclarece sobre os ataques negativos do *animus*, que referem-se a reações arquetípicas relacionadas ao campo do sentimento e configuram uma perturbação emotiva ou um estado de possessão. A reflexão sobre decepções ou sentimentos feridos, ou seja, sobre a fonte do mal, faz com que a possessão tenha fim. A postura rígida do *animus* representa um meio de defesa frente a uma situação que demanda adaptação a um novo contexto e pode levar a situações muito complicadas e até mesmo à dissociação. O patriarcado, portanto, interfere no desenvolvimento da feminilidade, pois no plano coletivo

[...] o desenvolvimento de um certo estágio da feminilidade é permitido enquanto permanece no nível infantil da submissão, mas não além. Os elementos femininos que não se enquadram inteiramente em nossa civilização são autorizados durante a infância, mas banidos logo que a menina atinge uma idade em que isso precisa ser levado a sério no mundo adulto (von Franz, 2010, p. 69).

A rejeição do feminino pelo mito cristão levou as mulheres ao *animus*, tirando-lhes a sua autoconfiança natural, o que, de forma compensativa, fez com que se comportassem como homens. “Em nosso jargão elas ‘estão no *animus*, imitam os homens e se comportam de maneira bruta ou racional, que é característica do *animus*. Não tem autoconfiança na própria feminilidade” (von Franz, 2020, p. 40).

von Franz (2020, p. 41) assegura que as mulheres são mais reprimidas pelo *animus* do que pelos homens externos. “O *animus* é o verdadeiro problema. Deve-se fundar uma sociedade de libertação feminina contra o *animus*, não contra os homens. Isso seria a libertação das mulheres. Então, eu diria que sua feminilidade se recupera por si mesma” de forma natural pela sua condição de fêmea (von Franz, 2020, p. 41).

Jung (2015c, p. 204) argumenta que “A aceitação do feminino leva ao aperfeiçoamento. O mesmo vale para a mulher que aceita seu masculino.” E que “Quando te tornas uma pessoa, tua alma vem a ti”.

O que se passa com a masculinidade? Sabes quanta feminilidade falta ao homem para seu aperfeiçoamento? Sabes quanta masculinidade falta à mulher para seu aperfeiçoamento? Vós procurais o feminino na mulher e o masculino no homem. E assim há sempre apenas homens e mulheres. Mas onde estão as pessoas? Tu, homem, não deves procurar o feminino na mulher, mas deves procura-lo e reconhece-lo em ti, pois tu [o] possuis desde o começo. [...] Tu, mulher, não deves procurar o masculino no homem, mas deves aceitar em ti o masculino, pois tu o possuis desde o começo. [...] Mas a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. Mas se prestares atenção, verás que o homem mais masculino tem alma feminina, e que a mulher mais feminina tem alma masculina. (Jung, 2015c, p. 203).

Lorde (2020) pontua que .

Deveríamos trabalhar juntos em cooperação máxima para vencermos nossas opressões comuns, objetivando possibilitar um futuro viável para todos. Neste contexto, é imprescindível considerarmos que o domínio da sociedade é exercido pelo privilégio do homem branco. “A conscientização do homem negro, no entanto, precisa ser trabalhada, para que ele perceba que o machismo e a misoginia são criticamente disfuncionais para sua libertação como homem negro, porque emergem da mesma constelação que engendra o racismo e a homofobia, uma constelação de intolerância com a diferença. (Lorde, 2020, p. 74).

A autora (Lorde, 2020) aborda um tema sensível: a necessidade de analisarmos criticamente os comportamentos machistas e misóginos dos homens negros. Homens negros agredem e matam mulheres negras. Esta questão levanta questionamentos sobre o que vem primeiro para a mulher negra: o sexo ou a raça.

Gênero, raça/etnia e classe social estão unificadas por uma estrutura de poder, ainda que tais ordens sejam separadas didaticamente nas análises científicas. O problema maior não reside nisso e sim na ausência de sínteses que considerem as suas relações no bojo do capitalismo, que mercantilizou todas as relações sociais, inclusive as de gênero. Importante destacar que o patriarcado penetrou em todas as esferas da vida social (Saffioti, 2015). As relações de gênero são marcadas pela dominação, nos aspectos ideológicos, e pela exploração, nos aspectos econômicos. Na linha da vulnerabilidade a mulher negra encontra-se na situação extrema. Sob o capitalismo vivenciamos uma simbiose: capitalismo, patriarcado e racismo; que são interdependentes e atendem aos interesses da classe dominante (Saffioti, 1987).

Segundo Saffioti (2015)

As mulheres são ‘amputadas’, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, ‘apaziguadores’. Os homens, desde cedo são estimulados a serem agressivos e a desenvolverem condutas perigosas e que demonstrem força e coragem (Saffioti, 2015, p. 37).

Embora a misoginia tenha muita força no patriarcado, há um contraponto: a filoginia. Rago (2001, p. 65) cita o Grande Dicionário Larousse (1999, p. 432) no qual consta a seguinte definição: “Filoginia, do grego *philos*, amigo + *gyne*, mulher – amor às mulheres – antônimo Misoginia, aversão às mulheres”. A teoria dos dois berços de Diop (2023) nos permite compreender as bases da misoginia e também da filoginia.

Portanto, a alma africana é originalmente filóloga. O Renascimento Africano implica também o realinhamento com os ideais matriarcais e maáticos e a retirada do feminino negro da sombra. Contudo, para mudarmos a realidade é preciso começarmos no nível individual. hooks (2019) nos explica que a autorrecuperação é um movimento que implica o ato de tornar-se sujeito, de reintegrar o eu a uma condição de completude, de despertar para a consciência crítica, de transformação, de libertação.

Enfrentar o medo de se manifestar e, com coragem, confrontar o poder continua a ser uma agenda vital para todas as mulheres. Minhas ancestrais mais velhas me deram o importante presente da fala contundente. Elas foram mulheres corajosas, de visão e de propósito (hooks, 2019, p. 19).

Helena Theodoro (MULHERES..., 2022) afirma que as mulheres preservam a ancestralidade. O romance *Ponciá Vicêncio* (Evaristo, 2021) mais uma vez nos traz elementos para reflexão desta temática. O que liga Ponciá à sua ancestralidade é principalmente a arte com o barro e as memórias do avô. Porém, é perceptível também elementos de desconexão com sua espiritualidade e com o próprio artesanato. Esse mal estar, causado pela sua desconexão é compreendido como loucura, mas revela uma falta, uma busca pelas suas raízes.

Machado (2020, sem paginação) acentua que “O feminino é o útero do mundo, potência da vida comunitária, coletiva, pautada pela justiça e pelo bem viver. Carregamos toda uma ancestralidade que nos permite ser, existir, resistir, re-existir, assim, somos ancestrais, nossos corpos são ancestrais, portanto, sagrados”. Portanto, “O feminino é a potência da reinvenção... da criação, do re-criar, do ressignificar, do co-criar”.

Afua (2021, p. 20) afirma que a cura e a transformação do ventre feminino proporciona a mudança no nosso destino e no destino do nosso planeta. Por isso, “Mulheres, é hora de retomar o controle. Nós devemos defender nossos ventres com nossas vidas, pois o ventre é a origem de todas as nossas capacidades criativas” Devemos voltar nossos olhos para o Kemet. “Dizem que nosso modo de vida não existe mais e que o legado do Vale do Nilo acabou há milhares de anos. Mas nós estamos aqui e nos lembramos de tudo” (p. 29).

Elaborei uma peça artesanal (fotografia 29) representando essa potência do feminino que encontrei na perspectiva africana, que refere-se ao feminino e à sua conexão com a espiritualidade. As linhas lilás do tricô e roxa do bico de crochê foram escolhidas porque representam a luta das mulheres. O bordado de girassóis representa a geração da vida. As múltiplas camadas das aplicações da flor de lótus sagrada e da *Ankh* remetem à diversidade de tonalidades de pele que compõem a negritude. A dinâmica de ter que recortar vários panos de cores diferentes até chegarmos no azul e no dourado é uma imagem que remete ao processo de processo de individuação, ao processo alquímico que nos leva até a nossa essência.

Fotografia 29 – O Feminino e a Fonte da Vida



Fonte: elaboração própria. Arquivo pessoal.

Observação: tricô lilás em ponto pipoca com bico de crochê e adornado por conchinhas. Bordado à máquina em ponto cheio em tecido de algodão cru. Símbolo Ankh e lótus sagrada em aplicação invertida.

6.3 Renascimento Africano no Brasil: a reivindicação do legado ancestral africano

A doutora em Antropologia com foco na África, Marimba Ani, no documentário *O Soberanista Nana Clarke* (O SOBERANISTA..., 2018) nos fala acerca do comprometimento de John Henrik Clarke na luta pelo restabelecimento da verdadeira história africana e nos lembra das potentes palavras de Marcus Mosiah Garvey¹¹: “De pé, raça poderosa! você pode

¹¹ Garvey foi um agente de transformação para a raça negra, sendo considerado por muitos o mais importante líder negro. Influenciou profundamente a luta pelos direitos das pessoas negras e pela sua liberdade em

realizar o que quiser!”. Destaco também as seguintes palavras de Garvey: “Um povo sem conhecimento da sua história, origem e cultura é como uma árvore sem raízes.” (FCP, 2023, sem paginação).

Azevêdo (1990, p. 56) nos alerta de que “A libertação dos marginalizados começa no conhecimento histórico, avança com as organizações populares, se fortalece na conscientização de sua força, efetiva-se com as pressões às decisões políticas e consolida-se na observância dos direitos dos oprimidos”. Adichie (2019, p. 12) afirma que “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. Alerta a autora que a história única cria estereótipos e que eles, por sua vez, são incompletos e fazem com que uma história torne-se uma história única. Bâ (2010) nos adverte que na África tudo é História e que a grande História da vida é subdividida em diferentes ramos que incluem botânica e farmacopeia, geografia, mineralogia e metais, astros, águas entre outros.

Atualmente herdeiros de diferentes tradições estão invocando a sabedoria espiritual de seus ancestrais com o objetivo de revitalizar essas tradições na contemporaneidade (Afua, 2021). Há, portanto, uma necessidade de reintegração do legado africano, uma vez que “O continente Europeu arrogou-se o direito de definir os lugares existenciais dos povos africanos, alicerçado no discurso de autoridade construído durante a colonização” (Pontes, 2017, p. 50).

No contexto da unidade na diversidade, ancestralidade e espiritualidade são elementos que se constituem e, portanto, podem nos auxiliar a romper com as violências e os destroçamentos que nos foram historicamente impostos (Ribeiro, 2019).

Lam (2014) nos fala acerca das migrações que partiram do Kemet para outras regiões do continente africano.

Alguns factores novos, resultantes das investigações levadas a cabo por egiptólogos negro-africanos (continente e diáspora) permitem hoje confirmar a existência da unidade egípcio-africana, cujo berço mais fecundo é de facto o Egito antigo. Este berço foi deslocado apenas com o enfraquecimento e com a queda do poder faraónico, dando assim origem a vagas migratórias em direcção ao interior do continente (Lam, 2014, p. 143).

Portanto, o conhecimento egípcio chegou até nós por duas vias: a unidade na diversidade e o legado trazido pelos nossos ancestrais escravizados. Malomalo (2023, sem paginação) nos traz uma importante contribuição, afirmando que é tempo de acordar e que “Ruge o novo paradigma ancestral kamita, desde África, desde o vale do Hapi. [...] África

diferentes partes do mundo, incentivando a sua solidariedade e possibilitando a percepção de que sua luta ultrapassa os limites do estado-nação (FCP, 2023).

precisa do paradigma ancestral para renascer”. Esta tese está alinhada com esta perspectiva, uma vez que busco analisar a dimensão mítica e místico-religiosa do Kemet e a sua transformação cultural vivenciada na diáspora africana em uma perspectiva psicológica. Domingos (2017), ao falar de nossos ancestrais escravizados, também nos indica a direção a ser seguida: “Apesar do descarrilamento, o único mapa mental que dispunham para navegar e dar sentido à nova condição de servidão e barbarismo era o mapa mental de ser humano na sua cosmovisão (es) africana (s)” (Domingos, 2017, p. 191).

Os africanos desenvolveram, no conjunto do continente e no exterior deste, diferentes formas de resistência e de lutas de libertação (guerra, guerrilha, resistência passiva, terra incendiada, revoltas, resistência intelectual, espiritual...) face à agressão militar, política, económica, cultural e psicológica estrangeira. [...] (M’Backé Diop, 2014, p. 92).

A professora Valdina Pinto, a Makota Valdina, nos alerta sobre a necessidade de libertarmos nossas mentes, o nosso pensar, pois a liberdade de pensamento é a verdadeira liberdade (TPSM..., 2018a). Makota Valdina (TPSM..., 2018b) também alerta que vivemos em um ambiente doente, cheio de injustiças sociais, discriminação, com uma grande ameaça contra o povo negro: as constantes e persistentes tentativas de exterminar a essência africana na humanidade. Porém, há algo que transcende a mente e possibilita o seu resgate: há um elo invisível. Este elo pode estar partido visivelmente, mas invisivelmente é inquebrável. “Somos ameaçados, mas quando dois se juntam formam um elo”. A cultura ancestral é fundamental neste processo. Neste sentido, Antônio Bispo dos Santos nos diz que precisamos sair da teoria e priorizar a prática, pois nossa trajetória precisa sustentar nosso discurso, para que assim ele tenha sentido (NÊGO..., 2021).

Luiz Gama (Gama, 1871 *apud* Ferreira, 2020) afirma que a resistência é uma virtude cívica. Já Nise da Silveira nos diz que “Hoje em dia ninguém se espanta com nada, tudo é muito normal, mesmo os maiores absurdos são considerados coisa normal. A indignação é fundamental para a transformação, sem ela não conseguimos mudar quase nada” (Mello, 2015, p. 304).

Roberto Gambini esclarece que uma parte da identidade brasileira é o coração, o sentimento, o senso de justiça, é guerrear contra o inimigo, isso está no nosso DNA, ficou adormecido por mecanismos psicológicos. Há algo em nós que está adormecido e que precisa despertar (IDENTIDADES..., 2022). A memória individual e coletiva exerce um papel fundamental nos processos verticais de enraizamento e de busca de identidade (Boechat, 2018). Tais constatações dão ainda mais importância às reflexões de Beatriz Nascimento (ORI, 1989) sobre o corpo-território, sobre o nosso corpo como um quilombo.

No documentário *Abdias Nascimento*, ao ser questionado sobre as diferentes formas pelas quais poderia ser tratado, considerando-se o leque de atividades que desenvolveu ao longo da vida, o mestre respondeu que gostaria que constasse nos livros que ele agitou a sua raça. Também falou que tinha a vida a perder, mas que sempre confiou em si mesmo, isto lhe dava força. No poema *Padê Exu Libertador*, que temos a oportunidade de ouvir sendo declamado pelo próprio Abdias ao final do documentário, ele nos diz: “[...] sabes que em cada coração de negro/ há um quilombo pulsando/ em cada barraco um palmares crepita” (ABDIAS..., 2011).

O Renascimento Africano faz essas faíscas alquímicas se transformarem em labaredas. Zenaide Silva afirma que podemos transformar o Brasil em uma África e que isso é uma questão de vontade e ação, uma vez que somos o verdadeiro arco-íris cósmico, que o Brasil já é um arco-íris. Salienta que é preciso ter coragem para sabermos de onde viemos, para onde vamos, a que viemos por que estamos aqui. Zenaide nos convoca a criar o belo a partir do caos (PROVOCAÇÕES..., 2010). Saidiya Hartan revela que quando esteve no Pelourinho, em Salvador, sentiu a presença da África. Afirmou então: “No Brasil, por sua vez, eu experienciei o que significa habitar profundamente formas africanas e testemunhar sua transformação, como são refeitas e recalibradas.” (SOUSA, 2023, p. 04).

Neste trabalho proponho a possibilidade de analisar o Movimento do Renascimento Africano no âmbito dos movimentos sociais. Para tanto, considero as afirmações de Munanga (2020a) que percebe uma relação entre a autoidentificação pessoal e o fortalecimento da identidade coletiva dos movimentos sociais negros. No cerne das dificuldades encontradas neste processo está a ideologia racial elaborada pela elite brasileira, na qual destaca-se o branqueamento que aliena o processo de identidade de negros e mestiços.

Em suas diferentes expressões, este Movimento está alinhado à proposta da promoção de saúde, o que vai ao encontro de duas questões importantes na perspectiva dos Direitos Humanos: a saúde como direito fundamental e dever do Estado, sem excluir as obrigações da sociedade (BRASIL, 1990), e o fato de o Brasil ser signatário da *Carta de Otawa* (Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, 1986).

Silva (2022, p. 101) adverte que historiadores, antropólogos e sociólogos brasileiros “[...] tem estudado o escravo e o negro a partir de seu desembarque no Brasil, sem vincular a sua captura e escravização ao que se passava na África, é como se esse escravo não trouxesse consigo a sua história”. Paulina Chiziane afirma que o jugo europeu ainda pesa sobre os africanos, o que implica a descolonização de nossas mentes, assim como a criação de bibliografias que reproduzam o negro de forma digna (ITAÚ CULTURAL, 2023). O

Renascimento Africano possibilita esse movimento de retomada do nosso legado e de reescrita da nossa história. Nesta empreitada podemos contar com a proteção de Seshat.

Seshat é a deusa das bibliotecas e dos escritos. Protege os livros e o conhecimento. O significado do seu nome é “Aquela que escreve” e preside “A Casa da Vida” (local que abrigava os conhecimentos do Antigo Egito). É uma das deusas mais antigas do Antigo Egito, havendo evidências de sua existência na I Dinastia (2900 a.E.C). É considerada a patronesse da arquitetura e chamada de “Senhora dos Construtores” nos “Textos das Pirâmides” (SESHAT..., [20--]). Por esta perspectiva, temos capacidade de produzir não só as nossas bibliotecas, mas também novas possibilidades de vida para nós e para as próximas gerações.

Relaciono o símbolo Adinkra *Nsaa* (fotografia 30), que representa um cobertor feito à mão, ao Renascimento Africano. Este símbolo nos ensina que a pessoa que não conseguir reconhecer um *Nsaa* autêntico comprará uma falsificação. É um símbolo de excelência, originalidade e autenticidade. Já o símbolo *Pempamsie* (fotografia 31), que simboliza a prontidão, a persistência, a bravura e a coragem (Nascimento; Gá, 2022) vejo como representativo de todas as pessoas envolvidas no Movimento do Renascimento Africano.

Fotografia 30 – Símbolo Adinkdra *Nsaa*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto cheio feito em tecido de algodão cru.

Fotografia 31 – Símbolo Adinkra *Pempamsie*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto cheio com contorno de linha dourada.

6.3.1 Kasa de Maat e Instituto Sankofa de Psicologia e Educação: saúde mental e enraizamento na diáspora africana

A minha jornada no Doutorado foi radicalmente modificada quando encontrei a Kasa de Maat. Por seu intermédio o meu fascínio pelo Kemet foi potencializado e efetivou-se como uma possibilidade de pesquisa. Já meu contato com o Instituto Sankofa primeiramente me instrumentalizou na compreensão das especificidades da psicologia de pessoas com ascendência africana, depois me permitiu confirmar minha suspeita a respeito da origem da Psicologia no continente Africano.

Analisando a minha trajetória vejo que encontrar o Instituto Sankofa logo depois da Kasa de Maat não foi obra do acaso. Existe uma relação de complementariedade entre essas duas instituições no âmbito do que busco com a minha pesquisa. Além do resgate do legado africano, as duas instituições atuam na área da promoção de saúde de pessoas de ascendência africana, nos oferecendo ferramentas de cura e de enfrentamento da *maafa*. Da mesma forma, ambas nos permitem a vivência de uma espiritualidade conectada com a África, em uma perspectiva maática que contempla o respeito ao feminino e às mulheres.

Puxar os fios da maçaroca histórica causa muito sofrimento; desfazer os nós é muito difícil e muitas vezes acabamos por apertá-los ainda mais. Somos sufocados no interior destes nós. Este sofrimento psíquico pode até mesmo evoluir para um transtorno mental. Como diz Mut¹² Rosa Natalino: “Nossa caminhada é tão cheia de dor que até quando vamos celebrar temos que abraçar essa dor. A dor de um é a dor de todos. Como curar essa dor? Como fazer o que tem que fazer embedido de dor?” (KASA DE MAAT..., 2022, 18min23seg a 18min37seg). Acentua que “Só vamos conseguir caminhar se nós conhecermos o nosso legado porque ele nos dá essas ferramentas” (18min48seg a 18min50seg.).

As costuras de reconexão com nossa ancestralidade exigem muita atenção, pois são costuras à mão, minuciosas; o risco de ferirmos os dedos com a agulha está sempre presente. É preciso ter prudência neste movimento para não adoecermos, é preciso termos autocuidado no sentido que nos fala Lorde (2017): cuidarmos de nós não é autoindulgência e sim autopreservação e uma atitude de guerra política. Portanto, além da maçaroca histórica e da espiritual, acontece também a existencial. Trata-se de um mal estar que nos assola diante da sensação de impotência, da constatação das injustiças e da compreensão dos mecanismos que legitimaram a escravização de africanos pelo ocidente e sua atualização, em diferentes perspectivas. Desde o ano de 2021 tenho encontrado embasamento para este autocuidado na Kasa de Maat e no Instituto Sankofa.

As *Per Ankh*, também chamadas de Casas da Vida, eram centros de estudos que faziam parte do que James (2022) chamou de Sistema de Mistério Egípcio, por meio do qual alguns filósofos gregos tiveram acesso aos conhecimentos secretos egípcios. Levando em conta o desenvolvimento científico e artístico do Antigo Egito, Manacorda (1992) afirma que o estudo sobre a história da Educação deve ser iniciado pelo Egito. Vejo a Kasa de Maat e o Instituto Sankofa como versões das *Per Ankhs* na diáspora e, neste sentido, acredito que o símbolo *Adinkra Nea onnin no sua a, ohu* (fotografia 32) que simboliza o conhecimento, a aprendizagem permanente e a busca contínua pelo saber (Nascimento; Gá, 2022) representa bem as duas instituições.

¹² Na cosmogonia tebana, Mut significa mãe, seu símbolo é o abutre, ela é a Grande Mãe do Mundo, que retira da Grande Alma Universal, Hammamit, as nove energias que constroem o homem. Reúne os atributos de todas as deusas do panteão egípcio (Bacha, 1997).

Fotografia 32 – Símbolo Adinkra *Nea onnin no sua a, ohu*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto cheio em tecido de algodão cru.

Silva (2017-2018), a partir do conceito de descarrilhamento de Nobles (2009) cunhou o termo reencarrilhamento, analisando-o no contexto universitário. O autor acredita que este processo pode ser desenvolvido por coletivos negros por meio da criação de uma rede de pertencimento coletivo e comunitário, em espaços sociais que acolham e legitimem a trajetória negra, conferindo-lhe um sentido comunitário reconhecido e legitimado. Esta rede de apoio e o pertencimento que ela promove são elementos fundamentais e significativos para a trajetória educacional. Como Kasa de Maat e Instituto Sankofa são instituições com foco na educação podemos estabelecer um paralelo, concebendo-as como parte determinante para os processos de reencarrilhamento da existência negra diaspórica, fragmentada pela *maafa*.

Karenga (2003 apud Mazama, 2009) identifica centralidade da comunidade, respeito à tradição, alto nível de espiritualidade e envolvimento ético, harmonia com a natureza, natureza social da identidade individual, veneração dos ancestrais e unidade do ser como orientações compartilhadas que são centrais entre as características culturais africanas. Vanda Machado nos fala que uma das formas de manutenção da alma negra, do espírito negro acontece por meio do sentido agregador que nos foi legado pelos povos Bantu

(MOKAMBO..., 2017). Tais aspectos são fomentados pela Kasa de Maat e o Instituto Sankofa.

Mazama (2002) argumenta que a Afrocentricidade não pode ser reduzida a um projeto epistemológico. Não pode e não deve ser abordada como uma ferramenta analítica; deve estar presente na vida da pessoa afrocêntrica em todas as suas dimensões. Ela é um movimento emancipatório e, portanto, de resistência à opressão europeia. Uma característica muito presente na resistência africana é a sua confiança na espiritualidade, pois ela desempenhou papel determinante em nossas lutas pela libertação. A autora defende a necessidade de inclusão consciente da espiritualidade como parte da busca afrocêntrica. Os princípios da Afrocentricidade exigem esta inclusão. Uma vez que é uma abordagem da experiência africana que insere os africanos como sujeitos e agentes, a Afrocentricidade exige que sua fundamentação esteja enraizada na cultura africana e na sua visão de mundo. Tais dimensões são contempladas pela Kasa de Maat e pelo Instituto Sankofa.

Relaciono o símbolo *Adinkra Mframman-dan* (fotografia 33) à Kasa de Maat e ao Instituto Sankofa. Ele representa uma casa edificada para aguentar o vento forte. É o símbolo do preparo, da fortaleza, do amparo social, da excelência e da elegância (Nascimento; Gá, 2022).

Fotografia 33 – Símbolo Adinkra *Mframman-dan*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto zigue-zague em tecido de algodão cru.

A Kasa de Maat é uma instituição voltada ao resgate histórico africano por meio de práticas, cursos, retiros e vivências que incluem: treinamento de *Kemetic Reiki*, treinamento de Yoga Africano, *Seneb Uatu* (retiro), *Seneteri Merhet* (tornar divino a partir dos aromas), *Kwanzaa*, *Ankhms Maat*. Pauta-se nos princípios morais de verdade, justiça e ordem (Maat). Seus cursos, formações e aulas são preparados em alinhamento com as condutas das instituições africanas com as quais é filiada, a saber: *Academy of Kemetic Education & Wellness*, *Ra Sekhi Arts Temple*, *Shrine of Juhty* e *Shrine of Maat* (KASA DE MAAT 2023). Sua fundadora é Rosângela Natalino (Mut Rosa), empresária, Terapeuta Holística Ancestral e diretora da Kasa de Maat (Brasil) e MerKaBa (EUA), é mestra na prática sagrada do *Kemetic Reiki* (KASA DE MAAT, 2023).

Em 2015 a Kasa de Maat trouxe o metre Runoko Rashidi ao Brasil pela primeira vez, em 2019 trouxe o Treinamento de *Kemetic Yoga* para o Brasil, em 2022 promoveu o *workshop* do professor Kaba Kamene, do qual participei, e no mesmo ano trouxe o mestre Mfundishi Jhutymys ao Brasil pela primeira vez (CONHEÇA..., 2023).

Mut Rosa explica que o conceito da criação da Kasa de Maat teve início há pouco mais de dez anos quando ela entrou para a *Academy of Kemetic Education* em *Boston* e fez sua iniciação conduzida pela Dra Nteri Nelson e Baba Heru. Em seguida, fez sua segunda iniciação no *Shrine* de Maat, com a sacerdotisa Anika Osazi e o sacerdote Jabari Osazi. Sua formação contempla aprendizados com mestres e mestras da ciência ancestral africana: Mestre Yirser Ra Hotep, Mestre Mfundishi Jhutymys, Mestre Wayne Chandler, Mut Rekhith Kajara, Mestra pelo Ra Sekhi Arts Temple (KASA DE MAAT, 2023).

Entre outras atividades a Kasa de Maat oferece o curso de curta duração Introdução ao ANKHMS MAAT- Genealogia do *Sema* (Yoga Afrikano), que inclui leituras e registros históricos africanos, entre eles: Yoga Africano (*Sema*), Arte Marcial (*Kupagani Nguni*) Alimentação, Moralidade (Maat), Meditação (*KaAbBa*), Língua (*Medu Neter*), *Ra Sekhi (Reiki)*, *Senet* (ANKHMS..., 2023).

Mut Rosa explica que a Kasa de Maat tem por objetivo trazer Maat para a vida das pessoas seguindo os princípios da ordem, da verdade, da justiça, da harmonia e da reciprocidade. É destinada a pessoas negras e representa um modelo educacional revolucionário e independente que busca divulgar o conhecimento legado por nossos ancestrais. Nossa história é metafísica, transpassa tempo e espaço. Há uma preocupação em como manter a integridade deste conhecimento, impedir a invasão e preservar a identidade.

Desta forma nasceu, em 2022, o Programa Imhotep com aspectos da identidade africana e sua aplicação nos dias de hoje; aliando teoria e prática o programa contempla Yoga Africano, capoeira, defesa quilombola (KASA DE MAAT..., 2022). Participei desta atividade dos meses de março a agosto de 2022. Foi um período de grande aprendizado e de vivências espirituais muito significativas.

A mestra esclarece que ouviu falar no Kemet no ano de 2010, quando foi convidada para participar de um evento e ao ouvir falar de uma África que não conhecia ficou surpresa e confusa. Ela tem duas iniciações pela Academia de Educação Kemética de Boston, é mestra em *Reiki* Kemético, trabalha com meditação curativa em uma perspectiva africana, tem formação em Yoga para depressão, ansiedade e trauma. Antes deste período não conhecia a verdade sobre si, seus ancestrais e o seu legado. A Kasa da Maat representa o seu desejo de criar um lugar de difusão do conhecimento que adquiriu nos Estados Unidos. Tal conhecimento é ciência africana, espiritualidade africana e legado africano; não constituindo, portanto, religião. Para que este legado faça sentido precisa ser trazido para as nossas vidas hoje. Em 2015 soube que existia um movimento e juntou-se a um grupo que estava se articulando. No ano de 2018 aconteceu um encontro com conversas e debates sobre o tema do legado africano. Em 2019 foi realizado o primeiro treinamento em Yoga Africano no Brasil, com duas turmas, o que foi interrompido por conta da pandemia nos anos de 2020 e 2021 e foi retomado em 2022, período em que surgiu o Conselho da Kasa de Maat; formado por estudiosos da África e do Kemet.

Informa-nos também que recebe constantemente relatos de pessoas que não dormiam e passaram a falar de sonhos, a acessar coisas que estavam adormecidas; de entendimentos para além da cognição, que alcançam o nível da intuição e auxiliam na compreensão do que é ser um ser divino africano vivendo uma experiência terrena. Questiona, então, como poderemos nos considerar divinos vivendo a nossa realidade. Precisamos compreender o que a África tem a nos falar sobre espiritualidade e sobre ciência para que consigamos compreender o momento que estamos vivenciando, como chegamos até aqui e o que precisamos fazer para conseguirmos transcender essa realidade. A Kasa de Maat compreende que isso será alcançado se passarmos por essa jornada e se conhecermos o caminho africano que começou antes da colonização (KASA DE MAAT..., 2022).

Mut Rosa explica que a nossa cura tem que passar necessariamente pelo contexto histórico. Nosso legado foi roubado porque não conhecemos nossa história. Precisamos mudar a nossa mentalidade e pensar como africanos. Só a nossa união e o nosso desejo de pensar com a mente africana pode mudar o cenário da saúde mental da população preta. A

ativação da nossa autoestima passa pelo conhecimento. As ferramentas que precisamos para tratar nossa saúde mental estão dentro do nosso legado, portanto, nosso legado é uma medicina (MULHERES NEGRAS..., 2022).

Segundo Mut Rosa o *Kwanza*, criado por Maulana Karenga; é um ritual de renascença que traz à luz a nossa identidade, a nossa maneira de organização, refletindo o nosso desejo de estarmos juntos em comunidade. A Kasa de Maat configura esse lugar sagrado que busca soluções a partir dos nossos ensinamentos e da nossa verdadeira história, trazendo para o Brasil práticas que são opções na resolução de problemas vivenciados pela comunidade negra, proporcionando o seu fortalecimento. Somente falar dos problemas sem propor soluções representa uma conversa vazia e adoecedora; se não nos fortalecemos os desafios fazem com que fiquemos pelo caminho (KWANZAA..., 2022).

O Instituto Sankofa de Psicologia e Educação oferece suporte e ferramentas para a emancipação psíquica e emocional de pessoas com ascendência africana no contexto brasileiro tendo como referência a Psicologia Africana tanto na prática clínica quanto nas atividades de ensino, buscando priorizar a qualidade do acolhimento e o atendimento dos pacientes. Oferece serviços especializados no campo da saúde mental e bem estar, com embasamento africano. Os serviços e atividades oferecidos são: psicoterapia, palestras, grupos terapêuticos, processos formativos (Suas Raízes [...], 20--).

Objetiva dar visibilidade a outras matrizes culturais que estruturam a sociedade brasileira, principalmente a negra, considerando a necessidade de especial atenção aos impactos que o racismo causa na comunidade negra (Sobre, 2022). Oferece consultorias que são direcionadas para escolas, empresas e organizações públicas e privadas em dois eixos principais: relações étnico-raciais e saúde mental e bem estar. Os grupos terapêuticos constituem-se em uma vivência prática na perspectiva Ubuntu. A psicoterapia, exclusivamente na modalidade *online*, é direcionada para casos de ansiedade, depressão, traumas e outras questões que causam sofrimento emocional. Casos que demandam atendimento presencial são encaminhados para outros profissionais (Atividades, 20--).

Roberta Maria Federico é a fundadora do Instituto Sankofa. É graduada e mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialista em Terapia de Família. É pesquisadora autônoma na área da Psicologia Africana, tem experiência no ensino superior, é membro da *The Association of Black Psychologist* (ABPsi) desde o ano de 2011, com participação no Comitê de Relações Internacionais, no mesmo ano. Em suas produções acadêmicas discute a temática de raça e racismo na Psicologia acadêmica no Brasil e também

raça, racismo, espiritualidade, saúde mental, educação e terapia familiar na perspectiva da Psicologia Africana (Sobre, 2022).

Ambas as instituições dedicam-se em devolver o legado africano aos seus herdeiros, às pessoas de ascendência africana. As portas abrem-se para todas as pessoas que ouvem o chamado, independente do tom da pele. Como negra de pele clara vi portas se fecharem em muitos espaços, o que causou muito sofrimento. Isso jamais aconteceu na Kasa de Maat nem no Instituto Sankofa. E desta forma nos possibilitam a busca por Maat por meio da prática do *reckhet*, a Filosofia Africana original, seguindo o que nos orienta Lorde (2020, p. 50): “Não precisamos nos transformar uns nos outros para trabalharmos juntos. Mas precisamos reconhecer uns aos outros, nossas diferenças e também semelhanças de nossos objetivos. Não pelo altruísmo. Pela autopreservação – sobrevivência”.

O coração pulsante das duas instituições é feminino. Mut Rosa e Roberta Federico são duas mulheres excepcionais que aceitaram o chamado de Nun e criaram duas instituições fundamentais para o Renascimento Africano no Brasil. Assim como as tecedoras de colchas de retalhos de que nos fala hooks (2022, p. 197-198), elas possuem “[...] o conhecimento de como dar o sopro de vida aos retalhos de tecido”.

A autora (hooks, 2022, p. 197) salienta que sua avó reaproveitava vestidos das suas filhas nas suas colchas de retalhos e que lhe presenteou com um pedaço de uma colcha, dizendo-lhe que ela precisava ficar na família e contar a sua história. “É isso que as tecedoras mais antigas de Gee’s Bend compartilham: uma colcha é tanto um registro de uma história de vida quanto uma coberta confortável”. Mut Rosa e Roberta Federico constroem colchas simbólicas com os retalhos da nossa história, da nossa cultura.

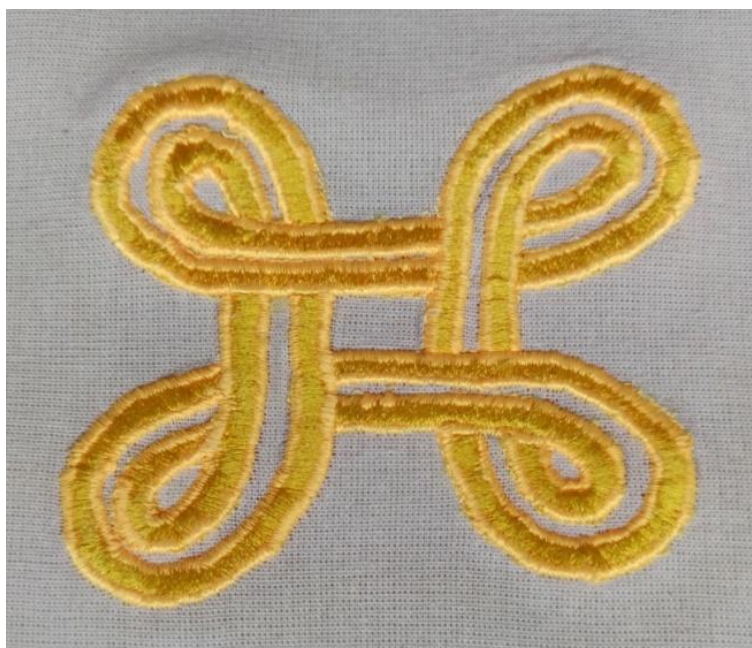
Elas fazem os nós que nos unem à nossa cultura, às nossas raízes e desatam os nós que impedem o nosso desabrochar e, desta forma, as relaciono com os símbolos Adinkra *Niansapow* (fotografia 34) e *Mpatapw* (forografia 35). *Niansapow* é o nó da sabedoria, que é desatado pelo sábio. É o símbolo da sabedoria, da engenhosidade, da inteligência e da paciência. *Mpatapw* também representa um nó da sabedoria; é o nó de reconciliação e de paz e é o símbolo da reconciliação, da pacificação e da negociação de paz (Nascimento; Gá, 2022).

Fotografia 34 – Símbolo Adinkra *Niansapow*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022). Arquivo pessoal.
Observação: bordado em ponto reto e com contorno em zigue-zague em tecido de algodão cru.

Fotografia 35 – Símbolo Adinkra *Mpatapw*



Fonte: elaboração própria. Adaptado de Nascimento e Gá (2022).
 Observação: bordado em ponto cheio com contornos em tecido de algodão cru.

Afua (2021) nos fala a respeito de Sekhmet, a deusa com cabeça de leoa e cado com uma lótus sagrada que é a padroeira da cura. Esta é a melhor representação de Mut Rosa e de Roberta Federico que eu poderia ter encontrado.

Puxar os fios da maçaroca histórica causa muito sofrimento; desfazer os nós é muito difícil e muitas vezes acabamos por apertá-los ainda mais. Somos sufocados no interior destes nós. Este sofrimento psíquico pode até mesmo evoluir para um transtorno mental. Da mesma forma, as costuras de reconexão com nossa ancestralidade exigem muita atenção, pois são costuras à mão, minuciosas; o risco de ferir os dedos com a agulha está sempre presente. É preciso ter prudência neste movimento para não adoecermos, é preciso termos autocuidado no sentido que nos fala Lorde (2017): cuidarmos de nós não é autoindulgência e sim autopreservação e uma atitude de guerra política. É isso que a Kasa de Maat e o Instituto Sankofa nos ofertam. É isso que move Mut Rosa e Roberta Federico.

O propósito destas duas mulheres é disseminar o conhecimento sobre a África, e, ao fazerem isso, promovem saúde mental e resiliência, auxiliando-nos na superação da *maafa* e no restabelecimento e na manutenção de Maat. Nós ficamos orbitando em volta dessas duas fontes de inspiração. Tal como passarinhos em volta de árvores cheias de frutos. Mut Rosa e Roberta Federico são árvores passarineiras que oferecem seus frutos para que as sementes sejam disseminadas.

6.4 Espiritualidade e Antirracismo na Psicologia: caminhos que se entrecruzam

O racismo deixa marcas na psique que produzem configurações específicas. É preciso, pois, trabalhar com a dimensão desta vivência psíquica característica dos negros como uma das maneiras de resgatar a sua condição subjetiva (Nogueira, 1998).

No ano de 2012 o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2012) manifestou-se sobre Psicologia e religiosidade por meio de uma nota pública na qual afirma que não há oposição entre ambas e destaca que a Psicologia reconhece os aspectos culturais da religiosidade e da fé e que elas são importantes na constituição da dimensão subjetiva dos sujeitos. O documento especifica a necessidade de observância às responsabilidades e compromissos da profissão com a promoção de cidadania e de respeito ao Código de Ética do Profissional, aos direitos humanos e aos princípios democráticos e constitucionais de um Estado Laico (CFP, 2012).

Em 2013 o Conselho Federal de Psicologia avançou um pouco mais no debate ao publicar um documento com o posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia sobre Psicologia, religião e espiritualidade. O documento enfatiza o caráter laico do Estado e o direito à liberdade de consciência e de crença, presentes na Constituição Federal de 1988, com a ressalva de que “[...] pautar-se na obrigatoria laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela psicologia e a religião, e pela psicologia e a espiritualidade” (CFP, 2013, p. 02).

Para o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2013, p. 02) a busca do que confere sentido à existência é de ordem espiritual, portanto, afirma reconhecer “[...] a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil”. Ao transitar em um campo comum: a produção da subjetividade, Psicologia e religião estabelecem uma interface, o que cria a necessidade do estabelecimento de um diálogo que mantenha a devida cautela para que a ciência psicológica não se confunda com os conhecimentos dogmáticos da religião. Tais questões evidenciam a necessidade do aprofundamento da interface da Psicologia com a espiritualidade e com os saberes tradicionais e populares. A compreensão da integralidade dos seres humanos está em consonância com as orientações da OMS.

O Conselho Federal de Medicina (CFM), por meio do parecer nº 2/11, esclarece que a perspectiva médica que contempla não somente os fatores físicos, mas também os aspectos objetivos e os subjetivos, está em conformidade com os instrumentos internacionais de direitos humanos que contemplam os sujeitos na sua integralidade. O reconhecimento da espiritualidade na condução das práticas médicas pode ser considerado um direito cultural. Deste modo, as recentes pesquisas que consideram aspectos da espiritualidade nos processos de saúde e adoecimento são, antes de uma descoberta, uma recuperação de valores e práticas que são essenciais para a práxis médica desde Hipócrates (CFM, 2011).

Pereira e Holanda (2019) fizeram uma revisão sistemática sobre religião e espiritualidade nos cursos de Psicologia e observaram número reduzido de publicações e uma tendência de índices menores de bem-estar espiritual em estudantes de Psicologia do que estudantes de outros cursos. Além disso, também se evidenciou que estudantes de todo país relatam dificuldades e insegurança para tratar do assunto, falta de manejo teórico-clínico e dificuldades ou mesmo limitações para discutir a temática com professores e supervisores de estágio.

Em 1998 a OMS incluiu a espiritualidade como fator a ser considerado na análise da saúde e da qualidade de vida. Salgado (2006) destaca que tal fato fez com que universidades

do mundo todo procurassem adequar seus currículos de saúde para atender a esta demanda. O autor é da área da Medicina e relatou que disciplinas sobre espiritualidade estão ausentes da maioria dos cursos. Relatou também que foi necessário um movimento que contou com mais de 740 estudantes e 50 professores para conseguir criar a disciplina optativa *Saúde e Espiritualidade* na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A *Classificação Internacional de Doenças-10* CID-10 (OMS, 1993), no item F44.3, define transtornos de transe e possessão como perda temporária do senso de identidade e da consciência do ambiente. O sujeito pode agir como se estivesse tomado por outra personalidade, espírito, divindade ou força. A atenção e a consciência podem ficar limitadas ou focadas em um ou dois aspectos do ambiente. Conjuntos limitados e repetitivos de movimentos, posições e expressões vocais podem estar presentes. Somente estados de transe involuntários ou indesejados e que ocorram fora de situações religiosas ou aceitas culturalmente podem ser incluídos nesta classificação.

O *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) (APA, 2014) classifica o transtorno dissociativo de identidade no item 300.14 e o caracteriza como uma ruptura da identidade que se caracteriza pela presença de dois ou mais estados de personalidade distintos, que pode ser compreendido em algumas culturas como possessão. Neste quadro há descontinuidade do senso de si e de domínio das ações e podem estar presentes alterações nos seguintes domínios: afeto, comportamento, consciência, memória, percepção, cognição, funcionamento sensório-motor. Os sintomas causam sofrimento significativo e prejuízos na sociabilidade, na vida profissional e em outras esferas da vida do sujeito. A perturbação apresentada não se configura como parte de práticas religiosas ou culturais aceitas. Os sintomas não podem ser atribuídos a efeitos de substâncias psicotrópicas ou alguma condição médica.

Dalgarrondo (2008) esclarece que o transe histérico, frequentemente relacionado a conflitos interpessoais, difere-se dos estados de transe religioso, culturalmente sancionados e contextualizados. Afirma também que são recursos religiosos e socioculturais que possibilitam às pessoas enfrentarem as dificuldades da vida.

No *Dicionário de Psicologia da APA* (APA, 2010, p. 719-720), encontramos possessão atrelada à questão religiosa – possessão demoníaca - e definida como “[...] a suposta invasão do corpo por um demônio ou espírito do mal que assume o controle da mente ou da alma, produzindo transtorno mental, enfermidades ou comportamento criminoso”. Transe está relacionado à hipnose, autossugestão e práticas religiosas, como no caso do transe

xamânico que pode ser induzido por alucinógenos, música rítmica, sugestão, experiência de possessão ou formas semelhantes.

No mesmo manual (APA, 2010, p. 980), há uma definição de transtorno de transe dissociativo, ou transtorno de transe e possessão, a saber: alterações que envolvem a consciência, percepção ou memória e funcionamento motor causando aflição e enfraquecimento. O transtorno é subdividido em dois grupos, considerando-se o estado de identidade: a) transe de possessão, com a substituição da identidade do sujeito percebida como força externa; b) transtorno de transe, no qual há a preservação da identidade, mas o ambiente social é percebido de forma alterada. Os estados dissociativos fazem parte da cultura e podem fazer parte de costumes religiosos, portanto, só podem ser vistos como patologia se percebidos como anormais dentro do contexto do grupo cultural ou religioso.

Como é possível perceber, há um caminho bem pavimentado para a inserção da espiritualidade na Psicologia, mas ainda há uma lacuna entre essa constatação e o fazer psicológico. Há uma lacuna ainda maior em relação à espiritualidade africana. Neste sentido, as *Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) com Povos Tradicionais* (CFP; CRP'S; CREPOP, 2019) tem um papel muito importante, uma vez que em relação à ancestralidade, cosmologia, sagrado/espiritualidade e epistemologias plurais nos diz que

[...] a cultura, a espiritualidade e as práticas religiosas de cada povo e comunidade tradicional pode remeter tanto a um passado imemorial, quanto surgido pelo hibridismo ou adoção pelo contato intergrupar, num determinado contexto territorial, histórico, social, etc. Assim sendo, encontramos nesses distintos segmentos maneiras particulares de conceber quem é o ser humano — a ontologia; de conceber a fonte, natureza e validade do conhecimento — a epistemologia; e de operar sobre o mundo — o método (caminho percorrido com outros para a construção de uma vida coletiva). Tudo isso permeado pela relação com o sagrado/espiritualidade, pela interdependência entre todos os seres e o meio, pelo equilíbrio entre pessoa-coletivo. Portanto, nas pluralidades epistemológicas há grande riqueza de formas de estar no mundo, com modos de pensar, agir e sentir que podem indicar respostas aos desafios contemporâneos sócio-ambientais, de convivência, de respeito e valorização das diferenças e diversidade (CFP; CRP'S; CREPOP, 2019, p. 34).

O paradigma científico moderno, contudo, busca construir o conhecimento com base em racionalidades abstratas que são aplicadas a uma grande variedade de fenômenos sem que haja proximidade ou relação com o território no qual são produzidos. A Psicologia contribuiu para a construção de um projeto civilizatório etnocêntrico, propondo um sujeito psicológico em convergência com a racionalidade eurocêntrica como objeto de suas investigações e orientações. “Um aspecto que deve ser levado em consideração para reposicionar a Psicologia diante dos povos e comunidades tradicionais no Brasil é a pluralidade de cosmovisões que os atravessam” (CFP; CRP'S; CREPOP, 2019, p. 65).

É necessário construirmos métodos e teorias no campo da Psicologia e da Saúde Coletiva que tenham sua centralidade na Filosofia e na epistemologia negro-africana para que assim possamos romper com a hegemonia do pensamento eurocêntrico na academia. A saúde é compreendida como força vital e como existência na comunidade tradicional de terreiro de matriz africana; é produzida por meio da relação entre o mundo visível e o mundo invisível, entre o simbólico e o natural e entre o mítico e o empírico dos ancestrais e das divindades. “Ela opera na perspectiva da complementaridade e interdependência dos seres a partir de uma noção de totalidade, de integralidade dos sujeitos, da vida” (Alves; Seminotti; Jesus, 2017, p. 219).

É preciso formar equipes técnicas, políticas e de gestão ancoradas na afrocentricidade para que possam ser protagonistas em políticas públicas que objetivem a equidade e a reparação civilizatória (Alves; Jesus; Scholz, 2015). A formação monocultural em saúde faz com que os profissionais reproduzam um modo único de cuidar e curar, fomentando o racismo (Ferreira, 2022a). Além disso, a formação em saúde alicerçada somente na historiografia da medicina a partir da Grécia e dos corpos brancos causa o apagamento da produção e do saber científico da África, impondo ao povo negro a impressão de não ter história, saberes, tecnologias, ciências e potências para o cuidado e para a cura e, por consequência, não ter determinação e um legado (Ferreira, 2020b).

Portanto, para combater o epistemicídio¹³, epistemologias afrocêntricas pautadas na agência do povo africano precisam ser incorporadas nas práticas educativas para descolonizar o pensamento e mudar a perspectiva subalternizada com a qual os africanos são vistos (Pontes, 2017).

Na Resolução nº 7, de 06 de Abril de 2023 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2023) consta que o profissional de Psicologia deve respeitar a singularidade e a diversidade de pensamentos, crenças e convicções de sujeitos e grupos, considerando-se a laicidade do Estado e da Psicologia. Também devem ser considerados aspectos históricos e culturais das experiências espirituais e religiosas e sua dimensão formativa de subjetividades e de coletividades e aspectos históricos e culturais dos saberes dos povos originários, comunidades tradicionais e demais racionalidades não-hegemônicas.

É vedado ao psicólogo praticar ou ser conivente com práticas que configurem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão à crença religiosa,

¹³ O epistemicídio refere-se à negação ou ao ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana na produção do conhecimento e do patrimônio cultural da humanidade. Assim, a condição de sujeitos do conhecimento é negada aos negros (Carneiro, 2005 apud Carneiro, 2014).

intolerância e racismo religioso contra pessoas e comunidades de matriz africana, indígenas e tradicionais. Ao profissional da Psicologia também é vedada qualquer ação que possa promover fundamentalismo religioso que resulte em racismo e sexismo, entre outras violações de direitos humanos e utilizar suas crenças religiosas como forma de publicidade ou propaganda (CFP, 2023).

Portanto, a Psicologia, enquanto ciência e profissão, nos oferece bases sólidas para uma prática profissional que contemple a espiritualidade africana, o que é crucial para que ela não seja patologizada e medicalizada e para que seja considerada dentro da cosmo percepção africana.

6.5 A Questão Racial e o Compromisso Ético-Político da Psicologia: marcos político-legais

Por meio da Resolução nº 3, de 16 de Março de 2022, o Conselho Federal de Psicologia reconhece 13 especialidades da Psicologia, entre elas Psicologia Escolar e Educacional e Psicologia em Saúde, além de outras especialidades que estão direta ou indiretamente implicadas na saúde (CFP, 2022). Essa abrangência das especialidades lhe permite uma grande inserção em diferentes políticas públicas. Foi esta questão que fez surgir no ano de 2006, no âmbito do *Sistema Conselhos* (CFP e Conselhos Regionais de Psicologia), o *Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas* (CREPOP), responsável pela atuação profissional e pela qualificação de profissionais da Psicologia inseridos nas políticas públicas. O CREPOP tem papel técnico, ético e político e visa sistematizar e difundir o conhecimento sobre a relação entre a Psicologia e as políticas públicas (Conheça [...], [S.D.]).

No *site* do CFP há 32 publicações do CREPOP, das quais 22 são de Referências Técnicas; destas, cinco são da área da saúde, uma da educação e duas estão diretamente relacionadas à questão racial (Referências [...], [S.D.]). No documento *Relações Raciais: Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas/os* (CFP, 2017) encontramos a afirmação de que a partir da contribuição de diferentes estudiosos

[...] é consenso considerar que o racismo é uma ideologia de abrangência ampla, complexa, sistêmica, violenta, que penetra e participa da cultura, da política, da economia, da ética,..., enfim, da vida subjetiva, vincular, social e institucional das pessoas. Trata-se de uma estratégia de dominação que estrutura a nação e cada um de nós e é pautada na presunção de que existem raças superiores e inferiores (CFP, 2017, p. 09-10).

O referido documento (CFP, 2017, p. 11) aponta ainda que “[...] assumindo por pressão social racista o lugar do inferior ou, reativamente, o do superior, há um aprisionamento e estreitamento do campo psíquico e do modo de vida”. O sexismo e o classismo podem ser pensados a partir da definição de racismo, pois ambos os fenômenos carregam em si a falsa ideia de superioridade dos homens (sexismo) e dos ricos (classismo). Racismo e sexismo estão presentes na vida de pessoas negras em diferentes situações e todas elas causam sofrimento psíquico e impedem a sua mobilidade social.

A Resolução n.º 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2002) estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Um dos seus alicerces é a afirmação de que o preconceito racial humilha e a humilhação social faz sofrer.¹⁴

Constam no documento (CFP, 2002, p. 02) os seguintes artigos:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo.

Art. 2º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito de raça ou etnia.

Art. 3º - Os psicólogos, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante o crime do racismo.

Art. 4º - Os psicólogos não se utilizarão de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação racial.

Art. 5º - Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que sejam de natureza discriminatória ou contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias.

Art. 6º - Os psicólogos não se pronunciarão nem participarão de pronunciamentos públicos nos meios de comunicação de massa de modo a reforçar o preconceito racial.

Em 2021, a *American Psychological Association* (APA, 2021), divulgou um pedido de desculpas à comunidade afro-americana por ter atuado na promoção e perpetuação do racismo e falhado em enfrentar o racismo, a discriminação racial e a hierarquia humana nos Estados Unidos da América (EUA). A entidade comprometeu-se a tomar uma série de medidas que visem minimizar os efeitos de condutas anteriores e mudar a perspectiva de

¹⁴ Tramita no Congresso Nacional o PL 749/2023, que acrescenta à Lei nº 7.716/89, que define os crimes que resultam de preconceito de raça ou de cor, os artigos 20-E e 20-F, visando oferta de medidas protetivas de urgência às vítimas de racismo e inserção do agressor em espaços, projetos ou programas de reeducação e conscientização a respeito da diversidade sociocultural e étnico-racial do Brasil (BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2023). Se aprovado e transformado em lei, este documento exigirá um reposicionamento da Psicologia na luta antirracista e na perspectiva afrocentrada, inclusive em relação à formação profissional.

ações futuras, entre elas a realização de pesquisas científicas com a participação de pessoas negras e com base nas suas experiências e nas perspectivas das suas comunidades.

Fuentes (2014, p. 171) nos ajuda a refletir utilizando o seguinte argumento:

[...] se os negros foram depositários da sombra da cultura branca hegemônica, herdeira de um patriarcalismo exercido com a crueldade da opressão ao outro enquanto colonizado, escravizado, assassinado e subjugado, para que possamos integrar, como propõe Jung, aspectos de nossa sombra coletiva, far-se-ão necessárias uma abertura psicológica e uma reflexão ao diálogo entre luz e sombra desse fato histórico que foi a escravidão, e ainda hoje são suas consequências nefastas não somente para os afrodescendentes, mas para toda a cultura brasileira (Fuentes, 2014, p. 171).

Os discursos de busca pela igualdade são tentativas de assimilar estes anseios, no entanto, não tem sido capazes de causar mudanças, tendo como resultados a manutenção dos privilégios. A mudança virá da valorização da diferença e do resgate da herança da Filosofia Africana e da sua visão de mundo, pelo rompimento do silêncio que envolve esta questão. O processo de individuação implica uma realização com os outros, no entanto, as tensões causadas pelos jogos de poder e pelas opressões impedem este caminho, principalmente da população negra. O diálogo entre o processo de individuação de Jung e a filosofia Ubuntu pode ser um caminho para curar nossas feridas e nossas cisões (Fuentes, 2014).

Buck (2014), ao relatar o seu despertar para a necessidade de racialização no contexto da Psicologia Clínica nos alerta sobre os processos de invisibilidade dos negros pelos brancos e a necessidade de mais publicações que auxiliem psicólogos quanto à conceituação, à metodologia e ao atendimento terapêutico da população negra, especialmente em relação às mulheres negras.

A Lei nº 13.935/19 (BRASIL, 2019) que *Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica* impõe uma necessidade de mudança do quadro apontado por Cida Bento e Daniel Munduruku no curta-metragem *Nenhum Saber para Trás: os perigos das epistemologias únicas* a respeito da desqualificação dos saberes ancestrais das populações indígena e negra por parte dos europeus e sobre a necessidade da sua valorização nas universidades (ALMA..., 2023). A referida lei insere a Psicologia em um papel determinante e os psicólogos como seus agentes nos contextos escolares, o que implica mudanças epistemológicas nos currículos da formação em Psicologia.

6.6. Espiritualidade Africana na Saúde Pública: possibilidades

Como vimos a necessidade de se considerar a espiritualidade no campo da saúde mental é uma realidade que se impõe que encontra lastro em documentos do CFP (CFP, 2012; CFP, 2013; CFP, 2023; CFP, CRP'S, CREPOP, 2019) e de manuais utilizados (OMS, 1993; APA, 2014) por psicólogos e psiquiatras para fazer a classificação dos transtornos mentais. Tal prática está legitimada no Sistema Único de Saúde (SUS), por meio da *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares* (PNPIC). Aqui é possível estabelecer uma conexão com as seguintes afirmações de Toniol (2018) a respeito do caráter integrativo das *Práticas Integrativas e Complementares* (PICs) do SUS que

[...] parece oscilar entre: a afirmação do princípio da *integralidade* do SUS, a possibilidade de que saberes tradicionais e científicos sejam *integrados* num modelo harmônico de relação, e a ênfase no modo de atendimento *holístico* dispensado aos sujeitos tratados pelas PICs. (Toniol, 2018, p. 205, *itálicos do autor*).

Inicialmente foram aprovadas as seguintes práticas na PNPIC: Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia, Termalismo social/crenoterapia (BRASIL; MS, 2006). Em 2017 houve a inclusão de novas práticas por meio da Portaria nº 849 (BRASIL; MS, 2017a): Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga. A Terapia Comunitária Integrativa ancora-se em cinco eixos: Pedagogia de Paulo Freire, Teoria da Comunicação, Pensamento Sistêmico, Antropologia Cultural e Resiliência.

Esta abertura possibilita pensarmos em uma articulação com a espiritualidade africana, principalmente por meio da Arteterapia, da Biodança, da Dança Circular, da Meditação, da Musicoterapia, da Naturopatia, do Reiki, da Terapia Comunitária Integrativa, da Yoga e da Resiliência. Fitoterapia,

No ano de 2018 houve a inserção de novas práticas na PNPIC por meio da Portaria nº 702, de 21 de Março de 2018 (BRASIL; MS, 2018) e somente na prática de imposição de mãos é possível observar referência ao continente africano:

Os conceitos da energia essencial da vida receberam vários nomes em diferentes partes do mundo e fazem parte de sistemas médicos milenares: na Índia, a palavra em sânscrito para energia vital é prana; na China, essa energia é descrita fluindo através de uma rede não física de meridianos, é chamada de qi ou ch'i; e no antigo Egito é denominado ká. Prática tradicional de saúde de uso integrativo e complementar a outras práticas e/ou terapias de saúde (BRASIL; MS, 2018, sem paginação).

Há no SUS outros dispositivos que permitem uma aproximação com os saberes ancestrais africanos, como a Portaria Interministerial nº 2.950, de 09 de Dezembro de 2008, que aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. No Artigo 3º há a ressalva de que os benefícios que resultem do uso dos recursos genéticos de plantas medicinais e do conhecimento tradicional a elas associados sejam repartidos (BRASIL; MS, 2008). No mesmo sentido, em 2010 foi aprovada a Portaria nº 886, que institui a Farmácia Viva no âmbito do SUS (BRASIL; MS, 2010).

Por meio da Portaria nº 42 (BRASIL; MS, 2021, sem paginação) foi instituída a *Câmara Técnica Assessora em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde* (CTA-PICS). O parágrafo I do artigo 2º especifica que são suas atribuições: “Debater, revisar, promover, avaliar e auxiliar tecnicamente e cientificamente a motivação de decisões técnicas relevantes, que versem sobre ações integradas para as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde”.

Uma vez que as PICS são baseadas em conhecimentos tradicionais e objetivam tanto a prevenção quanto o tratamento de doenças (O QUE SÃO..., 2020), há possibilidade de construção de pontes entre os atores envolvidos na implantação das PIC's e os agentes do Renascimento Africano. A este respeito ressalto que em relação à saúde pública o parágrafo II do artigo 198 da Constituição Federal (BRASIL, 1988, sem paginação) preconiza o “[...] atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais”.

Um ponto muito importante a respeito das PICs é a sua relação com a espiritualidade. Toniol (2018) salienta que

A possibilidade de encontrar associações entre espiritualidade, PICs e saúde está em parte baseada no entendimento que o uso dessas práticas terapêuticas é o modo privilegiado de atentar para a ‘dimensão espiritual da saúde’, descrita pela OMS em alguns de seus documentos oficiais (Toniol, 2018, 31).

Afirma o autor (Toniol, 2018) que estudos clínicos comprovam que o desenvolvimento da dimensão espiritual faz bem para a saúde das pessoas. Portanto,

[...] espiritualidade é uma dimensão universalmente compartilhada entre todos os humanos, embora seja variável em seu grau de desenvolvimento. Trata-se, nesse sentido, de uma concepção muito semelhante àquela presente nos documentos da

Organização Mundial da Saúde dedicados ao tema, que igualmente reconhece a espiritualidade como uma qualidade humana essencial (Toniol, 2018, p. 177).

A lei nº 8.080/90 (BRASIL, 1990), a lei do SUS, promulgada em 1990, que regula as ações e serviços em saúde no Brasil especifica em seu artigo 3º que

Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do País, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990, sem paginação).

A referida lei (Brasil, 1990) especifica que ações que visam garantir individual ou coletivamente condições de bem-estar físico, mental e social também estão incluídas na saúde. No artigo 7º especifica que os serviços públicos de saúde ou serviços privados contratados ou conveniados devem ser desenvolvidos em consonância com o artigo 198 da Constituição Federal e com os seguintes princípios:

- I - universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência;
- II - integralidade de assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema;
- III - preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral;
- IV - igualdade da assistência à saúde, sem preconceitos ou privilégios de qualquer espécie;
- V - direito à informação, às pessoas assistidas, sobre sua saúde; (BRASIL, 1990, sem paginação).

Assim sendo, considerar a espiritualidade africana é um imperativo no âmbito do SUS, para que seus princípios sejam salvaguardados. A *Política Nacional de Saúde Integral da População Negra* (PNSIPN) foi promulgada em 2007 e representa um importante dispositivo de garantia dos direitos da comunidade negra no acesso à saúde, considerando-se as suas especificidades e singularidades, inclusive em relação à sua espiritualidade (BRASIL; MS; SEPPPIR, 2007, p. 40). A Portaria nº 992, de 13 de Maio de 2009, institui a PNSIPN (BRASIL; MS, 2009).

A PNSIPN objetiva combater a discriminação étnico-racial nos serviços e atendimentos no âmbito do SUS e promover a equidade em relação às pessoas negras. A sua construção está diretamente relacionada às ações dos Movimentos Negros e do Movimento de Mulheres Negras. A Política prevê o fortalecimento de atenção mental em todas as etapas da vida, assim como estabelece responsabilidades nos âmbitos de gestão dos governos federal,

estaduais e municipais, sendo comum a todas as esferas governamentais a identificação das necessidades de saúde da população negra (BRASIL; SEPPIR; MS, 2017).

Embora a PNSIPN preconize o critério de raça/cor, foi somente em 2017, por meio da Portaria 3º 344 (BRASIL/ MS, 2017c) que ele foi instituído nos sistemas de informação em saúde, respeitando-se a auto declaração do usuário, seguindo as definições utilizadas pelo IBGE: branca, preta, amarela, parda ou indígena.

A Resolução nº 715 de 20 de Julho de 2023 (BR; MS; CNS, 2023, p. 04) oferece subsídios para a encontrarmos aberturas para a interseccionalidade entre saúde, políticas públicas e espiritualidade africana. Merece destaque a seguinte passagem:

46. (Re)conhecer as manifestações da cultura popular dos povos tradicionais de matriz africana e as Unidades Territoriais Tradicionais de Matriz Africana (terreiros, terreiras, barracões, casas de religião, etc.) como equipamentos promotores de saúde e cura complementares do SUS, no processo de promoção da saúde e 1ª porta de entrada para os que mais precisavam e de espaço de cura para o desequilíbrio mental, psíquico, social, alimentar e com isso respeitar as complexidades inerentes às culturas e povos tradicionais de matriz africana, na busca da preservação, instrumentos esses previstos na política de saúde pública, combate ao racismo, à violação de direitos, à discriminação religiosa, dentre outras (BR; MS; CNS, 2023, p. 12).

O documento orienta que o SUS considere paradigmas multiculturais desde a Atenção Básica, que contemple a pluralidade da população negra do Brasil e que proceda à implementação dos dispositivos da PNSIPN. Além disso, há aberturas para inserção da espiritualidade africana e dos saberes africanos em dispositivos que visam garantir a participação da diversidade de movimentos e instituições comprometidos com a educação popular, o que evidencia-se pela indicação da necessidade de resgate da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS), da reinstalação da equipe técnica da Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular em Saúde (EPS) e do Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde (BR; MS; CNS, 2023).

No mesmo sentido destaco o fortalecimento do Controle Social do SUS e garantia da Educação Permanente, Educação Continuada e Educação Popular em Saúde, com responsabilidade orçamentária das três esferas de governo e a garantia do Complexo Econômico Industrial da Saúde (CEIS) como política de Estado com comprometimento com as demandas da sociedade e com a isonomia entre os diferentes atores envolvidos (BR; MS; CNS, 2023).

Em relação à isonomia, é possível estabelecer relação com a população negra e com o continente africano em várias PIC's, entre elas: Arteterapia, Yoga, Reiki, imposição de mãos, meditação e resiliência, assim como acontece com outras práticas voltadas a populações específicas: Ayurveda, Shantala e Termalismo social/crenoterapia, entre outros. A referência à África apareceu somente em 2018, na prática de imposição de mãos, de forma muito superficial.

Acredito ser importante destacar que os profissionais da Psicologia estão presentes em todas as PIC's, conforme consta na Portaria nº 633, de 28 de Março de 2017 (BRASIL; MS, 2017a). A PNSIPN configura-se “[...] como um norteador ético-político e técnico-operativo importante para o trabalho das(os) psicólogas(os) com esse grupo populacional e, por extensão, para os povos e comunidades tradicionais (CFP; CRP's; CREPOP, 2019, p. 91). Reforço a orientação que consta no referido documento (BRASIL; SEPPIR; MS, 2017) a respeito do seu papel no fortalecimento de atenção mental em todas as etapas da vida.

A proximidade da Psicologia com as Políticas Públicas a insere no âmbito da Lei nº 10.639/03, que inclui a temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das unidades escolares da Educação Básica. No parágrafo I do artigo 1º encontramos que o conteúdo programático das escolas deve incluir estudos sobre “[...] História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003, sem paginação).

Werneck (2016) chama a atenção da inexpressividade do tema da saúde da mulher negra nas Ciências da Saúde, tanto em relação à produção do conhecimento quanto nos diferentes níveis de formação. A autora evidencia que os movimentos sociais e suas demandas e formulações de especialistas foram determinantes nos processos de formulação desse campo conceitual.

As reivindicações da população negra e de movimentos sociais – especialmente o Movimento de Mulheres Negras e do Movimento Negro – por mais e melhor acesso ao sistema de saúde participaram da esfera pública ao longo dos vários períodos da história das mobilizações negras, principalmente no período pós-abolição, e se intensificaram na segunda metade do século XX, com forte expressão nos movimentos populares de saúde, chegando a participar dos processos que geraram a Reforma Sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde. No entanto, é possível verificar que essa presença, apesar de ter contribuído para a concepção de um sistema universal de saúde com integralidade, equidade e participação social, não foi suficiente para inserir, no novo Sistema, mecanismos explícitos de superação das barreiras enfrentadas pela população negra no acesso à saúde, particularmente aquelas interpostas pelo racismo (Werneck, 2016, p. 536).

Considerando esses apontamentos de Jurema Werneck compreendemos que há uma necessidade de nos atentarmos para pesquisas sobre mulheres negras na área da saúde. Neste trabalho proponho que esse movimento seja realizado considerando-se o legado africano em interface com a Psicologia Complexa.

As análises sobre a espiritualidade no campo das políticas públicas de saúde, em especial as PIC's e a PNSIPN, nos possibilitaram encontrar a linha da espiritualidade africana nessa maçaroca, puxá-la com cuidado e retirá-la. Agora ela está à nossa disposição para costurarmos a Psicologia e o Renascimento Africano com pontos invisíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre o legado africano nos permite ter consciência sobre as contribuições da África para a humanidade. Neste sentido, conhecer a verdade sobre o roubo do legado africano pelos gregos nos permite localizar as bases da Psicologia na África negra. Este legado inclui também o artesanato. Cheik Anta Diop teve um papel central neste processo, dedicando sua vida a evidenciar a verdade sobre a precedência africana na filosofia, na arte, na ciência e na religião.

Jung sentiu-se atraído pela África, em especial pelo Egito. Era como se algo o chamasse, ele sentia, ou pressentia, que alguma coisa estava acontecendo. Eu identifico essa questão como uma precognição em relação ao Renascimento Africano. Há aspectos convergentes na vida e na obra de Diop e de Jung e seu estudo pode ser determinante para o Renascimento Africano na diáspora, pois a Psicologia Complexa aproxima-se muito da Filosofia Kemética.

Nas cosmogonias africanas, e nas keméticas em específico, os opostos se complementam, tal como ocorre no campo epistemológico, teórico e prático, da obra de Carl Gustav Jung. Por exemplo, a espiritualidade kemética refere-se mais à conexão com uma instância interior do que a algo externo. A viagem noturna de Rá e o seu enfrentamento à serpente Apep é a nossa jornada cotidiana diante das adversidades. Trata-se da luta entre a luz e a escuridão, entre a ordem e o caos, onde todos são necessários para a elevação da consciência e para o autoconhecimento. Jung estudou a gnose, a alquimia, os mitos, a espiritualidade e sentia-se atraído pela África. Sua teoria dos complexos e os arquétipos são fundamentais para que possamos compreender melhor a Filosofia Kemética e integrá-la ao nosso cotidiano, uma vez que ele mesmo passou pelo processo de aproximação com o pensamento africano e de distanciamento do pensamento ocidental.

A glândula pineal, em seus aspectos fisiológicos e filosóficos, está diretamente relacionada à espiritualidade africana, que configura um legado complexo e imprescindível no enfrentamento da *maafa*, na compreensão da psicologia negra (*sakhu seti*) e na jornada heroica de retorno à África. A lótus sagrada, lótus azul do Kemet, simboliza a elevação da consciência e o renascimento. Na cultura kemética as mulheres eram respeitadas e estavam conectadas à espiritualidade. Diop, por meio da teoria dos dois berços, caracterizou o patriarcado e o matriarcado, destacando o papel de rainhas africanas.

O legado ancestral africano está sendo reivindicado por seus herdeiros no Brasil e a Kasa de Maat e o Instituto Sankofa de Psicologia e Educação desempenham atividades que visam essa restituição e a regeneração de pessoas com ascendência africana.

Existem possibilidades para a inserção da espiritualidade africana nas políticas de saúde, especialmente na Arteterapia, no Reiki, na meditação, na Yoga, na resiliência e na imposição de mãos.

No contexto da resiliência, os nós podem significar risco ou proteção, dependendo da situação. Podem simbolizar as adversidades da vida, mas também podem representar proteção, suporte, amparo, sustentação.

No decorrer da pesquisa identifiquei os seguintes mecanismos mediadores de risco em relação às temáticas estudadas: morte literal e simbólica, deturpação dos símbolos africanos, escravidão, pós-abolição, genocídio (do povo e da identidade), neoliberalismo, pacto da branquitude, neofascismo e avanço da extrema-direita, atualizações do racismo, ataques ao sagrado africano, terrorismo religioso, traumas históricos e geracionais e suas atualizações, complexos culturais, desigualdades sociais, navios negreiros modernos, encarceramento em massa, racismo psicológico, desumanização da negritude, roubo e negação do legado africano, epistemicídio, subalternidade das mulheres, aviltamento do feminino (machismo, sexismo, misoginia), patologização da negritude (loucura), aviltamento da espiritualidade africana, expropriação da raça. Esses aspectos estão relacionados à *maafa* e à vulnerabilidade.

Os mecanismos mediadores de proteção encontrados são: espiritualidade negra, Renascimento Africano, recuperação do legado, consciência histórica, *recket* e filosofias africanas, espiritualidade africana, alquimia (sair da *nigredo*), espiritricidade, Humanidades Clássicas Africanas (Alquimia, Psicologia e Filosofia), espiritualidade africana no SUS, história e cultura africana na educação, educação emancipatória, compensação histórica, políticas antirracistas, políticas de promoção de saúde, aquilombamento, respeito à identidade, ancestralidade como direito humano, acesso à Ciência Ancestral Africana, matriarcado e valorização do feminino, filoginia, acolhimento racial. Tais aspectos são relacionados à Maat, à vida, ao renascimento e à resiliência.

No universo do ateliê a maçaroca pode ser compreendida como um complexo. As linhas são as imagens arquetípicas, cada cor é uma imagem diferente. É um complexo das cisões, dos nós, das fragmentações, da alienação, mas também das possibilidades, da criação, de tessituras de novas realidades. Puxar as linhas, captar as imagens, permite que possamos utilizá-las em novos projetos, integrando-as à psique. Se as linhas forem puxadas e forçadas sem a necessária habilidade a maçaroca ficará ainda mais embolada e a linha ficará presa ou

será arrebatada; neste caso o complexo irrompe na consciência. Pode haver linhas invisíveis na maçaroca ou ela poderá ser composta somente com elas. Neste caso a atenção requerida será muito maior, pois estamos no terreno da intuição e da espiritualidade. Desfazer os nós libera a energia psíquica e, conseqüentemente, forças criadoras, não desfazer implica estagnação da energia, tensão. Aspectos positivos deste complexo relacionam-se com o transe, o êxtase, o *numinoso*; aspectos negativos conectam-se à possessão, enquanto energia não compreendida pelo ego.

O arquétipo do Renascimento Africano configura uma força que impulsiona as pessoas para o autodesenvolvimento, para a busca pela ancestralidade e pelo legado africano. Está relacionado à identidade africana e ao sentimento de africanidade. Seus aspectos positivos são: resiliência, consciência negra, orgulho racial, força e determinação, espiritualidade africana, identificação com o matriarcado africano, altivez, fortalecimento da energia vital, conexão corpo e alma, consciência histórica, antirracismo, dor e revolta pela escravização, busca pelo autoconhecimento, consciência espiritual, busca por justiça e pela verdade sobre a África, força potencializadora, restauração da existência negra, confiança, busca por Maat, impulso para desfazer os nós das maçarocas.

Seus aspectos negativos podem incluir: sentimento de negatividade em relação à África, alienação espiritual e racial, consciência colonizada, tendência ao patriarcalismo, dissociação corpo-alma, racismo, esgarçamento da existência, medo, mal estar, vulnerabilidade, cisões e fragmentações da psique, estagnação nas maçarocas históricas, existenciais e espirituais.

Luiz Gama exemplifica a proposta da Escrivivência Artesanal e Alquímica; além disso, vejo-o também como a personificação do arquétipo do Renascimento Africano e sua correlação com o complexo da maçaroca. Sua vida foi marcada por resiliência e criatividade e pela forte presença do matriarcado africano, ainda que de forma arquetípica. Ele sempre procurou evidenciar suas raízes africanas, utilizando o pseudônimo “Afro” e assumindo-se como um homem negro, mesmo sendo mestiço. Também buscava o conhecimento sobre a África, principalmente a sua mitologia. Desta forma, identifico em Luiz Gama uma localização psicológica a partir da África, presente na Afrocentricidade.

As ferramentas que temos à nossa disposição para realizarmos o nosso processo de individuação e desenvolvermos a nossa resiliência constituem um ateliê psicológico que nos possibilita também o desenvolvimento de uma inteligência artesanal, em oposição à inteligência artificial. Essa inteligência está relacionada ao corpo, às mãos e à alma. As mãos podem nos levar a um modo de vida artesanal, a um universo no qual os valores do artesanato

estão presentes, entre eles estão a minha proposta de filosofia do ateliê e alquimia do ateliê. O artesanato despotencializa a doença mental.

Jung e Diop nos auxiliam a compreender o poder das forças criadoras. A criatividade que nos foi legada de nossos ancestrais africanos é o chamado de Nun, o princípio criativo, as águas primordiais. É o chamado para a ação, para a criação. A espiritualidade africana implica fenômenos específicos que precisam ser compreendidos dentro da cosmovisão africana, caso contrário podem ser patologizados; o que pode levar à medicalização da individuação, quando fenômenos normais das etapas alquímicas do desenvolvimento são vistos como sintomas patológicos.

O pertencimento racial também pode relacionar-se com a ancestralidade, independente da tonalidade da pele. Portanto, retirar a negritude dos pardos pode configurar um tipo de violência, pois atinge a sua alma, a sua essência. Esta visão contrasta com as discussões recentes sobre a “parditude” e aproxima-se da perspectiva da consciência negra. Por este ângulo, podemos falar em matizagem, em substituição à mestiçagem. Uma linha matizada possui diferentes tons, mas em momento algum deixa de ter assegurada a sua identidade.

O caminho trilhado no meu Doutorado foi longo e cheio de alegrias e tristezas, realizações e frustrações, mas foi, antes de tudo, uma jornada criativa que possibilitou não somente a elaboração desta tese, mas também a minha aproximação com a minha alma e com o meu propósito de vida, sendo um ponto fundamental no meu processo de individuação. Portanto, esta tese resulta de um processo em que sínteses dialéticas foram sendo estabelecidas conforme meus estudos e o meu processo de individuação avançavam e se interpenetravam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDIAS Nascimento. Documentário. Direção Aida Marques. Produção MP2 e IPEAFRO. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://www.blackflix.com.br/post/abdsdncmnt2011> Acesso em 22 jun. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única** [Recurso Eletrônico]. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ÁFRICA E DIÁSPORA: HISTÓRIA E CULTURA. **Filofofia Africana** | Jayro de Jesus. [Rio de Janeiro; 04 nov 2017]. 2017. 1 vídeo (64 min). Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XLFjMLv04gI> Acesso em 27 jan. 2023.

AFYL BRASIL. **Mulheres Negras e seu Simbolismo na Filosofia Nagô**. [S. l; s. n.]. 2022. 1 Vídeo (149 min). Publicado pelo canal Afyl Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CERfAFPbJ74> Acesso em 26 jul 2022.

AFUA, Queen. **Um guia para curar o corpo, a mente e o espírito feminino**. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2021.

ALMA PRETA JORNALISMO. **Nenhum saber para trás: os perigos das epistemologias únicas** | com Cida Bento e Daniel Munduruku. [S. l; s. n.]. 2023. 1 Vídeo (17min). Publicado no Canal Alma Preta Jornalismo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nwexf2nbYTU> Acesso em 04 jun. 2023.

ALVES, Joyce Amâncio de Aquino. Renascimento africano no século XXI? Desafios pós-coloniais e as reflexões sobre a África nas Relações Internacionais. In: **Conjuntura Internacional**. Belo Horizonte. DOI: 10.5752/P.1809-6182.2019v16.n2.p7. ISSN 1809-6182. v.16 n.2, p.7 - 14, ago. 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/19884/16382> Acesso em 13 abr. 2023.

ALVES, Miriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de Jesus; SCHOLZ, Danielle. Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. In: **Saúde Debate**, Rio de Janeiro. v. 39, n. 106, p. 869-880, Jul-Set 2015. DOI: 10.1590/0103-1104201510600030025 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/p9xtSXnTRfNXn4c8nFsRbpb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 16 mar. 2023.

ALVES, Miriam Cristiane; SEMINOTTI, Nedio; JESUS, Jayro Pereira de. Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana: o sujeito bio-mítico-social. In: **Revista da ABPN**. v. 9. n. 23. jul – out 2017, p.194-222. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/7349/1/PRODUCAO_DE_SAUDE_EM_UMA_COMUNIDADE_TRADICIONAL_DE_TERREIRO_DE_MATRIZ_AFRICANA.pdf Acesso em 16 mar. 2023.

ALVES-BRITO, Alan; Masoni, Neusa Teresinha; GUERRA, Andreia; MACEDO, José Rivair. Histórias (In)visíveis nas Ciências. I. Chekh Anta Diop: um *corpo negro* na Física. In:

Revista da ABPN. v. 12, n. 31 dez 2019 – fev 2020, p. 290-318. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/210685/001114208.pdf?sequence=1>
Acesso em 02 mar. 2023.

AMEN, Ra Un Nefer. **MAAT – As 11 Leis de Deus.** 2016. Disponível em: <https://estahoreall.wordpress.com/2016/01/23/maat-as-11-leis-de-deus-ra-un-nefer-amen/>
Acesso em 15 abril 2023.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **Pedido de desculpas às pessoas de cor pelo papel da APA na promoção, perpetuação e falha em desafiar o racismo, a discriminação racial e a hierarquia humana nos EUA:** resolução adotada pelo Conselho de Representantes da APA em 29 de outubro de 2021, 2021. Disponível em: <https://www.apa.org/about/policy/racism-apology> acesso em 21 jun. 2022.

A MULHER Rei. Direção de Gina Prince-Bythewood. Produção de Viola Davis, Julius Tennon, Maria Bello, Cathy Schulman. 2022. Disponível em: <https://www.blackflix.com.br/post/amlhrr2022> Acesso em 07 ago. 2023.

ANGELOU, Maya. **Poesia Completa.** Bauru: Astral Cultural, 2020.

ANI, Marimba. **Yurugu** - uma crítica africano-centrada do pensamento e comportamento cultural europeu. Trenton: Africa Word Press, 1994. Disponível em: <https://estahoreall.wordpress.com/2015/08/07/dr-marimba-ani-yurugu-uma-critica-africano-centrada-do-pensamento-e-comportamento-cultural-europeu/> Acesso em 10 jun. 2022.

ANKHMS Maat. 2023. Disponível em: Ankhms Maat <https://kasademaat.com/project/ankhms-maat/>. Acesso em 23 ago 2024.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. O conceito de coping: uma revisão teórica. *In: Estudos de Psicologia*, 3(2), 1998. p. 273-294. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/XkCyNCL7HjHTHgWMS8ndhL/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 10 mai 2025.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **História da Psicologia no Brasil:** primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

ARANHA, Mário. **Brasil Tumbeiro.** Ilustrações de Eduardo Vetillo. Campinas/SP: Editora Mostarda, 2021.

Artesanato tradicional. [S.D.]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/traditional-craftsmanship-00057>. Acesso em 12 jun 2025.

ASANTE, Molefi Kete. Prefácio. *In:* MUCALE, Ergimino. **Afrocentricidade:** complexidade e liberdade. Maputo: Paulinas, 2013. P. 09-11.

ASANTE, Molefi Kete. **An Afrocentric Manifesto:** toward na African Renaissance. [E-book]. Cambridge/Malden: Polity, 2007. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=qUVLjXxcq6YC&pg=GBS.PT7.w.0.1.43_324
Acesso em 18 abr. 2023.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 93-127

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade em questão - Entrevista. [Entrevista a] Maurício Pestana. 2012a. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/2012/08/01/afrocentricidade-em-questao/> Acesso em 17 jan. 2023.

ASANTE, Molefi Kete. Entrevista a Molefi Kete Asante. [Entrevista concedida a] Plataforma Ghetto, fev. 2012b. Disponível em: <https://plataformagueto.wordpress.com/2014/02/25/entrevista-a-molefi-kete-asante/> Acesso em 03 mar. 2023.

ASANTE, Molefi Kete. Uma Origem Africana da Filosofia: mito ou realidade? In: **Capoeira** – Revista de Humanidades e Letras| Vol.1 | Nº. 1 | Ano 2014 | p. 117 (Tradução de Marcos Carvalho Lopes. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/asante_-_origem_filosofia_africana.pdf Acesso em 17 fev. 2023.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Noguera, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. In: **ASANTE, M. Ensaios Filosóficos**, Volume XIV– Dezembro/2016. Disponível em: http://ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/02_ASANTE_Ensaios_Filosoficos_Volume_XIV.pdf Acesso em 08 fev. 2023.

ASANTE, Molefi Kete. **Os Filósofos Egípcios**: vozes ancestrais africanas: de Imhotep à Akhenaten. São Paulo: Editora Ananse: 2022.

ASANTE, Molefi Kete. **Kemet**: afrocentricidade e conhecimento. São Paulo: Editora Ananse, 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). **Nota de Repúdio ao Edital de Chamamento Público nº 3/2022. 2022**. Disponível em: https://www.abrasco.org.br/site/wp-content/uploads/2022/04/NOTA-DE-REPUDIO-AO-EDITAL-DE-CHAMAMENTO-PUBLICO-No-3_2022.pdf Acesso em 22 mai. 2023.

Atividades. 20---. Disponível em: <https://sankofapsicologia.com/atividades/> . Acesso em 03 ago 2025.

A ÚLTIMA Abolição. Postado no Canal Professor Júlio Borbo Documentários. 2018. Direção: Alice Gomes. Produção: Bianca De Felippes e Carla Esmeralda. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a8ShDrgA3Qc> Acesso em 17 mai. 2023.

AZEVEDO, Adelia. Afrocentricidade e Arteterapia: ressignificando a identidade da mulher negra. In: GOMES, Nayara; SANTOS, Ana Carolina. (Orgs) **Nós por Nós**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2021. p. 176-183.

AZEVEDO, Eliane. **Raça: conceito e preconceito**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. p. 167-212. Ebook.

BACHA, Lourdes Maria Silva. **Escritos do Egito Antigo**. Rio de Janeiro, Artium, 1997.

BACHELARD, Gaston. **O Direito de Sonhar**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

BALDOCK, John. Introdução. In: BUDGE, E. A. Wallis. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. 4. ed. Coordenação e introdução de John Baldock; tradução Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2021. p. 08-11

BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

BARBON, Júlia. **Governo Lula quer retomar reforma psiquiátrica e fechar 'últimos hospícios'**. 2023. Disponível em: <https://www.acesa.com/noticias/2023/01/120993-governo-lula-quer-retomar-reforma-psiquiatrica-e-fechar-ultimos-hospicios.html> Acesso em mai. 2023.

BASTOS JÚNIOR, Marco Aurélio Vinhosa. **Melatonina e Catecolaminas Plasmáticas, Atividade Elétrica Cerebral e Atividade Autonômica Cardíaca Durante Experiências Anômalas em um Contexto Religioso**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/2747/1/Marco%20Aur%20a9lio%20Vinho%20Bastos%20J%20c3%20banior.pdf> Acesso em 17 dez. 2022.

BASTOS JÚNIOR, Marco Aurélio Vinhosa. **Avaliação da Glândula Pineal e da 6-Sulfatoximelatonina em Indivíduos com Experiências Anômalas em um Contexto Religioso**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

BENITES, Luís Henrique. **As Virtudes do Trabalho Artífice**. 2019. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Administração. Dissertação de Mestrado. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4595/2/CT_PPGA_M_Benites%2C_Luis_Henrique_2019.pdf Acesso em 18 mai 2025.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 25-57.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

RAEL MACEDO. **Biblioteca de Alexandria (História) - Por Carl Sagan**. [S. l; s. n.]. 2020. 1 Vídeo (22 min). Publicado no Canal Rael Macedo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TjnE1gV42Jw> Acesso em 04 mar. 2023.

BIKO, Steve. **Escrevo o que eu Quero**. São Paulo: Editora Ática, 1990. [Recurso Digital]. Disponível em: <https://doceru.com/doc/ce1n58> Acesso em 21 jul. 2023.

BLACK Heritage: a history of afro-americans - As Origens Africanas das Sociedades Organizadas – John Henrik Clarke. Produção Universidade de Columbia. [S. l; s. n.]. 1969. 1 Vídeo (28min) Disponível em: <https://www.blackflix.com.br/post/aorgnsafrscorg1969> Acesso em 13 julj 2022.

BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung**: jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOECHAT, Walter. **A Mitopoese da Psique**: mito e individuação. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung**: jornada para profundidades desconhecidas. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOECHAT, Walter. Complexo Cultural e Brasilidade. In: OLIVEIRA, Humberto (Org.). **Desvelando a Alma Brasileira**: Psicologia junguiana e raízes culturais. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 68-87.

BOECHAT, Walter. Experiências Anômalas e o Arquétipo Psicóide. In: FONSECA, Anahy Fagundes Dias; ROBERTO, Gelson Luis. (Orgs.). **As Experiências Anômalas na Perspectiva da Psicologia Complexa de C. G. Jung**. Brasília: Priint Impressões Inteligentes, 2019. p. 117-134.

BOECHAT, Walter. Complexos Culturais e Identidade Cultural no Brasil: o desenvolvimento de uma identidade individual. In: CAMBRAY, Joseph; SAWIN, Leslie (Orgs). **Pesquisa em Psicologia Analítica**: aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e intercultural. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 351-377.

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: SILVA, Nilton Sousa da. **Subjetividade, Ciência Moderna e Psicologia Junguiana**. Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2010. p. 11-13.

BOLWERK, Anne [*et al.*]. Como a arte muda seu cérebro: efeitos diferenciais da produção de arte visual e da avaliação da arte cognitiva na conectividade funcional do cérebro. In: **PLOS ONE** | July 2014 | Volume 9 | Issue 7 | e101035 Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0101035> Acesso em 09 nov 2024.

BONFIM, Vânia Maria da Silva. A Identidade Contraditória da Mulher Negra Brasileira: bases históricas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira). p. 219-249.

BONG, Bwemba. A Ruptura da Consciência Histórica Africana: o principal obstáculo para o renascimento africano. In: DIOP, Babacar Mbaye; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consiência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014. p. 25-45. BORGES, Adélia. **Design + Artesanato**: o caminho brasileiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BORGES, Rosane. Escrivivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação de saberes silenciados. In: DUARTE, Antônio Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-204. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 09 fev 2025.

BORGES, Rosane Borges. O protagonismo político-estético das artes afro-brasileiras. 3º Festival NegrArte. 2024. In: Rosane Borges | O protagonismo político-estético das artes afro-brasileiras. [S. l; s. n.]. 2024. 1 vídeo (53 min). Publicado pelo canal Festival NegrArte <https://www.youtube.com/watch?v=artWO4m15mg>. Acesso em 15 jul 2025.

BORGES, Renata; LYRA, Sonia. Scintilla: a centelha oculta buscada pela imaginação ativa. In: LYRA, Sonia (Org). **Imaginação Ativa: matéria-prima da cura e quintessência da arte**. Curitiba: ICHTHYS, 2017. p. 177-86.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. Disponível em: https://www.academia.edu/43370126/ALFREDO_BOSI_O_SER_E_O_TEMPO_DA_POESIA Acesso em 07 jun 2025.

BRASIL. **Lei Nº 8.080, de 19 de Janeiro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm Acesso em 02 mai. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 13.935 de 11 de Dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm acesso em 21 jun. 2022.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria n. 971, de 03 de Maio de 2006**. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt0971_03_05_2006.html Acesso em 23 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria Interministerial nº 2.960, de 09 de Dezembro de 2008**. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html Acesso em 23 abr. 2023.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 992, de 13 de Maio de 2009.** Institui a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. Disponível em: https://adsdatabase.ohchr.org/IssueLibrary/BRAZIL_Portaria%20No%20992%20institui%20a%20politica%20nacional%20de%20saude%20integral%20da%20popula%C3%A7ao%20negra.pdf Acesso em 27 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 886, de 20 de Abril de 2010.** Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt0886_20_04_2010.html Acesso em 23 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 849, de 27 de Março de 2017a.** Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html Acesso em 23 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 633, de 28 de Março de 2017b.** Atualiza o serviço especializado 134 Práticas Integrativas e Complementares na tabela de serviços do Sistema de Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2017/prt0633_31_03_2017.html Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 344, de 1º de Fevereiro de 2017c.** Dispõe sobre o preenchimento do quesito raça/cor nos formulários dos sistemas de informação em saúde. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0344_01_02_2017.html Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 702, de 21 de Março de 2018.** Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2018/prt0702_22_03_2018.html Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Portaria nº 42, de 13 de Julho de 2021.** [Institui a Câmara Técnica Assessora em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (CTA-PICS)]. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-42-de-13-de-julho-de-2021-331887419> Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS); CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). **Resolução nº 715 de 20 de Julho de 2023.** Dispõe sobre as orientações estratégicas para o Plano Plurianual e para o Plano Nacional de Saúde provenientes da 17ª Conferência Nacional de Saúde e sobre as prioridades para as ações e serviços públicos de saúde aprovadas pelo Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/Resolucoes/2023corrigidas/Reso715_-

[Disp%C3%B5e sobre orienta%C3%A7%C3%B5es estrat%C3%A9gicas da 17%C2%AA CNS para o PPA e PNS.pdf](#) Acesso em 14 ago. 2023.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS); SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL (SEPPIR). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Brasília, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf Acesso em 24 abr. 2023.

BRASIL; SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL (SEPPIR); MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_populacao_negra.pdf Acesso em 25 abr. 2023.

BREVE HISTÓRIA do Bordado à Mão. 2016. Disponível em: <https://trc-leiden.nl/trc-needles/techniques/embroidery/general-embroidery/brief-history-of-hand-embroidery> Acesso em 05 jun 2025.

BREWSTER, Fanny. O Complexo Racial: questões raciais e culturais sob a perspectiva junguiana. Petrópolis: Vozes, 2025.

BUCK, Vivian Verônica. A Alma Ancestral Africana Bate à Porta dos Consultórios de Análise: estaremos prontos para recebe-la? In: BOECHAT, Walter (Org). **A Alma Brasileira: luzes e sombra**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 194-215.

BUDGE, E. A. Wallis. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito**. 4. ed. São Paulo: Madras, 2021.

BUENO, Samira; MARTINS, Juliana; LAGRECA, Amanda; SOBRAL, Isabela; BARROS, Betina; BRANDÃO, Juliana. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. p. 136-153. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf> Acesso em 08 ago. 2023.

BUCKERIDGE, Marcos. **O retorno dos polímatas**. Jornal da USP, 24 de Janeiro de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/marcos-buckeridge/o-retorno-dos-polimatas/> Acesso em 15 set. 2023.

CALLIGARIS, Contardo. **Relacionamentos e cultura em tempos de redes sociais**. Entrevista a *Revista E*, 2018. In: CONTARDO Calligaris na Revista E – Relacionamentos e cultura em tempos de redes sociais. [S. l; s. n.]. 2018. 1 Vídeo (6 min). Publicado pelo Canal Portal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YRPFuipSwGA&t=6s> Acesso em 27 mar 2025.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Entrevista à TV ABA**. 2016. In: ENTREVISTA: Antônio Cândido. [S. l; s. n.]. 2016. 1 Vídeo (44 min). Publicado pelo Canal TV ABA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HymazEDh5hk&t=2466s>. Acesso em 20 mar 2025.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física: uma análise dos paralelos entre física moderna e o misticismo oriental**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARDINALI, Daniel Pedro. **Cincuenta Años con la Pedra de la Locura**: apuntes autobiográficos de un Científico Argentino. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Asociación Argentina para el Progreso de las Ciencias, 2015. Disponível em: http://aargentinapciencias.org/wp-content/uploads/2017/10/libro_cardinali.pdf Acesso em 19 abr. 2021.

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane Abdon. O poder Feminino no Culto aos Orixás. In: **Cadernos Geledés**. Caderno IV. 1993. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em 03 jun. 2023. p. 19-35.

CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/> Acesso em 20 ago. 2023.

CARVALHO, José Murilo. Os Bordados de João Cândido. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. II, n. 2, jul/out 1995. In: CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**: escritos de história política. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2021. p. 21- 37.

CASA DO SABER. **Por uma História da Alma: De Pitágoras a Freud - Rafael Rodrigues da Costa | Aula 1**. [S. l; s. n.]. 2023. 1 Vídeo (20 min). Publicado no Canal Casa do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pL3O3wCVeIc> Acesso em 05 mar. 2023.

CASTELÃO-LAWLESS, Teresa. A Presença da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung na epistemologia de Gaston Bachelard. In: Reflexão, Campinas, 30(88), p. 11-18, jul./dez., 2005. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3174/2088> Acesso em 16 jul 2025.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

Colar Flora do Esconderijo de Embalsamamento de Tutancâmon. [S.D]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/548831> Acesso em 05 jun 2025.

GLEISER, Marcelo. **Ciência na Grécia Antiga | Pense Como Cientista #2**. [S. l; s. n.]. 2022. 1 vídeo (30 min). Publicado no Canal Marcelo Gleiser. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rTHt4uuRRQA&t=702s> Acesso em 05 mar. 2023.

CLARKE, John Henrik. Foreword. In: DIOP, Cheikh Anta. **Civilization or Barbarism**: an authentic Anthropology. Lawrwnce Hill Books: New York: 1991. P. 14-23 E-book. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=j1lg6Inifv4C&pg=GBS.PR4> Acesso em 24 jul. 2022.

COMPANHIA DAS LETRAS. **Feminismos negros, com Sueli Carneiro, Bianca Santana e Djamila Ribeiro**. [S. l; s. n.]. 2020. 1 Vídeo (96 min). Publicado no Canal Companhia das

Letras. Disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=2mmuyRXHHg0&list=PLA6sRJlQtpPzohLW8veF7CQn4qcyS6JU&index=91&t=2221s> Acesso em 04 de jul. 2022.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE PROMOÇÃO DA SAÚDE, 1., 1986, Ottawa. Carta de Otawa. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. **As cartas da promoção da saúde**. Brasília, DF, 2002. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartas_promocao.pdf Acesso em 22 jun. 2022.

Conheça a Kasa da Maat já. 2023. Disponível em: <https://kasademaat.com/conheca/>. Acesso em 23 ago 2024.

Conheça o Crepop. ([S.D]). Disponível em: <https://crepop.cfp.org.br/institucional/conheca-o-crepop/> Acesso em 03 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM). **Processo-Consulta CFM nº 4.043/10 – Parecer CFM nº 2/11**. 2011. Disponível em: https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/pareceres/BR/2011/2_2011.pdf Acesso em 22 abr. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução N.º 018/2002**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. 2002. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF acesso em 21 jun. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Nota Pública de Esclarecimento à Sociedade e às(os) Psicólogas(os) sobre Psicologia e Religiosidade no Exercício Profissional**. In: **Notícias**, 2012. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/nota-pblica-do-cfp-de-esclarecimento-sociedade-e-so-psicologas-sobre-psicologia-e-religiosidade-no-exercicio-profissional/> Acesso em 01 de mai. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Posicionamento do Sistema Conselhos e Psicologia para a Questão da Psicologia, Religião e Espiritualidade**, 2013. GT Nacional Laicidade e Psicologia – Documento aprovado na APAF de maio de 2013. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade.pdf> Acesso em 15 set. 2021

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Relações Raciais**: referências técnicas para a atuação de psicólogas (os). Brasília: CFP, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 3, de 16 de Março de 2022**. Institui condições para concessão e registro de psicóloga e psicólogo especialistas; reconhece as especialidades da psicologia e revoga as Resoluções CFP nº 13, de 14 de setembro de 2007, nº 3, de 5 de fevereiro de 2016, e nº 8, de 25 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-3-de-16-de-marco-de-2022-386760566> Acesso em 03 mai. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Resolução nº 7, de 06 de Abril de 2023**. Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática

psicológica. 2023. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2023/04/resolucao-n7-6-abril-2023.pdf> Acesso em 21 abr. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP); CONSELHOS REGIONAIS DE PSICOLOGIA (CRP's); CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) com Povos Tradicionais**. 1. ed. Brasília: CFP, 2019. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/CFP_PovosTradicionais_web.pdf Acesso em 16 jul. 2023.

Conversa com Bial. Programa de 13/08/2021. [S. l; s. n.]. 2021. 1 vídeo (47 min). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9768721/>. Acesso em 16 jun 2025.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow – Guia prático**: Como encontrar o foco ideal no trabalho e na vida. Rio de Janeiro: Objetiva, 2022. Versão E-book.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Criatividade**: o flow e a psicologia das descobertas e das invenções. Rio de Janeiro: Objetiva, 2024. Versão E-book.

DAMIÃO JÚNIOR, Maddi. A Clínica como Espaço de Criação e de Transformação de si. 2025a. In: A CLÍNICA como espaço de criação e transformação de si e do mundo | Prof. Maddi Damião. [S. l; s. n.]. 2025b. 1 vídeo (110 min). Publicado pelo canal Caminhos Junguianos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mzloRx61wXQ>. Acesso em 16 ago 2025.

DAMIÃO JÚNIOR, Maddi. Imagens poéticas da criação, narrativa e linguagem. In: Grupo de Estudos MII [Imagens poéticas da criação, narrativa e linguagem. [S. l; s. n.]. 2025b. 1 vídeo (90 min). Publicado pelo canal Museu de Imagens do Inconsciente. Disponível em: https://www.youtube.com/live/xTpqz0eYE_g Acesso em 14 ago 2025.

DATAFOLHA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Visível e Invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 4. ed. 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf> Acesso em 08 ago. 2023.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teroiias do)*. In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène, SENOTIER, Danièle (Orgs). São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 173-178.

DE MARCHI, Barbara Frigini; ROSSETTI, Claudia Broetto. Bem-estar e Prática de Manualidades com Fios Durante a Pandemia de Covid-19. In: Revista Construção Psicopedagógica, 2021. 31 (32): p. 33-48. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v31n32/03.pdf> Acesso em 17 mai 2025.

DESCARTES, René. **As Paixões da Alma**. São Paulo: Lafonte, 2017.

DIENG, Doudou. “Afrocentricidade”: polémica em torno de um conceito. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedago, 2014.

DIOP, Cheikh Anta. O Perigo de Transformar a mestiçagem numa Doutrina Nacional: “Como vai, Anta Diop, meu velho irmão?”. Entrevista concedida a Fred Aflalo, 1973. In: **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 2.ed. Belo Horizonte: Nadyala, 2012. p. 259-265.

DIOP, Cheikh Anta. A África e a Raça Negra em Perspectiva: raça, racismo e o lugar dos negros no destino da humanidade. Entrevista concedida a Carlos Moore e Shawna Moore. 1976. In: Carlos Moore. **Racismo e Sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. 2.ed. Belo Horizonte: Nadyala, 2012. p. 247-259.

DIOP, Cheikh Anta. Contribuições da África Negra à Civilização Universal, 1984. (Colóquio Internacional *A África e a sua Integração*). In: DIOP em Niamei (1984) Parte 1. [S.D]. [S. l; s. n.]. 2023. 1 Vídeo (159 min). Disponível em: <https://merkhut.com/movies/watch/diop-em-niamei-1984-parte-1/373> Acesso em 07 jul 2025.

DIOP, Cheikh Anta. Uma Entrevista com Dr. Cheikh Anta Diop, 1985. Entrevista concedida ao programa *For The People*. In: **Cheikh Anta Diop**: As Origens Africanas da Civilização (1985). [S. l; s. n.]. [S.D]. 1 Vídeo (60 min). Disponível em: <https://merkhut.com/movies/watch/cheikh-anta-diop-as-origens-africanas-da-civiliza%C3%A7%C3%A3o-1985/46> Acesso em 25 jun 2025.

DIOP, Cheikh Anta. **Civilization or Barbarism**: an authentic Anthropology. Lawrwnce Hill Books: New York: 1991. E-book.

DIOP, Cheikh Anta. Origem dos antigos egípcios. In: MOKHTAR, Gamal (Ed.). **África antiga**. Brasília, DF: UNESCO; Ministério da Educação, 2010. 944 p. (História Geral da África da UNESCO; 2). pp 01-73 Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2010/12/volume_II.pdf Acesso em 05 jul. 2022.

DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**. São Paulo: Editora Ananse, 2023.

DIOP, Cheikh Anta. **Nações Negras e Cultura**: da antiguidade negro-egípcia aos problemas culturais da África de hoje. Petrópolis: Vozes, 2025a.

DIOP, Cheikh Anta. **Civilização ou Barbárie**. Antropologia sem complacência. Rio de Janeiro: Zaar; São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2025b.

DIONGUE-DIOP, Meriétou; M’BACKÉ DIOP, Cheick; Diop, Dialo; LAM, Aboubacry Moussa; SALLI, Babacar (Coord.). **Panorama Histórico da Vida, do Pensamento e da Obra de Cheikh Anta Diop**. [tradução : Humberto Luiz Lima de Oliveira] Recife: EdUFPE, 2018. Disponível em: <https://ieafricaufpe.files.wordpress.com/2019/09/cheikhantadiop.pdf> Acesso em 01 mar. 2023.

DMT Quest. Diretor Ben Stewart. Produtor John A. Chaves. Diretores executivos Anton Bilton e Mr. Smith. Diretores de fotografia Alex Witkowitz, Dan Powers, Ian McIntire, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=My95s6ZryPg> Acesso em 05 out. 2021.

DOCUMENTÁRIO - Luiz Gama: A Luta Pelo Direito no Brasil da Escravidão - Episódio 1. [S. l; s. n.] . 2025. 1 Vídeo (25 min). Publicado pelo Canal Rádio e TV Justiça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oOYMad0uAhg&t=368s> Acesso em 19 jun 2025.

DOCUMENTÁRIO - Luiz Gama: A Luta Pelo Direito no Brasil da Escravidão - Episódio 4. [S. l; s. n.] . 2025. 1 Vídeo (24 min). Publicado pelo Canal Rádio e TV Justiça. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yh-NofY_KNM&t=214s Acesso em 26 jun 2025.

DOMINGOS, Luís Tomás. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão**: afirmação de identidade afro descendência. *In*: Identidade! São Leopoldo. v. 22. n. 2. p. 190-208. jul.-dez. 2017 | ISSN 2178-0437X Disponível em: <https://doceru.com/doc/ns0c581s> Acesso em 11 mai. 2023.

DORST, Brigitte. Introdução. *In*: JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e Transcendência**; seleção e edição de Brigitte Dorst; tradução da introdução de Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.

DOVE, Nah. **Definindo uma Matriz Materno-Centrada para Definir a Condição das Mulheres**. 1998, tradução de Wellington Agudá. Disponível em: https://ewe.branchable.com/index/LIVROTEKA_PRETA/Nah_Dove_-_Definindo_uma_matriz_materno-centrada_para_definir_a_condic_807_a_771_o_das_mulheres.pdf Acesso em 20 jan. 2023.

DUARTE, Cássia Ávila. Intuição e Resiliência - uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação. *In*: **Construção Psicopedagógica**, São Paulo-SP, 2011, Vol. 19, n.18, pg. 25-37. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v19n18/05.pdf> Acesso em 23 jul 2025.

DUARTE, Valter. Autoconhecimento em Kemet: a origem das universidades. *In*: **Problemata**: R. Intern. Fil. v. 10. N. 2. (2019), p. 243-257. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49111/28629> Acesso em 15 jan. 2023.

DU BOIS, W. E. B. **As Almas do Povo Negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-Freudiana. *In*: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs). **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2018. p. 441-465.

DUNNE, Claire. **Carl Gustav Jung**: curador ferido de almas. 1. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

ELA, Jean-Marc. **Cheikh Anta Diop ou A Honra de Pensar**. Luanda: Edições Pedagogo, 2014.

ECCLLES, John. **Cérebro e Consciência**: o self e o Cérebro. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

EISLER, Riane. **O Prazer Sagrado**: sexo, mito e política do corpo. Rio de janeiro: Rocco, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

ELLENBERGER, Henri F. **A Descoberta do Inconsciente**: história e evolução da Psiquiatria Dinâmica. São Paulo: Perspectiva, 2023.

ELNASHAR, Elsayed Ahmed. A Unified Fashion Technology in Trends of Textile Engineering Science 7000Bc in Egypt. In: **Trends Textile Eng Fashion Technol.** 2(1). TTEFT.000527.2018. DOI: 10.31031/TTEFT.2018.02.000527. Disponível em: <https://crimsonpublishers.com/tteft/pdf/TTEFT.000527.pdf> Acesso em 04 jun 2025.

ERHART, Eros Abrantes. **Neuroanatomia**. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo S. A., 1968.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que Correm com os Lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira**. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 52-57

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade (2009) TERMINAR

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Orgs). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 20 jun 2024.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia-Desenho de Minha Mãe, um dos Lugares de Nascimento da Minha Escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado (Orgs). **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 48-54. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 20 jun 2024.

FALZEDER, Ernest; LIEBSCHER, Martin; SHAMDASANI, Sonu. Introdução Geral. In: JUNG, Carl Gustav. **História da Psicologia Moderna**: palestras realizadas no ETH de Zurique: vol. 1, 1933-1934. Petrópolis: Vozes, 2020. P. 23-34.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICO, Roberta. A Família Preta Enquanto Potencial Quilombo: o amor como base para a resistência. In: GOMES, Nayara; SANTOS, Ana Carolina. (Orgs) **Nós por Nós**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 2021. p. 110-117.

FELZBERTO, Fernanda. Escrivência como Rota de Escrita Acadêmica. In: DUARTE, Antônio Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-180. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf> Acesso em 09 fev 2025.

FERREIRA, Lígia Fonseca (Org). **Lições de Resistência**: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

FERREIRA, Martha Pires. Ponto de Vista. Entrevista concedida a Wendel Palhares. 2017. In: **TV Assembleia AL - Entrevista com Bernardo Carneiro e Martha Pires em 23/11/17**. [S. l; s. n.] . 2017. 1 Vídeo (58). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jl2kQRDcB6Q&t=2624s> Acesso em 22 mai 2025.

FERREIRA, Suiane Costa. Aportes Históricos para a Formação do Profissional de Saúde a Partir da Contribuição do Antigo Egito. In: FERREIRA, Suiane Costa (Org). **Debate Contracolonial na Formação em Saúde**: resgatando a ciência de Kemet. Salvador: EDUNEB, 202a2. p. 37-68.

FERREIRA, Suiane Costa. Apresentação. In: FERREIRA, Suiane Costa (Org). **Debate Contracolonial na Formação em Saúde**: resgatando a ciência de Kemet. Salvador: EDUNEB, 2022b. p. 11- 35.

FINCH III, Charles S, Cheikh Anta Diop Confirmado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira). P. 71-90.

FLACH, Frederic. **Resiliência**: a arte de ser flexível: São Paulo: Saraiva, 1991.

FLOWER, Derek Adie. **Biblioteca de Alexandria**: as histórias da maior biblioteca da Antiguidade. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2010.

FOCILLON, Henri. **Elogio da mão**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012. (Clássicos serrote). Disponível em: https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2012/03/elogiodamao_07.pdf . Acesso em 07 jun 2025.

FORD, Clayde W. **O Herói com Rosto Africano**: mitos da África. São Paulo: Summus, 1999.

FRANCO, Alana Calado. Arteterapia: reconstruindo asas para voar. 2021. Monografia de conclusão de curso [Especialização em Arteterapia, POMAR/SPEI]. Disponível em: <https://arteterapia.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Arteterapia-reconstruindo-asas-para-voar-Alana-Calado-Franco.pdf> Acesso em 29 maio 2025.

FREEMAN, John. Introdução. In: JUNG, Carl Gustav [et al.] **O Homem e Seus Símbolos**. [Concepção e Organização de Carl Gustav Jung]. 3. ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016. p. 07-12

FUENTES, Lygia Aride. Tornar-se o que se é no Sentido da Filosofia Ubuntu Africana e o Sentido para a Individuação na e da Cultura Brasileira. In: BOECHAT, Walter (Org). **A Alma Brasileira**: luzes e sombra. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 171- 193.

GAMA, Luiz. Carta a Lúcio de Mendonça Filho. 1880. In: FERREIRA, Lígia Fonseca (Org). **Lições de Resistência**: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020. p. 366-370.

GAMA, Luiz. Ao Senhor Adolpho Sidow. A Província de São Paulo, Seção Livre, 1877. In: GAMA, Luiz. **Crime**. Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas de Bruno Rodrigues de Lima. São Paulo: Editora Hedra, 2023. p. 269-271

GAMBINI, Roberto. **Identidades interrompidas**. [S. l; s. n.]. 2022 . 1 Vídeo (50 min). Publicado no canal Roberto Gambini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qRtZfK3xyAI> Acesso em 15 dez 2022.

GIRO DAS ONZE: Haddad é 10, diz empresário, com Miguel Nicolelis, Eugênio Bucci e Altamiro Borges. Entrevista concedida a Gustavo Conde. 2023. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (119min) Publicada no canal TV 247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MQtq2O9NgY0> Acesso em 03 mar 2025

GNT. **Qual é a Importância da história na resistência negra?** | Consciência Negra | Mini Saia | Saia Justa. [S. l; s. n.] . 2019. 1 Vídeo (16 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tNy7rwUE_KY Acesso em 24 jun. 2023.

GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares, volume I. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GONÇALO JR. **A luta antirracista de Aranha**: de goleiro chamado de macaco a escritor para crianças e adolescentes. 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/a-luta-antirracista-de-aranha-de-goleiro-chamado-de-macaco-a-escritor-para-criancas-e-adolescentes,3ef94f21bb99b1b27b0189af9b798685q1pn73a2.html> Acesso em 15 set. 2023.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli. Introdução. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli (Orgs). **Fuxico** Uma maneira lúdica de contribuir para o aprendizado das questões de gênero, sexualidade e raça/etnia. (Gênero e Diversidade na Escola). Edição 2012-2013. p. 03-10. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/220881/Livro-Fuxico-ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 11 jun 2025.

GROTBERG, Edith Henderson. Introdução: novas tendências em resiliência. In: Melillo, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez (Orgs). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 15-22.

GUZZO, Raquel Lobo Souza. Resiliência e Vulnerabilidade: conceitos e discussões para uma psicologia que se recrie pela crítica. 2006. In: DELL'AGLIO, Débora; KOLLER, Sílvia H; YUNES, Maria Angela Mattar. **Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

HAGAG, Hussein. **Cultural Heritage of the Egyptian Form: An Approach to the Design Tradition Textiles Hanging**, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320290532_Cultural_Heritage_of_the_Egyptian_Form_An_Approach_to_the_Design_Tradition_of_Hanging_Textiles_altrath_althqafy_lshkl_almsry_mnhj_lqalyd_altsmym_fy_almnswjat_almlqt Acesso em 034 jun 2025.

HARRIS, Judith. **Jung e o Ioga: a ligação corpo-mente**. São Paulo: Editora Claridade, 2010.

HARRISON, Peter. Mito 12: que René Descartes foi o criador da distinção entre mente e corpo. In: NUMBERS, Ronald L. (Org). **Terra Plana, Galileu na Prisão e Outros Mitos sobre Ciência e Religião**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 149-158

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. In: **Dossiê Crise, Feminismo e Comunicação** v. 23, n. 3, 2020. DOI: 10.29146/eco-pos.v23i3.27640. Tradução Fernanda Silva e Sousa. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640/pdf Acesso em 31 jul. 2023.

HARTMAN, Saidiya. O Tempo da Escravidão. Tradução: Kênia Freitas, Cíntia Guedes E matheus Araujo dos Santos. In: **Periódicos UFBA**. ISSN: 2358-0844. n. 14. v. 1. nov.2020-abr. 2021. p. 242-262. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/42791/24042> Acesso em 31 jul .2023.

HEID, Markham. **Trabalhar com as mãos é bom para o cérebro**. The New York Times. 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/03/28/well/mind/hands-mindfulness-typing-writing.html> Acesso em nov 2024.

HILLMAN, James; SONU SHAMDASANI. **Lamento dos Mortos: a Psicologia depois de O Livro Vermelho de Jung**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HOERNI, Ulrich. Imagens do Inconsciente: uma introdução às obras visuais de C. G. Jung. In: ULRICH, Hoeni; FISCHER, Thomas; KAUFMANN, Bettina. (Org.) **A Arte de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 12-18.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. In: **Estudos Feministas**. n. 2/9. ano 3. 2º Semestre, 1995. Tradução de Marcos Santarrita. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035> Acesso em 03 ago. 2023.

HOOKS, bell. **Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022.

HOUSTON, Drusilla Dunjee. **Grandiosos Etíopes do Antigo Império Cuxita**. São Paulo: Ananse, 2021.

INFANTE, Francisca. A Resiliência como Processo: uma revisão de literatura. In: Melillo, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez (Orgs). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 23-38.

ITAÚ CULTURAL. **Encontro com Conceição Evaristo e Paulina Chiziane | (Libras)**. [S. l; s. n.]. 2022. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sDzarSvQwJI>. Acesso em 04 abr. 2023.

JACKSON, John G. **Etiópia e a Origem da Civilização**. São Paulo: Ananse, 2020.

JACQ, Christian. **As Egípcias**: retratos de mulheres do Egito faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda; PORTUGAL, Francisco Teixeira (Orgs). **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2018.

JACQ, Christian. **As Egípcias**: retratos de mulheres do Egito Faraônico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

JACQ, Christian. **O Mundo Mágico do Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

JAFFÉ, Aniela. Introdução. In: JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Organização Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JAMES, George G. M. **Legado Roubado**: a filosofia grega é filosofia egípcia roubada. São Paulo: Editora Ananse, 2022.

JUNG, C. G. Entrevista “Face a Face”. Entrevista concedida a John Freeman. In: McGuire, W; Hull, R. F. (Org). **C. G. Jung**: entrevistas e encontros (p. 372-384). Editora Cultrix, 1977.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas/CG Jung**. Volume 1. Petrópolis: Vozes, 2002a.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas/CG Jung**. Volume 2. Petrópolis: Vozes, 2002b.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas/CG Jung**. Volume 3. Petrópolis: Vozes, 2003.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a. OC 5.

JUNG, Carl Gustav. **Índices Gerais**: onomástico e analítico. [compilação da editora]. Petrópolis: Vozes, 2011b. OC 20.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. (colaboração de Marie-Louise von Frantz). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c. OC 14/2.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011d. OC 17

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia**: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011e. OC 16/1.

JUNG, Carl Gustav. **A Vida Simbólica**: escritos diversos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011f OC 18/2

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da Personalidade**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011g. OC 17.

JUNG, Carl Gustav. **Aion**: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011h. OC 9/2

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das Doenças Mentais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011i. OC 3

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a Psicanálise**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011j. OC. 4

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Alquimia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011k. OC 12.

JUNG, C. G. **Psicologia e Religião**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. OC 11/1.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos Psiquiátricos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013a. OC 1.

JUNG, Carl Gustav. **A Vida Simbólica**: escritos diversos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. OC 18/1.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 10. ed. Petrópolis, Vozes: 2013c. OC 8/2.

JUNG, Carl Gustav. **Seminários sobre Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b. OC 7/1.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014c. OC 9/1.

JUNG, C. G. **A Dinâmica do Inconsciente**: sincronicidade. Petrópolis: Vozes, 2014b. OC 8/3

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.

JUNG, Carl Gustav. **Espiritualidade e Transcendência**. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Petrópolis: Vozes, 2015b.

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho**: edição sem ilustrações. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015c.

JUNG, Carl Gustav. Chegando ao Inconsciente. *In*: JUNG, Carl Gustav [et al.]. **O Homem e seus Símbolos**. 3. ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 15-131.

JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932** – Cadernos de Transformação – Livro 7. Petrópolis: Vozes, 2020a.

JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932** – Cadernos de Transformação – Livro 2. Petrópolis: Vozes, 2020b.

JUNG, Carl Gustav. **História da Psicologia Moderna**: palestras realizadas no ETH de Zurique: vol. 1, 1933-1934. Petrópolis: Vozes, 2020c.

JUNG, Carl Gustav. O Livro Tibetano dos Mortos: comentário psicológico do Dr. C. G. Jung. In: EVANS-WENTZ, W. Y. (Org). **Livro Tibetano dos Mortos ou**: experiências pós-morte no Plano do Bardo, segundo a versão do Lama Kazi Dawa-Samdub. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020d. p. 45-61.

JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932** – Cadernos de Transformação – Livro 5. Petrópolis: Vozes, 2020e.

JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932** – Cadernos de Transformação – Livro 3. Petrópolis: Vozes, 2020f.

JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932** – Cadernos de Transformação – Livro 7. Petrópolis: Vozes, 2020g.

JUNG, Carl Gustav. **Quatro Arquétipos**: mãe: renascimento: espírito: trickster. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

JUNG, Emma. **Animus e Anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Histologia Básica**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1982.

KARENGA, Maulana. A Função e o Futuro dos Estudos *Africana*: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira). p. 333-359.

KASA DE MAAT. 2023. Disponível em: <https://kasademaat.com/>. Acesso em 25 jul 2024.

KASA DE MAAT, Renascimento AfRaKano. [S. l; s. n.]. 2022. 1 Vídeo (118 min). Publicado pelo Canal Pensar Africanamente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0XRua0U4N0> Acesso em 14 jun 2024.

KEMTIYU. Montagem e produção de Laurence Attali. Roteiro, realização e produção de Ousmane William Mbaye. Conselho científico: Cheikh M’Backé Diop. 2016. In: KEMTIYU, Cheikh Anta (2016). [S. l; s. n.]. [S.D.] 1 Vídeo (94 min). Disponível em <https://merkhut.com/movies/watch/kemtiyu-cheikh-anta-2016/708>. Acesso em 21 jun 2025.

KEYES, Helen [et al]. A criação de artes e artesanato prevê positivamente o bem-estar subjetivo. In: **Fronteiras em Saúde Pública**. v. 12. 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/public-health/articles/10.3389/fpubh.2024.1417997/full> Acesse em 16 mai 2025.

KING, Richard. **African Origin of Biological Psychiatry**, 1990 (English Edition) eBook Kindle

KWANZAA e Maat: os sete princípios. l; s. n.]. 2022. 1 vídeo (120 min). Publicado pelo canal Pensar Africanamente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=48UC6INEZ1c>. Acesso em 15 jun 2024.

LAM, A. Moussa. Egipto Antigo e África Negra: alguns factores novos que esclarecem as suas relações. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014.

LAUFER, Albertina; LYRA, Sonia. Imaginação Ativa e Criativa. In: LYRA, Sonia (Org). **Imaginação Ativa e Criativa**. Curitiba: ICHTHYS, 2016.

LELOUP, Jean-Yves. **O Corpo e seus Símbolos**: uma antropologia essencial. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LEMES, Bianca Xavier; PEREIRA, Andréa Franco. Tecer e empoderar: as entrelinhas do saber-fazer do crochê de um grupo de mulheres artesãs. In: **Multitemas**, v. 25, n. 59, p. 169-190, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/2704/1881> Acesso em 17 mai 2025.

LESHAN, Lawrence. **O Médium, o Místico e o Físico**: por uma teoria geral da paranormalidade. São Paulo: Summus, 1994.

LILI SCHAWRCZ. **Lili Entrevista | Jurema Werneck**. [S. l; s. n.] . 2022. 1 Vídeo (57 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RaMzHzHslOQ> Acesso em 15 set. 2023.

LIMA, Bruno Rodrigues. Introdução: a gazua e o cofre: para uma história social do crime e do poder judiciário na São Paulo da Segunda Escravidão. In: GAMA, Luiz. **Crime**. Organização, introdução, estabelecimento de texto, comentários e notas de Bruno Rodrigues de Lima. (Obras Completas de Luiz Gama). São Paulo: Editora Hedra, 2023. p. 17-57

LIMA, Bruno Rodrigues de. **Luiz Gama e o Ofício de Sapateiro**. WhatsApp. 24 de julho de 2025. 13h51min. Uma mensagem.

LIMA, Daniella. **Fuxico**: uma costura ancestral em diálogo com a Abayomi. 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1NPrAW1grVeKwF8xxnaHEmxS_8OWhzSkn/view Acesso em 23 abril 2024.

LIPTON, Bruce H. **A Biologia da Crença**: ciência e espiritualidade na mesma sintonia: o poder da consciência sobre a matéria. 1. ed. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

LOPES, Nei. **Kitábu**: o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

LOPES, Nei. **Dicionário da Antiguidade Africana**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

LOPES, Nei. **Filosofias Africanas**: uma introdução. Civilização Brasileira, 2020.

LYRA, Sonia; HARTMAN, Carlos Antonio Cardoso. Função Transcendente, conflito e criatividade. In: LYRA, Sonia (Org). **Imaginação Ativa e Criativa**. Curitiba: ICHTHYS, 2016. p. 21-32

LORDE, Audre. Os Marginalizados da América. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs). **Ao Encontro da Sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. São Paulo: Editora Cultrix, 2012. p. 233-236

LORDE, Audre. **A Bust Of Light and Other Essays**. New York: Gwendolyn Brooks, 2017. Disponível em:

<https://www.docdroid.net/wHhVpwN/a-burst-of-light-pdf#page=4>

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**: escritos reunidos. São Paulo: Ubu Editora, 2020. Versão e-book.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos**: útero do mundo. 2020. Disponível em:

<https://diplomatie.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/>

Acesso em 15 dez. 2022.

MALERONKA, Wanda. **Fazer Roupas Virou Moda**: um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1920-1950). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

MALOMALO, Bas'ilele. Anterioridade e Feitura da Sociologia Africana. In: **Revista da ABPN**. v. 13, n. 36. Mar - Mai 2021. p. 32-60. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/212881756-Anterioridade-e-feitura-da-sociologia-africana.html>

Acesso em 08 mar. 2023.

MALOMALO, Bas'ilele. **Filosofia do Ntu**. Belo Horizonte: Nandyala, 2022.

MALOMALO, Bas'ilele. **Esse é o Tempo**. Salvador, Bahia, 17 Jan. 2023. Instagram.

basa_ilele. <https://www.instagram.com/p/CnglTFGOajD/?igshid=NWQ4MGE5ZTk%3D>

Acesso em 17 jan. 2023.

MALOMALO, Bas'ilele. **A Filosofia do Ntu**: direitos e deveres no despertar da consciência biocósmica. 2. ed. São Paulo: PoloAfricanidades, 2024.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. 3. ed. - São Paulo: Cortez: Autores contemporânea. (Série Memória da Educação), 1992.

MARTINS, José de Souza. O Artesanato Intelectual na Sociologia. In: **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 1, núm. 2, pp. 13-48, 2013. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5957/595775477002/html/> Acesso em 21 mai 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**: poéticas do corpo-tela. Cobogó: 2022.

MÁSCARA funerária dourada do Rei Tutancâmon. 2022. Disponível em:

<https://egyptianmuseumcairo.eg/artefacts/mask-of-tutankhamun/> Acesso em 05 jun 2025.

MATURANA, Humberto R. Prefácio. In: EISLER, Riane. **O Cálice e a Espada**: nosso passado, nosso futuro. São Paulo: Palas Athena, 2007. p. 13-20.

MAY, Rollo. **A Coragem de Criar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MAZAMA, Ama. Afrocentricidade como um Novo Paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 111- 127.

MAZAMA, Mambo Ama. Afrocentricity an African Spirituality. In: **Journal Ofblack Studies**, v. 33. N. 2. Nov. 2002, p. 218-234. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002193402237226> Acesso em 03 mar. 2023.

MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou. Prefácio: a falsificação da consciênica. In: M'BACKÉ DIOP, Cheikh. Cheikh Anta Diop: o homem e a obra. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014. p. 19-21.

M'BACKÉ DIOP, Cheikh. Cheikh Anta Diop: o homem e a obra. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014. p. 87-110.

MBELEK, Jean-Paul. A História das Ciências Técnicas na África Negra. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014

McGUIRE, William; HULL, R. F. C. G. **Jung**: entrevistas e encontros. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

MELILLO, Aldo. Prefácio. In: Melillo, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez (Orgs). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 11013.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira**: caminhos de uma psiquiatra rebelde. 2. ed. Rio de Janeiro: Automática: Hólos Consultores Associados, 2015.

MILLS, C. Wright. **Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017. Versão E-book.

MOKAMBO: a força da Tradição Bantu. Produção de Jorge Margins, Lula Oliveira, Raquel Carmo. Direção de Arte de João Ferreira. Pesquisa de Soraya Públio Mesquisa. 2017. In: MOKAMBO: Nguzo Malunda Bantu Força da Tradição Bantu. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (124min). 2024. Publicado no canal Programa Uma Raiz Baobá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XERYTo573w&t=524s> Acesso em nov 2024.

MONDINI, Cláudia Elizabete da Costa Moraes. **Resiliência e Medidas Socioeducativas**: sínteses dialéticas de múltiplas determinações. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011. Disponível em: <https://ppgecpan.ufms.br/files/2013/08/CLAUDIAELIZABETEDACOSTAMORAESMONDINI.pdf> Acesso em 06 ago. 2023.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). In: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 27(1), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/> Acesso em 23 mai 2025.

MORAES, José Jorge Zacharias de Moraes. Prefácio. In: NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. **O Curador Ferido**: mito e formação junguiana. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

MORAES, Marcelo José Derzi. Filosofia, ética e política de origem africana egípcia. In: **Voluntas**: Revista Internacional De Filosofia, 10, 216–237. 2019. <https://doi.org/10.5902/2179378639948> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39948/21309> Acesso em 23 jan. 2023.

MUCALE, Ergimino. **Afrocentricidade**: complexidade e liberdade. Maputo: Paulinas, 2013

MUCALE, Ermigino Pedro. **Renascimento Africano**: retrospectivas e perspectivas. Maputo: Paulinas, 2023.

MULHERES NEGRAS de Todo o Mundo. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (168 min). 2022. Publicado no Canal Pensar Africanamente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1IZo9qLcedQ&t=9996s> Acesso em 15 jun 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020b.

MUNIST, Mabel *et al.* **Manual de identificación y promoción de la resiliência en niños y adolescentes**. 1998. Disponível em: https://www.academia.edu/43841748/Manual_de_identificaci%C3%B3n_y_promoci%C3%B3n_de_la_resiliencia_en_ni%C3%B1os_y_adolescentes Acesso em 20 mar 2025.

NATALINO, Geraldo José. **Quem Disse que Exu Não Monta?** Abdias Nascimento, o cavalo do santo no terreiro da história. 2018. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Padre-Gege.pdf> Acesso em 17 jan. 2023.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. As Civilizações Africanas no Mundo Antigo. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **A Matriz Africana do Mundo** (Sankofa – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira). [E-book]. São Paulo: Selo Negro, 2008a. p. 89- 138. Ebook.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Lutas Africanas no Mundo e nas Américas. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org). **A Matriz Africana do Mundo** (Sankofa – Matrizes Africanas da Cultura Brasileira). [E-book]. São Paulo: Selo Negro, 2008b. p. 179-232. Ebook.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 27-32.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução à Nova Edição, 2008. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). p. 21-23.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O Simbolismo dos Adinkra. In: NASCIMENTO; Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Orgs). **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, Ipeafro, 2022. p. 18-20

NASCIMENTO; Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, Ipeafro, 2022.

NASCIMENTO, Luciene. **Tudo Nela é de se Amar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

NASCIMENTO, Milton; RENATO, José. Anima. In: NUHA, Danilo. **Milton Nascimento**: letras, histórias e canções. São Paulo: Editora Master Books, 2017.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio. In: MACHADO, Adilbênia Freire. **Filosofia Africana**: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades. Fortaleza: Imprece, 2019. p. 23-30

NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. **O Curador Ferido**: mito e formação junguiana. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019

NEUMANN, Erich. **História da Origem da Consciência**. 5. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2008.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe**: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos, e as manifestações femininas do inconsciente. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2021.

NICOLELIS, Miguel. **O Verdadeiro Criador de Tudo**: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos. São Paulo: Planeta, 2020.

NICOLELIS, Miguel. A próxima fronteira da humanidade: IA na Neurociência. 2024. Entrevista concedida a Diogo França (Podcast AcelerAI). In: MIGUEL NICOLELIS | A próxima fronteira da humanidade: IA na Neurociência. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (82 min). 2024. Publicada no canal XP Educação. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOevSsKjN3o> Acesso em 11 jun 2026.

NICHOLSON, Paul T. **Pottery Production**. UEE, 2019. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/1nq7k84p> Acesso em 05 jun 2025.

NJERI, Aza. Educação Afrocêntrica como via de Luta Antirracista e Sobrevivência na Maafa. In: **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p.4-17.DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253> <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28253/24236> Acesso em 04 abr. 2023.

NJERI, AZA (Viviane Moraes). Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. In: **Ítaca**. n.º 36 – Especial Filosofia Africana. 2020. p. 164-226. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895/19770> Acesso em 04 abr. 2023.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. In: **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/2d47/dfa528d9af54df758d0cc6cce91f0afcc9e7.pdf> Acesso em 18 jul. 2021

NOBLES, Wade W. *Sakhu Sheti*: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009 (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira). p. 277-297.

NOBLES, Wade. **SKH**: from Black Psychology to the Science of Being. New York: Universal Write Publications, 2023. Tradução de Roberta Federico.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo (USP), 1998. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/corpo-negro.pdf> Acesso em 21 abr. 2023.

NOGUEIRA, Renato; MORAES, Marcelo José Derzi. A filosofia no Egito Antigo: os gregos não inventaram a filosofia. In: SANTOS, Franciele Monique Scopet dos; CORRÊA, Diogo Silva (Orgs.) **Ética e Filosofia**: gênero, raça e diversidade cultural [recurso eletrônico], Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 98-113. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1seVNVeK4KgAZK91R94SAXjl0iRNFXNT3/view> Acesso em 16 fev. 2023.

NOGUERA, Renato. A ética da serenidade: o caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amen-em-ope. In: **Ensaaios Filosóficos**. v. VIII – Dezembro/2013. Disponível em: http://www.ensaaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo8/noguera_renato.pdf acesso em 21 jun. 2022

NOGUERA, Renato. Entrevista a Cissa Guimarães. 2025. In: SEM SENSURA recebe Barbara Reis, Renato Noguera e Joana Dantas. 2025. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (115 min). Publicado no Canal TV Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k-CMoX8dC7Q&t=4209s> Acesso em 27 jul 2025.

OBENGA, Théophile. **La Philosophie Africaine de La Période Pharaonique**: 2780-330 avant notre ère. Paris: L'Harmattan, 1990. E-book. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=vcfQl9crUEkC&pg=GBS.PA23> Acesso em 19 mar. 2023.

OBENGA, Théophile. **L'Egypte, la Grèce et L'École d'Alexandrie**: Histoire interculturelle dans l'Antiquité Aux sources égyptiennes de la philosophie grecque. Yvette: Khepera/Paris: L'Harmanan, 2005. E-book. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=Z-cTqTJ2QRoC&pg=GBS.PA2> Acesso em 12 jul. 2022.

OBENGA, Théophile. O Egito na Obra de Platão. In: M'BACKÉ DIOP, Cheikh. Cheikh Anta Diop: o homem e a obra. In: MBAYE DIOP, Babacar; DIENG, Doudou (Orgs). **A Consciência Histórica Africana**. Luanda: Edições Mulemba/Ramada: Edições Pedagogo, 2014. p. 195-214.

OJEDA, Elbio Néstor Suárez. Uma Concepção Latino-Americana: a resiliência comunitária. In: Melillo, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suárez (Orgs). **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. P. 48-57.

OLIVEIRA, Sérgio Felipe de. **Estudo da Estrutura da Glândula Pineal Humana Empregando Métodos de Microscopia de Luz, Microscopia Eletrônica de Varredura, Microscopia de Varredura por Espectrometria de Raio-X e Difração de Raio-X**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), 1998. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/42/42131/tde-21062013-093730/publico/SergioFelipeOliveiraMestrado1998.pdf> Acesso em 06 de mai. de 2020.

O OLHO de Hórus. Diretor Fernando Malkun. Produção Arcobaque Haus / Canal Infinito, 2000. In: O OLHO DE HÓRUS – Documentário completo. . [S. l; s. n.]. 2020. 1 Vídeo (333 min). Publicado no canal Artesão da Luz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JuE1ktF-pzk> . Acesso em 27 set. 2021.

O que é Cultural Imaterial? [S.D]. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/what-is-intangible-heritage-00003> Acesso em 12 jun 2025.

O que são as Práticas Integrativas e Complementares (PICS)? In: Práticas Integrativas e Complementares (PICS). 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/praticas-integrativas-e-complementares-pics-1> Acesso em 22 jun. 2022.

ORÍ. Direção Raquel Gerber, 1989. Publicado no perfil Encanto Negro. Disponível em: https://www.facebook.com/100068003666998/videos/document%C3%A1rio-or%C3%AD/677188599155700/?locale=hi_IN Acesso em 10 fev. 2023.

OS SEGREDOS de Tutancâmon. Produzido por France 5. Direção de Stephen Mizelas e Lina Zilinskaite, 43 min, 2018. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/play/f391ce7d-4fba-4289-8dc0-0004d1456454> Acesso em 04 jun 2025.

O SOBERANISTA Nana Clarke. [S. l; s. n.]. 2018. 1 Vídeo (49 min). Disponível em: <https://www.blackflix.com.br/post/osbrnstnnclrk2018> Acesso em 01 abr. 2023.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das Mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAZ, Octavio. **Convergências**: ensaios sobre arte e literatura. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Pedaco de linho dobrado com inscrição hierática. [S.D.]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/561865> Acesso em 05 jun 2025.

Peitoral e Colar de Sithathoryunet com o Nome de Senwosret II. [S.D.]. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/544232> Acesso em 05 jun 2025.

PEREIRA, Karine Costa Lima; HOLANDA, Adriano Furtado. Religião e Espiritualidade no curso de Psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. In: **Interação em Psicologia**. v. 23. n. 02. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/65373/39266> Acesso em 22 jun. 2022.

POLLETO; Michele; KOLLER, Sílvia H. Resiliência; uma perspectiva conceitual e histórica. In: DELL'AGLIO; KOLLER, Sílvia H; YUNES, Angela. (Orgs). **Resiliência e Psicologia Positiva**: interfaces do risco à proteção. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 19-44.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. **Kemet, Escolas e Arcádeas**: a importância da Filosofia Africana no combate ao racismo epistêmico e a Lei 10639/03. 2017. (Dissertação de Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/kati%C3%B4scia_ribeiro_-_dissertac%C3%A7%C3%A3o_final.pdf Acesso em 23 abr. 2023.

PROVOCAÇÕES POR ANTÔNIO ABUJAMRA. **Provocações (448) - Zenaide Silva**. [S. l; s. n.]. 2010. 1 Vídeo (22 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T4wO49PSrM&t=16s> Acesso em 08 jul. 2022.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógena. In: **São Paulo Perspec.** 15 (3) • Jul 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/YbZcHxhdbxkMk6CW3bC69pL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 mai 2025.

RAINHA Nzinga Ep 01 A morte de um Rei. Produção Executiva Jada Pinkett Smith. 2023. Disponível em: <https://www.netflix.com/watch/81459059?trackId=255824129> Acesso em 07 ago. 2023.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**: Ethnographia Religiosa. I Volume. 2. ed. argumentada. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Editora Companhia, 1940. E-book. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/272/1/188%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> Acesso em 19 jul. 2022.

RAMOS, Denis Gimenez. **A Psique do Corpo**: a dimensão simbólica da doença. 6. ed. São Paulo: Summus, 2018.

RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In: **Ensaio Filosóficos**, Volume IV - outubro/2011. Tradução de Dirce Eleonora Nigro Solis, Rafael Medina Lopes e Roberta Ribeiro Cassiano. Disponível em: http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo4/RAMOSE_MB.pdf Acesso em 27 jan. 2023.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo, 2006. ISBN 85-7060-359-2. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf> Acesso em 13 abr. 2023.

REFERÊNCIAS Técnicas (CREPOP) (S.D.). Disponível em:
<https://site.cfp.org.br/publicacoes/referencias-tecnicas-crepop/> Acesso em 03 mai. 2023.

RIBEIRO, Katiúscia. **(Re) Ancestralizar as vozes através das filosofias africanas** | Katiúscia Ribeiro | TEDxUnisinos. [S. l; s. n.] . 2019. 1 Vídeo (19 min). Publicado no Canal TEDEx Talks Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=7rsIUDAMJl4&t=363s> Acesso em 07 mar. 2023.

RIBEIRO, Katiúscia. Filosofia africana antiga: perspectivas contemporâneas. Entrevista concedida a Caio Souto. 2020. In: CAIO SOUTO – Conversas Filosóficas. **Filosofia africana antiga**: perspectivas contemporâneas. Live com Katiúscia Ribeiro. [S. l; s. n.]. 2020. 1 Vídeo (120 min). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=PPibi3sFR5c&t=3160s> Acesso 12 jul. 2021.

RIBEIRO, Katiúscia. NASCIMENTO, Ademir R (Adeodé); GOMES, Antonio; HERBERT, Ítalo Herbert; BISPO, Jorge. Rekhet: Um exercício que transcende o ato de filosofar. In: **Ítaca** n.º 36, 2019 – Especial Filosofia Africana, ISSN 1679-6799. Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31985/19766> Acesso em 16 jan. 2023.

RIBEIRO, Katiúscia. Prefácio: Katiúscia Ribeiro. In: ASANTE, Molefi Kete. **Os Filósofos Egípcios**: vozes ancestrais africanas: de Imhotep à Akhenaten. São Paulo: Editora Ananse: 2022. p. 07-11.

RIBEIRO, René. **Cultos Afrobrasileiros do Recife**: um estudo de ajustamento social. Recife: Gráfica Editora do Recife, 1952.

RICHE, Charles. **A Grande Esperança**. 3. ed. São Paulo: LAKE, 1999.

RHINE, Joseph Banks. **Fenômenos Psi e Psiquiatria**. São Paulo: HEMUS – Livraria Editora LTDA, 1966.

ROCHA FILHO, João Bernardes da. **Física e Psicologia**: as fronteiras do conhecimento científico: aproximando a física e a psicologia junguiana. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

ROZANTE, Rosângela. **O arteterapeuta e a arteterapia decolonial**. [S.D.]. Disponível em:
<https://aarj.com.br/o-arteterapeuta-e-a-arteterapia-decolonial/> Acesso em 31 maio 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SALGADO, Mauro Ivan. Saúde e espiritualidade. In: **Boletim UFMG**. Nº 1551 - Ano 32, 2006. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1551/segunda.shtml> Acesso em 22 jun. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília, 2015.

SANTOS, Saionara Ferreira dos. **Resiliência como abrigo**: interlocuções arquetípicas maternas com a espiritualidade no cuidado das crianças portadoras da Síndrome Congênita pelo Zika Vírus na Paraíba. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19481/1/SaionaraFerreiraAra%c3%bajoDosSantos_Tese.pdf Acesso em 06 ago. 2023.

SENNET, Richard. **O Artífice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SESHAT - Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/UFRJ. **Seshat**. [20--]. Disponível em: <https://seshat.museunacional.ufrj.br/seshat/> Acesso em 09 jul. 2022.

SESHAT – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional. **DIVINDADE DO MÊS - Outubro 2018...Conheça mais sobre o novo logo do Seshat... A manifestação do coração do deus-sol por intermédio da sua manifestação visível: a garça-real [...]**. Rio de Janeiro, 01 de Out. 2018. Facebook: Seshat – Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1207585409389573&set=divindade-do-m%C3%AAs-outubro-2018conhe%C3%A7a-mais-sobre-o-novo-logo-do-seshatbenu-benu-> Acesso em 09 jul. 2022.

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a Construção da Psicologia Moderna**: o sonho de uma ciência. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

SHAMDASANI, Sonu. **C. G. Jung: uma biografia em livros**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SHAMDASANI, Sonu. Em Busca de Uma Experiência Visionária: os cadernos de Transformação de Jung. In: JUNG, Carl Gustav. **Os Livros Negros, 1913-1932**: cadernos de transformação; C. G. Jun; edição: Sonu Shamdasani; tradução: Markus a. Hediger; revisão da tradução: Dr. Walter Boechat. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

SILVA, Alberto Costa e. **Um Rio Chamado Atlântico**: a África no Brasil e o Brasil na África. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

SILVA, Alexandra Lima da. Flores de Ébano: a educação em trajetórias de escravizadas e libertas. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador. v. 04. n. 10, p. 299-311 jan./abr. 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/38845596/FLORES_DE_%C3%89BANO_A_EDUCA%C3%87%C3%83O_EM_TRAJET%C3%93RIAS Acesso em 29 mar. 2023.

SILVA, Alexandra Lima da. **Flores de Ébano**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2020.

SILVA, Jefferson Olivatto da. **Processos de Aprendizagens Comunitárias e suas Implicações no Ensino Superior**. Relatório de Pós-Doutorado. Universidade Federal do Paraná (UFPR). 2017/2018.

SILVA, Luiz Henrique; PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Produções científicas do antigo Egito: um diálogo sobre Química, cerveja, negritude e outras coisas mais. In: **Revista Debates em Ensino de Química**. v. 4. n. 1. Maio, 2018. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/2043> Acesso em 17b mar. 2023.

SILVA, Márcia Alves da. Abordagem sobre trabalho artesanal em histórias de vida de mulheres. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 55, jan./mar. 2015. Editora UFPR p. 247-260. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jPjKVMtsYxWtXznnXM9tT4D/?format=pdf> Acesso em 17 mai 2025.

SILVA, Nilton Sousa da. **Subjetividade, Ciência Moderna e Psicologia Junguiana**. Seropédica: Ed. da UFRJ, 2010.

SILVA, Thais Valle da. **Arteterapia e Interculturalidade**: um trajeto pelos mitos dos orixás. 2017. Monografia de conclusão de curso (POMAR/FAVI). Disponível em: <https://arteterapia.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Monografia-POMAR.-thaisvalle.pdf> Acesso em 31 maio 2025.

SILVEIRA, Nise. **Jung**: vida e obra. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SILVEIRA, Nise. O que é a Casa das Palmeiras. In: SILVEIRA, Nise (Coord.). **Casa das Palmeiras**: a emoção de lidar: uma experiência em Psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986b. p. 09-16.

SILVEIRA, Nise. Posfácio. Entrevista concedida a Leon Hirszman [com intervenções de Luis Carlos Melo e Luis Carlos Saldanha]. 1986b. In: **Entrevista - POSFÁCIO NISE DA SILVEIRA - Imagens do Inconsciente**. [S. l; s. n.]. 2022. 1 Vídeo (80min). Publicado pelo canal Oficinas de Arte Livre. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jl2kQRDcB6Q&t=2624s> Acesso em 04 abril 2025.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. [pesquisa e coordenação Luiz Carlos Mello]. Petrópolis, Vozes, 2024. Versão e-book.

SINGER, Thomas. A Teoria do Complexo Cultural: modos científicos e mitopoéticos de conhecer. In: CAMBRAY, Joseph; SAWIN, Leslie. **Pesquisa em Psicologia Analítica**: aplicações a partir da pesquisa científica, histórica e intercultural. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 108-126.

SOARES, Lisandra Vieira. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. In: **Psicologia Política**. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017. Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf> Acesso em 09 fev 2025.

SOUSA, Fernanda Silva e. Sem nomes e sem histórias, mas amados: a escrita da história da escravidão em *Perder a mãe*, de Saidiya Hartman. In: **História da Historiografia/International Journal of Theory and History of Historiography** [Dossiê | Corpos, tempos, lugares na historiografia]. 2023a. N. 41 v.16. ISSN 1983-9928 Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1997/1023> Acesso em 03 ago. 2023.

SOUSA, Fernanda Silva e. “Eu não sou uma nota de rodapé para o pensamento de grandes homens brancos”: uma entrevista com Saidiya Hartman. In: **ODEERE**. ISSN 2525-4715. v 8. n 1, 2023b, XX-XX. DOI: 10.22481/odeere.v8i1.12538. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/12538/7469> Acesso em 31 jul. 2023.

STEIN, Murray. **Jung: o mapa da alma: uma introdução**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

STEIN, Murray. **Sincronicidade Tempo e Eternidade**: ensaios sobre psicologia analítica. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021.

STEIN, Murray. **O Mistério da Transformação Alquímica**: um estudo sobre os últimos escritos de Carl G. Jung sobre a alquimia nos estágios finais da individuação. São Paulo: Editora Cultrix, 2024.

STEIN, Murray. O Pai Devorador. In: DOWNING, Christine. **Espelhos do Self**: um estudo sobre as imagens arquetípicas que moldam as nossas vidas. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2024. p. 105-108.

STUDART, Heloneida. **Mulher Objeto de Cama e Mesa**. 20. ed. Petrópolis: Vozes: 1990.

STUCKEY, Heather L.; NOBEL, Jeremy. A conexão entre arte, cura e saúde pública: uma revisão da literatura atual. In: **Revista Americana de Saúde Pública**, Volume 100, Edição 2, 2010.p. 199-381. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/full/10.2105/AJPH.2008.156497> Acesso em 15 out 2024.

TEATRO das Sombras - Shadow Theater. 2022. Direção Lucas Constanzi. Realização Sabujo Filmes, Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/teatrodassombras> Acesso em 22 jul. 2023.

TELLES, Lygia Fagundes. **A Disciplina do Amor**. Companhia das Letras: São Paulo, 2010. Versão E-book. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B009XE2IO0&encoding=UTF8&ref=dbs_p_ebk_r00_pbcb_rnvc00 Acesso em 17 mai 2025.

THEODORO, Mário. **A Sociedade Desigual**: racismo e branquitude na formação do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro, 2022.

THIOSSANE ÁFRIKA. **Dr. Llaila Afrika - Melanina, a chave química da vida**. 1/3 [Thiossane Afrika]. [S. l; s. n.]. [S.D]a. 1 vídeo (12 min). Publicado pelo canal Thiossane Afrika. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=59XSIpI9Dcg> Acesso em 02 set. 2022.

TONIOL, Rodrigo. **Do Espírito na Saúde**: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil. São Paulo: LiberArs, 2018.

TPSM_CONEXÃO. **TPSM_Conexão| Professora Valdina Pinto "Makota": feitiço, cura**. [S. l; s. n.]. 2018a. 1 Vídeo (13min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rHPDMBOH0bc> Acesso em 02 set. 2022.

TPSM_CONEXÃO. **TPSM_Conexão | Professora Valdina Pinto "Makota": O elo inquebrável, Viver e ser.** [S. l; s. n.]. 2018b. 1 Vídeo (8min). Publicado pelo canal TPSM_Conexão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ButRXLqFqnw> Acesso em 02 set. 2022.

TPSM_CONEXÃO. **TPSM_Conexão | Tome posse da sua mente . Prof Filipe A. Vidal.** [S. l; s. n.]. 2019. 1 Vídeo (12min). Publicado pelo canal TPSM_Conexão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RxsM1crQtRo> Acesso em 04 Jun. 2023.

TRAVESSIA. Intérprete: Milton Nascimento. Compositores: Milton Nascimento e Fernando Brant. *In: Milton Nascimento - Travessia.* 2013. [S. l; s. n.]. 1 Vídeo (4min). [(C) 2013 MP,B Discos / Universal Music Ltda, Canal Brasil. Publicado no Canal Milton Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDe3qOhrJLo>. Acesso em 09 jul 2025.

TROMBETA, Luisa Helena Albertini Padula; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Enfrentando o Cotidiano Adverso:** estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas: Editora Alínea, 2002.

VARELLA, Drauzio. **A importância de ter hobbies e fazer trabalhos manuais.** [s.l; s.n], 1 Vídeo (2min). 2025. Publicado pelo canal Drauzio Varella. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8P-zRYfbmYQ>. Acesso em 16 mai 2025.

VAN DER WELL, F. Ruud; VAN DER MEER, Audrey L. H. A escrita à mão, mas não a datilografia, leva a uma ampla conectividade cerebral: um estudo de EEG de alta densidade com implicações para a sala de aula. *In: Frente. Psicolog.* [Sec. Psicologia Educacional]. v 14, 2023. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1219945/full> Acesso em 16 mai 2025.

Vestido de Miçangas. [20--]. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/146531> Acesso em 05 jun 2025.

Vestido do Egito Antigo de 2.400 anos. [S. l; s. n.]. 2024. 1 Vídeo (1min37seg). Publicado pelo canal África do Jeito que Nunca Viu. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=diDXOXqzj8E> Acesso em 05 jun 2025.

VON FRANZ, Marie Louise. **O Feminino nos Contos de Fadas.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Reflexões Junguianas)

VON FRANZ, Marie-Louise. O processo de Individuação. *In: JUNG, Carl Gustav [et al.]. O Homem e seus Símbolos.* 3. ed. especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 207-307.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Entrevistas com Marie-Louise von Franz.** Organização de Flora Bojunga. São Paulo: Paulus, 2020.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. *In: Saúde Soc.* São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016b. p. 535-549. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bJdS7R46GV7PB3wV54qW7vm/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em 24 mar. 2023.

WEST, John Anthony. **A Serpente Cósmica**: a sabedoria iniciática do Antigo Egito Revelada. São Paulo: Pensamento, 2009.

WILSON, Amos N. **A Falsificação da Consciência Afrikana**: história eurocêntrica, Psiquiatria e as políticas de supremacia branca. S. l. Editora Poder Afrikano, 2022.

WHATSON, Trace. **Vestido estiloso, com pregas e decote V, é o mais antigo do mundo**. National Geographic, 2016. Disponível em <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/vestido-estiloso-com-pregas-e-decote-v-e-o-mais-antigo-do-mundo> Acesso em 04 jun 2015.